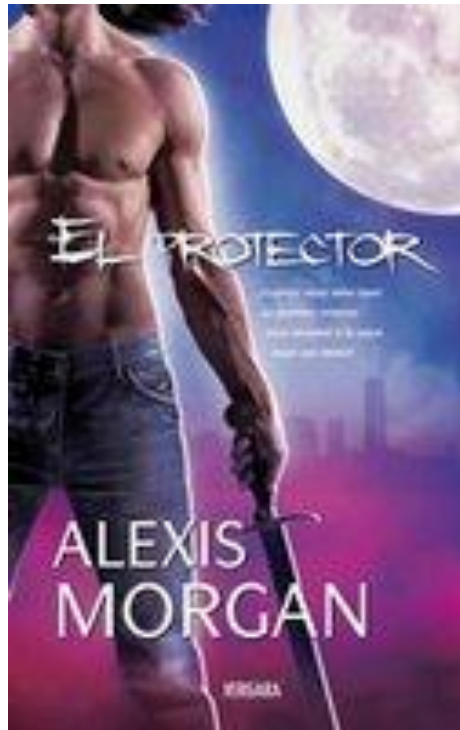


O Protetor

Alexis Morgan



O protetor
Alexis Morgan



Prólogo

São muitos os opostos que governam o fluxo e vazante de nossas vidas: à noite e o dia, o inverno e o verão, a juventude e a velhice... Ao longo da história, homens e mulheres se acomodaram ao curso natural das coisas. Mas também sabemos que, quando as ambiciosas garras da escuridão se estendem para a resplandecente beleza da luz, aparecem as sombras.

No mais fundo da Terra, nosso mundo compartilha uma fronteira com outro mundo, um mundo cheio de escuridão e maldade. Seus pálidos habitantes cobiçam a luz que o homem dá por suposta. Uma frágil barreira mantém separados aos dois mundos, mas, quando as placas continentais se desagradem ou um vulcão entra em erupção, a barreira se desmorona. Então os Outros a atravessam, com a escuridão que lhes é própria, e polui tudo o que tocam.

Como em tempos remotos, os Paladinos permanecem alerta para fazer que os Outros retornem a seu lugar de origem e a escuridão volte aonde pertence. Estes cavaleiros são os defensores da luz e lutam por nós no magro limite da escuridão. Esta é sua história.

Capítulo 1

Lutou por liberar-se das sombras enquanto inalava dolorosas baforadas do prezado ar. Os últimos e fétidos vestígios da morte foram se desvanecendo. Pouco a pouco, o coração começou a pulsar de novo, tomando o tempo necessário para recuperar seu inesquecível ritmo. Inalou e exalou, e com cada grama de oxigênio a vida voltava e recaía até suas extremidades.

Caramba, como odiava aquilo! Já tinha morrido em muitas ocasiões. Às vezes, por uma causa que merecia a pena e, outras, por nenhuma razão absolutamente. Cada vez que retornava do limite, o processo era uma autêntica agonia. E, em cada uma destas ocasiões, voltava para a vida com um pouco menos de humanidade, até que logo que recordasse o que era sentir-se, simplesmente, um homem. Ao longo das décadas, as sombras que a morte tinha deixado em sua

alma o tinham feito mais forte, mas também mais duro, irascível e zangado.

— Já está aqui.

Aquela voz familiar não lhe resultava grata.

— Precisa descansar antes que o envie a uma nova missão, coronel - declarou uma voz feminina.

— Necessitamos- agora.

Suas palavras tinham o tom cortante de um homem acostumado a dar ordens e a que lhe obedecessem sem hesitações.

— Como Tutora dele, deve protestar inclusive do fato de que você esteja aqui. Senhor. — A última palavra foi, claramente, um apelativo resistente de último momento—. A transição já lhe resulta bastante difícil sem público. Se não se for, terei que apresentar uma queixa a meus superiores.

Devlin sorriu por dentro. «Isso, carinho, faz as passar canutas.» Os protestos dela seriam inúteis, mas exasperariam ao homem

de Intendência.

—Sinto muito, senhorita Young—
mentiu o coronel com voz suave—, mas,
como já lhe disse, necessitamo-lo assim que
esteja preparado.

Como resposta, ouviu-se uma maldição
imprópria de uma senhorita.

—Dirija-se a mim como «doutora
Young». E, segundo Intendência, sempre o
necessitam em um ou outro lugar. Se
continuarem colocando-o nessas situações
mortais sem os cuidados adequados,
perderão-o de tudo.

Apesar do tom acalmado de sua voz,
havia um fundo enérgico em suas palavras,
um que Devlin logo que pôde decifrar.

A voz do coronel Kincade se voltou
dura.

—O uso que dele fazemos não é de sua
incumbência, doutora Young. Ele nos
pertence.

O velho bastardo não suportava que o
questionassem, e menos uma mulher. A

Tutora teria que andar com pés de chumbo.

—Você decide como utilizar as habilidades do Devlin Bane, coronel, mas eu dito quando e se estiver ou não preparado para ir a uma nova missão.

Aproximou-se tanto à maca do Devlin que este sentiu o calor que irradiava seu corpo. A emoção de Laurel Young em geral serena, aquele dia estavam alteradas.

—Será melhor que agarre seus papéis e se vá coronel. Não penso assinar nada hoje, nem amanhã nem, possivelmente, depois de amanhã.

À doutora tinham saído as garras da última vez que Devlin reviveu, mas os homens de Intendência contavam com décadas de experiência em sair-se com a sua.

Quando pudesse falar, advertiria à doutora Young que guardasse as costas. Além disso, ele não necessitava, nem queria que ela o defendesse.

Devlin ouviu o ritmo entrecortado e zangado dos passados do coronel ao

abandonar a sala. Kincade se reporia e retornaria, mas, de momento, foi-se e o ar da sala parecia mais fresco, mais potente.

Uns dedos frios se apoiaram em sua mão para lhe controlar o pulso. Devlin se perguntou por que ela não aceitava sem mais a leitura daquelas máquinas que apitavam e zumbiam e que sabiam mais a respeito de sua pessoa que ele mesmo.

— Já pode deixar de fingir, senhor Bane. O coronel se foi.

, acreditava que tinha dissimulado melhor sua recuperação!

Esforçou-se em abrir os olhos como lhe tinha ordenado, mas as pálpebras lhe pesavam e necessitou vários intentos e um empenho considerável para conseguir, apenas, vislumbrar a sua Tutora. A cara de fada dela estava inclinada sobre a dele com expressão de preocupação enquanto lhe falava em um sussurro. O rosto de Laurel era mais interessante que bonito, com os olhos separados e escuros, da rica cor do chocolate

negro. Contemplar aquele olhar emoldurado em espessas pestanas se converteu na parte favorita de seu renascimento- Estou vivo. Outra vez.

Devlin não estava seguro de querer estar vivo de novo. Não com o coronel e seus amigos revoando a seu redor.

—Esta vez foi mais larga. —Laurel franziu o cenho —. Quase muito.

Sua voz refletia temor? Devlin desejou não ter as mãos atadas para poder lhe oferecer o consolo de seu tato. Aquele impulso inesperado lhe surpreendeu. Fazia já duas Tutoras que se desfeito da maioria das emoções tenras e convertido em alguém frio e desapegado. A luta contra os Outros o fazia evoluir nesse sentido. De fato, seus pesadelos já eram bastante maus, sobre tudo aquela em que se convertia em um deles. Aquele horror em concreto logo se voltaria realidade.

—me tire as ata dura Devlin.

O pesar escureceu a expressão de Laurel.

—Sabe que não posso fazê-lo. Ainda não. —Olhou o relógio que pendurava da parede—. Ao menos, temos que esperar outra hora. A estas alturas, já deveria conhecer o protocolo, senhor Bane.

Sim, mas isso não significava que gostasse. Tinham que submetê-lo a provas, lhe comprovar os reflexos, lhe extrair e avaliar várias amostras corporais... Toda uma perda de tempo, algo do que dispunha realmente pouco. Além disso, se tivesse convertido em um dos Outros, ela o teria sabido assim que ele tivesse aberto os olhos e, como não tinha pedido ajuda, devia ficar suficiente humanidade nele para superar todas as provas às que lhe submetessem.

Devlin apertou os punhos e avaliou a resistência das ataduras. As cintas cediam um pouco, mas não o suficiente para liberarem-se sem risco de fazer-se mais danifico. Seu corpo ainda estava utilizando todos os recursos disponíveis para sanar as feridas da outra noite. Embora conseguisse reunir a força

suficiente para liberar-se, se insistia em romper as ataduras só conseguiria atrasar ainda mais a recuperação. Inalou tão fundo que lhe doeu, e se esforçou em relaxar-se se concentrando em acalmar a tensão que lhe produzia irritação e aborrecimento.

— Boa eleição, senhor Bane. Lutar contra as circunstâncias não ajudará a você nem a mim a realizar nosso trabalho. — Laurel se separou um pouco dele com sua onipresente tabuleta apertada contra o peito. Seus olhos escuros se deslocaram com o passar do corpo do Devlin — . Quer outra manta?

— Não.

Devlin não tinha frio. Sobre tudo com aquele delicioso corpo feminino tão perto dele. Um dos efeitos secundários da reanimação tinha sido, sempre, o intenso e imediato desejo de satisfazer as necessidades corporais básicas, e a comida e o sexo estavam ao princípio da lista. Quando era mais jovem, estava acostumado a ceder a este impulsão com a primeira mulher

complacente com a que se encontrasse. Entretanto, ultimamente, havia-se sentido menos predisposto a constituir o passatempo de qualquer desconhecida.

A pesar do forte aroma de medicamentos que impregnava o laboratório, seus sentidos, sempre sensíveis, mas sobre tudo depois de cada viagem de volta da morte, pediam-lhe com insistência desfrutar de do aroma feminino de Laurel.

Devlin apartou deliberadamente o olhar e a dirigiu para o teto. Então se deu conta de que ela tinha trocado os pôsteres que estávamos acostumados a pendurar ali para entretenimento de seus pacientes.

As exuberantes loiras que brincavam na praia vestidas com pouco mais que um sorriso supunha uma melhora considerável comparadas com os gatinhos e cachorrinhos da última vez.

— Bonitas obras de arte.

Laurel olhou para o teto e um sorriso se desenhcou em seus lábios.

—Um de seus amigos me enviou isso depois de recuperar-se. Não tive a coragem suficiente para atirá-los ao lixo sem antes exibi-los como se mereciam.

—Parece algo digno do D.J.

Ela enrugou o nariz.

—acertou à primeira. Pessoalmente, eu prefiro os gatinhos.

—Você não é a que está atada a esta maldita maca como um animal de laboratório esperando a ser direcionado.

A sinceridade brutal de suas palavras a fez estremecer-se. Mas tinha razão. Se durante os primeiros segundos depois de sua reanimação tivesse percebido em seu olhar a um dos Outros em lugar de um Paladino, não teria duvidado em lhe injetar as drogas que acabariam com sua vida.

De momento, não tinham tido que enfrentar-se a esse pequeno problema, mas, à larga, sim teriam que fazê-lo. Estes eram os papéis que tinham atribuídos naquela tragédia.

Em lugar de seguir falando, Devlin fechou os olhos e simulou dormir. Ela era muito lista para deixar-se enganar, mas lhe permitiu representar aquela pequena farsa. Uns segundos mais tarde, as luzes se atenuaram e Devlin dormiu de verdade.

Laurel se perguntou se Devlin sabia que roncava. Ela experimentava prazer para ouvir aquele ruído surdo e áspero enquanto trabalhava no ordenador. Tratava-se de um som caseiro que fazia que Devlin Bane resultasse um pouco menos inquietante, um pouco mais humano. Em realidade, não era humano, ao menos, não por completo, mas ela queria que conservasse o pouco que ficava de humanidade tanto tempo como fora possível.

Um ligeiro assobio eletrônico anunciou que seu período de quarentena tinha finalizado, mas Laurel decidiu não despertá-lo imediatamente. O fato de que se dormiu em uma maca de aço indicava que necessitava aquele descanso. Laurel voltou à

cabeça para a maca iluminada com uma luz tênue. Ninguém tinha podido lhe explicar por que tinha que ser tão incômoda. Seguro que um ligeiro estofo não comprometeria a resistência do aço. Em sua opinião, os Paladinos mereciam qualquer comodidade que pudessem ter na vida.

Não é que eles o admitissem, pois se orgulhavam de serem os bodes mais duros do mundo. E era certo. Todos começavam sendo fortes e corpulentos e, com o passado do tempo, a maldade se unia a esta mescla. Inclusive os guardas fortemente armados que estavam apostados fora da habitação se moviam com prudência quando um Paladino entrava no edifício.

Sobre tudo, quando se tratava do Devlin Bane.

Laurel suspirou. Logo que transcorria uma semana sem que um dos Paladinos estivesse de novo o seu cargo durante, ao menos, um ou dois dias. Os Paladinos lutavam, morriam e iam a ela para que os

curasse e os reanimasse. Alguns eram mais fáceis de dirigir que outros, mas de nenhum se podia dizer que resultasse fácil de tratar.

De todas as maneiras, Devlin Bane era distinto.

Sua mera presença fazia que seu espaçoso laboratório parecesse cheio e estreito, como se ele ocupasse a maior parte do espaço e respirasse a maior parte do ar. Laurel se voltou de novo para observá-lo.

Tinha o perfil anguloso e bastante atrativo apesar de que lhe tinham quebrado o nariz em uma ou duas ocasiões. As sobrancelhas eram duas franjas escuras que lhe sulcavam o rosto, uma delas cruzada por uma cicatriz de uma antiga batalha. O olhar de Laurel se deslizou até sua boca. Era surpreendentemente sensual, quase desconjurado junto ao resto de suas facções. Laurel se perguntou se beijaria tão bem como fazia todo o resto no que punha seu empenho.

Antes que pudesse registrar,

mentalmente, nada mais, deu-se conta de que os olhos verdes do Devlin estavam abertos e a olhavam de tal modo que pôde sentir sua intensidade do outro extremo da habitação.

—Sinto muito, não me tinha dado conta de que estava acordado.

Laurel ficou de pé e quase derrubou o tamborete no que estava sentada.

—Não passa nada. Suponho que estava muito ocupada me olhando para dar-se conta. —Não havia nenhum deixe de humor em suas palavras— . Quero me levantar.

Laurel ocultou sua vergonha depois de uma enxurrada de palavrório médica.

—Primeiro lhe extrairei sangue e depois poderá levantar-se. Mas, antes de nada, tenho que avaliar seu estado atual...

Ele a interrompeu.

—Conheço o protocolo, doutora. Faça-o e ponto.

Suas palavras não deveriam havê-la ferido, pois tinha ouvido coisas piores ao

longo dos anos. Ao fim e ao cabo, estar morto estava acostumado a voltar um tanto arisco ao mais acalmado dos homens. A maioria das vezes podia passar por cima as queixa, mas lhe resultava mais difícil consegui-lo com o Devlin.

Ele não suportaria sabê-lo. De fato, se tão somente tivesse suspeitado a quantidade de tempo que ela dedicava a estudar seu histórico para saber mais sobre sua forma de ser, naquele momento estaria batendo na porta do chefe de Laurel para pedir que lhe atribuíssem outro Tutor.

E era imperativo que ela seguisse ocupando-se dele. Devlin Bane era um dos Paladinos mais antigos. Já tinha ultrapassado a esperança de vida de seus congêneres em duas décadas. Se ela pudesse estabelecer a que se devia sua resistência ao padrão habitual que regia a vida dos Paladinos, possivelmente poderia ajudar a outros a alargar a sua.

Laurel soltou as cintas que sujeitavam o

braço direito do Devlin e lhe atou um torniquete justo por cima do cotovelo. Nunca lhe tinha gostado que lhe tirassem sangue, de modo que realizou uma careta e apartou o olhar enquanto ela introduzia a agulha em uma de suas veias. Laurel bombeou o sangue vermelho, espessa e escura, ao interior da seringa de injeção, substituiu esta por outra e encheu dois mais antes de soltar o torniquete. Depois, aplicou um algodão sobre a agulha e a extraiu do braço do Devlin.

— Dobro o braço.

Laurel sacudiu com suavidade os tubos nos que tinha vertido o sangue, colocou-os em um receptáculo e retornou junto ao Devlin.

— me deixe ver a espetada.

Ele suspirou e estirou o braço. Laurel inspecionou a pele para comprovar que não se produziu nenhum arroxeadado e cobriu a pequena espetada com uma tiritinha. Quando ele viu que a tiritinha estava decorada com caras redondas, amarelas e sorridentes, Laurel teve

que esforçar-se para não rir. Sem dúvida, ele não valorou o pequeno toque de alegria.

— Muito divertido.

— Estavam de oferta.

Claro que as tiritas sem decoração também o estava.

Laurel desatou a primeira das cintas que sujeitavam as pernas do Devlin à maca e foi deslocando-se para cima simulando não dar-se conta de que ele permanecia nu sob a ligeira manta que o cobria. Quando lhe levavam a um Paladino pela primeira vez, resultava-lhe fácil adotar uma atitude profissional em relação com estas questões. Tentou recordar este fato enquanto desatava a última das cintas e Devlin se sentava com a manta formada redemoinhos ao redor da cintura.

— Como se encontra? Sente náuseas ou enjôo?

— Não. — Devlin se esfregou as mãos para eliminar o intumescimento que sentia

— Sinto-me exatamente igual às últimas doze

vezes que passei por isso.

Ficou em pé e ultrapassou a Laurel em perto de trinta centímetros.

Ela levantou o olhar com exasperação e não permitiu que sua altura a intimidasse.

—Não abrirão as portas até que eu o indique, e necessito respostas.

O recitou uma litania de respostas às perguntas não formuladas da doutora Laurel; todas elas memorizadas de visitas anteriores.

—Não sinto náuseas, não estou enjoado, não vejo dobro nem me saiu nenhuma erupção estranha. E, antes que me pergunte isso, não recordo se o que me matou foi à espada que me cravaram nas vísceras ou a tocha que me destroçou a perna. Naquele momento, não me pareceu importante.

A lista de suas feridas não deveria impressioná-la, pois era ela quem as tinha curado, mas ouvi-lo as enumerar sem a menor emoção, preocupou-a muito.

—E como nota a perna? Sente-a débil?

Experimenta alguma dor?

—Olhe doutora Young, tudo funciona de maravilha.

Devlin deixou cair à manta para demonstrar sua afirmação.

Ela conseguiu manter-se firme, mas não pôde evitar ruborizar-se ao ver sua potência masculina. Devlin era um homem grande. Por toda parte.

—Enquanto se veste, pedirei que lhe traga a comida. Sua roupa está na bilheteria.

Devlin se deu a volta e, antes que a pegasse lhe olhando o traseiro, Laurel decidiu encaminhar-se a seu escritório e realizar uma chamada.

—Por favor, notifique ao doutor Neal que nosso paciente está levantado e em forma. Encarregue-se de que enviem a comida favorita do senhor Bane o antes possível, também. Já sabe o irritável que fica quando não come em seguida.

Tinha levantado a voz a propósito para que ele a ouvisse.

— Posso comer em casa.

Laurel deu um salto de quase um palmo. Como podia um homem de seu tamanho mover-se tão silenciosamente? Devlin se inclinou sobre ela enquanto se abotoava a camisa e a arregaçava. A combinação de nos cubra desgastados e camisa de algodão descolorida não ajudava a que parecesse menos perigoso, e a cabeleira até os ombros não fazia mais que aumentar seu aspecto selvagem.

— Sim, pode comer em sua casa. De fato, o recomendo, mas, mesmo assim, não pode ir-se até que comprove que seu estômago não rechaça a comida.

Antes que Devlin pudesse replicar, as portas do laboratório se abriram. O doutor Neal, o supervisor imediato de Laurel e chefe do Departamento de Investigação, entrou transportando uma bandeja carregada de comida.

— Devlin, seu aspecto melhorou muito desde que chegou, faz cinco dias. — O doutor

Neal deixou a bandeja—. Embora suponha que nenhum de nós está em seu melhor momento quando está morto. Vamos, comece a comer. Esperarei.

Devlin lançou ao chefe de Laurel um olhar de absoluta indignação antes de lançar-se sobre a comida.

—Posso examinar seus dados, doutora Young?

Tendeu-lhe a tabuleta com os resultados das provas.

—Terei os resultados da análise de sangue e o resto dos informes mais tarde, mas, de momento, não há nada fora do normal.

Quão único resultava surpreendente era que seguia sem experimentar as mudanças que, em geral, foram associados às múltiplas mortes que tinha padecido. Laurel não tinha comentado seus descobrimentos neste sentido a ninguém salvo ao doutor Neal; nem sequer ao mesmo Devlin. Até que conseguisse explicar aqueles desconcertantes

dados, não queria lhes conceder muita importância. Possivelmente só significavam que Devlin tinha sorte.

O doutor Neal folheou o informe enquanto percorria rapidamente com o olhar as notas realizadas por Laurel. Depois de ler a última página, devolveu a Laurel a tabuleta.

—Quero que passe por aqui a cada dois dias para repetir as provas até que voltem a lhe atribuir uma missão.

O doutor Neal realizou um par de notas e assinou o relatório.

Devlin levantou os olhos da comida e lhes lançou um olhar irado.

—E uma merda que virei! Utilize a outro como rato de laboratório, não a mim.

O chefe de Laurel era um homem baixo, calvo e de aspecto angélico, mas isto não significava que fora um ingênuo.

—Recordo-lhe, senhor Bane que suas ordens consistem em cooperar com os membros de minha equipe em todo momento. Podemos fazer isto de duas

maneiras. Você pode prometer que voltará quando o indicarmos ou podemos retê-lo aqui. O que prefere?

O doutor obteve uma enxurrada de obscenidades como resposta e, depois, assentiu com calma.

—Sabia que estaria de acordo comigo. Agora, se me desculparem, já tem feito esperar bastante ao coronel Kincade.

—O doutor olhou a Laurel por cima dos arreios de seus óculos—. Quando me telefonou, parecia muito alterado. Há algo que deva saber antes de falar com ele?

Laurel percebeu o interesse que Devlin sentia por sua resposta embora não a estivesse olhando.

—Esteve aqui justo antes que o senhor Bane despertasse e expressou o desejo de que o deixasse voltar para trabalho imediatamente.

—E você o que lhe respondeu?

—Simplesmente, recordei-lhe que não correspondia a ele decidir se o senhor Bane

estava preparado para voltar para trabalho, a não ser a mim, e lhe disse que não assinaria nenhuma alta até que estivesse convencida de que o senhor Bane não sofre nenhum efeito secundário como consequência de sua última batalha.

—E quando espera poder tomar essa decisão?

O esgotamento dos últimos dias, durante os quais seu paciente se debateu entre este mundo e o outro, faziam trinca em seu temperamento. Laurel olhou com ira a ambos os homens.

—Eu gostaria de saber por que, de repente, todo mundo tem tanta pressa!

O doutor Neal franziu levemente o cenho.

—Sinto muito, Laurel, em Intendência quererão saber quando voltará a estar em ativo o senhor Bane.

—Não saberei com certeza até que complete o exame de seguimento dentro de um par de dias.

Ou três, se conseguia alargá-lo até então.

—Obrigado, isso está melhor. Transmitirei-lhes a informação. —O doutor Neal sorriu a Laurel com a intenção de tranqüilizá-la—. Senhor Bane, espero não ter que voltar a vê-lo em muito tempo.

—O mesmo digo.

Devlin voltou a centrar sua atenção na comida.

Quando as comporta se fecharam depois do doutor Neal, Laurel se sentou e ficou com o olhar fixo na tela do ordenador. Os olhos lhe ardiam de puro esgotamento.

—Quanto dormiu desde que me trouxeram aqui? —perguntou Devlin.

Laurel fez rodar os ombros para liberar a tensão acumulada e logo os encolheu sem olhar ao Devlin.

—Responderia-lhe que não é de sua incumbência, mas essa resposta nunca deteve a você. O doutor Neal me esteve relevando de meu posto umas quatro horas ao dia.

Laurel se inclinou para diante até

apoiar a frente nos braços e fechou os olhos.

Enquanto assimilava o significado de suas palavras, Devlin terminou o que ficava de jantar. A julgar pelas olheiras escuras que emolduravam os olhos de Laurel, devia estar a ponto de desmoronar-se.

—Doutora Young?

Não se ouviu resposta alguma.

—Laurel?

Eram poucas as ocasiões nas que Devlin se permitia chamá-la por seu nome, Tão pouco obteve resposta.

Então tomou em braços e a levou até a cama de armar que ela conservava no laboratório para quando seus pacientes estavam em estado crítico. Só se moveu até acomodar a cabeça no travesseiro. Devlin agarrou a manta que tinha deixado cair antes ao chão e a jogou por cima enquanto resistia ao impulso de beijá-la na frente. Ao lhe colocar uma mecha de cabelo detrás da orelha, Laurel sorriu em sonhos, e aquele sorriso foi como uma carícia para ele.

Devlin se separou da cama de armar. Maldição tinha que afastar-se dela como fora! Embora Laurel preferisse morrer a aceitá-lo, sem lugar a dúvidas seu interesse por ele ia mais à frente do de um médico por seu paciente. Se só a via enquanto estava pacote à maca, poderia dirigi-lo. Tinha que fazê-lo. Ela era quão única que mantinha ancorado a este mundo, como um cordão umbilical que lutava com esmero para tirá-lo do abismo no que vivia e lutava. Devlin tinha o horrível pressentimento de que qualquer outra pessoa o teria dado por perdido anos atrás.

Tinha chegado o momento de largar-se dali. Pulsou o botão para chamar os guardas.

— Sim, doutora Young?

Ao Devlin, aquela voz imaterial lhe resultou familiar.

— Não, sou Devlin Bane. Sargento Purefoy, é você?

— Sim, senhor Bane. O que necessita?

— Nestes momentos, a doutora Young está descansando, mas me assinou a alta.

Ao menos, esperava que a tivesse assinado, pois não estava disposto a esperar a que despertasse.

— Em seguida vou.

Sem dúvida, entraria armado até os dentes e com dois ou três guardas de apoio. Devlin se colocou em meio da habitação e fez o possível para parecer inofensivo. Embora a verdade era que esta estratégia nunca lhe tinha resultado, pois sua reputação como Paladino estava muito consolidada.

Comporta-as se abriram e o sargento Purefoy entrou seguido de seus homens. Estenderam-se em abano com as armas carregadas e listas e o sargento comprovou que Laurel estava adormecida e ilesa.

— Bem-vindo de volta ao mundo dos vivos, senhor. — O sorriso do sargento parecia genuína —. Comprovarei que a alta esteja assinada e o acompanharemos até a saída.

— Não tenho nenhuma pressa.

E uma merda! Naquele lugar se sentia

apanhado e vulnerável.

O sargento folheou os papéis da tabuleta detendo-se de vez em quando para ler algo.

— Tudo parece estar em ordem, senhor.

— Estupendo. Vamos!

Devlin se encaminhou para a porta escoltada pelos guardas e se alegrou de afastar do laboratório e da encantadora Laurel. Quão último necessitava naquele momento era ter que adestrar a um novo Tutor. Havia muito em jogo. As mãos que sujeitavam a espada que tinha acabado com ele não eram as de outro.

Fechou os olhos para recordar todos os detalhes possíveis daqueles últimos minutos: o aroma de sangue e a suor tingido de medo, os grunhidos e os gemidos enquanto as armas oscilavam e entravam em contato, o brilho de uma espada enquanto lhe penetrava, com muita facilidade, no flanco.

O impacto o fez cair de joelhos e depois ao chão enquanto a ferida sangrava a fervuras.

Devlin nunca viu o rosto de seu atacante, mas vislumbrou as mãos que lhe cravaram a espada e logo a fizeram girar sobre si mesmo. Sem dúvida, aquelas mãos eram humanas. Seu último pensamento enquanto se sangrava no estômago acostumado a foi a certeza de que um dos seus tinha tentado matá-lo.

CAPÍTULO 2

— Já saiu.

Aquela informação em forma de sussurro lhe pôs nervoso.

— Adverti-lhe que eram difíceis de matar. Não deveria surpreender-se agora.

Qualquer com dois dedos de frente sabiam que os Paladinos morriam continuamente; o difícil era conseguir que permanecessem mortos.

— Quando voltará a tentá-lo?

Aquela voz, seca e áspera, crispava-lhe os nervos. Gostaria de ter o valor suficiente para enviar a aquele bastardo ao inferno, mas isso seria como assinar sua própria sentença de morte. Fora quem fora a pessoa que queria que Devlin Bane morresse de uma vez por todas, estava disposta a pagar um montão de dinheiro para consegui-lo, e não lhe custaria nenhuma ínfima parte daquela cifra que alguém fora por ele.

—Estou esperando.

E não muito pacientemente, por certo!

—Logo. Estamos recebendo informe de toda a zona que indicam que a pressão está aumentando de novo. Suponho que Intendência enviará aos Paladinos a primeira linha em qualquer momento durante nos próximos dias. Bane dirigirá o ataque. Sempre o faz.

—Não podemos nos arriscar a que esteja perto da barreira durante muito mais tempo. Poderia descobrir algo.

Como se o áspero intento de acabar com sua vida não o tivesse posto já sobre alerta! Sabia desde o começo que aquele golpe era uma estupidez, mas o pagamento que lhe tinham devotado tinha sossegado as advertências que seu sentido comum lhe tinha estado enviando a gritos.

—Sei.

—Os Paladinos contam com ele ao mando. Sua morte os distrairá e debilitará

sua causa. Se quisermos triunfar temos que semear o caos entre eles. —A voz se interrompeu para respirar de uma forma rouca—. Haverá um pagamento extra para você se Bane não viver para ver o próximo deslocamento das placas.

Ouviu-se um clique que indicava que o misterioso interlocutor tinha talhado a comunicação.

O pendurou o auricular com um golpe seco.

—Que lhe foda, maldito bode! Se tanto queria que Bane morrera, tiver ido você mesmo por ele.

Amaldiçoou-se a si mesmo por deixar-se apanhar entre dois dos homens mais perigosos daquele e de qualquer outro mundo. Uma coisa era que lhe prometessem um pagamento extra por matar ao Bane, e outra muito distinta era viver o suficiente para cobrá-lo.

Embora o obtivesse, passaria-se o resto da vida tendo que guardá-las costas. No

melhor dos casos, os Paladinos não se tomavam muito bem a perda de um dos seus, mas, se descobriam que alguém os tinha traído, não cessariam em sua busca de vingança. Mas agora já não tinha eleição. Se matava ao Bane, os Paladinos podiam matá-lo, mas se falhava, a voz, com toda segurança, acabaria com ele.

— Olhe quem tornou!

Outra voz interveio:

— Sempre soube que era um ligado. A nenhum de nós lhe dão cinco dias livres quando o vulcão está jogando fumaça.

— Ir ao inferno! — respondeu Devlin, sabendo de que era a resposta esperada.

Se não tivesse reagido às brincadeiras de seus homens, eles se teriam preocupado. Devlin entrou em seu escritório e se sentou na cadeira. Apesar do que lhe havia dito a Laurel, a perna lhe doía e sentia marteladas na cabeça, mas tinha estado pior e tinha sobrevivido. Aquele toque de humor negro lhe fez sorrir.

D.J. Seguiu-o ao interior do despacho e se sentou no bordo do escritório do Devlin.

—E como se encontra a encantadora doutora Young? Sente-me falta de?

—Não tanto como para que você o note. Embora, se por acaso significa algo para ti, pendurou seus pôsteres.

Devlin centrou sua atenção no ordenador e começou a revisar o correio que se acumulou desde sua morte, acontecida a princípios daquela mesma semana. Inclusive depois de eliminar as irônicas condolências de seus amigos Paladinos, ficava uma deprimente quantidade de informação que tinha que ler.

—Diz-o a sério? De verdade os pendurou? Acreditei que viria a me buscar com uma seringa de injeção para me acalmar a ansiedade.

D.J. Parecia decepcionado.

—Duvido que os deixe pendurados muito tempo. Ela segue preferindo os gatinhos. —Devlin leu as primeiras

mensagens de seu correio, que continham relatórios recentes sobre o aumento da pressão nos enguiços geológicos—. Os de Intendência não dito algo sobre quando quer nos enviar a primeira linha?

DJ. Negou com a cabeça.

—Não, mas o coronel Kincade se aconteceu por aqui várias vezes.

—Também estive no laboratório para ver como ia.

D.J. Franzio o cenho.

—por que tinha que aparecer por ali? Sabe perfeitamente que são o doutor Neal e sua equipe quem lhe tem de notificar quando estamos preparados para voltar para trabalho.

—Oxalá soubesse. —Torceu a boca em um sorriso forçado—. A doutora Young o jogou do laboratório.

—Oxalá tivesse estado ali para vê-lo. Imagino a nossa Tutora favorita perseguindo o robusto e estúpido coronel. —D.J. Pôs-se a rir e depois baixou a voz até convertê-la em

um tenso sussurro—. Crie que tomará represálias contra ela por lhe plantar cara?

—Se pode fazê-lo sem que ninguém se inteire... É um filho de puta vingativo.

Todos desprezavam ao coronel por sua arrogância e a indiferença que mostrava pela vida de quem servia a suas ordens. Não podia ferir os Paladinos como feriam outros, mas, à larga, inclusive eles pagavam um alto preço por seu desinteresse.

—O advertiste a ela?

Devlin negou com a cabeça.

—Ainda não, mas tenho que voltar ali depois de amanhã. O direi então.

E também lhe daria uma boa reprimenda por um montão de coisas. Não queria que voltasse a interferir nos assuntos dos Paladinos. Sua responsabilidade começava quando lhe levavam um Paladino morto ao laboratório e terminava quando este saía dali com vida. Sempre tinha funcionado assim. E por uma boa razão. À larga, ela teria que tomar a decisão de acabar, de forma

permanente, com a vida de cada um dos Paladinos que estavam a seu cargo, e, já de por si, tinha um coração muito brando para aquela tarefa. Se, em cima, se fazia amiga de seus pacientes, quando tivesse que acabar com sua vida se derrubaria.

A porta se abriu e Lonzo Jones apareceu à cabeça.

— D.J., necessitamos que devesse veja algo.

D.J. Ficou em pé de um salto e exalou um suspiro de resignação.

— O que lhe têm feito ao sistema esta vez, rebanho de idiotas? Seguro que, cada vez que me dou a volta, põem-lhes a apertar os botões e a girar os mandos para ver se acendem a luzes.

Devlin se alegrou de ficar solo no despacho durante um momento. D.J. Era um de seus melhores amigos, o que significava que via além da asquerosa personalidade que Devlin tinha ido aperfeiçoando ao longo das décadas. Se alguém queria matá-lo, qualquer

que estivesse perto dele também estaria em perigo. D.J. E outros podiam cuidar-se sozinhos, mas a doutora Laurel Young constituía um problema.

Reclinou-se na cadeira e fechou os olhos enquanto tentava relaxar-se durante uns minutos. Em circunstâncias normais, teria ido a sua casa e teria dormido durante um ou dois turnos, mas não podia permitir-se esse luxo até que ficasse ao dia de tudo o que tinha ocorrido enquanto estava fora.

Cinco malditos dias perdidos para sempre! Não sentia saudades que Laurel se queixou da quantidade de tempo que tinha demorado em voltar para a vida. Em geral, demoravam dois ou três dias. Inclusive, em alguns casos, dependendo da gravidade e a quantidade de feridas, podiam chegar a demorar quatro dias. Mas cinco? Ou seu corpo estava perdendo a capacidade inata de recuperação ou estava em pior forma que de costume.

Este pensamento desenhou um sorriso

amargo em seus lábios. Ninguém salvo um Paladino podia compreender a ironia de saber que havia graus de morte. Devlin duvidava que sua Tutora encontrasse divertida aquela idéia; claro que era ela quem tinha que revivê-los.

Os cientistas e quão médicos formavam o Departamento de Investigação dos Regentes se aconteceram décadas estudando a fisiologia dos Paladinos, tentando compreender como podiam reviver uma e outra vez e como era possível que sua esperança de vida superasse em décadas a meio geral dos seres humanos.

Estaria um daqueles cientistas atrás do ataque que tinha sofrido? Devlin esteve lhe dando voltas a aquela idéia e, ao final, decidiu que não tinha sentido. O fato de que morrera para sempre não beneficiaria a nenhum membro do Departamento de Investigação.

Esfregou-se a perna para aliviar aquela dor que lhe chegava ao mais fundo do osso.

À larga, a dor e as cicatrizes desapareceriam, mas a lembrança da tocha rompendo o osso e o sangue que tinha perdido permaneceria de uma forma clara e terminante em sua mente. Até que algo pior ocupasse seu lugar.

Não havia nenhuma razão para cobiçar uma vida que consistia em esperar a batalha, lutar até sangrar-se e ser ressuscitado para começar o ciclo de novo. A verdade era que Devlin não sentia lástima por si mesmo. Os Paladinos tinham um propósito claro na vida, o qual era mais do que a maioria dos homens podia afirmar. As qualidades que vinham integradas em seus genes os convertiam nos perfeitos guerreiros: força, habilidade com as armas e plena dedicação a uma boa causa. Sua lealdade, uma vez concedida, resultava inquebrável.

Devlin contemplou a coleção de espadas e tochas que penduravam da parede oposta o seu escritório. Estavam afiadas e em bom estado. Eram as ferramentas de sua profissão, e as utilizava para repelir a escuridão que se

filtrava em seu mundo cada vez que as placas continentais se deslocavam ou um vulcão cuspia fumaça, fogo e cinzas ao céu.

Devlin se aproximou da parede e agarrou sua espada favorita com ambas as mãos. Devia ter suposto que um de seus companheiros a recuperaria do campo de batalha. O bordo da folha estava banguela em vários lugares, o qual não lhe surpreendeu, embora sim o fez a marca chamuscada e enegrecida que havia perto do punho. À manhã seguinte a levaria a Armería para restituí-la a seu estado original. Devlin tinha mais espadas, mas nenhuma encaixava em sua mão como aquela.

O carpete logo que amorteceu o som de uns passos que cruzavam a soleira de sua porta. Antes de emprestar atenção a seu visitante, Devlin devolveu a espada a seu lugar na parede. Cullen Finley se apoiou no marco da porta e esperou, com sua paciência habitual, antes de começar a falar.

— Custou-nos encontrá-la.

Cullen entrou na habitação sem esperar um convite formal. Sabia que, de não ter querido Devlin companhia, a porta teria estado fechada com chave.

Devlin retornou a seu assento ao outro lado do escritório e indicou a seu amigo que se sentasse.

—Me alegre de que a encontrasse, Cullen. Se não, a teria sentido falta de. Onde estava?

Devlin recordava, vagamente, havê-la deixado cair ao chão, mas, naquele momento, estava muito ocupado morrendo para preocupar-se com ela.

Seu amigo contemplou a espada e franziu o cenho.

—Estava cravada na barreira. Passamo-las canutas para tirá-la sem lhe causar mais danifico, nem a ela nem à mesma barreira.

Um alarme se disparou de novo na mente do Devlin.

—Eu não estava perto da barreira quando caí. Entrei em um beco enquanto perseguia

um par de sujeitos desencaminhados.

Naquele momento, tinha que haver-se dado conta de que algo ia mal. Resultava estranho que os Outros se deslocassem em casais, mas aqueles dois permaneceram juntos inclusive quando o túnel se bifurcou. Era como se soubessem com exatidão aonde foram. E, além disso, conduziram-no diretamente a uma armadilha.

Outra peça do quebra-cabeça que não encaixava.

—Há alguma outra coisa que deva saber?

Cullen se tomou seu tempo para responder. Seus companheiros lhe tinham apelidado O Professor por sua tendência a deliberar com meticulosidade antes de dar uma resposta. Além disso, além do mesmo Devlin, Cullen era quem mais informação tinha acumulado a respeito dos Paladinos e sua função na vida.

Cullen sacudiu a cabeça.

—Não entendo como chegou à espada

ao lugar onde a encontramos, mas daria algo por sabê-lo. Parecia como se alguém tivesse tentado causar danos graves à barreira com ela. — Cullen esboçou um sorriso amplo e mal intencionado —. Apostaria algo a que quem o feito tem graves queimaduras nas mãos. Se a barreira tivesse estado em bom estado, essa pessoa teria recebido uma boa descarga ao introduzir a espada.

Aquela idéia animou ao Devlin.

— Se averiguar algo mais a respeito do que ocorreu, faça-me saber.

Devlin estirou os braços por cima da cabeça. O leve incremento de energia que tinha experiente ao retornar a seu escritório se estava desvanecendo, e, se não se ia a sua casa, terminaria passando a noite ali mesmo, no chão.

— D.J. Tornou a pôr em ordem o sistema?

A nenhum deles gostava de pedir ajuda ao Departamento de Tecnologia. Seus integrantes sempre atuavam como se os

Paladinos fossem um punhado de ignorantes que não sabiam como dirigir um ordenador, embora a organização funcionava graças ao software desenhado e mantido pelo D.J. E Cullen.

Cullen voltou a sorrir.

—O sistema está bem. Às vezes, acredito que ao Lonzo e a outros gosta de desbaratá-lo para voltar louco ao D.J. E sempre o conseguem.

Um pouco de diversão ajudava a aliviar a tensão com a que viviam dia detrás dia, e, sempre que não causassem nenhum dano, Devlin não tinha intenção de queixar-se.

—Oficialmente, e até que a doutora Young e o doutor Neal acabem de me furar e me extrair tudo o sangue, eu ainda estou de baixa. Deitarei-me cedo, a ver se tomando um dia inteiro de descanso os convenço para que me liberem de suas garras.

Seu amigo arqueou uma sobrancelha.

—O doutor Neal tampouco é meu tipo. Entretanto, eu de ti não teria tanta pressa em

me liberar da doutora Young. —Cullen fechou os olhos, como se desfrutasse de uma imagem na mente—. Miúda inteligência! E, para cúmulo, toda uma beleza!

Uma imperiosa necessidade de deu um murro o seu amigo quase lançou ao Devlin por cima do escritório. Com grande esforço, obrigou-se a relaxar os punhos e mostrar uma expressão aprazível no rosto. Apoiou as mãos na mesa e ficou de pé. Até que conseguisse recuperar o autocontrole, estaria melhor sozinho.

Cullen o seguiu até o corredor.

—Não tenha pressa em voltar. Se lhe necessitarmos, chamaremos-lhe.

—te assegure de fazê-lo.

Quando teve perdido ao Cullen de vista, Devlin golpeou a parede com o punho com inusitada força. Maldita doutora Young e seus enormes olhos! Acaso tinha a todos os Paladinos babando por ela? Os Paladinos não eram famosos por sua reserva sexual, e se um deles se atava com ela se armaria à gorda.

Sobre tudo se esse Paladino era outro que não fora ele mesmo.

Laurel tinha passado grande parte da manhã consultando o relógio. Se tivesse sido o bastante chicoteado para citar ao Devlin Bane à uma hora concreta, possivelmente teria conseguido fazer muitas mais coisas das que tinha feito. Estava extremamente zangada consigo mesma e com aquela estúpida fixação dela. As razões pelas que gerações de Tutores e Paladinos tinham mantido sua relação em um âmbito frio e profissional eram boas e consistentes. Entretanto, cada vez que se permitia relaxar-se, seus olhos voltavam a cravar-se no minútero do relógio à espera que se movesse.

Os Paladinos eram os guerreiros que se erguiam entre seu próprio mundo e o mundo escuro que ameaçava introduzindo-se no primeiro e destruí-lo. Os Outros eram seus inimigos e, embora não inteiramente humanos, eram-no o bastante para passar por eles. Espreitavam ao outro lado da barreira

que separava ambos os mundos. Quando a barreira sofria danos, os Outros se filtravam pela brecha até que os Paladinos os repeliam em sangrentas batalhas corpo a corpo nas que utilizavam armas procedentes das Fois Escuras.

Enquanto uns Paladinos lutavam, o resto reparava a barreira e, quando o dano era muito grave para ser reparado facilmente, os Paladinos se colocavam ombro com ombro e continham a avalanche dos Outros.

O custo que isso supunha para sua alma era terrível. Laurel se estremeceu. Ninguém sabia por que, mas quanto mais lutava e mais vezes morria um Paladino, mais se convertia em um dos Outros, em um ser incontrolável e assassino. Laurel odiava a idéia de ter que matar a um daqueles homens valorosos aos que conhecia e respeitava, mas o faria quando fora necessário.

O devia a ele e a seus companheiros.

Embora se tratasse do Devlin Bane. Sobre tudo se tratava dele! Devlin tinha

lutado durante mais tempo que qualquer outro na história dos Paladinos e se merecia terminar sua vida de uma forma digna, e não como um monstro assassino. Laurel nem sequer podia imaginar o custo que isto suporia para ela.

O intercomunicador emitiu um assobio. Como não queria parecer ansiosa, esperou até ter contado cinco pulsados do coração.

— Sim, sargento Purefoy?

— Devlin Bane está aqui e quer vê-la.

— me dê um minuto antes de fazê-lo passar.

Teria sorte se os guardas podiam reter o Devlin a metade desse tempo, mas inclusive esses preciosos segundos lhe permitiriam assegurar-se de que tudo estava em ordem. Sua cama de armar estava à boa cobrança no armário e a manta que Devlin tinha utilizado para cobri-la estava cuidadosamente dobrada e guardada em uma bilheteria próxima.

Nem sequer queria pensar por que não a tinha metido na cesta da lavanderia. E que

violento lhe resultava haver ficado dormida enquanto estava de serviço! Por muito cansada que estivesse! Já se tinha perguntado muitas vezes o que haveria sentido se tivesse estado acordada quando Devlin a sustentou com seus fortes braços. Gostaria de recordar com tanta clareza como recordava haver despertado envolta em seu aroma, que era o que despidia a manta que tinha utilizado para cobri-la.

Merda tinha que deixar de fazer isto! Definitivamente, a manta se ia à lavanderia. Antes que pudesse dar um passo, a porta do laboratório se abriu e Devlin Bane entrou escoltado pelo sargento Purefoy e seus homens.

Resultava evidente que Devlin não se sentia feliz com os guardas pegos a seus talões.

—Obrigado, sargento. Chamarei-lhe quando estiver preparado para ir-se.

A Laurel não gostava da norma que estabelecia que um Paladino nunca podia

deslocar-se solo pelo edifício, mas tinha que cumpri-la. Havia outras batalhas mais importantes que merecia a pena lutar.

— Acabemos com isto.

Devlin já se estava arregaçando. Sem dúvida, acreditava que o doutor Neal só tinha ordenado que lhe repetissem a análise de sangue, mas em lugar disto, o doutor queria que lhe realizassem uma série completa de provas, começando pelas de força e resistência.

— Vamos primeiro, à cinta de correr.

Laurel agarrou a tabuleta tentando evitar o olhar do Devlin.

— por que demônio tem que realizar essa prova?

Laurel se preparou para a explosão que, sem dúvida, era iminente, e tendeu ao Devlin a lista das provas.

— Isto é o que o doutor Neal ordenou.

Devlin, virtualmente, arrancou-lhe a folha de papel das mãos.

— E uma merda, doutora Young! Não

tenho tempo para tanta tolice!

Não lhe culpou por aquela explosão de raiva, mas ela não podia contradizer as ordens de seu superior. Em geral, resultava-lhe fácil trabalhar para o doutor Neal, mas se o pressionava muito, ele poderia relevá-la do cuidado do Devlin. Algo ao que não queria arriscar-se.

Possivelmente conseguisse pactuar com o Devlin.

— Poderia realizar a metade das provas hoje e o resto amanhã.

Devlin a fulminou com o olhar.

— por que me faz isto o doutor Neal? Que espera encontrar?

— Terá que perguntar a ele.

Pessoalmente, Laurel acreditava que Devlin merecia conhecer a verdade, mas não saberia a curto prazo.

— Prepararei as coisas. — Laurel abriu uma gaveta e tirou umas calças curtas de esporte —. Estes lhe resultarão mais cômodos que os que vestem.

Devlin a contemplou enquanto saía da habitação. A bata branca logo que ocultava suas largas pernas e seu caminhar feminino.

Ainda padecia os efeitos secundários de ter revivido, e o estar perto de Laurel piorava sua frustração sexual. Tirou a camisa e se desabotoou as calças. Não tinha realizado sua habitual corrida matutina. Até que averiguasse quem tinha tentado matá-lo, não resultava prudente ir por aí como um alvo fácil.

—Suba à cinta.

Laurel sustentava um grande punhado de cabos na mão. Uma a uma, foi lhes desprendendo as tiras protetoras aos eletrodos e colocando-os no peito e os braços do Devlin. Cada vez que lhe roçava a pele com as gemas dos dedos, uma quebra de onda de sensações percorria as terminações nervosas do Paladino. Devlin se alegrou de que ainda não tivesse conectado o monitor; deste modo, todos os pensamentos perversos que cruzavam por sua mente teriam ficado

registrados. Para começar, o muito que desejava arrastá-la a um lugar privado e beijá-la até deixá-la sem sentido.

O que teriam feito o doutor Neal e seus colegas com aquela leitura? Esta idéia lhe fez sorrir e, de forma instintiva, Laurel retrocedeu um passo. Garota pronta! Seria melhor para ambos que lhe tivesse um pouco de medo.

—Comece com passo lento e vá aumentando a velocidade de forma gradual. Já sei que vocês se curam muito depressa, mas a ruptura da perna foi grave e não quero me arriscar a que sofra mais danos.

— A perna está bem.

Em realidade não estava de tudo bem, mas, um dia mais e estaria como nova. Devlin começou a caminhar devagar, permitindo que seus músculos se estirassem e se esquentassem. Depois de uns minutos, adotou o ritmo habitual de suas corridas matutinas. Era fantástico poder mover-se outra vez, sentir o sangue circulando pelo

corpo e o ar alagando os pulmões.

De momento, a perna respondia bem e Devlin não notava nenhuma diferença significativa entre esta e a sã. De todos os modos, embora lhe tivesse incomodado, ele teria continuado até que lhe falhasse por completo. Precisava saber se podia contar com essa perna quando estivesse de retorno no campo de batalha.

A probabilidade de que se produzira um deslocamento importante no enguiço que percorria o extremo oeste de Washington ia a aumento. Se a barreira cedia, produziria-se um banho de sangue e se necessitariam todas as espadas.

Isto lhe recordou que tinha que ir a Armería antes que finalizasse o dia.

—Já pode começar a baixar o ritmo.

Laurel se afastou do monitor para anotar os últimos dados na tabela de resultados.

Devlin manteve a velocidade durante uns minutos mais, em parte porque se sentia

bem assim e, em parte, porque isto implicava que, em certo modo, ele tinha o controle da situação. Laurel passou por cima sua pequena rebelião e centrou sua atenção nos dados que vomitava a máquina. Devlin odiava que todo o relacionado com ele ficasse reduzido a uma série interminável de números e gráficos, como se estes fossem mais reais que ele mesmo.

Pouco a pouco, reduziu a marcha até deter-se e desceu da cinta. Agarrou uma toalha de um montão próximo, secou-se o suor da cara e a nuca e esperou a que lhe dissesse o que tinha que fazer a seguir. Ele tinha suas próprias idéias a respeito, mas duvidava que ela estivesse interessada nas compartilhar. Além disso, aquele não era o lugar adequado para tais pensamentos.

Uma série de câmaras e microfones permitia que os guardas vissem em todo momento o que ocorria no laboratório. Se algum dia cedia à tentação de deitar-se com Laurel Young, seria sem testemunhas.

—Que touca agora?

Com apenas olhar a uma vez à cara, soube. Enrugou a toalha e a atirou ao cesto da roupa suja, que estava em uma esquina. Outro maldito exploratório cerebral para procurar provas de que seus restos de humanidade estavam desaparecendo!

—E se me nego?

Laurel levantou um pouco o queixo, e seus olhos, antes de posar-se nos do Devlin, procuraram a câmara que havia no teto.

—Há alguma razão pela que deva negar-se?

—Nenhuma, além de estar farto de que me cravem e me manipulem. — Assinalou o volumoso montão de folhas de dados que havia em cima da mesa. Tem idéia de quantas árvores tiveram que morrer para que você possa me quantificar?

Laurel se deu conta de que não ia negar se a realizar a prova, ao menos não nesta ocasião, e parte da tensão que sentia nos ombros a abandonou.

— Realizemos a prova.

Devlin a seguiu a uma habitação pequena em que havia uma cama e outra consola eletrônica cheia de indicadores, interruptores e luzes piscando. A nenhum dos Paladinos gostava daquela máquina em concreto, pois constituía seu juiz e seu jurado, um tribunal onde ao acusado o presumia culpado e não tinha direito a falar em defesa própria.

E o preço de ser declarado culpado era uma execução rápida e imediata.

Não importava as vezes que tivesse realizado aquela prova, sempre lhe resultava igual de difícil. Poucas coisas o assustavam já, mas aqueles eletrodos diminutos agarrados a seu couro cabeludo como se fossem pequenas garras sempre lhe revolviam o estômago e lhe produziam dor de cabeça. Ele se sabia o bastante humano ainda para superar a prova, mas em suas vísceras, que era o que realmente contava, temia o que os de Investigação pudessem encontrar nos

zumbidos e assobios emitidos pela máquina ao registrar suas ondas cerebrais.

Devlin se tombou na cama sendo só levemente consciente do frescor dos lençóis de algodão ao contato com suas costas. Fechou os olhos e se concentrou em sua Tutora para evitar que seus pensamentos perambulassem pelo horrível atalho da dúvida de si mesmo. Sempre lhe tinham gostado das morenas de pernas largas, umas pernas feitas para rodear com folga a cintura de um homem. Além disso, estavam aqueles olhos de chocolate fundido. O poderia comer-lhe sem problemas!

O aroma de Laurel, uma mescla de xampu, sabão e algo que era exclusivamente dela, excitaram seus sentidos. Devlin cravou os dedos na cama. Quanto mais tempo passava junto a ela, mais forte era a tentação de tocá-la. Quando Laurel se inclinou sobre ele para lhe colocar o último dos eletrodos, Devlin se mordeu o lábio para não gemer.

Por que não tinha ela o sentido comum

de manter os peitos longe de sua cara? Devlin desejava, ansiosamente, levantar a cabeça e acariciá-los com a boca. Ao final, decidiu-se por olhá-los de perto e às escondidas. Laurel levava uma camisa ajustada que não deixava dúvida alguma sobre o perfeitamente formado que estavam seus peitos para encaixar na mão de um homem, e também em sua boca. Devlin apostaria algo a que eram doces, como os morangos amadurecidos e a cálida luz do sol.

Agitou-se. Alegrava-se de que as calças fossem folgadas e dissimulassem, parcialmente, sua imediata ereção. Quando Laurel se apartou, ele exalou um suspiro que não sabia que estava contendo.

— Baixarei as luzes. Tente relaxar-se e pense em coisas boas.

Laurel baixou a intensidade das luzes, sentou-se em uma cadeira junto à cama e lhe deu ao interruptor que iniciava o programa. Devlin tentou relaxar-se, mas não o conseguiu.

—Sei que isto não te resulta fácil, Devlin.

Sua voz soou tranqüila e relaxante, e o fato de que o tutelara supôs toda uma surpresa.

Laurel apoiou uma mão no ombro do Devlin e a deslizou com lentidão por seu braço até deixá-la sobre a mão dele. Devlin girou a palma para cima e entrelaçou seus dedos com os dela. Os dois estavam jogando com fogo, mas, naquele momento, ele necessitava todo o calor que pudesse obter. Possivelmente ela teria feito o mesmo com qualquer outro Paladino, mas não acreditava.

Nenhum de seus amigos Paladinos tinha comentado que Laurel se comportasse de uma forma que não fora estritamente profissional e, como em sua maioria eram bastante frívolos, de havê-lo feito ela, não teriam desperdiçado a oportunidade de gabar-se de seus cuidados. Inclusive D.J. E Cullen teriam encontrado a oportunidade para comentar-lhe ao Devlin. De momento,

aquela leve preocupação desapareceu de sua mente.

Sempre que estava conectado a aquela máquina a noção do tempo lhe distorcia. Em geral, o processo durava menos de trinta minutos, mas sempre lhe parecia muito mais largo. E, embora os resultados demonstrassem que era o bastante humano para seguir vivendo, assinalavam sua constante e progressiva transformação em um dos Outros.

Nunca se tinha incomodado em perguntar a quanto estava do final. O mais provável era que Laurel nem sequer respondesse a sua pergunta. Além disso, sabê-lo não trocaria nada, pois ele seguiria lutando e morrendo cotovelo com cotovelo com seus companheiros até que sua Tutora revogasse aquele privilégio, e isto era algo do que se sentia muito orgulhoso.

De uma forma gradual, Devlin se foi relaxando enquanto seu mundo se reduzia ao tênue halo de luz que despediam as

lâmpadas âmbar e verde do console. Voltou levemente à cabeça e, ao ver o perfil de Laurel, perguntou-se o que estaria pensando ela enquanto esperavam em silêncio.

Apesar de que sua vista era melhor que a da média, resultava-lhe difícil deduzir, a partir do rosto inexpressivo de Laurel, qual era seu estado de ânimo. Possivelmente estava confeccionando uma lista mental do que tinha que comprar caminho de casa, quando saísse do trabalho. Ou possivelmente era dolorosamente consciente da presença dele, como ele o era da dela. Teria permanecido acordada alguma noite perguntando-se como seria fazer o amor com ele?

O nem sequer deveria pensar nessas coisas. Que futuro podia oferecer ele a qualquer mulher? E, embora uma delas se apaixonasse por ele, como poderia amar ao monstro no que indevidamente se converteria?

Os zumbidos e assobios da máquina

indicaram o final da prova, mas quando Laurel tentou separar sua mão da dele, Devlin apertou os dedos e o impediu.

— Senhor Bane, por favor.

De modo que voltavam a tratar-se de você!

Seu temperamento se liberou. Arrancou-se os eletrodos da cabeça sem reparar na ardência produzida pelas pequenas feridas e se desembaraçou do montão de cabos da máquina. Ficou de pé e encurralou a sua Tutora contra o console.

— Possivelmente para você só seja um punhado de números, doutora Young - grunhiu —, outro espécime interessante que terá que analisar... — Ela levantou o olhar em protesto por sua afirmação e ao Devlin gostou de como lhe dilataram as pupilas e lhe expandiram as fossas nasais pela extrema proximidade de seus corpos. O lhe acariciou a mão com a gema do polegar, percebeu seu pulso acelerado e suavizou a voz até convertê-la em um sussurro sedutor — mas

sigio sendo um homem, com as necessidades de um homem. Sobre tudo quando estou com uma mulher formosa. Siga me tentando e é provável que descubra, pela via dura, quais são, exatamente, essas necessidades e o que preciso para satisfazê-las.

Devlin a apertou contra seu peito. Os olhos escuros de Laurel se posaram na boca do Devlin e os lábios lhe separaram em sinal de convite. Em um abrir e fechar de olhos, a batalha estava perdida, e Devlin se rendeu à tentação e ao sabor embriagador de Laurel Young.

CAPÍTULO 3

Sem lhe soltar a mão, Devlin a rodeou contra os poderosos músculos de seu peito enquanto sua boca invadia a dela. Laurel se sentiu agradecida por sua fortaleza, porque, naquele momento, nem um só osso de seu corpo a haveria sustentado.

A língua do Devlin penetrou e saboreou o interior da boca de Laurel, com o que aumentou o desejo que ela experimentava. Quando cedeu ao impulso de consolá-lo, enquanto esperavam a que a máquina sopesasse e julgasse seu estado mental, todos seus pensamentos racionais a tinham abandonado. A julgar pelos resultados, possivelmente deveria ser ela quem levasse postos os eletrodos.

Laurel não queria outra coisa salvo absorver seu sabor, seu tato e sua força. Suas fantasias nem sequer se aproximaram da realidade de ter toda aquela intensidade

centrada só nela.

Devlin seguiu o contorno da mandíbula de Laurel com beijos quentes e úmidos até chegar à orelha. Depois de deslizar a ponta da língua por suas delicadas curvas, respirou fundo, e seu quente fôlego enviou uma quebra de onda de desejo ardente pelo corpo de Laurel. Ela se tirou a bata com ímpeto e a deixou cair a seus pés.

De repente se encontrou tombada na cama enquanto o agradável peso do Devlin a esmagava contra o colchão. Laurel separou as pernas para recebê-lo enquanto desfrutava da conexão íntima entre seus corpos. Tinha os lábios inchados e sensíveis devido aos arremessos dos beijos do Devlin, e as poderosas mãos dele estavam por toda parte, tocando-a primeiro através do fino amparo da camisa e, depois, por debaixo do objeto. As gemas calejadas de seus dedos desabotoaram a camisa de Laurel, o que lhe permitiu o livre acesso aos seus peitos.

Devlin deslizou a boca até eles enquanto

com a língua fazia que a pele de Laurel se acendesse. Quando lhe desabotoou o prendedor, incorporou-se para olhá-la.

—Sabia.

Quis lhe perguntar o que era o que sabia, mas ele se lançou disposto a apanhar com a boca o turgente mamilo de um de seus peitos. Devlin grunhiu de satisfação enquanto prodigalizava toda sua atenção ao peito de Laurel, fazendo uso de lábios, dente e língua de formas maravilhosas e incríveis. Suas sucções enviaram quebras de onda de desejo até o mais profundo de Laurel, e ela sentiu a imperiosa necessidade de absorver todo o corpo do Devlin no seu.

O ruído áspero que produziu a cremalheira da calça de Laurel quando Devlin a baixou agradou-a. Ele deslizou a mão dentro de suas calcinhas e seus dedos investigaram se estava preparada, e descobriram que sim, que já estava úmida. Em um instante, Laurel se sentiu a ponto de estalar.

De repente, Devlin ficou paralisado e inclinou a cabeça a um lado, como se estivesse escutando algo que estava fora do alcance do ouvido de Laurel.

— aproximam-se.

Devlin desceu da cama e, ao mesmo tempo, ajudou a Laurel a ficar de pé. Ela, incapaz de compreender o que tentava lhe dizer, só atinou a olhá-lo aos olhos.

— Maldita seja, doutora, levamos muito tempo aqui dentro! Os guardas se aproximam.

Ao final compreendeu do que se tratava. Alguém, e não uma a não ser várias pessoas andava rondando no laboratório, ao outro lado da porta. Esforçou-se em acalmar o pânico que sentia. Se a encontravam com a blusa desabotoada e a cremalheira das calças baixada, sua reputação ficaria arruinada e, antes do anoitecer, Devlin teria um novo Tutor.

Aquela era a única habitação do laboratório que não tinha câmaras de

segurança nem microfones-Graças a Deus!— porque os impulsos eletrônicos destes instrumentos interferiam com a sensível equipe de escaneio. Para compensar este fato, o Tutor tinha que enviar periodicamente uma mensagem codificada aos guardas lhes indicando que tudo ia bem. O código se trocava diariamente para impedir que um Paladino com más intenções o descobrisse e o utilizasse.

Laurel tinha se esquecido de enviar a mensagem e o alarme se disparou, e, a menos que conseguisse resolver a situação, o sargento Purefoy e seus homens entrariam de um momento a outro disposto a reduzir ao Paladino insurreto.

Pressionou o botão lhe pisquem que permitia desconectar o alarme e introduziu o código com rapidez. Com isto não obteria que os guardas se retirassem, porque podiam pensar que Devlin tinha conseguido o código e o estava utilizando, mas, ao menos, não apertariam o gatilho tão rápido.

Conseguiu grampear o prendedor ao segundo intento e se abotoou rapidamente a blusa. Enquanto se alisava o cabelo, desejou não parecer tão desarrumada como se sentia. Por sorte, sua bata ocultaria parte dos danos. Devlin havia tornado a tombar-se na cama e se colocou, de novo, a maioria dos eletrodos. Sem pensar-lhe duas vezes, fechou os olhos, como se se tivesse dormido enquanto contava os segundos até que terminasse a prova.

As mãos de Laurel ainda tremiam, mas quando falou pelo interfone, sua voz soou acalmada.

—Sargento Purefoy, fala-lhe a doutora Young. Código alfa, zulu, beta. Repito alfa, zulu, beta. Isto não é uma emergência.

Respondeu-lhe o doutor Neal, o qual a fez sentir-se ainda mais envergonhada.

—O que está acontecendo aí dentro, doutora Young?

Ao menos parecia mais nervoso que zangado.

—Nada, senhor. —Ao menos, já não—.

Se me permite abrir a porta, o explicarei.

Isso esperava.

Antes que se dirigisse à porta, Devlin lhe apertou a mão.

—Manda-os a chatear!

Aquela exclamação de ânimo fez que Laurel endireitasse a coluna vertebral e, quando a porta se abriu, cruzou a soleira e se enfrentou a seu chefe e a um montão de homens armados sem pestanejar.

Uns minutos mais tarde, todos tinham saído do laboratório salvo ela e o doutor Neal. Devlin seguia dormindo e o som apagado de seus roncos reforçava, sem necessidade de palavras, a tremente explicação de Laurel.

—Sinto muito, senhor, não sei como pude esquecer enviar a mensagem. Devo me haver adormecido.

Laurel sacudiu a cabeça e se encolheu de ombros com a esperança de que seu chefe atribuíra à vergonha sua reticência a olhá-lo aos olhos.

O doutor Neal olhou para onde Devlin seguia tendido.

— Então lhe sugiro que hoje saia antes e descanse um pouco. Dormir em horas de trabalho, sobre tudo com um Paladino tão antigo como o senhor Bane no laboratório é, como mínimo, uma loucura. Por sorte para todos, não se produziu nenhum dano.

— Sim, senhor. Irei assim que o senhor Bane desperte. Enquanto, terminarei o relatório.

— Está segura de que não quer que eu o termine por você?

Não podia arriscar-se a que o doutor descobrisse a desordem caótica em que os eletrodos estavam conectados à cabeça do Devlin. Não tinha nenhuma explicação para isso.

— Não, obrigado, mas se o senhor Bane não se despertou quando estiver lista para ir, avisarei-o.

O doutor Neal abandonou a habitação a inapetência. Como era muito possível que

voltasse a entrar sem prévio aviso para comprovar se ela estava acordada, Laurel se conteve e esperou uns minutos antes de dirigir-se ao Devlin. O montão de cabos pendurava até o chão e seu paciente havia se medeio incorporado e estava apoiado no travesseiro com uma expressão séria e indecifrável no rosto.

—Pode ir quando quiser. O sargento Purefoy te escoltará até o exterior.

Laurel deixou a roupa do Devlin sobre a cama e se voltou para pôr a zero a agulha do exploratório. Enquanto ele se vestia, Laurel sentiu seu olhar cravado nas costas. O que estaria pensando? Se arrependia, seria porque não tinham terminado o que tinham começado ou, simplesmente, porque tinha acontecido?

Quando Devlin se levantou, os lençóis rangeram e, continuando, Laurel sentiu a calidez de seu corpo justo atrás do dele.

—Quer que lhe atribuam um novo Tutor?

Laurel conteve o fôlego enquanto rezava para que a resposta fora negativa.

— Não, não quero um novo Tutor, mas isto não pode voltar a ocorrer.

Devlin tinha razão, mas a Laurel lhe encheram os olhos de lágrimas enquanto assentia com a cabeça.

— Ao menos, aqui não. — Devlin se aproximou tanto a ela que seu quente fôlego lhe produziu uma comichão na pele—. Quando você e eu nos deitemos, Laurel, e sem dúvida o faremos, será em um lugar muito mais privado que este. Porque nada impedirá que terminemos o que hoje começamos.

E, continuando, desapareceu.

A pesar do desastre que tinha estado a ponto de produzir-se no laboratório, Devlin estava de muito melhor humor que nos últimos dias. A deliciosa doutora Young tinha resultado ser toda uma surpresa. Detrás da bata branca e a tabuleta, escondia-se uma mulher tremendamente apaixonada.

Devlin não podia esperar a tê-la em sua cama; nua e debaixo dele. Como era lógico, teriam que organizado com muito cuidado, claro que as táticas de combate eram sua especialidade... Organizar uma entrevista secreta não seria muito distinto a planejar uma emboscada.

Tomou a First Avenue em direção ao Pioneer Square, uma zona turística muito popular.

Por debaixo das ruas se estendia uma rede de passadiços que se conhecia como a Seattle Underground. As rotas turísticas ofereciam um acesso limitado a aquela zona, tanto aos visitantes locais como aos estrangeiros, e nem os uns nem os outros sabiam que aquelas antigas paredes de tijolo em ruínas escondiam o Centro de Controle de alta tecnologia dos Paladinos.

D.J. E outros se divertiam vendo como os turistas se deixavam levar em emanadas pela reduzida zona do metrô declarada segura para o público em geral, mas Devlin os

considerava um inconveniente.

De forma rotineira, comprovou que ninguém o olhasse antes de meter-se no beco que conduzia ao acesso mais direto ao Centro. Saudou com a cabeça ao vigilante que estava apostado perto da entrada. Vestido qual bêbado que acontecia uma má rajada e rematada com os aromas e as manchas pertinentes, o aspecto do Penn era suficiente para espantar a maioria dos intrusos. Se isto não funcionava, também dispunha de um impressionante desdobramento de armas escondidas em seu desmantelado carrinho de supermercado.

Aquele dia, o aspecto do Penn era muito pior que o da última vez que Devlin o tinha visto. Sem dúvida, sentia-se perversamente orgulhoso de seu trabalho.

— Cullen me há dito que, se te via entrar, dissesse-te que o buscasse.

— Obrigado, assim o farei.

Devlin baixou as escadas da entrada e introduziu o código que abria a porta. Uma

vez dentro, sua cautela habitual se relaxou. Se em algum lugar estava seguro, era aqui, no Centro.

Possivelmente Cullen tinha descoberto algo a respeito de quem tinha parecido sua espada na barreira.

Caminho de seu escritório, Devlin se deteve para falar com o Lonzo e D.J. Nenhum deles tinha visto o Cullen recentemente, mas prometeram lhe dizer que Devlin o andava procurando.

O montão de documentos que lhe esperava sobre a mesa quase foi suficiente para que desse meia volta e retornasse por onde tinha vindo. Não estava de humor para ler-se todos aqueles frios relatórios técnicos sobre o estado da barreira. Demônios, não tinha mais que pôr as notícias para saber que o Mount St. Helens estava cuspidando vapor de água e formando uma nova borbulha de lava!

Se a instável montanha decidia voltar a fazer saltar seu topo pelos ares, Devlin e outros teriam que baixar imediatamente a

primeira linha para manter aos Outros fora deste mundo. Abriu um mapa da zona na tela do ordenador, um que estava programado para mostrar os lugares mais perigosos ao longo da barreira. Sem dúvida, nos arredores da irritável montanha, a barreira estava sendo analisada do outro lado. Devlin desprendeu o telefone.

—Lonzo, reforçamos as defesas ao redor do vulcão?

—Ontem de noite, quando nos informaram que se produziram os primeiros estrondos, dobramos as defesas. Os de Intendência estiveram de acordo em que outro pelotão se mantivera em estado de alerta se por acaso era necessário.

—Envia-o agora, porque nem sequer com eles acredito que seja suficiente. A atividade, ao outro lado da barreira, está aumentando de forma constante.

Devlin desejava baixar à barreira em pessoa, mas ainda não lhe tinham dado a alta. Se tivesse ficado no laboratório o tempo

suficiente para terminar todas as provas, possivelmente agora já estaria livre. Em qualquer caso, não se arrependia de nada do que tinha acontecido, salvo do alarme que tinha feito que os guardas entrassem como uma corrente no laboratório.

Embora possivelmente tivesse estado bem que entrassem. Uma queda rápido naquela cama estreita e incômoda teria acalmado suas necessidades, mas não durante muito tempo, sobre tudo pela forma em que seu corpo reagia sempre que se encontrava perto de sua Tutora. Laurel merecia ser tratada com mais respeito que todo isso.

Em geral, Devlin se assegurava de que as mulheres compreendessem a natureza transitiva de sua relação, em primeiro lugar. Depois, procuravam um lugar privado e satisfaziam suas mútuas necessidades. Depois de assegurar-se de que sua companheira de uma noite ficava contente, ambos se separavam sem maiores ataduras.

Laurel, entretanto, estava carregada de complicações. Intelectualmente, podia saber que os Paladinos perdiam de forma gradual as emoções humanas básicas e se voltavam cada vez mais imprevisíveis e violentos até que cruzavam a linha final e tinham que ser aniquilados. Mas o que lhe ocorreria a primeira vez que se visse obrigada a eliminar, como se tratasse de um cão raivoso, a um dos Paladinos que lhe tinham atribuído?

O que lhe ocorreria se o tivesse que eliminar a ele, sobre tudo se convertiam em amantes? O homem que era naqueles momentos se preocupava por isso, mas o Outro em quem pouco a pouco se estava convertendo não o faria. Assim, como podia proteger a de si mesmo?

Uma luz começou a cintilar em seu monitor, uma que lhe fez sair correndo para a sala de controle. Cullen e Lonzo contemplavam as telas de seus ordenadores com expressão séria.

—O que ocorreu e onde?

—Pelo visto, a montanha acaba de lançar uma coluna de fumaça e cinzas. É muito logo para conhecer a gravidade da situação.

Deveria haver-se deslocado a aquela zona com ou sem a alta do Departamento de Investigação.

—O pelotão de reforço já chegou?

Lonzo apartou os olhos da tela para consultar o relógio.

—Ainda não. O tempo estimado de chegada é dentro de quinze minutos.

Ao Devlin lhe fez um nó no estômago.

—E a barreira? O que indicam as leituras?

—flutuou um par de vezes. Agora mesmo, está em ativo, mas se o vulcão decide vomitar um pouco mais, não poderia te assegurar nada - respondeu Cullen.

—Quem está ao mando?

—Trahern.

O nó do estômago do Devlin se afrouxou um pouco. Quando se enfrentava

ao inimigo, Blake Trahern era uma máquina de matar cruel e desumana. Se alguém podia conter uma avalanche dos Outros com escassez de homens e recursos, esse era Trahern. Segundo todos os indícios, os Outros levavam tempo concentrando-se naquela zona da barreira, e seus contingentes cresciam dia a dia conforme aumentava a pressão no interior da montanha. Necessitaria-se mais de um pelotão para contê-los.

Entretanto, se a barreira simplesmente flutuava, os Outros a cruzariam em pequenas rajadas em lugar de fazê-lo em uma só avalanche de ódio e armas.

Devlin aproximou uma cadeira onde estavam Lonzo e Cullen e se sentou enquanto esperava que comesçassem a chegar o informe das baixas.

—Envia diretamente uma cópia dos informes das baixas ao doutor Neal para que esteja à corrente do que acontece. Esperemos que não seja necessário, mas lhes

facilitaremos o trabalho se souberem quantos feridos há e o estado em que se encontram.

Devlin considerou a possibilidade de telefonar a Laurel, mas, ao final, decidiu não fazê-lo. Telefonar diretamente aos Tutores não formava parte do protocolo. Se um dos Paladinos de Laurel resultava ferido ou, ainda pior, morto, avisariam-na com o tempo suficiente para que se preparasse. Uma vez mais, Laurel teria que enfrentar-se a largas horas sem dormir, mas ela faria quanto estivesse em sua mão para salvar a um de seus Paladinos. E o faria porque se preocupava com eles, não só porque fora seu trabalho. Aquela dedicação a assemelhava aos Paladinos.

—O segundo pelotão chegou abaixo e está avançando.

Lonzo era a voz da razão e a calma. Não importava o feio que ficassem as coisas, ele nunca se deixava levar pelo pânico. Quando tudo tinha terminado, e segundo fora o resultado da batalha, podia explorar e sofrer

um violento ataque de raiva. Com o tempo, seus companheiros tinham aprendido a afastar o das equipes valiosas antes que estalasse. Ao final do corredor, havia uma sala acondicionada com sacos de boxe para que Lonzo pudesse desafogar-se lançando murros e patadas, igual à caprichosa montanha situada para o Sul.

Passaria algum tempo antes que chegassem novos informe. Enquanto ainda dispunham de certa calma, Devlin voltou para seu escritório e lhe enviou uma mensagem eletrônica ao doutor Neal lhe pedindo autorização para voltar para as trincheiras. A resposta não demorou a chegar.

Devlin a leu uma vez..., e depois outra, enquanto fiava as piores maldições que conhecia. No que estaria pensando aquele homem? A barreira estava flutuando, seus amigos estavam lutando, e possivelmente morrendo, e o único que lhe ocorria ao imbecil do doutor Neal era lhe tirar uns

quantos tubos mais de sangue do braço!

Pois bem, estaria na porta do laboratório do bom do doutor a primeira hora da manhã, porque, trovejasse ou chovesse, ele pensava estar no seguinte transporte que saísse para a barreira.

Os que levavam o selo dos Paladinos no DNA se viam impelidos a lutar quando a barreira sofria algum dano. Podiam senti-lo em algum lugar de seu ser quando a segurança de seu mundo se via ameaçada por uma brecha na frágil barreira que separava sua realidade da realidade funesta que habitava no outro lado. E a tensão ia a aumento até que se concretizava um branco para sua agressão, fora ou não razoável.

Os Outros constituíam uma ameaça constante para a estabilidade dos frágeis ecossistemas da Terra. Devido aos terremotos e as erupções vulcânicas, eram já muitos os integrantes dos Outros que tinham cruzado a barreira e posto em perigo o equilíbrio entre seu escuro mundo e a luz da Terra. Os danos

na capa de ozônio supunham por si só um grave problema para os anos vindouros.

A julgar pela enorme quantidade dos que tentavam passar a este mundo em uma quebra de onda única e suicida, as condições no outro lado deviam ter piorado de novo. A Terra só podia absorver uma determinada quantidade dos Outros, e assim o tinha feito anteriormente em numerosas ocasiões. Segundo avanços recentes no estudo da estrutura do DNA, pelo visto, a incorporação dos Outros a já de por si diversa composição genética da humanidade tinha dado lugar, com o passado do tempo, aos Paladinos propriamente ditos.

Os cientistas que trabalhavam para o Departamento de Investigação acreditavam que isto explicava a sensibilidade dos guerreiros em relação à barreira. Esta era a boa notícia. O reverso da moeda era a tendência dos Paladinos a parecer-se mais e mais aos Outros com o passado do tempo. Naquele momento, a organização estava

trabalhando para descobrir maneiras de prolongar e reforçar tudo o que ficava de humano nos Paladinos.

Este pensamento o levou de novo a Laurel Young e ao interesse, fora do comum, que ela sentia por ele. Aquele empenho em indagar em seu passado, devia-se a um interesse profissional mais que pessoal? Ou a indiscutível atração que existia entre eles tinha despertado sua curiosidade por seu futuro amante?

Como gostaria de ter visto a expressão de Laurel quando lhe anunciou, sem rodeios, sua intenção de deitar-se com ela. Seus olhos refletiram intriga ou surpresa? Só o tempo responderia a esta pergunta. De momento, tinha uma batalha que vigiar e amigos pelos que preocupar-se.

Sentou-se frente a seu escritório e se preparou para a espera.

—Sim, mamãe está bem. O trabalho vai muito bem. E não, não me fazem trabalhar muito...

Salvo quando estavam de guarda vinte e quatro horas ao dia para reviver a um de seus pacientes. Mas este era um dos muitos segretos que não contava a sua família.

Laurel fechou os olhos e se acomodou em um dos extremos do sofá. Queria muito a sua mãe, mas, naquele momento, não estava de humor para aquele tipo de conversação. Ultimamente, sua mãe se impôs a missão de ajudá-la a encontrar a um bom homem para que, seguindo o exemplo de seus irmãos, pudesse dedicar-se ao trabalho de lhe dar mais netos.

—Sim, mamãe sabe que se aproxima meu aniversário. Se consigo escapar uns dias lhe farei isso.

Os Lauréis ainda lhe faltavam dois anos para cumprir os trinta, e se sentia orgulhosa de tudo o que tinha conseguido até então. Oxalá seus pais também compartilhassem esse orgulho! Como eram lógicos, eles a queriam, mas nunca tinham sabido muito bem o que fazer com uma filha cujo

coeficiente intelectual superava todas as estatísticas e cujos interesses eram a ciência e a medicina, em lugar dos bailes e as reuniões de ex-alunas, como ocorria às outras garotas de sua pequena cidade.

Os anos de instituto tinham sido um verdadeiro pesadelo, até que, um dia, à idade de quinze anos, recebeu de uma forma misteriosa, uma carta de um grupo que se autodenominava «Os Regentes» em que lhe ofereciam uma beca completa para iniciar os estudos universitários. A recepção da carta trouxe lágrimas e discussões ao seio de sua família, mas ela empacotou suas coisas e tomou o primeiro voo para Seattle. E, salvo por umas visitas ocasionais à casa de seus pais, não havia tornado a vista atrás.

Os Regentes a tinham salvado da vida que seus pais tinham planejado para ela, uma vida em que, ela em particular, não encaixava. Laurel amava a sua família e sua cidade de origem. Eles eram encantadores. Era ela a que não encaixava.

De repente, Laurel se deu conta de que se perdeu uma parte da conversação.

— O que acaba de dizer, mamãe?

— Dizia-te que lhe adorará ensinar isso tudo. Passou tanto tempo desde que vivia aqui! Estou segura de que você gostará que alguém te ensine todas as mudanças que se produziram neste tempo.

A Laurel lhe encolheu o estômago.

— A quem me adorará ensinar isso

— Por Deus, Laurel, a verdade é que não escuta a menos que a conversação trate sobre alguma enfermidade!

— Um sofrido suspiro chegou claramente para ouvidos de Laurel através da linha Telefônica —. O sinto, não o hei dito a sério! É só que... Quero que seja feliz.

Claro que queria que fora feliz, mas segundo sua própria idéia do que era a felicidade, não a de Laurel.

— Quem me vai ensinar as mudanças, mamãe?

— Pois Cari, o novo sócio de seu irmão.

A quem acreditava que me referia?

Os pais de Laurel às vezes esqueciam sua excelente memória para os detalhes.

— Refere-te ao mesmo Cari que tem uma ex algema uma barriga enorme e nem um só cabelo na cabeça?

— Bom, sim, embora não deveria julgar a uma pessoa só por seu aspecto. Sei que teve alguns problemas, mas tudo isto já só forma parte do passado. Agora Cari está procurando uma boa esposa com quem sentar a cabeça.

— Desejo ao Cari todo o melhor, mamãe, mas essa boa esposa não serei eu. Para começar, ele tem que viver perto de onde está seu trabalho, e o meu está aqui.

A voz da mãe de Laurel se animou.

— Exato, Laurel, como já te contou, a cidade está crescendo muito depressa. O outro dia estive falando com o doutor Watson e me contou que tem mais pacientes dos que pode atender. Sei que adoraria que lhe ajudasse, embora só fora a tempo parcial.

Já sabe se por acaso te casa e todo isso.

Laurel não queria ferir sua mãe, mas tampouco podia deixar que acreditasse que, para ela, seu trabalho era só um meio com que ganhá-la vida, em lugar de uma parte integrante de si mesmo.

— Mamãe, eu o sinto se te desgosta, mas não vou voltar para casa. O trabalho que faço aqui é muito importante. — A vida de outras pessoas dependia de sua formação e sua perícia pessoal—. Além disso, não sou interno como o doutor Watson. Eu me dedico à investigação e, para realizar meu trabalho necessito umas instalações especializadas.

Laurel sabia que sua mãe não aceitava uma derrota. Como muito, retiraria-se para recuperar forças.

— Bom, já falaremos disto quando vier. Avise-me quando puder vir a nos ver.

— Assim o farei. Diga-lhe a papai e a outros que lhes quero a todos.

A voz da mãe de Laurel se suavizou.

— Sabemos carinho. Nós também lhe

queremos. Vá, olhe a hora que é!

Será melhor que comece a preparar o jantar. Cuide-te!

Laurel pendurou o auricular e se perguntou o que pensaria sua família do Devlin Bane. Eles respeitavam aos militares, que eram o mais próximo aos Paladinos que conheciam.

Durante uns segundos, visualizou como seria levar ao Devlin Bane à casa de seus pais para que conhecesse sua família. Não podia imaginar o sentado na sala de seus pais um sábado pela tarde olhando um jogo de futebol universitário com seu pai e seu irmão.

Então soou o telefone móvel de seu trabalho.

O coração de Laurel deu um salto, pois sabia que isto só podia significar uma coisa: em algum lugar, os Paladinos estavam lutando e morrendo.

Todos os integrantes do Departamento de Investigação estavam em estado de alerta esperando a chegada das baixas. Laurel tinha

reposto suas provisões, sua maca de aço inoxidável acabava de ser desinfetada e tinha comprovado o estado das cadeias e as ataduras.

Agora, quão único podia fazer era esperar enquanto tentava não pensar no que podia ter ocorrido no dia anterior. Laurel experimentou um calafrio ao recordar o desastre que esteve a ponto de acontecer.

Se regesse estritamente pelas normas, deveria pedir que a substituíssem como Tutora do Devlin, mas não o pediria a menos que se visse obrigada a fazê-lo. Sua função consistia em decidir o que era o melhor para seu paciente. Como poderia outro Tutor, um que só contemplasse ao Devlin como um expediente mais em lugar de uma pessoa, tomar decisões fundamentadas a respeito do que era melhor para ele?

Nenhum de seus anteriores Tutores tinha comentado que seu lento progresso para a inevitável loucura não encaixava com o padrão habitual. Como Laurel não podia

acreditar que não se deram conta deste fato, só podia deduzir que, até sabendo-o, não lhes importava nem se expuseram investigar a causa desta lenta evolução.

Laurel decidiu que não havia melhor momento que aquele para pôr em prática sua decisão de adotar uma atitude mais fria em relação com o Devlin Bane. A partir de então, o interesse especial que sentia por ele só estaria motivado pelo objetivo científico de averiguar por que era distinto ao resto dos Paladinos. Se tratava de uma anomalia genética, ela não poderia fazer muito para transmitir sua resistência inata a outros, mas se devia a uma alteração química de seu sangue, isso podia conduzir a um sem-fim de possibilidades. Possivelmente inclusive poderia transmitir-se, além da os Paladinos, ao resto dos seres humanos.

Quão científica havia em Laurel se apoderou dela enquanto examinava com minuciosidade os gráficos e comparava os resultados novos com os antigos. Durante os

três anos que levava como Tutora do Devlin, os resultados das análises de sangue se mantiveram constantes. As medições de sua força e resistência físicas seguiam o mesmo padrão, com variações tão pequenas que resultavam estatisticamente insignificantes.

O mais interessante de tudo eram os exploratórios cerebrais. Laurel começou a revisar os múltiplos dados do exploratório que lhe tinha realizado no dia anterior e se deu conta, com alívio, de que as cifras iniciais eram similares às do exploratório prévio.

Entretanto, mais ou menos a metade da prova, os dados subiam em pico e depois caíam mais abaixo que antes e permaneciam estáveis.

O que podia ter causado este resultado? Naquele momento do exploratório, Devlin, supostamente, deveria haver-se deprimido, mas isso não justificava que os dados fossem tão baixos.

Laurel assinalou os dados que lhe pareciam mais significativos para analisá-los

mais tarde quando pudesse compará-los com os dos exploratórios que lhe tinham realizado no passado. Quando ordenasse todos aqueles dados em pranchas e os tivesse alinhados em pulcras colunas, pediria-lhe sua opinião ao doutor Neal. Possivelmente não tinham a menor importância, mas uma voz lhe indicava, lá ao longe, que estava no caminho correto.

De repente se disparou a sereia estridente de um alarme e umas luzes começaram a cintilar. Laurel fechou o expediente e o guardou de uma forma automática. Só dispunha de uns minutos antes que o primeiro paciente entrasse pela porta. Os componentes minuciosamente selecionados de sua equipe de enfermeiros e técnicos entraram e ocuparam seus postos.

Quando as comporta se abriram, uma sensação de tranqüilidade se apoderou de Laurel. Ficaram umas luvas cirúrgicas e ocupou seu lugar na cabeceira da mesa de operações.

—Muito bem, meninos, coloquemo-lo aqui e depois veremos que nos enfrentamos.

—A experiência lhe tinha demonstrado que, se reagia com calma ante as terríveis feridas que todos estavam acostumados a ver, sua equipe reagia da mesma forma—. A de três: uma..., dois..., três!

Todos sopraram pelo esforço que supôs transladar ao Paladino da maca móvel até a mesa de operações. Alguém aconteceu com laurel o relatório inicial. Ela leu os dados preliminares enquanto o resto da equipe conectava ao paciente aos monitores e lhe retirava as ataduras provisórias empapadas em sangue. Viu-se reconfortada ao descobrir que o paciente seguia sangrando, pois o coração tinha que pulsar para que isto ocorresse.

De entrada, não estava morto. Ao menos, ainda não.

—lhe apliquem uma intravenosa e depois realizaremos as suturas necessárias.

—De quem se trata?

O doutor Neal apareceu detrás de Laurel. Ela leu o nome e sentiu um calafrio. Todos acreditavam que Devlin Bane era aterrador, mas, em sua opinião, Devlin nem sequer podia comparar-se com o Blake Trahern.

— É Trahern. Coloquem-lhe as ataduras.

A julgar pela velocidade com que cumpriram a ordem, não era a única em ficar nervosa em presença do Trahern e seus frios olhos cinza. Os resultados de suas provas não eram tão maus como os do Devlin, mas pioravam a uma velocidade maior. Segundo ela, seria o primeiro candidato ao que teria que eliminar, por isso odiava cada vez que o levavam a laboratório.

— Alguém sabe o que ocorreu?

O doutor Neal se colocou no outro extremo da mesa de operações. Trabalhavam-se conjuntamente, suturariam as feridas e o processo de cura começaria muito mais depressa.

O doutor Neal levantou o olhar do

profundo corte que estava costurando.

—Conforme ouvi, a situação está má. Muito mal, possivelmente.

—E a barreira?

—Os relatórios preliminares que recebi indicam que só está flutuando, de modo que os Outros vão entrando em pequenos grupos. De todas as formas, enquanto os Paladinos davam uma batida e se asseguravam de que ninguém penetrasse, um lance comprido da barreira desapareceu de repente.

—A quantos perdemos?

—A tantos que teremos problemas para alojá-los a todos. —A preocupação que refletiam os olhos do doutor Neal lhe provocou um calafrio—. Tive que dar a alta ao Devlin Bane para que se ocupe da brecha até que cheguem reforços de outros setores. De todas as maneiras, adverti-lhe ao coronel Kincade que Bane não está em plena forma. Se a perna lhe falhar enquanto está lutando, arriscam-se a perdê-lo para sempre. —Resultava difícil dar morte definitiva aos

Paladinos, mas podiam obtê-lo se os atacavam em grupo e com tochas e espadas — . De todos os modos, não foi o coronel Kincade quem me pediu que o deixasse ir, a não ser ele mesmo. Se não lhe tivesse assinado a alta, teria ido clandestinamente de todos os modos. Eu só tenho feito que o inevitável resulte mais fácil para todos até que os reforços cheguem dentro de um momento.

As portas voltaram a abrir-se devido a um grupo de guardas que passava pelo corredor transportando um par de pesadas macas. As cintas e as cadeias tilintavam a cada passo que davam. Quão pacientes ocupariam essas macas não demorariam em chegar e Laurel se preparou para a maratona.

Quanto ao Devlin Bane, quão único podia fazer era rezar por ele.

CAPÍTULO 4

O estridente timbre do telefone despertou de seu profundo sonho. Uma voz áspera sussurrou:

— Esta é sua oportunidade. São tantos os Outros que estão cruzando a barreira que lhe servirão de cortina de fumaça.

A comunicação se cortou.

Contemplou o auricular que sustentava na mão enquanto desejava, com toda sua alma, ter deixado que a secretária eletrônica respondesse à chamada. Sua mão trêmula necessitou dois intentos para pendurar o auricular. Já não poderia voltar a dormir, não enquanto tentava pensar em um plano de ação razoável com o estômago encolhido. Segundo todo o informe, as coisas estavam tão mal na barreira que a ninguém resultaria estranho que se apresentasse como voluntário nos metrô arma em mão.

Não seria estranho que os Paladinos

pedissem reforços quando a quantidade dos Outros que cruzava a barreira era excessiva. Ele tinha certa prática com a espada, embora nada comparável à destreza dos Paladinos. Claro que eles dispunham de várias vistas para poder afinar suas habilidades.

Ao menos Trahern e outro par dos Paladinos mais aterradores já estavam fora de jogo. Isto terá que agradecê-lo. Bane também resultava bastante aterrador, embora ainda conservasse algumas emoções humanas. Entretanto, os olhos do Trahern estavam mortos, o qual o fazia mais aterrador.

Suas probabilidades de êxito aumentariam em grande maneira se podia conseguir uma ordem oficial que respaldasse sua baixada aos metrôes.

Dessa forma, ninguém questionaria sua presença ali. De todos os modos, matar ao Bane de uma forma definitiva podia ter dois efeitos distintos: ou os Paladinos caíam em um estado temporal de caos ao perder a seu guia, ou se uniam para dar caça ao assassino

do Bane.

E não se precisava ser um gênio para adivinhar que os Paladinos ideariam uma morte especialmente desagradável para aquele que tivesse traído a um dos seus; sobre tudo se tratava do Bane. Merda, como ia resolver aquela situação? Encontrava-se ao bordo de um pendente escorregadio que conduzia, diretamente, ao inferno ou ao desastre. Se não queria assinar sua própria sentença de morte, tinha que planejar com cuidado cada um de seus passos.

Por que tinham decidido executar ao Bane? De todos os modos, à larga, seu Tutor teria que terminar com sua existência. Claro que isto, agora, não importava. Resultava evidente que o idoso Paladino tinha tropeçado com alguém importante em seu caminho.

Olhasse-o como o olhasse planejar uma execução era uma forma asquerosa de começar o dia.

Devlin estava frente à saída do elevador

porque o levava melhor que alguns de seus companheiros. Lonzo, sobre tudo, precisava apoiar as costas na parede do fundo até que a luta começasse de verdade. Enquanto o elevador baixava a toda velocidade, todos comprovaram automaticamente as armas; asseguraram-se de que as espadas se deslizassem com facilidade fora das vagens e que as adagas estivessem bem encaixadas nas capas. Alguns utilizavam armas mais especializadas. Lonzo, por exemplo, levava uma tocha de dobro fio que gostava especialmente, e do cinturão do DJ. Pendurava um martelo.

— recebeu-se alguma informação concreta sobre a quantidade de atacantes? — perguntou Lonzo do fundo do elevador.

Devlin negou com um movimento de cabeça.

— Não sabemos nada há momento, mas seguro que teremos de sobra.

— Bem, maldita seja!

DJ. Adorava uma boa briga, já fora

virtual ou corpo a corpo.

Devlin não queria ter a nenhum outro grupo de homens no mundo lhe cobrindo as costas. Voltaram-se para ver como dirigiam a tensão seus companheiros. D.J. Retinha uma grande bola de chiclete sob a bochecha enquanto cantarolava um pouco desafinado. Lonzo passava o peso de seu corpo de um pé a outro, pois a adrenalina lhe impedia de estar-se quieto.

Cullen consultava seu ordenador de mão, sem dúvida para averiguar os dados mais recentes sobre o estado da barreira e assim saber a que foram enfrentar se quando chegassem ao final do trajeto.

Sua missão consistia em reforçar a barreira. Devlin e Cullen procurariam os pontos débeis e fariam o possível para fortalecê-los. Conforme o informe recebido, Trahern tinha tentado estabilizá-la, mas tinha cansado sob uma enorme torrente dos Outros.

Por sorte, os reforços tinham chegado a

tempo de rechaçar o ataque e tinham conseguido estabilizar a barreira antes de evacuar a seus companheiros feridos.

As últimas notícias que Devlin tinha recebido de Investigação indicavam que Trahern tinha resultado gravemente ferido, mas que o tinham ingressado a tempo e se economizaria o ter que acontecer ser revivido de novo. Em um par de dias, Laurel e o doutor Neal o deixariam outra vez em plena forma.

Como os Paladinos apenas se desdobravam para atacar, Devlin se alegrou de que as baixas não tivessem sido maiores. A menos que a barreira flutuasse de novo, Devlin e seus companheiros acabariam com os focos de resistência inimizada que ficavam nos metrôs. Os Outros não podiam abandonar a segurança relativa dos túneis até o anoitecer, pois necessitavam bastante tempo para adaptar-se à luz solar; uma debilidade que os Paladinos não compartilhavam com eles.

Devlin sentiu o zumbido da barreira de alta voltagem através do chão do elevador. O zumbido lhe percorreu os nervos lhe produzindo uma sensação doce que tanto ele como o resto dos Paladinos desejavam. Pelas exclamações de inquietação que ouviu suas costas, deduziu que não era o único em experimentar aquele efeito que o incitava a entrar em ação.

—chegou a hora do espetáculo, cavalheiros.
—Devlin agarrou o punho da espada—. Enviemos a esses bodes de volta ao outro lado da barreira ou diretamente ao inferno.

O elevador se deteve com suavidade enquanto produzia um ruído surdo. Quando as comporta se abriram, Devlin saltou ao exterior preparado para defender-se a si mesmo e a seus companheiros, mas o passadiço estava vazio. Os integrantes de sua equipe se desdobraram atrás dele.

Algo não ia bem. Supunha-se que o elevador tinha que estar sempre protegido quando se abria uma brecha na barreira.

Quão último queriam era que os Outros tomassem o controle do principal ponto de acesso à superfície. Devlin levantou a mão para indicar a seus companheiros que ficassem quietos, fechou os olhos e deixou que seus outros sentidos assumissem o mando. A temperatura ambiental parecia correta, entre os 18 e os 28 graus centígrados. Se a barreira tivesse flutuado outra vez ou se apagou, o ambiente seria muito mais caloroso, pois o calor do mundo te limite teria penetrado no metrô. O ar estava viciado e cheirava a rocha úmida, ou seja, nada se preocupem.

Um a um, Devlin identificou os sons que o rodeavam. A maquinaria do elevador, as bombas que faziam que a atmosfera resultasse respirável, o apenas audível roce do ar da respiração de seus amigos, o ruído de pés arrastando-se enquanto seus proprietários mediam o caminho pelo túnel desconhecido...

Definitivamente este último procedia

dos Outros. Devlin sustentou a espada com uma mão e levantou três dedos em direção à esquerda. Lonzo, Cullen e D.J. Afastaram-se naquela direção e ele e outros se foram pela direita.

Sorriu, sujeitou a espada com as duas mãos e tomou a curva do passadiço enquanto mantinha as costas perto da parede. Todos os poucos passos, detinha-se e escutava. Alguns dos sons de passos que tinha ouvido antes se apagaram. Sem dúvida, o inimigo utilizava sua tática favorita, que consistia em dividir-se em grupos cada vez mais reduzidos até ficar sozinhos.

Sempre se tinha perguntado como devia ser seu mundo para que evitassem a companhia de seus semelhantes com tanto afã. Ou possivelmente tinham a teoria de que, se dispersavam, aos Paladinos custaria mais seguir seu rastro.

A verdade era que muito poucos dos Outros tinham vivido o suficiente para encontrar o caminho de entrada ao mundo do Devlin.

Conforme os passadiços se dividiam, o mesmo fazia os Paladinos, até que Devlin ficou sozinho. A lembrança da última vez que seguiu a um grupo dos Outros fez que se voltasse mais cauteloso e que se tomasse seu tempo para escutar. Uns metros mais adiante, o túnel pelo que avançava girava bruscamente à esquerda lhe impedindo de ver quem estivesse por diante dele, assim correu para diante para ganhar terreno a sua presa. Sabia que, justo depois da curva, o túnel se dividia em dois. Um ramal subia para uma rua, na superfície, e o outro retornava serpenteando à barreira.

Deteve-se escutar.

Nada.

Retrocedeu uns passos e esperou em silêncio. Depois de uns segundos, sua paciência se viu recompensada: o sussurro de umas vozes chegou até ele pelo passadiço. Inclinou a cabeça para escutar. À medida que o murmúrio se desvanecia, Devlin avançava preparado para atacar assim que identificasse

ao objetivo.

Ao chegar à bifurcação, teve que tomar uma decisão. Se seus inimigos tinham tomado o caminho da direita, encontrar-se-iam de volta onde tinham começado, mas, se tinham tomado o da esquerda, podiam encontrar o acesso às ruas de Seattle. Um ou dois dos Outros não causariam um efeito muito adverso no meio ambiente, embora, à larga, o dano acumulado podia ser devastador.

Devlin tomou o ramal da esquerda e começou a lenta e larga ascensão. Mais ou menos a metade de caminho, sentiu que o ar que tinha detrás se agitava sinal de que alguém mais avançava pelo túnel. Fora quem fora, não se movia como um dos Paladinos. Devlin não tinha mais opção que continuar avançando enquanto esperava que o misterioso visitante se deixasse ver.

Em lugar de ir mais devagar, Devlin acelerou o passo para ganhar terreno aos Outros que o precediam. Estava a ponto de

tomar outra curva quando o grito de guerra de seus inimigos ressonou no passadiço, cada vez mais estreito. Tinha-os encurralados entre sua própria pessoa e a dolorosa luz do sol do exterior. Apanhados e se desesperados, os Outros se voltaram dispostos a lutar.

Tratava-se de dois machos, ambos armados até as sobrelanceiras. Se tivessem calculado melhor sua escapada, provavelmente se teriam produzido numerosos assassinatos na cidade antes do amanhecer. Os dois lutaram com o desespero de quem não tem nada que perder, tratando de levar-se ao Devlin por diante na viagem definitiva ao mais à frente. Devlin esboçou um sorriso forçado. Tinham a menor idéia de quantos de sua espécie tinham cansado sob sua espada naquelas décadas? Embora conseguissem lhe causar uma ferida mortal, ele retornaria ao cabo de uns dias para seguir lutando contra os de sua índole.

Conforme foram aproximando, fez o

possível por não deixar suas costas ao descoberto em direção ao túnel. Não havia forma de saber se seu desconhecido companheiro era amigo ou inimigo.

—O que faz aqui? —perguntou um deles.

Os Outros que cruzavam a barreira falavam uma versão do inglês, embora seu acento soasse áspero e gutural.

Devlin sorriu de uma forma malévola e falou em um tom cruel.

—vim para lhes enviar de volta a seu mundo ou diretamente ao inferno. Vós escolheis.

E levantou a ponta da espada para enfatizar suas palavras.

—Mas se já pagamos.

Pago? Pago o que?

—Não me pagam para matar aos de sua índole. Faço-o por prazer.

—Sabia que os de sua espécie não eram de confiar! —exclamou um dos Outros, e, continuando, bramou —: Morre humano!

O mais corpulento dos Outros carregou contra Devlin enquanto brandia uma larga espada por cima da cabeça e a baixava formando um ângulo com o que pretendia separar a cabeça do Devlin de seus ombros. Não resultava fácil matar para sempre a um Paladino, mas este golpe, sem dúvida, cumpriria o objetivo. Devlin retrocedeu de um salto e, ato seguido, arremeteu contra seu oponente, mas seu intento de atravessar a aquele bastardo com a espada resultou fracassado.

Depois de uma avalanche de investidas em que ambos lutaram com movimentos frios e calculados, os dois respiraram com pesadez. Devlin se considerou afortunado por não ter que lutar com os dois ao mesmo tempo. A estreiteza do passadiço não permitia liberdade de ação a mais de duas pessoas. Se o companheiro de seu atacante se uniu a este, não teria feito mais que obstaculizar suas próprias possibilidades de êxito.

Embora o ar fosse frio, o suor

escorregava pela cara do Devlin. A perna lhe doía pela tensão do esforço. Seu inimigo em seguida se deu conta de que se movia melhor de um dos lados, por isso atacou de modo que tivesse que apoiar quase todo o peso na perna débil. O aço de sua espada ressonava com os contínuos ataques contra a arma de seu inimigo enquanto tentava manter-se fora de seu alcance.

Ao final, em lugar de permitir que seu oponente levasse a iniciativa da luta mortal, voltou-se de lado e arremeteu contra seu oponente atravessando-o com a espada. O Outro não morreu imediatamente, mas Devlin sabia reconhecer quando um golpe era mortal.

Arrancou a espada do corpo do Outro e centrou sua atenção no segundo atacante. Este era mais jovem e se movia com mais ligeireza; um pequeno engano e Devlin terminariam na mesa de aço inoxidável da doutora Young.

Enquanto giravam em círculo o um

fronte ao outro, Devlin tentou chegar a um acordo. Embora lutasse todas as batalhas com uma determinação feroz para proteger seu mundo, matar não lhe produzia um prazer especial.

—Se te render devolverá a seu mundo quando a barreira volte a flutuar.

Uma avalanche de estocadas e paradas furiosas como resposta lhe obrigou a recorrer à força bruta para superar ao inimigo. O olhar enlouquecido de seus olhos lhe indicou que qualquer outra oferta de rendição seria rechaçada, de modo que fez o único que, chegados a aquele ponto, podia fazer, e lhe ofereceu uma morte rápida e misericordiosa.

Enquanto seus pulmões se esforçavam por recuperar o ritmo da respiração, Devlin se secou o suor da cara e limpou o sangue de sua espada com um lenço. Mais tarde retirariam as armas e os cadáveres do inimigo, mas, de momento, ele tinha um mistério que resolver. Retrocedeu com lentidão pelo passadiço.

Cada poucos passos, detinha-se para escutar a natureza do silêncio. Naqueles momentos, o silêncio que percebia era um silêncio vazio, como se, quem o tivesse estado seguindo, tivesse abandonado a perseguição.

Desde não ser pelo ataque da última vez, teria esquecido aqueles passos pensando que eram produto de sua imaginação, mas seu instinto lhe dizia que alguém o tinha seguido; alguém que esperava que os Outros o tivessem debilitado o suficiente e feito dele uma presa fácil para a emboscada definitiva. Mas como isto não tinha ocorrido, o covarde se escapuliu entre as sombras para esperar a seguinte oportunidade. Devlin acelerou o passo. Já era hora de reunir-se com seus homens.

O ruído de uns passos flutuou lhe sussurre no silêncio ambiental, mas, nesta ocasião, Devlin reconheceu a presença de outro Paladino. Se seu ouvido não lhe enganava, tratava-se do D.J., quem se aproximava. A julgar por seu caminhar lento

e decidido, seu amigo não estava perseguindo a nenhum inimigo perdido. O mais provável era que ele e outros tivessem derrotado os seus oponentes e D.J. Acudisse se por acaso Devlin necessitava ajuda.

Embainhou a espada e se apoiou na parede alegrando-se de poder liberar a perna do peso de seu corpo. Entretanto, justo antes que D.J. Aparecesse, incorporou-se. Ninguém, nem sequer seu amigo, tinha por que saber o que ocorria a sua perna.

— Como você não está morto, suponho que eles sim o estão. — D.J. Olhou além do Devlin, para o passadiço vazio que ficava as suas costas —. Quantos eram?

— Dois. — Devlin sacudiu a cabeça —. Juro-te que cada vez são mais jovens.

D.J. Encolheu-se de ombros.

— Segundo a última recontagem, nós eliminamos a meia dúzia.

Juntos retornaram ao ponto de encontro, perto do elevador. Como era de esperar, não perceberam sinais de que houvesse ninguém

mais pelos passadiços. Entretanto, o instinto do Devlin não lhe permitia esquecer a suspeita que albergava em seu interior, e sentiu que devia avisar a seus companheiros para que fossem mais cuidadosos do habitual.

—D.J., tenho que te perguntar algo a respeito da última vez que morri. Você ou algum dos outros notou algo estranho?

D.J. Deteve-se.

—Refere a algo mais que encontrar sua espada cravada na barreira?

—Sim, alguma outra coisa.

—Ninguém mencionou nada concreto, mas este detalhe nos inquietou o bastante.

—Em que sentido?

—Bom, perguntamo-nos se alguém tentava passar ao outro mundo ou danificar a barreira de forma permanente.

Tinha o olhar sombrio. Nenhum deles queria pensar nos horrores que semelhante desastre podia ocasionar. Os Outros estavam acostumados a cruzar a barreira armados até

as sobrancelhas e com intenções assassinas, e os poucos que conseguiam esquivar aos Paladinos reagiam de distintas formas a seu novo lar. Os piores matavam a tudo o que lhes pusesse diante até que os encurralavam e aniquilavam. O segundo grupo se adaptava à nova forma de vida.

Em seguida perdiam a palidez antinatural e doentia que acompanhava ao feito de viver na escuridão e, com o tempo, os olhos lhes acostumavam à luz do sol, o qual dificultava, em grande medida, que os Paladinos os identificassem.

À medida que se voltavam mais humanos, a energia negativa de seus Orígenes os abandonava e a terra que os circundava a absorvia. Se forem muitos os que chegavam ao mundo exterior em um curto espaço de tempo, o dano causado à ecologia do planeta podia ser irreparável.

Devlin baixou a voz até convertê-la em um sussurro e ajustou o tom para que só pudesse alcançar o agudo ouvido do D.J.

—Alguém me seguiu ao interior do túnel.

D.J. Diminuiu o passo e deslizou a mão até o punho de sua espada.

—Nos escapou algum?

Devlin negou com a cabeça.

—Não me pareceu que fora um dos Outros. O movimento parecia humano, mas eu estava muito ocupado para investigá-lo. Viu a alguém a quem não lhe correspondesse estar no metrô? —Devlin se lembrou dos guardas do elevador que não estavam em seu posto—. E os guardas? Retornaram a seu posto?

—Estão mortos. —O olhar do D.J. Refletiu irritação—. Não eram Paladinos. Resulta evidente que Kincade enviou a alguns guardas como reforço antes que chegássemos.

Não tinham a menor oportunidade frente à meia dúzia dos Outros profusamente armados. Quão único salvou a situação foi que o elevador estivesse acima para que nós o

utilizássemos.

— Encontrei-os a todos?

— Não tivemos tempo de comprová-lo.

Se um dos guardas tinha conseguido escapar à matança, podia estar perdido no labirinto de passadiços metrô. E, se tinha tropeçado com a batalha entre o Devlin e o dois Outros não lhe podia culpar de dá-la volta e sair correndo. Mas esta explicação não parecia muito verossímil. Embora o guarda não quisesse tropeçar-se com um Paladino cujas ânsias de luta estavam em pleno apogeu, isto não explicava que não tivesse ido procurar ajuda.

— nos reunamos com os outros e demos outra batida. Depois podemos chamar o coronel Kincade para que deva recolher a seus defuntos.

Claro que o muito bode não se mancharia as mãos com esse sujo trabalho. Não, enviaria a algum outro desgraçado para que se ocupasse dessa merda. Enquanto não tivesse que enfrentar-se de forma direta às

provas de sua incompetência, Kincade seguiria enviando a seus homens a uma morte segura enquanto ele se cobria de glória.

— Rescinde essa ordem, D.J. Já nos ocuparemos nós dos cadáveres. Ao fim e ao cabo, esses homens morreram realizando nosso trabalho. O menos que podemos fazer é nos ocupar de seus corpos.

A Laurel doía as costas e, se alguém não chegava logo para relevá-la, não respondia de suas ações. Dois de seus pacientes se foram voluntariamente e agora só tinha que ocupar-se de um, mas este era mais do que ela podia suportar.

— Me solte doutora.

Simulou não ouvi-lo, como vinha fazendo-o durante as últimas doze horas, e se concentrou em preencher toda a papelada que tinha deixado de lado os dois dias anteriores enquanto se enfrentava à avalanche dos Paladinos feridos. A maioria só tinha necessitado uns primeiros auxílios

rotineiros.

Por desgraça, que necessitava mais cuidados era Trahern. Não gostava de andar por ali quando se encontrava bem, mas estando ferido e com dor, era um autêntico filho de puta.

— me solte.

A julgar pelo estalo das cadeias, Trahern tentava desfazer-se das ataduras, embora não estava tão em forma para poder liberar-se e, embora o estivesse não era provável que o conseguisse, pois o doutor Neal tinha encarregado umas cadeias de uma liga mais resistente especialmente para os Paladinos mais antigos e violentos. Mesmo assim, Laurel continha o fôlego cada vez que Trahern fazia provisão de todas suas forças e voltava a tentá-lo.

Deixou a um lado a papelada. Já era hora de comprovar de novo as constantes vitais de seu paciente. Trahern odiava que o tocassem ainda mais do que Laurel odiava ter que tocá-lo. Mas ela se comprometeu, como

doutora e também como Tutora, a encarregar-se de que os Paladinos recebessem os melhores cuidados que pudesse lhes outorgar, embora eles não os quisessem.

—Já quase é a hora. —Os olhos da cor do gelo do Trahern lhe lançaram um olhar de fúria impotente —. Deixe ir.

Sem pronunciar palavra alargou o braço para tomar o pulso. Os monitores mostravam um ligeiro aumento da temperatura em relação à leitura de uma hora atrás. Os Paladinos não eram propensos a padecer infecções, mas tampouco era algo insólito. Também podia dever-se à transformação do Trahern em um dos Outros.

O certo era que, tal como estava atuando naquele momento, Laurel não podia lhe aconselhar que realizasse planos a longo prazo.

— me tire às mãos de cima!

—Senhor Trahern, já tivemos esta discussão antes. Sou eu quem toma as decisões relacionadas com seus cuidados, não

você.

Trahern esperou a que ela colocasse o estetoscópio em seu peito e realizou outro intento por liberar-se. Ela deu um salto para trás e quase caiu ao chão. Trahern soltou uma risada malvada e desagradável.

— Já está bem, Trahern!

Laurel não tinha ouvido que a porta se abrisse. Devlin Bane estava no interior do laboratório, junto à porta, e o pobre sargento Purefoy tentava lhe impedir o passo. Sem dúvida, Devlin se tinha equilibrado sobre a porta sem esperar a ser anunciado. Em outras circunstâncias, Laurel teria protestado, mas naquele momento se sentiu aliviada de vê-lo. Devlin tinha a reputação de ser o mais corpulento e maligno de todos os Paladinos. Se alguém podia intimidar ao Trahern e conseguir que se comportasse, esse era Devlin Bane.

Surpreendentemente, o sargento Purefoy manteve sua posição. Tinha guelra, certamente, porque Devlin podia apartá-lo

como se fora um mosquito se quisesse.

— Está bem, sargento, o senhor Bane veio para me ajudar. — Pretendeu lhe fazer acreditar que Devlin estava ali a seu pedido. Deveria lhe haver avisado antes, mas não sabia com exatidão a que hora viria.

Devlin arqueou uma sobrancelha para ouvir sua mentira, mas não disse nada. Os guardas se relaxaram e retrocederam um passo. O sargento Purefoy seguia sem estar satisfeito, mas assinalou a porta com a cabeça indicando aos guardas que se retirassem.

— Se necessitar ajuda com estes dois, me avise.

Caminho da porta, o sargento Purefoy lançou um olhar assassino ao Devlin.

— Vá, doutora, seus cães guardiães estão ensinando os dentes! — exclamou Devlin enquanto se aproximava de Laurel.

— Não é necessário que se desfrute, senhor Bane. Só tentam cumprir com seu trabalho. — Laurel se voltou para seu imprevisível paciente —. Estava-lhe

explicando ao senhor Trahern, aqui presente, que tenho que completar o exame. Quanto antes o termine, poderá sair daqui.

— me solte e a deixarei me tocar tanto como queira.

Trahern lançou sonoros beijos em direção a Laurel com uma expressão lasciva no rosto.

— Maldita seja, Blake, para já!

Devlin lhe aproximou refletindo na postura e os punhos apertados a fúria que sentia.

— Que lhe ferrem, Bane!

Trahern girou a cabeça e, em uma quebra de onda de raiva, começou a lutar com as cadeias até que as bonecas lhe sangraram.

Tinha chegado a hora de tomar medidas drásticas. Laurel se dirigiu ao armário dos medicamentos. Sempre tinha um sedativo preparado quando Trahern estava no edifício.

Quando se voltou, Devlin tinha tomado

o assunto literalmente em suas mãos, pois tinha pegado ao Trahern pelo pescoço forçando-o a olhá-lo à cara.

—Maldita seja, Trahern! Quer que lhe eliminem? Porque se for isto o que buscas, basta que o diga e eu mesmo me encarregarei de fazê-lo.

Suas palavras resultaram ainda mais ameaçadoras devido ao tom acalmado com que as pronunciou, como se não lhe importasse muito qual fora a resposta do Trahern.

—Estou esperando, Blake. O que é o que quer? Se te resultar muito doloroso viver, acabemos com seu sofrimento de uma vez por todas. Mas te direi que, agora mesmo, não é isso o que eu necessito. Necessito que esteja de meu lado.

Os três permaneceram à espera: Devlin com aquela calma quase antinatural, Laurel com o coração que lhe saía pela boca e Trahern com um olhar selvagem e os olhos exagerados.

Laurel não sabia se poderia suportar ver como Devlin terminava, para sempre, com a dor evidente que seu amigo experimentava, embora, com certo sentimento de culpa, sabia que se sentiria aliviada de não ter que tomar ela a decisão.

—Ódio todo isto.

As palavras do Trahern já não estavam carregadas de raiva, mas a dor que refletiam era quase mais difícil de suportar.

—Todos o odiamos, Blake, mas é assim como funciona para nós. Deixa que a doutora te ajude a dormir um pouco mais.

Devlin soltou ao Trahern e retrocedeu uns passos. De momento, a crise tinha passado.

Laurel limpou a toda velocidade o braço do Trahern com álcool e lhe injetou um potente sedativo. Os olhos receosos do Trahern se cravaram nos de Laurel durante uns segundos enquanto ambos esperavam que caísse em um profundo sonho.

—Sinto-o - murmurou Trahern.

Ela esboçou um tremente sorriso.

— Eu também, Blake, eu também.

Trahern pôs os olhos em branco e o rosto lhe relaxou. Sabendo de que não deveria, Laurel lhe apartou o cabelo da cara e lhe tampou com a manta até o pescoço.

Quando se separou do paciente dormido viu que Devlin contemplava a seu amigo com uma amarga tristeza refletida em suas angulosas facções. Parecia que fora a romper-se em mil pedaços.

— Está chegando ao limite.

Não se tratava de uma pergunta, mas Laurel lhe respondeu de todas as formas.

— Os resultados são piores que a última vez, mas ainda não chegou ao final. O fato de que você estivesse aqui lhe ajudou a voltar. Não reage bem a minha influência nem a do doutor Neal, mas a ti parece disposto a te escutar. A próxima vez que o tragam, seria bom que estivesse por aqui. Só no caso, declarou Laurel desejando que nenhum dos dois soubesse que essa próxima vez bem

poderia ser a última para o Trahern.

Devlin assentiu com a cabeça, mas não se moveu. Laurel sentiu que tinha que afastar o do Trahern.

—Iria bem um café. Agora que se dormiu, pedirei a alguém que me releve. O sedativo que lhe injetei o fará dormir até manhã.

Laurel desprendeu o telefone e realizou uma chamada rápida. Uns minutos mais tarde, seu técnico sanitário favorito entrava pela porta. Kenny parecia um boxeador profissional que tivesse perdido mais assaltos dos que deveria ter agüentado, mas, em que pese a seu aspecto rude, realizava seu trabalho com muita delicadeza. Laurel lhe encarregou vigiar que Trahern dormisse sem ser incomodado.

—Se surgir algum problema ou se acordada, me chame.

Normalmente, Laurel teria acrescentado uma explicação a respeito de onde podia encontrá-la, mas não estava preparada para

compartilhar com ninguém que ia tomar se um café com um Paladino, e menos que esse Paladino era Devlin Bane. Já era bastante mau que os guardas os vissem sair juntos. Por outro lado, não estava segura de até que ponto informavam dessas questões ao coronel Kincade ou ao doutor Neal.

Kenny se limitou a assentir com a cabeça e agarrar a tabuleta. .Se lhe resultava estranho que se fora com o Devlin Bane, não o demonstrou.

Enquanto Laurel recolhia a jaqueta e a bolsa, Devlin a agarrou pelo braço.

—Será melhor que nos encontremos em algum lugar.

Era uma boa idéia, mas por que arriscar-se a que os vissem em uma cafeteria da zona? Laurel o surpreendeu tanto a ele como a si mesmo dizendo:

—Que tal em minha casa dentro de meia hora?

—Não é uma proposta muito inteligente-declarou Devlin enquanto

assinalava com a cabeça a sala onde se realizavam os exploratórios.

A lembrança do perto que tinham estado do desastre fez que se ruborizasse.

— De acordo. Eu tenho fome, que tal o restaurante italiano do Pioneer Square?

— Ali estarei. Agora chama a seus cães guardiães para que possa sair daqui.

Laurel não pôde evitar que um sorriso aparecesse em seus lábios enquanto tentava mostrar reprovação.

— Sargento Purefoy, o senhor Bane já se vai. Prometeu-me que se comportará. Se lhe ocasionar algum problema, faça-me saber e me assegurarei de que a próxima agulha que utilize com ele esteja velha e oxidada.

Os guardas entraram e saíram em fila enquanto Devlin se colocava, mansamente, entre eles.

Laurel ordenou um pouco o laboratório para dar tempo ao Devlin a sair do edifício. Quando já se ia, entrou no lavabo para escovar o cabelo e retocar o carmim dos

lábios. Com o dia que levava, necessitava toda a ajuda possível. Se mais tarde conseguia recuperar o sonho perdido, pela manhã estaria mais preparada para enfrentar-se ao Trahern, mas, de momento, ia comer com um homem atrativo e fascinante. Se o doutor Neal se inteirava, simplesmente lhe diria que Devlin e ela tinham que falar sobre o estado do Trahern, o qual, de todos os modos, era certo. Se ao Trahern resultava mais fácil manter o controle quando Devlin estava presente, possivelmente lhes ocorreria o mesmo a outros Paladinos. E, sem dúvida, merecia a pena falar sobre algo que pudesse ajudar a um Paladino a realizar a transição.

Possivelmente não fazia mais que enganar-se a si mesmo a respeito da causa de estar tão nervosa por uma simples comida, mas, com sorte, seus argumentos também enganariam a outros, incluído Devlin Bane.

CAPÍTULO 5

Devlin encontrou uma mesa livre em um rincão e vigiou a porta de entrada desde detrás da questionável coberta que lhe ofereciam uns vasos com novelo. Não tinha nenhuma razão para encontrar-se com Laurel fora do laboratório, mas a necessidade de estar com ela longe da indiscreta vigilância das câmaras e os microfones era superior a ele.

A lembrança da delicadeza com a que ela tinha tratado ao Trahern o incomodava mais do que queria admitir. Devlin duvidava que seu amigo apreciasse o fato de que a boa doutora o tivesse agasalhado como a um menino pequeno que se derrubou detrás sofrer um manha de criança.

Não tinha havido nenhuma conotação sexual na forma em que ela o tampou com a manta ou em como apartou o cabelo de seu rosto, mas aquele episódio tinha feito que

Devlin se sentisse tenso vulnerável e tão ciumento que lhe produzia dor. Que tipo de indivíduo invejava a seu amigo ferido por receber uma simples amostra de atenção? Além disso, Trahern estava muito perto de experimentar o horror de converter-se em um dos Outros. Devlin sabia que tinha impressionado a Laurel quando ofereceu ao Blake acabar com seu sofrimento, mas o havia dito de verdade. Ninguém merecia ver como os últimos espionam de sua alma escapava de seu corpo. Devlin esperava que D.J. Ou Cullen mostrassem a mesma compaixão para ele quando chegasse sua hora. Devlin odiaria saber que Laurel, com sua delicadeza e seus pôsteres de gatinhos, visse-se obrigada a acabar com sua vida.

A companhia que havia na parte superior da porta de entrada o tirou da espiral descendente de seus pensamentos. Incorporou-se levemente, o justo para que Laurel o localizasse. Ela esboçou um sorriso trememente e se dirigiu para ele. Seu aspecto era

diferente e, antes que chegasse à mesa, Devlin se deu conta de que, o dia do exploratório à parte, aquela era a primeira vez que a via sem o amparo da bata branca.

A lembrança que Devlin tinha de seu aspecto com a blusa aberta era vago, porque a luz da habitação era muito tênue, mas recordava com clareza a suavidade de seda de sua pele, o sabor de sua boca e o que tinha experimentado durante os poucos, mas ardentes segundos que esteve em cima dela.

Laurel avançou com passo hesitante e Devlin recordou que ela lia seus pensamentos e estados de ânimo com mais clareza que a maioria das pessoas. Acalmou seu crescente desejo e se acomodou no assento tentando parecer depravado e inofensivo.

— Bastante bem, Devlin. — Olhou-o com insolência enquanto deixava a jaqueta e a bolsa em uma cadeira e se sentava frente a ele—. Mas te conheço muito bem para me trazer essa cara de inocente.

— Ao menos o tentei.

Devlin agarrou a carta e simulou interessar-se pelos distintos tipos de molho e massa que ofereciam. Um intenso aroma a orégano e manjerição alagava o ar e lhe recordou que levava muitíssimo tempo sem comer nada. Possivelmente, depois de tudo, a idéia de ficar no restaurante não tinha sido tão má.

Viu que Laurel fechava a carta e a deixava a um lado.

— Já escolheste?

— Sempre como o mesmo: pizza com corações de alcachofra e cogumelos.

— E nada de carne?

Deveria havê-lo suposto.

— Nada. Eu gosto das pizzas vegetarianas.

Devlin voltou a dirigir a vista à carta, mas antes anotou em sua memória aquela informação a respeito de Laurel. Era isto o que sentia um adolescente apaixonado? Não sabia, pois logo que recordava ter sido tão jovem alguma vez.

A garçonete se aproximou da mesa e Devlin lhe tendeu as cartas.

— Eu comerei espaguete com almôndegas e a senhora a pizza de alcachofra.

— E para beber?

Deduziu que Laurel queria vinho branco, mas ela voltou a surpreendê-lo.

— Eu quero uma cerveja negra.

— Que sejam dois.

— Em seguida lhes trago uma salada e uns varetas de pão.

O silêncio se acomodou entre eles. Devlin não tinha nem idéia de como cercar uma conversação informal, de modo que foi diretamente ao grão.

— Obrigado de novo por ser tão paciente com o Trahern. Resulta-lhe mais difícil que à maioria de nós.

Ela manteve as mãos ocupadas rompendo um guardanapo de papel em pequenas tiras.

— Já sei, e cada vez é pior. Oxalá

soubesse por que!

—Para nós é assim como funciona. Acreditei que sabia tão bem como nós.

Laurel cravou os olhos nos dele.

—Pois claro que sei, mas não tenho por que aceitar que não se possa trocar. Sou médica e científica e meu trabalho consiste em averiguar por que são como são.

Devlin manteve um tom de voz baixo, embora não tentou ocultar seu mau gênio.

—Eu não quero ser um espécime interessante de seu laboratório. Se for isto o que pretende de mim, vou.

Laurel se se pôs a rir e olhou para o teto.

—Devlin, se estivesse interessada nos ratos de laboratório, estaria estudando roedores no departamento de biologia da universidade. Escolhi trabalhar com seres humanos por vontade própria. —Seu sorriso se desvaneceu—. E em nenhum momento esqueci que isso é o que você é. Às vezes acredito que sou eu mais consciente de sua

humanidade que você e alguns de seus amigos. —inclinou-se para diante—. E esta é exatamente a questão que me interessa. Por que trocam? E por que o fazem a ritmos diferentes? Por exemplo, você é várias décadas maiores que Trahern, mas se seguir como até agora, seus resultados logo superarão os teus. —Laurel se reclinou no assento—. Esquece o que hei dito. Não posso acreditar que esteja falando de outro paciente contigo, mas a verdade é que, apesar de sua pouco agradável personalidade, preocupo-me com o Trahern e sinto que me está acabando o tempo para salvá-lo.

Como se pudesse! Trahern seria o primeiro em reconhecer que não tinha salvação. Ele nunca tinha sido especialmente amigável, nem sequer com os outros Paladinos. Durante o último ano se foi encerrando muito em si mesmo e agora logo que falava com ninguém. Inclusive quando a barreira estava em calma e os Paladinos podiam relaxar-se, ele quase nunca se unia a

outros para ir tomar uma taça.

Assim eram os de sua espécie. Conforme sua conexão com sua própria humanidade diminuía, sua tolerância para a companhia de outros também diminuía, e o único que ficava era o sentimento do dever e o desejo de matar. Enquanto este desejo se nos enfocasse Outros, a vida de um Paladino tinha sentido. Ao final, entretanto, voltavam-se raivosos e matavam de uma forma indiscriminada. Os Tutores tinham a obrigação de eliminar aos Paladinos hostis antes que acabassem matando a aqueles aos que tinham que proteger.

Estes pensamentos lhe conduziram de volta a Laurel Young e seu ardente desejo de fazer a vida mais fácil aos Paladinos que tinha a seu cargo. A simples idéia do que pretendia resultava irrisória. Gerações dos Paladinos tinham vivido sabendo que quando lhes chegasse o final, este se produziria em meio de um ataque de loucura. Não pediam clemência nem a

mereciam. E sua Tutora, com seus olhos doces e suas mãos suaves não tinha nada que fazer a respeito.

— Devlin, encontra-te bem?

E, precisamente essas mãos tocaram as seus ao outro extremo da mesa e o devolveram à realidade. Devlin estudou o contraste entre os magros dedos de Laurel e suas mãos calosas. O brando contra o duro. Umas mãos feitas para curar tocando a outras feitas para matar. Por que Laurel não sentia repulsão para ele? Podia imaginar quantos tinham morrido por uma estocada de sua espada?

Tinha a sensação de que, embora soubesse nada trocaria.

Tendo em conta os muitos Paladinos aos que tinha curado e revivido, ela conhecia melhor que ninguém o custo daquela batalha progressiva que eles lutavam para proteger seu mundo. Como parecia estar esperando uma resposta concreta, mentiu:

— Estou bem.

Antes que ela pudesse insistir, Devlin viu que a garçonete se dirigia a sua mesa.

— Já chega à comida.

Laurel acessou à distração, mas pela forma em que o olhou soube que não tinha renunciado a falar daquele tema. Ceder à tentação de passar o tempo com ela tinha sido um grande equívoco. Ali, entre as samambaias e o intenso aroma das especiarias italianas, quase podia fingir que sua relação era normal. O tipo de relação em que dois amigos compartilhavam uma simples comida. Ou, melhor ainda, uma relação em que dois futuros amantes saboreavam os últimos momentos antes de cruzar a linha e intercambiavam olhadas apaixonadas e promessas sobre o que viria depois.

Ele a queria com a mesma intensidade com que experimentava a necessidade de proteger a barreira, como se esse sentimento brotasse do mais profundo de sua essência do Paladino. E não sabia o que fazer com ele. Os

Paladinos nunca se casavam e tinham poucas relações que durassem mais de umas quantas semanas. Para começar, as mulheres percebiam, de uma forma assombrosa, quando merecia a pena arriscar-se por um homem. Os que tinham os instintos primitivos dos antigos guerreiros podiam resultar interessantes na cama, mas o mais provável é que não agüentassem uma relação duradoura.

Se ele acreditasse que passar umas quantas noites loucas com Laurel resolveria seu problema, não duvidaria em fazê-lo. Devlin se agitou com desconforto no assento, pois seus pensamentos tinham provocado um efeito previsível em sua anatomia.

— Para já, Devlin.

— Que pare o que?

Deixou o garfo na mesa intrigado por saber a que se referia.

— Deixa de me olhar como se fosse um felino a ponto de equilibrar-se sobre um camundongo.

Não pôde evitar sorrir abertamente, algo que não estava acostumado a fazer.

—O que posso fazer eu se for um bocado tão saboroso?

Laurel se ruborizou, mas o olhou aos olhos com a cabeça em alto.

—Devlin, sou sua Tutora. Não deveríamos... Não podemos

—Tênia razão, mas a razão não parecia ter muita importância naqueles momentos.

Deixou o guardanapo na mesa, e o dobro do que devia custar a comida, pelo menos.

—Saíamos e demos um passeio.

Ela assentiu com os olhos muito abertos.

—De acordo.

Durante o curto espaço de tempo que tinham permanecido no restaurante, o céu se nublou. Ao Devlin esta mudança já ia bem. A penumbra encaixava com seu estado de ânimo. Sem pronunciar uma palavra, caminharam para o norte e depois giraram para o oeste, afastando-se do Pioneer Square

em direção à zona dos moles.

O silêncio era só um pouco menos incômodo que a perigosa conversação que tinham mantido no restaurante. Devlin sentia a presença de Laurel com intensidade.

A brisa jogava com seu cabelo e seus cachos curtos e escuros pediam ser acariciados. Suas largas pernas avançavam ao mesmo ritmo que as do Devlin.

Se só se tratasse de um intenso desejo físico, ele poderia passá-lo por alto, mas também gostava da forma em que Laurel lhe plantava cara e a paixão com a que cuidava de seus pacientes. Estava seguro de que atuaria com a mesma paixão na cama e queria experimentá-lo pessoalmente. Transmitia-lhe calor a umas zonas que levavam friterem muito tempo.

— Acompanharei a casa.

— Ainda não. Não pude terminar a pizza, de modo que me deve um sorvete.

Laurel lhe estava oferecendo uns quantos minutos mais em sua companhia.

Pois bem, podiam acusar o de não ter força de vontade, mas, que demônios! Possivelmente pudessem ser só amigos o que durasse um cartucho de sorvete. Depois a acompanharia a sua casa e ele se iria à sua antes que a um ou a ambos faltassem as forças para separar-se.

— De acordo. De uma ou duas bolas?

— O dia se merece um de duas bolas. E quero que seja dos bons, do tipo que te entope as artérias, mas que sabe tão bem que não te importa.

Ela o surpreendeu enlaçando seu braço com o dele enquanto procuravam um posto de gelados na zona dos moles.

A Laurel adorava sua casa com vistas à Baía Elliott e a cidade de Seattle, mas, naquele momento, teria desejado viver a vários quilômetros da cidade, em algum lugar ao que tivessem demorado mais tempo em chegar. Mas ali estava sua casa, ao final da rua. Ela teclaria o código de segurança, a porta se abriria e cruzaria sozinha a soleira, e

Devlin se iria a sua casa, os dois sós e deprimidos.

Mas não permitiria que isto danificasse os últimos minutos daquela fuga da vida cotidiana. Quando terminaram de comer os sorvetes, passearam pelas lojas dos moles e contemplaram todos os artigos que se exibiam, das peças de arte mais cara até os souvenir mais grosseiros. Ela já o tinha visto antes, mas nesta ocasião todo lhe pareceu mais bonito e esplendoroso, porque o compartilhava com o Devlin.

— Já chegamos.

— Qual é sua casa?

Assinalou o edifício de tijolo da esquina.

— Aquela a da direita.

— Deveria havê-lo adivinhado. Pelas flores.

Devlin se deteve e olhou a seu redor.

— O que ocorre? — perguntou Laurel.

— Seu portal está muito exposto.

Devlin a agarrou da mão e atirou dela para um beco próximo situado entre dois

edifícios velhos.

— Muito exposto para que?

De repente, Devlin se deteve e a empurrou com suavidade contra uma parede de tijolo, ao outro lado de um montão de caixas, de modo que ficaram fora da vista daqueles que passavam pela rua.

— Muito exposto para isto.

A boca do Devlin se uniu a de Laurel. Devlin tinha sabor de hortelã e a chocolate quente. Isto era o que ambos tinham desejado desde que saíram do laboratório. Laurel ficou esmagada entre a aspereza dos tijolos e o corpulento corpo masculino, mas se sentia incrivelmente bem.

Com ousadia, Laurel rodeou as pernas do Devlin com a sua e se apoiou nele para não cair. Ele a surpreendeu lhe agarrando a outra perna e colocando-lhe ao redor de seus quadris enquanto apoiava o símbolo de sua necessidade no berço do calor dela.

Laurel gemeu enquanto Devlin colocava e tirava a língua de sua boca ao

mesmo ritmo com que esfregava seu corpo entre as pernas de Laurel lhe indicando, sem palavras, o que em realidade queria estar fazendo naqueles momentos. Quando ele deslizou uma mão entre seus corpos para apertar os peitos de Laurel, ela perdeu o controle e alcançou o clímax de uma forma súbita.

Notou que Devlin sorria junto a sua boca.

—Sabia que te excitaria assim entre meus braços!

A onda de paixão que tinha experiente a deixou lhe fraqueje e tremente. Devlin não mostrou nenhum indício de querer soltá-la e manteve a cara afundada em seu cabelo enquanto a acariciava com as mãos.

—Tenho-te feito mal? —murmurou-lhe perto da orelha.

—Nestes momentos, sinto-me de maravilha.

—Será melhor que acompanhe a sua casa. Tenho que estar no Centro amanhã

cedo. —Devlin a deixou com suavidade no chão sem parar de abraçá-la se por acaso ela não se sentia ainda com forças para sustentar-se só — . Acompanharei-te até a porta.

Devlin retrocedeu um passo, como se aquela distância fora suficiente para aplacar a paixão que ainda ardia entre eles.

Sabia que ele se iria a sua casa, e era o que tinha que fazer, mas lhe parecia injusto e ficou de mau humor.

—Já sou maior, Devlin. Posso ir eu sozinha até ali. Além disso, como há dito antes, é muito exposto.

—De acordo.

Sua rápida aceitação aumentou o mau humor de Laurel, quem girou sobre seus talões com a intenção de lhe demonstrar que ela também sabia jogar duro. Entretanto, antes que pudesse dar um passo, Devlin a agarrou pelo ombro e a fez girar para ele. Laurel se encontrou justo onde queria estar, nos braços do Devlin e beijando-o com ardor. Também nele percebeu um pouco de mau

gênio.

De uma forma gradual, o tato do Devlin se suavizou, seu beijo se voltou persuasivo em lugar de exigente e, depois, separaram-se com suavidade. Laurel fez o possível por não sentir a dor que lhe produzia separar-se dele e juntos caminharam em silêncio até sua casa. Nenhum dos dois parecia saber o que fazer a seguir.

—Será melhor que vá.

Laurel se permitiu o pequeno privilégio de lhe arrumar o pescoço da camisa. Devlin se estremeceu, mas se manteve firme.

—Quer que esteja no laboratório quando Trahern desperte?

—Posso dirigir ao Trahern eu sozinha.

Podia fazê-lo inclusive embora ele fizesse o possível por assustá-la.

As comissuras dos lábios do Devlin se suavizaram até quase esboçar um sorriso.

—Sei que pode fazê-lo, fera. À maioria de nos causas autêntico pavor, mas se quiser que esteja ali, só tem que me dizer isso

Esteve tentada de pedir-lhe, mas decidiu não fazê-lo.

— Agradeço-te a oferta, mas não quero que pense que volto a necessitar reforços ou que estamos confabulados contra ele.

— boa noite, Laurel.

— Obrigado por esta estupenda velada, Devlin.

Ele assentiu com a cabeça e suas facções voltaram a adquirir sua dureza habitual.

E, sem mais, partiu, desaparecendo naquele mundo de sombras que parecia constituir uma parte tão essencial de sua pessoa. Laurel sabia, sem ter que perguntar-lhe que não voltaria a vê-lo até que voltassem a levá-lo a laboratório, ferido e sangrando. Uma lágrima lhe escorregou, ardente, pela bochecha, mas não fez nenhum esforço por detê-la, nem a esta nem a nenhuma das outras que a seguiram.

Havia algumas costure na vida pelas que merecia a pena chorar, e seu coração lhe dizia que Devlin Bane era uma delas.

Devlin dormiu de forma intermitente e com sobressaltos. O sonho tranqüilo e profundo parecia estar sempre fora de seu alcance. Durante toda a noite, esteve sonhando com Laurel: no que poderia ter ocorrido se ela o tivesse convidado a entrar em sua casa, em sua cama, nela. E não lhe ajudava absolutamente ter saboreado seus doces beijos e haver sentido o suave tato de sua pele. A lembrança daquelas deliciosas e largas pernas rodeando-o e mantendo-o pego ao úmido calor de seu corpo o acompanharia o resto desta vida. E da seguinte.

Devlin tinha renunciado a dormir muito antes que os primeiros raios de sol despontassem pelo topo das montanhas do este. O conteúdo de uma cafeteira e uma pizza de dois dias de antigüidade não contribuíram a melhorar seu estado de ânimo. E tampouco o necessitar até a última gota de água quente do depósito para apagar qualquer possível resto do aroma de Laurel em sua pele. Oxalá resultasse igual de fácil

apagar as lembranças! Com um pouco de sorte, quando fosse a trabalhar há uma hora cedo teria se produzido alguma crise que necessitasse de toda sua atenção.

Tinha entradas em Centro que ficavam mais perto que a do Pioneer Square, mas precisava caminhar um pouco para dissipar o mau humor, embora a verdade fosse que ninguém esperava que os Paladinos resultassem alegres e divertidos. Todos eles eram uns solitários empedernidos, embora alguns dos mais jovens ainda conservavam amigos, tão fora como dentro do corpo dos Paladinos.

Mas Devlin não sentia falta de ter amizades. Requeria muito esforço ter que estar pendente de todas as palavras que pronunciava para manter as mentiras a respeito de como ganhava a vida ou por que desaparecia durante compridos períodos de tempo. Depois de umas quantas mortes, já não pôde suportar as grandes multidões durante muito tempo sem arriscar-se a perder

o controle de seu precário temperamento.

Resultava-lhe curioso não ter experiente seu habitual mau humor quando esteve com Laurel, apesar de que ela o arrastou a todas aquelas lojas abarrotadas de gente. Durante umas quantas horas, esqueceu-se de quem e o que era. Suspeitava que seguisse pagando caro aquele deslize durante as escuras horas noturnas, quando estivesse a sós com suas lembranças. Embora, tendo-o tudo em conta, não se arrependia de um segundo solo dos que tinha passado junto a Laurel.

Uma das vantagens secundárias de ser um Paladino era que eram poucas as ocasiões nas que se tinham remorsos de consciência. Este pensamento o animou grandemente. Bem a tempo, porque Penn o esperava de pé junto à entrada do Centro.

— Estavam a ponto de enviar partidas de resgate em sua busca.

Os dentes brancos do Penn cintilaram na sujeira de seu rosto.

— Por quê?

Não podia tratar-se da barreira, porque o teria percebido.

—Não sei, mas Cullen e D.J. Hão-me dito que, se te via, dissesse-te que movesse a bunda para ali a toda velocidade. —Penn voltou a sentar-se em seu lugar habitual e se jogou uma manta puída sobre os ombros —. E antes que me pergunte isso, pareciam mais alterados que preocupados.

—Obrigado pela mensagem.

Nada mais entrar no edifício, Devlin foi a busca de seus amigos. Cullen estava em seu escritório, lendo um livro. Apaixonavam-lhe as novelas fantásticas de ambiente tenebroso, mas ao Devlin não atraíam; pareciam-se muito a sua vida real e ele lia para escapar da realidade.

—Hão-me dito que me estava procurando.

Cullen introduziu um sobre velho no livro para assinalar a página que estava lendo e o deixou a um lado.

—Em realidade, é D.J. Quem quer te

ensinar algo. Provavelmente, está no ordenador, pirateando outro domínio confidencial.

Devlin sacudiu a cabeça. D.J. Era um gênio da eletrônica e se divertia jogando gato e ao camundongo com a ciberpolicia. De momento, foram quinhentos mil a zero. Os outros Paladinos realizavam apostas a respeito de quando daria uma derrapagem e o agarrariam. Claro que nunca o colocariam entre grades por suas travessuras quase inofensivas. Os Regentes, quem controlava e dirigiam o Centro e, portanto, aos Paladinos, tinham muito peso para isto, e protegiam aos seus inclusive deles mesmos.

D.J. Estava sentado em uma cadeira, com as pernas cruzadas e o teclado do ordenador sobre o regaço. O contorno de seus dedos era apenas perceptível dada à velocidade com que os deslocava pelas teclas enquanto ele ria e se mofava da tela.

—Muito tarde, bodes negligentes! A próxima vez lhes assegurarão de fechar todas

as portas traseiras de seu sistema. — Quando a unidade central processou sua última ordem, D.J. Pressionou a tecla de eliminar e se voltou para o Devlin e Cullen com um amplo sorriso no rosto —. Muito divertido.

— Não queremos saber nada a respeito.

— Não lhes pensava contar isso Será suficiente lhes dizendo que os militares melhorarão seu sistema de segurança dentro de pouco.

D.J. Conseguiu que soasse como se, ao passear-se por seus arquivos secretos, acabasse de lhes fazer um favor. Quem sabe, possivelmente sim que lhes tinha feito um favor!

Cullen se apoiou na parede e cruzou as pernas à altura dos tornozelos.

— Seguro que lhes assinalaste a presença de um engano em seu sistema justo antes que nosso novo software saia ao mercado.

D.J., claramente ofendido pela sugestão, lançou a seu amigo um olhar irado.

— Tenho-o feito por patriotismo, não

porque seja um mercenário.

Nem Cullen nem Devlin o tragaram. D.J. Competia com outros inadaptados de cérebro privilegiado porque lhe divertia aquela competição cibernética, uma competição que, por outro lado, D.J. Sempre ganhava.

—Penn me há dito que queria falar comigo.

—Deixei-te algo sobre a mesa.

—Não me obrigue jogar às adivinhações. Não estou de humor.

D.J. Levantou-se e se desprezo.

—trata-se de uns bonitos quebra-cabeças.

Devlin encabeçou a comitiva para seu escritório. Em cima de seu escritório havia um montão de trapos enrugados.

—Que demônios são isto?

Devlin agarrou um. Tratava-se de uma bolsa de tecido das que se fecham com um cordão, que tinha sido rachada pelo fundo. A malha era grossa e suave, mas, além disso, não havia nada destacável nele.

— De onde saíram?

Devlin acreditava conhecer já a resposta. Se não estivessem relacionadas com os Outros, D.J. Não se teria incomodado em acostumar-lhe

— Encontramo-las debaixo de um dos guardas assassinados. — Cullen estendeu as mãos para que Devlin lhe acontecesse uma —. Já realizamos análise preliminar em um par delas.

-E?

Sabia que a resposta não lhe ia gostar. Estava seguro.

— Procedem do outro lado da barreira.

Devlin deixou cair à bolsa que sustentava nas mãos como se lhe queimasse. Então se sentiu ridículo e pinçou no montão de bolsas para demonstrar que, em realidade, não lhe assustava poluir-se. Depois de tudo, quando recolhiam os cadáveres dos Outros, entravam em contato com sua roupa e não sofriam danos. Possivelmente. Ninguém sabia com exatidão que fatores provocavam

que, com o tempo, os Paladinos se voltassem mais violentos. Podia dever-se ao contato freqüente com os Outros e seus artefatos.

—Alguma outra coisa digna de destacar?

—Todas foram rasgadas com a mesma adaga, que usam os guardas habitualmente, por certo. Também encontramos a adaga, mas não tinha nenhum rastro nem nenhuma marca identificativa.

Devlin desatou o nó que mantinha firmemente fechada uma das bolsas. Teve que realizar um pequeno esforço, mas o conseguiu. O fato de que as tivessem rasgado significava que quem o tinha feito tinha muita pressa.

—Há algum resíduo no interior?

D.J. Assentiu com a cabeça.

—Um par delas continha restos de um pó cristalino. Não o reconhecemos, mas não é de sentir saudades. Os de Investigação estão repetindo as provas. Prometeram nos enviar os resultados amanhã.

Ninguém tinha tinham sido tão valente ou tão estúpido para cruzar a barreira com o fim de estudar o mundo que havia ao outro lado. Tendo em conta quanto arriscavam os Outros para escapar dali, aquele mundo tinha que ser feito da matéria dos pesadelos.

Ao Devlin, algo naquela bolsa despertava uma lembrança, mas não conseguia identificá-lo.

—Têm alguma idéia do que podem significar estas bolsas?

Cullen contou suas deduções com os dedos da mão.

—Primeira: não são daqui, de modo que os Outros devem as haver gasto de seu mundo. Segundo: deviam conter um pouco de valor, porque, em geral, os Outros só trazem armas e a roupa que leva posta. E terceira: alguém mais deve ter considerado que o que continham as bolsas era valioso, se não, não teriam matado aos guardas para consegui-lo.

A quarta e tácita dedução era que não

tenham sido os Outros quem tinha matado aos guardas. Esta idéia resultava muito inquietante, mas encaixava com o ataque mortal que Devlin tinha sofrido. Algum ser humano se converteu em um criminoso. Se Cullen não pensava comentar essa possibilidade, - teria que fazê-lo ele.

Voltou-se para seus amigos.

— Devem saber algo sobre minha última morte. Estávamos realizando uma inspeção rotineira da barreira quando parte desta se desvaneceu sem prévio aviso. Por sorte, só perto de uma dúzia dos Outros conseguiu atravessá-la antes que a reparássemos. Enquanto Trahern e um par de seus homens ficavam para assegurar-se de que não voltava a ocorrer, os restos de nós saíram depois dos intrusos. Eu segui a dois deles, quem se dirigia à superfície.

Devlin fechou os olhos tentando recuperar até o menor dos detalhes, mas a maior parte do ocorrido estava nublada pela lembrança da dor. Cullen o apressou.

—O que ocorreu aos Outros?

—Lutamos. Lembrança que matei a um deles na metade do túnel do norte, mas, enquanto lutávamos o segundo desapareceu. Estava buscando-o quando surgiu de um nada e se lançou sobre mim brandindo uma tocha. Não sei de onde demônios a tirou, mas não a tinha quando cruzou a barreira. —De uma forma inconsciente, Devlin se esfregou a ferida da perna—. Consegui contê-lo durante uns segundos, mas então alguém mais surgiu da escuridão. Foi ele quem me abriu as vísceras.

—Conseguiu vê-lo?

—A cara não, mas lembrança suas mãos. —Devlin sustentou uma das suas frente a sua vista—. Tinha a pele desta cor, não cinza pálida. Quem me matou era um humano, não um dos Outros.

—Que demônios diz! Mataremos a esse filho de puta e, uma vez morto, remataremo-lo!

D.J. Lançou um olhar iracundo a seu redor,

como se o desconhecido inimigo pudesse estar oculto em algum dos rincões da habitação e, presa de seu explosivo caráter, ficou a dar voltas como se fora um leão enjaulado.

Cullen, sempre o mais tranqüilo do grupo, sacudiu a cabeça.

—Não, não o mataremos. A represália terá que esperar, porque, primeiro, necessitamos que falasse.

Sem dúvida, o que está acontecendo é muito mais que um simples ataque ao Devlin. — Cullen expôs os fatos em voz alta—: Ao Devlin o matam. Não há nada especial nisso, mas, a julgar pelo fato de que utilizaram uma tocha, deduzo que pretendiam que sua morte fora definitiva.

Devlin conteve o fôlego. Ele tinha pensado o mesmo, mas não gostava de ouvir que tinha razão. Ninguém se recuperava de um esquartejamento.

—Então o que lhes impediu de me matar para sempre?

—Quando lhe encontramos, não levavam morto muito tempo, possivelmente só uns segundos. É provável que nos ouvissem chegar e lhes entrasse o pânico. — Cullen franziu o cenho — . Agora que o penso, junto a seu corpo havia dois cadáveres dos Outros, mas não recordo que nenhum deles tivesse uma tocha. Se você não matou ao segundo, então deveu fazê-lo seu assassino.

O sorriso do D.J. Era horripilante.

—O sócio dos Outros não queria deixar nenhum cabo solto. Não pode um confiar-se em ninguém nestes tempos.

—Também está o pequeno detalhe de que minha espada estivesse cravada na barreira- interveio Devlin — . Tendo em conta a quantidade de eletricidade que deveu desprender-se pela brecha, é um milagre que aquele bode não ficasse frito.

E uma pena, embora Cullen tivesse razão. Antes de vingar-se tinham que interrogar a aquele filho de puta. Teria que contentar-se convencendo ao traidor para que

falasse. Devlin apertou os punhos ante a perspectiva.

—É uma lástima que não lhe visse a cara. Algum dos guardas te tem mania?

Devlin se aproximou de suas armas e deslizou um polegar pela folha de uma adaga. Já estava afiado, mas precisava ter as mãos ocupadas, de modo que agarrou uma pedra de afiar.

—Não se pode dizer que os Paladinos lhes caiam muito bem, mas não, que eu saiba, não lhe cai especialmente mal a nenhum deles. Em geral, estou acostumado a cooperar com os guardas. Eu não gosto que me levem de um lado a outro a ponta de pistola, mas é seu trabalho.

Além disso, sua vigilância mantinha a Laurel a salvo de qualquer Paladino potencialmente perigoso. Esta razão era suficiente para que suportasse ao Purefoy e a seus esbirros. Devlin deslizou com lentidão a adaga pela pedra de afiar enquanto deixava que sua mente perambulasse por distintos

pensamentos.

— Acredito que tem razão quanto a que se trata de um guarda ou alguém de Intendência. Ninguém mais pode acessar aos túneis sem disparar os alarmes. Além disso, além de nós, ninguém conhece os túneis tão bem para levar a cabo algo assim.

— Crie que foi planejado ou que se decidiu sobre a marcha?

— Ainda não conhecemos os suficientes detalhes para sabê-lo. É possível que eu topasse com algo sem me dar conta.

— Devlin pinçou entre as bolsas com a adaga—. Apostaria minha espada favorita a que alguém tem feito um trato com o diabo. As bolsas se confeccionaram para conter algo pequeno, mas um pouco tão valioso como para que merecesse a pena matar.

D.J. Agarrou uma das bolsas pelo cordão de fechamento.

— A malha é mais grossa do que caberia esperar.

Possivelmente para proteger o conteúdo. Ou

para amortecer o som.

— Agora mesmo, só estamos especulando. — Devlin deixou a adaga sobre a mesa —. Suponho que você pode entrar e sair dos arquivos de Regência sem que lhe agarrem, verdade, D.J.?

D.J. Esboçou um sorriso selvagem.

— Quem crie que desenhou seu sistema de segurança? Claro que eles não sabem. — D.J. Entrelaçou os dedos das mãos e estirou os braços ao máximo para fazer ranger os nódulos —. O que estamos procurando?

— Ainda não estou seguro. Começa com os horários dos guardas a noite que me mataram. Possivelmente não possamos identificar ao culpado, mas poderíamos eliminar uns quantos nomes. Os dos que estavam de guarda em Investigação, por exemplo.

— De acordo. Também comprovarei seus estados financeiros. Se alguém está tratando com os do outro lado, haverá um rastro econômico em algum lado.

D.J. Deixou a bolsa que sustentava nas mãos e se dirigiu à porta.

—Será melhor que vá com ele - declarou Cullen—. D.J. É bom, mas não é infalível. Quando pega um rastro não há maneira de tirar o daí. Alguém tem que atirar de sua correia. —Cullen seguiu a seu amigo D.J. —. Guarde-te as costas, Devlin. Já foram por ti uma vez e é provável que voltem a fazê-lo.

Que tipo de louco pactuaria com aqueles bastardos?

O assobio estridente do telefone interrompeu os pensamentos do Devlin, quem desprende o auricular e soltou:

—Bane à fala!

—Chega tarde à entrevista.

Laurel era a última pessoa que desejava ver naqueles momentos.

—Anulo-a.

—Não, não a anula. O doutor Neal suspendeu sua alta até que termine as provas que ordenou. Pode vir voluntariamente, como o bom soldado que é, ou posso enviar

aos guardas para te buscar.

— Mantenha os seus cães guardiães longe de mim, doutora, e também suas agulhas. Estou ocupado.

Ela também era teimosa.

— Não são meus cães guardiães, Devlin.

A utilização de seu nome de pilha era deliberada, um indício claro de que havia algo mais entre eles que a mera relação doutor-paciente.

Ela não tinha a culpa do mau humor do Devlin, quem se apertou a ponte do nariz entre os dedos indicadores e polegar para tentar aliviar a dor de cabeça.

— Virei quando puder Laurel. Tenho um assunto entre mãos que requer minha atenção.

— Devlin, sei que seu trabalho é importante, mas, se não te cuidar, não poderá fazê-lo. Vêm para aqui agora mesmo, antes que envie aos guardas. — Sua voz se converteu em um sussurro — : Por favor.

Tendo em conta o estado de ânimo de

seus homens, quão último precisava era um montão de guardas armados enviados ali para levá-lo a laboratório. Não queria nem pensar nessa possibilidade.

— Está bem, me dê um par de horas.

— Quer que envie um carro para te recolher?

— Não, hei dito que irei e assim o farei.

Devlin pendurou o auricular de repente, pondo assim ponto final à conversação. Voltou a agarrar a adaga e o contemplou uns instantes. Com uma sacudida da mão e uma fileira de maldições, cravou-o na parede que tinha em frente. Com passo decidido, aproximou-se para recuperá-lo. Oxalá dispusera de um branco vivo no que descarregar sua ira!

Não tinha sentido que tentasse trabalhar naquele estado de ânimo. O melhor que podia fazer era ir a Armería a reparar a folha de sua espada. Embora os Regentes contassem com uma equipe de armeiros encarregados de manter as armas dos

Paladinos em estado ótimo, Devlin preferia fazê-lo ele mesmo.

A maioria dos Paladinos tinha encontrado uma forma de esquecer-se temporalmente da guerra que liberava dia a dia, e, ao Devlin, as horas que passava pondo a ponto suas armas proporcionavam um pouco de paz. Se reparava sua espada antes de ir a Investigação, parte de sua ira se dissiparia e não apareceria ali naquele estado. Quão último precisava era que os resultados das malditas provas saíssem tergiversados devido a seu mau humor.

Caminho da saída passou junto ao Cullen.

— A doutora Young me telefonou. Pelo visto, o doutor Neal ordenou mais prova para assegurar-se de que estou em forma para a ação. É uma bobeira e todos sabemos, mas se não passo pelo aro, montarão-me a de Deus.

Seu amigo lhe lançou um olhar estranho e, depois, assentiu com a cabeça.

— te guarde as costas. Suspeitamos que

alguns dos guardas poderiam estar implicados, mas isso não significa que sejam os únicos.

Significava que podia considerar um louco por caminhar sozinho pelas ruas de Seattle, mas não pensava deixar-se intimidar por nenhum guarda chorão. Além disso, era pleno dia e, se alguém pensava atacá-lo, o mais provável era que o fizesse a talher das sombras da noite. Devlin saiu do edifício e passou junto ao Penn.

—Mantenha os olhos bem abertos, Devlin. Quer que te cubra durante um momento?

—Não.

—Já me imaginava. —Penn voltou a sentar-se em sua posição habitual—. Cullen me há dito que lhes avise quando chegar a Investigação.

Maldito Cullen! Deveria ter sabido que seu amigo lançaria a voz de alerta assim que suspeitasse que houvesse uma situação de perigo. Ele podia cuidar de si mesmo, e eles

sabiam. A única razão de que não voltasse a entrar para fazer o entender a seu amigo era que ele teria feito o mesmo se a situação fora à inversa.

— De acordo..., por esta vez. Mas lhe diga que não necessito nenhuma babá.

— Farei-o.

CAPÍTULO 6

O ponteiro dos minutos por volta das Doze avançava. Sessenta segundos mais, e chegaria oficialmente tarde. Devlin sentia um prazer perverso conseguindo que se perguntassem, até o último momento, se apresentaria ou não. Uma vez no interior do edifício, deixou a adaga e o resto de armas sobre o mostrador da entrada.

—Já estou aqui. Ponhamos-nos em marcha.

Três guardas prepararam seus rifles e se alinharam a tropeções detrás dele para escoltá-lo até o laboratório. Caramba, como odiava a incompetência! Se estivessem as suas ordens, lhes teria chutado a bunda por ser tão desajeitados. Devlin não esperou a obter a autorização para entrar no laboratório e abriu as portas de um empurrão enquanto seus patéticos acompanhantes o seguiam como podiam.

Laurel não estava no laboratório. Devlin se voltou para o cabo que estava a seu lado.

—Onde está ela?

Antes que o jovem guarda pudesse responder, o doutor Neal surgiu de detrás de uns arquivos.

—A doutora Young não está nestes momentos. Eu a substituo. —Fez um gesto aos guardas—. Obrigado por acompanhar ao senhor Bane, cavalheiros.

Quando se tiveram ido, o doutor contemplou ao Devlin por cima dos óculos.

—Senhor Bane, sei o lhe frustrem que lhe resulta seguir nosso protocolo, mas lhe agradeceria que se esforçasse em cumpri-lo.

—Doutor, se houvesse me tornado violento, teria tido tempo de matar a todo esse punhado de bufões mal treinados antes que nenhum deles realizasse um só disparo. Sacudi-os de vez em quando ajuda a mantê-los acordados.

—Isto não é responsabilidade de você, embora transmita seu comentário ao coronel

Kincade. Pelo visto, alguns dos novos recrutas são um pouco descuidados. Claro que, depois do que aconteceu antes, a gente esperaria que estivessem mais alerta.

Ao Devlin lhe fez um nó no estômago.

—O que aconteceu?

—Nada que concirna a você. Se sinta e arregace-a camisa.

Enquanto o doutor Neal lhe aplicava um torniquete no braço e dava uns golpes no interior de seu cotovelo para inchar uma veia, Devlin olhou a seu redor em busca de pistas sobre o que tinha acontecido anteriormente.

No lateral de um dos arquivos havia um entalhe considerável que não estava antes, e uma do novelo de Laurel estava em bastante mal estado. O que tinha ocorrido durante as duas horas que tinham transcorrido desde que falou com ela?

O doutor Neal se deu conta de que Devlin olhava a todas as partes salvo a seu braço.

—Por isso vejo, seguem sem lhe gostar

das agulhas.

Um brilho pícaro cintilou em seus olhos enquanto aplicava uma tiritinha à espetada. Esta estava decorada com gatinhos. Sem dúvida, também estavam de oferta.

—Quero outra radiografia de sua perna. A fratura foi muito mais grave do habitual e estou convencido de que lhe incomoda mais do que admite. Sei que não se esteve apoiando nela, sobre tudo depois da luta nos túneis.

—Minha perna está bem.

Como podia saber o doutor Neal como se sentia depois de lutar contra aqueles dois dos Outros? Havia câmaras nos túneis? Ou um de seus amigos tinha estado falando com suas costas?

—Então os raios X o confirmarão, não crie? —O doutor Neal pulsou, com calma, o botão do interfone—. Por favor, escoltem ao senhor Bane a radiologia. Esperem até que estejam os resultados e me tragam isso

Devlin saiu do laboratório sem

pronunciar palavra. O doutor Neal não queria falar sobre o que tinha acontecido, mas possivelmente o fizesse um dos guardas. Não se precisava ser um gênio para dar-se conta de que os punha mais nervosos que de costume. Que demônios tinham acontecido?

Se algo tivesse ido mal com algum de seus amigos, ele se teria informado no Centro.

A técnica radióloga era nova. Colocou a perna do Devlin sobre a mesa e correu a sua cabine para realizar a radiografia. Devlin não a viu mais até que, virtualmente, lançou-lhe o sobre que continha os resultados.

—lhe diga ao doutor Neal que recolherei a radiografia mais tarde. Não é preciso que você me devolva isso. Sêrio.

E desapareceu no labirinto de corredores e cabines. Se for tão assustadiça como se mostrava com ele, não duraria muito trabalhando para Regência. No melhor dos casos, ele e seus colegas resultavam imprevisíveis. No pior, requiere-se uma mente fria e umas mãos firmes para mantê-los sob

controle.

No pior dos casos.

Maldição! Acaso alguém tinha cruzado a linha? Kincade tinha pedido reforços a outros setores para que ajudassem enquanto o Mount St. Helens estava em erupção. Se um deles tinha cruzado o limite e já não tinha salvação, ele não tinha por que haver-se informado. Merda! Possivelmente se estava precipitando em suas conclusões, mas aquela explicação tinha sentido.

Todos os Tutores sabiam que chegaria um dia no que se veriam obrigados a eliminar a um de seus protegidos. Na maioria dos casos, um dos médicos mais experimentados ia para ajudar ao Tutor, mas e se Laurel tinha tido que fazê-lo sozinha? Quando um dos Paladinos estava perto do limite, como ocorria com o Trahern, sempre pedia a outro médico que estivesse à espera, se por acaso as moscas, mas com um paciente desconhecido, a transformação podia havê-la pego por surpresa. Ninguém sabia o que

empurrava a um Paladino a transpassar a linha e converter-se em um dos Outros.

Acelerou o passo obrigando a sua escolta a ir ao trote para segui-lo. Uma vez ali, deixou as radiografias sobre o escritório ocupado pelo doutor Neal.

— Quem foi?

O velho doutor levantou o olhar do gráfico que estava lendo, tiraram-se os óculos e se esfregou os olhos.

— Duvido que você o conhecesse. Tinham-no transferido recentemente de um dos setores da costa do Pacífico.

Devlin se sentiu um pouco culpado de sentir-se aliviado pelo fato de que o Paladino morto não fora um de seus amigos.

— Como o tomou ela?

Uma vez mais, o doutor Neal lhe respondeu sem disfarces.

— O tomou mal, embora não sente saudades. — Seus olhos escuros se tingiram de dor —. Todos nos tomamos mal, sabe? Não resulta fácil ostentar o poder sobre a vida ou

a morte de um homem, sobre tudo de um que se aconteceu a vida nos protegendo.

—Onde está ela?

—Enviei-a a sua casa.

Não deveria estar sozinha, mas Devlin não disse nada. Quão último ambos precisavam era que seu chefe suspeitasse o interesse que sentia por ela. Devlin empurrou o sobre para chamar a atenção do doutor de volta ao assunto que lhes concernia.

O doutor Neal voltou a colocá-las óculos.

—Bom demos uma olhada às radiografias. Estou seguro de que tem coisas melhores que fazer que estar perambulando por aqui todo o dia.

Não se precisava ser um perito para detectar a diferença entre as duas radiografias. Na primeira, o fêmur estava estilhaçado pelo corte da tocha e havia vários pedacinhos de osso pulverizados em distintas direções. Na segunda, só se percebia uma pequena linha onde o osso se soldou.

— É você um homem com sorte, Bane. Se houvessem brandido a tocha com um pouco mais de força, teria perdido a perna irremediavelmente. Ouvi falar de casos nos que um Paladino sobreviveu a uma amputação, mas não são muitos. Claro que uma ferida dessa magnitude, de todos os modos, teria acabado com sua carreira como lutador.

O qual, provavelmente, teria acelerado sua carreira para a loucura. A necessidade inata de luta constituía uma parte essencial de ser um Paladino, e lhes resultava impossível viver sem poder empunhar uma espada.

— Assinarei sua alta e a enviarei ao coronel Kincade.

— Obrigado, doutor.

— E faça todo o possível por manter-se afastado daqui. Não entregamos pontos extras aos clientes assíduos, sabe?

Devlin se rio para ouvir aquela velha piada porque isso era o que o doutor

esperava.

—Se não lhe importa chamar os guardas, partirei-me.

O doutor Neal lhe olhou com expressão grave enquanto alargava o braço para o interfone.

—Digo-o a sério, Devlin. Não quero vê-lo por aqui dentro de pouco. Tome cuidado.

Os guardas entraram em formação apertada quase antes que o doutor Neal tivesse afastado o dedo do interfone e Devlin lhes permitiu escoltá-lo até a entrada do edifício enquanto se perguntava, e não pela primeira vez, que lógica tinha escoltar com armas aos Paladinos enquanto estavam no Departamento de Investigação e deixá-los livres entre o público em geral. Possivelmente acreditavam que, se um deles perdia o controle no exterior, suas ações se perderiam entre o resto de ações violentas que tinham lugar, dia detrás dia, nas ruas da cidade.

Uma vez no exterior, Devlin se dirigiu ao Centro, embora não tinha nenhuma

intenção de ir ali. Um só destino ocupava sua mente, mas não permitiria que ninguém de Investigação soubesse. Tampouco pensava dizer-lhe ao Cullen nem ao D.J., mas tinha que lhes contar uma desculpa para não terminar seu turno no Centro.

Pulsou a tecla de marcação rápida do telefone do Centro e se alegrou para ouvir a voz do Cullen na secretária eletrônica.

—Cullen, sou Devlin. Olhe, estou destroçado e tenho uns assuntos pessoais dos que me ocupar. De modo que, a menos que se desate o inferno, tomo o resto do dia livre. Terei o móvel conectado se por acaso me necessita.

A urgência de comprovar como se encontrava Laurel o apressava, mas tinha que dar um rodeio para ir até sua casa. Era pouco provável que alguém estivesse tão louco para segui-lo, mas nem ele nem Laurel podiam arriscar-se a ser descobertos. De todos os modos, cada passo que dava em sentido oposto ao de casa de Laurel constituía uma

agonia para ele. Como podiam havê-la enviado a casa sozinha?

Ao final, depois de perambular pela zona durante vinte minutos, tomou um ônibus que o conduziu à casa de Laurel. Possivelmente ela não quisesse que a incomodassem, mas a isto Devlin importava uma pimenta. Assim que comprovasse que se encontrava bem, iria.

Devlin se reclinou no assento e teve que conter os nervos cada vez que o condutor realizava uma parada.

O maldito Paladino era muito escorregadio, isto tinha que reconhecer-lhe. Por sua forma de atuar, teria jurado que sabia que alguém o estava seguindo. Quando saiu do edifício de Investigação, Bane se dirigiu de novo para o Centro, mas, no segundo último, girou para o este. Se não se tratou do Devlin Bane, teria acreditado que aquele tipo tinha perdido o sentido da orientação.

Teve que dar duas voltas à cidade para voltar a lhe não encontrar o rastro, esta vez

em direção oeste, para o Puget Sound. Ao final, teve que pôr-se a correr para agarrar o ônibus que ia para o norte, mas o perdeu e ali terminou a perseguição. Em qualquer caso, não se sentia frustrado. Enfrentar-se a um Paladino em meio de uma cidade abarrotada de gente não constituía o melhor plano de ação, pois havia muitas testemunhas e podiam surgir muitas complicações.

Aonde se dirigia Devlin Bane? Que ele soubesse, a única pessoa que vivia naquela direção era a doutora Young. Este raciocínio o animou imediatamente. Ela se tinha ido a sua casa cedo, depois de eliminar a um dos Paladinos forasteiros que se converteu em um dos Outros. Estremeceu-se ao recordar a aquele assassino enlouquecido, solto pelo laboratório, até que conseguiram reduzi-lo o tempo suficiente para que a doutora Young o matasse. Embora a doutora gostasse, ela estava muito concentrada em seus pacientes para fixar-se em um humilde guarda.

Poucos Paladinos tinham alguma

fraqueza que pudesse explorar-se. Se Bane sentia debilidade pela doutora, esta informação podia lhe ser útil.

Conseguia-se chegar à parada da doutora antes que o ônibus, poderia comprovar se suas suspeitas eram fundadas. Sentindo-se melhor a respeito de suas possibilidades para acabar com o Bane, chamou um táxi e pediu ao condutor que apertasse o acelerador.

Laurel se sentia mal, experimentava uma dor interna e profunda que a queimava e a gelava ao mesmo tempo. Um dos guardas a tinha acompanhado a sua casa e tinha esperado até que ela estivesse no interior do edifício para ir-se. Havia-lhe dito ao doutor Neal que se encontrava bem e que podia seguir trabalhando o resto do dia, mas nem sequer ela mesma o tinha acreditado. Entretanto, sentia-se orgulhosa de não haver-se derrubado até que teve terminado seu trabalho.

Tinha matado a um homem porque era

seu dever, como doutora e como Tutora.

Se ele não se converteu em um monstro assassino, o mais provável era que lhe tivesse dado as obrigado por ajudá-lo a passar desta para a melhor, por jogar a ser Deus e decidir que tinha chegado sua hora.

Laurel fechou as pálpebras com força e as lágrimas lhe queimaram as bochechas como se fossem ácidos. O morto era um dos Paladinos transferidos do Japão para ajudá-los enquanto o vulcão estava em erupção. Teria subido ao avião sabendo que possivelmente não retornaria? Deixava atrás a alguém especial? Ele se merecia ter a alguém que chorasse sua morte, alguém que conservasse sua lembrança em sua memória. Aquele homem tinha sido um herói.

E como lhe tinha pagado ela seus serviços? Com uma injeção cheia de toxinas. Aquilo era uma autêntica aposentadoria. Laurel se tampou os ombros com uma manta e se estremeceu. Permitir-se-ia dedicar o dia a chorar, não só a morte do Paladino, mas

também a de todos os que lhe seguiriam. A do Trahern, quem estava tão perto de cruzar a linha. A do D.J., a do Cullen. E a do Devlin Bane. O que teria passado se tivesse sido ele quem a tivesse cuidadoso sem um resto de humanidade nos olhos?

Também lhe teria posto a injeção, porque o Devlin Bane que ela conhecia já não existiria.

O timbre da porta soou uma vez, dois e três, mas ela não fez conta. Não estava de humor para falar com ninguém. Depois de uns segundos de silêncio, deduziu que seu visitante se deu por vencido e se foi. Então alguém começou a golpear a porta.

Laurel fechou as pálpebras com força e desejou com todo seu ser que o visitante sem convite se fora e a deixasse tranqüila. Por sorte, ao final, as porradas cessaram e Laurel pôde voltar a sentir-se desgraçada sem que ninguém a interrompesse. Afundou-se no sofá e tentou esvaziar sua mente de todo pensamento doloroso. Dez segundos mais

tarde, os golpes da porta voltaram a começar.

Resultava evidente que passar o problema por alto não ia resolver o. Pouco a pouco, aproximou-se da porta e observou pela mira. Um Paladino de aspecto muito zangado contemplava com ira a porta e, justo quando ia reiniciar as porradas, ela a abriu. Sem pronunciar uma palavra, Devlin empurrou a Laurel a um lado, entrou no saguão, fechou a porta de repente e correu o fecho.

—Por que não respondeu quando chamei a maldita campainha? Maldita seja a metade de Seattle deve ter ouvido os timbrados! Vá maneira de manter minha visita em segredo!

Devlin lhe lançou um olhar iracundo com os braços em jarras.

Era o último que necessitava, sobre tudo dele.

—Qualquer pessoa razoável teria deduzido que não estava em casa ou que não queria companhia. Ainda está a tempo de ir.

Em lugar de desafiá-lo com o olhar, Laurel se dirigiu ao salão sem lhe importar se ele a seguia ou não. Devlin a seguiu e, antes que chegasse ao sofá, plantou-se diante dela. Laurel teria necessitado mais energia da que dispunha para rodeá-lo.

—O que ocorreu hoje, Laurel? —A voz do Devlin era suave, como foi o tato da palma de sua mão na bochecha de Laurel—. Conta-me o

A irritação poderia havê-lo passado por cima, e as exigências estavam feitas para não ser tidas em conta, mas a preocupação que Devlin mostrou para ela a desarmou.

As lágrimas voltaram com ímpeto aos olhos de Laurel, quem avançou um passo enquanto ele a envolvia com a força de seus braços.

—Matei-o, Devlin. Ele estava bem quando o levaram para que lhe curasse as feridas, mas então, justo quando terminamos de soltar as ataduras, algo aconteceu. Em um segundo, passou de responder a minhas perguntas a tentar estrangular a um de meus

assistentes. Necessitaram-se seis guardas para reduzi-lo. — Tudo tinha ocorrido muito depressa, mas a mente de Laurel reproduzia até o menor dos detalhes, como um filme exibido a câmara lenta —. Os olhos trocaram de cor. E gritava. E gritava.

— Segue, solta-o tudo.

Laurel sentiu o ronco das palavras do Devlin através de seu peito.

— Então soube que tinha que terminar com sua vida. Não havia volta atrás para ele.

Devlin a apertou com força.

— Não a havia, Laurel. O homem que era tinha desaparecido. Você não matou ao homem, a não ser ao monstro.

— Quando lhe pus a injeção..., demorou mais do que eu acreditava, muito mais do que me haviam dito. — O horror daquele momento do momento em que a agulha transpassou a pele daquele homem até que este exalou seu último fôlego constituiu um pesadelo para todos os que se viram obrigados a presenciá-lo - o matei. Sou

médica e realizei um juramento para curar, não para matar.

Devlin colocou um lenço na mão de Laurel.

—matou a um animal raivoso, Laurel, não a um homem. Não ficava nada do homem, se não, não se teria convertido em um dos Outros. Tem que me acreditar, porque essa é a verdade.

Ela queria acreditá-lo. Tinha que acreditá-lo, se não, não poderia viver com a decisão que tinha tomado. Não tinham tido tempo de chamar o doutor Neal nem a nenhum outro dos médicos mais experimentados. Laurel chorou até que os olhos lhe incharam e a parte frontal da camisa do Devlin ficou empapada.

Sem que se dessa conta, transladaram-se ao sofá e Devlin a embalava em seu regaço. A mão dele se deslizava com suavidade pelas costas de Laurel acalmando sua alma ferida. Ao final, ela dormiu. O braço o estava matando, mas o arrancaria antes de

incomodar à mulher que dormia em seu regaço. Laurel precisava dormir mais que ele aliviar a câibra de seus músculos. Se ela seguia dormindo até o dia do julgamento final, ele permaneceria ali a sustentando. Era o menos que podia fazer para corresponder à compaixão que tinha mostrado ao facilitar a morte de um dos de sua espécie.

Se existia um Deus, este não permitiria que fora Laurel Young quem cravasse a última e odiosa agulha em seu braço.

Ela se merecia algo melhor.

Laurel se agitou levemente, o qual foi o indício de que voltava para a consciência.

— Quanto tempo levo dormindo?

— O suficiente para que tenha anoitecido.

— Deveria haver despertado faz horas.

Sua voz soava tão sonolenta como o aspecto que mostrava. Resultava adorável, com a bochecha rosada na zona que tinha estado apoiada em seu peito e os olhos escuros e adormecidos.

Queria beijá-la, começando pelos pés descalços e subindo por todo o corpo até a frente, para voltar a baixar enquanto se detinha em seus lugares favoritos.

Quando Laurel se afastou e sua fina camiseta acentuou as curvas de seus peitos, houve outra parte do corpo do Devlin que se voltou muito incômoda. Depois de tudo, ter perdido por completo a sensibilidade do braço tinha resultado uma boa coisa, pois isto foi o único que lhe impediu de deslizar a mão por debaixo da camiseta dela para comprovar o peso de seus peitos. Devlin apartou esta idéia de sua mente. Era muito velho e se sentia muito enfastiado e muito de tudo para ter aquelas idéias respeito a Laurel.

—Precisava descansar.

Ele tinha elegido sustentá-la em seus braços em lugar de levá-la até o dormitório. Se alguma vez entrava naquela habitação, seria por convite dela e nenhum dos dois sairia dali em um bom momento.

—Obrigado. —Laurel esboçou um leve

sorriso enquanto lhe beijava na bochecha
— . É um encanto.

Devlin não pôde evitar tornar-se a rir.

— Até hoje, ninguém me tinha acusado de ser um encanto.

— Então é que outros não lhe conhecem bem.

Laurel levantou o queixo com determinação, como se estivesse disposta a brigar com qualquer que refutasse sua opinião.

Entretanto, a tristeza que experimentava seguia ali, na profundidade de seus doces olhos. Possivelmente agora compreendesse por que ele acreditava que aquele trabalho não era apropriado para ela, embora isto significasse que não voltasse a vê-la nunca mais.

— Sei o que está pensando, Devlin, e não vou abandonar. Ponto final, fim da discussão.

— Laurel endireitou as costas, mas não fez nenhum esforço por levantar do regaço do Devlin—. Acredito que aquele homem se

merecia que alguém chorasse por ele, não crie?

Matar a aquele pobre diabo tinha quebrado o coração de Laurel. O que lhe teria ocorrido se o tivesse conhecido e lhe tivesse gostado? Qualquer dia teria que fazê-lo com o Trahern, D.J., Lonzo ou, Deus não o quisesse, ele mesmo. Tinha que afastar-se dela, pôr certa distância física de por meio até que a necessidade de tocá-la desaparecesse.

Começou a apartar a de si, mas ela o deteve.

— Não me afaste de ti, Devlin. Por favor, necessito-o. Os dois o necessitamos. Só te peço esta noite.

Ambos queriam muito mais que uma só noite de sexo apaixonado, mas antes que Devlin pudesse idear algum argumento razoável, ela apoiou ligeiramente os lábios nos dele tentando-o a entreabri-los com pequenos toques de sua língua. Deixava um rastro de calor ardente a seu passo, até que Devlin já não agüentou mais e introduziu sua

língua na boca de Laurel e a deslizou por seu interior degustando o sabor de seu desejo.

Ela se sentou escarranchado em seu regaço sem separar seus lábios dos dele. Devlin conservou o suficiente sentido comum para separar-se um pouco dela e lhe perguntar:

— Está segura de que é isto o que quer?

Laurel se tirou a camiseta e a jogou ao chão. Suas mãos tremeram um pouco quando se desabotoou o fechamento do prendedor, mas sorriu quando, por fim, o fechamento cedeu.

Deslizou os suspensórios do prendedor até as mãos e o enviou voando junto à camiseta. Devlin estava perdido, e sabia. Quando ela começou a deslizar a mão entre ambos para o lugar em que o calor mistura de seus corpos fazia arder o ar que os rodeava, Devlin a agarrou da boneca.

— Aqui não. — Devlin fez provisão de todas suas forças para levantá-los ambos do sofá —. Por onde?

— Ao final do corredor, à esquerda.

Conseguiram percorrer a metade do corredor antes que Devlin tivesse que deter-se e voltar a beijá-la. Então apoiou a Laurel contra a parede e a levantou até poder render comemoração a seus peitos. Devlin tentou atuar com doçura e lambe cada um de seus mamilos até que ficassem duros, mas ela não podia esperar e, quando Devlin sugou com força um de seus doces peitos, Laurel gemeu com aprovação. Caramba, que bem sabia!

Se não chegavam à cama logo, acabariam fazendo o amor no chão, pois Devlin estava em grave perigo de perder o controle. Uma vez chegaram ao dormitório, Devlin soltou uma de suas mãos para acender as luzes e apartar os lençóis e, continuando, deixou a Laurel em metade da cama.

Tirou-se toda a roupa menos a cueca, com a esperança de que postos lhe ajudassem a conservar o controle durante mais tempo. Por esta mesma razão, impediu que Laurel se

tirasse as calças de cóis de cordão, simplesmente lhe sujeitando as mãos por cima da cabeça.

— me beije.

— Onde. — Devlin a manteve quieta colocando uma perna por cima das dela —. Diga-Me onde.

— Na boca. — Seu sorriso a converteu em uma autêntica sedutora —. Para começar.

Fez o que lhe pedia e, quando acreditou que tinha realizado um trabalho o bastante esmerado, sussurrou:

— Onde mais?

Ela se ruborizou.

— Meus peitos estão ansiosos.

— Isso não pode permiti-lo, não crie?

Devlin lhe soltou as mãos, pois desejava suas carícias tanto como ela as dele. Laurel deslizou os dedos entre os cabelos do Devlin enquanto o apertava contra a doce firmeza de seus peitos. Ele passou de um a outro lambendo e chupando a pele de Laurel e emprestando especial atenção a cada um de

seus peitos.

Laurel afundou os dedos nos músculos dos ombros do Devlin respirando-o a continuar. Devlin se permitiu o prazer de deslizar a mão entre as pernas de Laurel enquanto percorria sua pele com seus beijos até a suave curva de sua cintura. A suave malha de flanela das calças de Laurel não ocultava seu calor úmido. Devlin lhe esfregou a entre as pernas com suavidade e ela apertou as pernas para incrementar a pressão da mão do Devlin.

Laurel estava preparado para ele, mas Devlin ainda tinha umas quantas idéias que queria experimentar. Deslizou a mão até o cócs das calças de Laurel e, para excitá-la, introduziu os dedos uns quantos centímetros somente e voltou a tirá-los. Ao segundo intento, ela suplicou:

—Já, Devlin, por favor. Já.

Ele os agradou a ambos introduzindo a mão por completo nas calças e comprovando que ela estava preparada primeiro com um

dedo e, depois, com dois. Laurel arqueou o corpo em uma petição muda de que queria mais. Ele voltou a emprestar atenção a seus peitos atirando deles com os lábios e a língua enquanto a acariciava com a mão e os dedos.

Ao final, ela não pôde agüentar mais.

— Devlin Bane, entra já!

Tirou-lhe as calças e as calcinhas de um só movimento rápido, tiraram-se a cueca e tirou um papel metalizado da carteira. Laurel alargou a mão.

— me deixe a mim.

Devlin se ajoelhou no bordo da cama enquanto lhe colocava a camisinha. Continuando, Laurel se tombou de novo na cama e esperou com um sorriso que era toda feminilidade e tentação. Devlin queria ir devagar e memorizar todos os momentos, os sabores e os aromas, mas tinham ido muito longe para atuar com lentidão. Devlin levantou um pouco os joelhos de Laurel e se acomodou no berço que lhe oferecia seu corpo. De um único e ligeiro empurrão,

penetrou por completo em seu interior, um santuário que só acreditou que poderia alcançar em sonhos.

Laurel se encontrava em uma montanha russa distinta a algo que tivesse experiente jamais. Nunca se havia sentido tão amada em toda sua vida. As sensações a envolviam enquanto as mãos do Devlin lhe mostravam que o tato de um guerreiro também podia ser suave. Resultava tentador relaxar-se e deixar que Devlin controlasse a dança que compartilhavam, mas ele merecia receber o prazer de sua mútua paixão tanto como ela.

Devlin a penetrou com ímpeto e ela ofegou pelo impacto e o prazer de sentir-se tirante e saciada por dentro com o membro duro e suave dele. Laurel lhe sorriu enquanto Devlin tentava manter o controle e permitir que o corpo dela se acomodasse ao dele.

Ela apartou o cabelo da frente do Devlin e atirou dele para lhe dar um beijo apaixonado.

— te deixe levar, Devlin. Solte-te.

Se aquela ia ser a única vez que estivessem juntos, Laurel queria que se entregassem por completo.

— Espera Laurel... Abrace-me!

Devlin começou a mover-se devagar, mas depois foi adquirindo velocidade. O mundo a seu redor se foi estreitando até ficar reduzido à cama que compartilhavam. Nada existia salvo o calor que geravam seus corpos enquanto ele levantava as pernas de Laurel até seus quadris para penetrá-la com mais força, profundidade e velocidade.

Laurel cravou as unhas nas musculosas costas do Devlin sabendo que lhe deixaria uma marca, mas não lhe importou. Devlin deslizou uma mão entre o corpo de ambos e esfregou o centro do desejo de Laurel com seu dedo polegar uma, dois, três vezes, até que desencadeou a explosão do clímax no interior dela. Laurel lhe pediu clemência, mas ele não a concedeu. Separou-se dela e foi deslizando-se por seu corpo abaixo. Antes que pudesse protestar, agarrou-lhe as

nádegas com as mãos e a manteve imóvel enquanto percorria, com seus beijos, o interior das coxas de Laurel até chegar a aquela parte que, depois do clímax, ainda tremia.

Devlin não mostrou piedade para ela e voltou a levá-la ao limite com seus lábios e sua língua. Laurel se correu pela segunda vez e Devlin sorriu satisfeito. Então fez que Laurel se tombasse de barriga para baixo e atirou de seus quadris para ele penetrando-a de novo por detrás. Aquela posição resultava primitiva, como se tivessem sido transportados a um tempo remoto no que o macho mais forte reclamava à fêmea de sua eleição.

Laurel dobrou os joelhos e apoiou a frente no travesseiro. Ninguém a havia possuído antes com tanta paixão, com tanta intensidade, e ela nunca tinha acolhido a um amante com tanto abandono. Satisfazia-lhe notar que Devlin ia perdendo o controle enquanto seu estômago golpeava as nádegas

dela. Cada penetração e retirada do membro do Devlin contribuía a eliminar as últimas frestas de pensamento racional que ficavam. Não existia nada salvo Devlin e sua forma de fazê-la sentir, querer e desejar.

Devlin deslizou a mão pela curva do quadril de Laurel para ajudá-la a unir-se a ele, e seus corpos tremeram e se estremeceram em um êxtase conjunto.

Depois Devlin tombou a Laurel a seu lado enquanto a obsequiava com os beijos mais doces, e ambos dormiram.

Rodeou o edifício deslocando-se de sombra em sombra. O fedor dos contêineres de lixo lhe desagradava em extremo, mas estes lhe ofereciam o melhor posto de vigilância da casa da doutora Young sem que os viandantes o vissem. Enquanto amaldiçoava aquela última taça de café que tinha tomado, aliviou-se entre dois arbustos de grande tamanho.

Se tivesse sabido que o maldito Paladino ficaria tanto tempo, teria ido mais preparado

para a operação de vigilância.

Tinha fome, estava cansado e Laurel Young lhe tinha decepcionado profundamente. Apesar do discutível acerto na eleição de sua profissão, que consistia em cuidar daqueles animais aos que chamavam Paladinos, ele sempre a tinha tido em grande estima, mas a luz de seu dormitório acabava de acender-se e Devlin Bane ainda estava na casa. A idéia de que tivesse tomado a aquele bastardo assassino como amante o fez sentir-se doente.

E ciumento.

A luz permaneceu acesa um período de tempo muito comprido, o qual constituiu outra razão para que odiasse ao Bane. Uma coisa era que a boa da doutora se desse uma queda rápido; ele podia entender que uma mulher se sentisse tentada por aquele montão de testosterona. Os guardas também eram objeto deste tipo de atenção, pois a algumas mulheres resultava difícil resistir aos homens de uniforme.

Entretanto, resultava óbvio que ela não só se aberto de pernas por aquele bastardo, mas também lhe tinha permitido acontecer à noite com ela. A imagem deles dois, nus, suarentos e acorçoados na cama por um tempo indeterminável, o enchia o saco. Por esta razão, odiava-os aos dois.

Decidiu iniciar o comprido retorno a sua casa caminhando. Por fim tinha descoberto o ponto débil do Paladino, uma arma que podia utilizar em seu contrário. Com todos os outros Paladinos lhe cobrindo as costas nos túneis não tinha conseguido eliminá-lo ali abaixo, mas poderia atraí-lo em solitário a uma armadilha utilizando a Laurel Young como ceva.

Pela primeira vez desde que tinha aceitado aquele contrato, sorriu.

CAPÍTULO 7

O aroma o café fez retornar ao Devlin ao mundo consciente pouco a pouco. Não podia ter dormido muitas horas, porque Laurel e ele tinham feito o amor várias vezes enredados entre os lençóis. Entretanto, enquanto se sentava no bordo da cama se deu conta de que, em lugar de sentir-se cansado, sentia-se estupendamente bem. Encontrou sua cueca onde os tinha arrojado a noite anterior, debaixo de uma cadeira, e seus nos cubra estavam no outro extremo da habitação. Necessitava uma ducha e possivelmente um pouco daquele cheiroso café.

Depois, Laurel e ele teriam que fazer frente ao ocorrido.

Sem sentir-se preparado para confrontar todas as repercussões do que tinham feito, Devlin inundou seu corpo e sua consciência no jorro de água quente da ducha. O fato de

que o sabão cheirasse a ela, a algo floral e feminino, não foi de grande ajuda. Utilizou o barbeador elétrico rosa de Laurel para barbear-se enquanto se perguntava se lhe teria causado alguma irritação nos peitos ou na tenra pele de seu entre pernas. Ela não se queixou claro que, naquele momento, estava um pouco distraída.

Devlin esboçou um sorriso amplo. Quem podia ter adivinhado que sua doce e inocente Tutora era, também, uma amante apaixonada? A julgar por suas reações, alguns costumes das que tinham feito eram experiências novas para ela. Isto o agradava. Possivelmente não fora seu primeiro amante, mas tinha sido o melhor. Ele se tinha assegurado de que assim fora.

E isto faria que lhe resultasse ainda mais difícil sair de sua casa sem olhar atrás.

Depois de secar-se, vestiu-se e se passaram os dedos pelo cabelo. Teria que passar por sua casa para trocar-se de roupa, mas antes de nada, tinha que falar com

Laurel. Embora o sexo apaixonado a tinha ajudado a superar os sucessos do dia anterior, tinham que chegar a um acordo respeito a presente e o futuro.

Agarrou seus sapatos e se dirigiu à cozinha sem fazer ruído. Então se deu conta de que a casa estava muito silenciosa. Muito silenciosa. A menos que se equivocasse, estava sozinho. Maldita seja, foi-se sem dizer-lhe Se ele mesmo não se sentisse um pouco aliviado por este fato, acusaria-a de ser uma covarde. Nada como a manhã depois para arruinar uma boa noite de sexo.

Sobre tudo, se tinha sido muito mais que unicamente bom sexo.

Entrou na cozinha e olhou a seu redor. O que considerada: tinha-lhe deixado café feito! Inclusive havia uma caixa de cereais junto a uma tigela e uma colher. Devlin sentiu desejos de lançar todo aquilo pelos ares de um tapa e de lhe dar uma patada ao tamborete, mas, em lugar de fazê-lo, serve-se uma taça de café com duas colheradas de

açúcar e um pouco de leite. Então viu uma nota com seu nome pega à geladeira com um ímã.

Agarrou-a de um puxão lançando o brega ímã pelos ares. Que tinha uma reunião há primeira hora a que não podia faltar? Possivelmente, mas isso não justificava que se escapuliu sem lhe dizer nada. E, ligeiro que ele tinha o sonho, deveu deslizar-se como um sussurro para não despertá-lo.

O café quente não acalmou, para nada, seu mau humor. Deixou a taça na pia e as toalhas no cesto da roupa suja. Então lhe soou o móvel. Abriu-o com uma sacudida.

— Aqui Bane.

— Necessitamos-lhe.

Havia um deixo de nervosismo na voz, normalmente acalmada, do Cullen.

— O que ocorre?

Ou o vulcão estava ativo ou as placas tectônicas tinham chegado a um ponto de deslocamento tencionar máximo. Que viessem os Outros; ele estaria preparado,

espada em mão!

Cullen confirmou suas suspeitas.

— Os dados do enguiço estão aumentando. Vamos baixar.

Devlin olhou o relógio que havia no suporte da chaminé de Laurel.

— Estarei aí dentro de meia hora.

— Esperamos-lhe.

A comunicação se cortou.

Devlin contemplou a casa com pesar. As possibilidades de que voltasse ali era escasso, o que supunha uma verdadeira lástima. Mas, enquanto conservasse a prudência, albergaria a lembrança da noite que tinha passado nos braços e na cama de Laurel. Devlin saiu da casa desejando que aquela situação não lhe doesse tanto.

Em menos de vinte minutos, entrava no beco no que Penn montava guarda.

— Lonzo e outros já chegaram. Deve morar uma boa.

Penn parecia sentir-se invejoso. Se pudesse, abandonaria seu posto e os seguiria

para lutar nos túneis, mas um par de meses antes tinha sofrido uma ferida tão grave na mão com a que sujeitava a espada que esta lhe tinha ficado debilitada. Os Tutores acreditavam que, com o tempo, recuperaria a força por completo e, até então, Penn fazia o que podia para manter-se ocupado.

—Cullen me há dito que as leituras estão aumentando com rapidez.

— lhes dê cano por mim! —Penn flexionou os dedos da mão—. E lhes diga que estarei de volta logo.

Quando Devlin passou por seu lado, Penn farejou o ar e um sorriso malévolo se estendeu por seu rosto.

—Agradável perfume espera que a dama fora complacente.

Devlin apertou os punhos enquanto continha o potente impulso de dar uma patada ao crédulo Paladino. Como tantos outros, tinha sido objeto dessa classe de comentários com antecedência, mas, nesta ocasião, a diferença estribava em que Laurel

se merecia outro tipo de trato. Bom, as mulheres às que tinha conhecido ao longo dos anos provavelmente também se mereciam um trato distinto, mas Laurel era diferente.

Devlin se dirigiu à entrada. Com sorte, logo disporia de um branco mais adequado para seu mau humor. A idéia de fazer morder o pó a uns quantos dos Outros lhe agradava.

Uma vez no interior do edifício, dirigiu-se a seu escritório para agarrar as armas. Sua espada ainda conservava a queimadura da barreira, mas, além disto, estava em perfeitas condições. Colocaram-se as capas das armas de atirar e se meteu um revólver na parte traseira do cinturão para que não lhe incomodasse ao mover-se. As armas de fogo funcionavam bem com os Outros, mas não podiam usar-se perto da barreira. Se a barreira estava instável, um disparo pouco certo podia fazer que se apagasse.

Seus amigos o esperavam junto aos elevadores que os conduziriam aos túneis

abertos sob a cidade. A barreira se estendia ao longo das principais falhas do mundo e, na maior parte de seu percurso, permanecia estável durante anos, mas ao longo da cordilheira de vulcões da costa do Pacífico, era mais suscetível de ser atacada. Os Regentes desdobravam aos Paladinos segundo este padrão.

Cada vez que o Mount St. Helens lançava vapor e cinzas, os Paladinos tomavam posições ao longo da barreira e esperavam a que se produzira o ataque.

—Me alegro de que tenha chegado a tempo.

D.J. Moveu os dedos com ligeireza pelo teclado que havia juntado a um dos elevadores e em seguida se ouviu um zumbido que indicava que este se aproximava.

Devlin se colocou detrás para dar passo a seus companheiros e assim ocupar sua habitual posição junto à porta do elevador. Ouviu-se um assobio e as comporta se

abriram. Entretanto, antes que pudesse entrar, o som de uns pés marcando o passo chamou sua atenção. Os Paladinos eram muito independentes para ser soldados disciplinados, e partir em formação lhes resultava impossível.

Por isso deduziu que o que se aproximava era um pelotão de guardas nacionais. Os Paladinos se voltaram por volta dos recém chegados e tomaram posições para defender-se em caso necessário. Cullen e D.J. Colocaram-se a ambos os lados e um pouco mais atrás que Devlin, quem se sentiu agradecido por seu mudo apoio.

Os guardas apareceram pela esquina com o coronel Kincade à cabeça. Que demônio fazia ele ali? O coronel levava sua arma habitual pendurada do cinturão, mas, além disto, não parecia disposto a entrar em combate.

Seus homens, por outro lado, levavam todas suas armas anti-motins.

— Senhor Bane.

O coronel Kincade levantou a mão para que seus homens se detivessem.

— Coronel Kincade.

Devlin falou com um tom de voz neutro. O coronel não estava ao mando dos Paladinos, mas ostentava um poder considerável dentro da organização.

— Estes homens baixarão com vocês aos túneis.

O coronel se deslocou a um lado, como se Devlin e seus companheiros ainda não se precaveram da presença de sua escolta.

— por quê? A barreira ainda não cedeu. Sempre pode nos enviar reforços uma vez tenhamos valorado a situação.

Às vezes, nos túneis, os guardas constituíam mais um estorvo que uma ajuda. Poucos deles possuíam as habilidades de um Paladino na luta corpo a corpo, e quando se metiam em problemas, Devlin e seus amigos tinham que salvá-los. Eram muitos os Paladinos que tinham resultado feridos de gravidade ou tinham morrido tentando

resgatar a aqueles companheiros de luta menos hábeis.

— Não quero me arriscar a esperar. Se não estarmos preparados, muitos dos Outros poderiam escapar dos túneis. Se meus homens não forem necessários, o sargento Purefoy aqui presente me transmitirá isso. — O coronel lançou ao Devlin um olhar lhe dando a entender que sabia qual era sua preocupação —. Estes homens estão treinados para enfrentar-se à imundície que cruzamento a barreira, senhor Bane. Não estão aqui para vigiar os elevadores nem para realizar encargos em seu nome. Espero seu relatório sobre a ação de hoje.

Depois de enfrentar aos dois grupos de homens, o presunçoso bastardo partiu.

Agora alguém teria que encarregar-se de dirigir o desdobramento dos Paladinos e os guardas para que não interferissem os uns com os outros. E também teriam que estar atentos se por acaso a algum dos guardas lhe ocorria atacar.

—Nós descenderemos no primeiro elevador, sargento - declarou Devlin—. Você Envie a metade de seus homens no segundo e ao resto quando nosso elevador esteja de volta.

—Sem esperar resposta, Devlin se voltou para seus amigos—. D.J. Abre as portas do elevador, já perdemos muito tempo.

Uma vez dentro do elevador e quando já não podiam ouvi-los, Devlin se dirigiu a outros.

—eu gosto tão pouco como a vós que os homens do Kincade andem por aí abaixo, mas a maioria são bons soldados e homens valentes. Frente a qualquer outro inimigo eu não duvidaria em entrar em combate com eles, mas hoje não tenho eleição, e vós tampouco. Suponho que todos sabem que a última vez me matou um humano. —Devlin levantou a mão para sossegar os comentários— Não sabem se o pérfido bastardo voltará a tentá-lo, mas hoje não quero que ninguém lute sozinho. Escolham a

um companheiro, e não separe-se dele. Desagrade-lhes aos extremos, tanto ao norte como ao sul. Cullen e eu desdobraremos aos guardas pela zona intermédia. Mantenham as rádios abertas. Se alguém necessitar ajuda, que grite e acudiremos sem demora.

Um a um, seus companheiros assentiram e começaram a emparelhar-se. Justo antes que se abrissem as portas, todos se impregnaram as viseiras para protegê-los olhos das brilhantes luz dos túneis, desenhadas para deixar aos Outros em desvantagem. Uma vez nos túneis, dispersaram-se em casais para cumprir com as ordens que lhes tinham dado.

Devlin contemplou como se afastavam enquanto ele e Cullen esperavam aos guardas. Seus amigos não eram homens de trato agradável, mas faziam bem seu trabalho. Possivelmente, se tinham sorte, a barreira agüentaria e ninguém teria que morrer aquele dia.

Quando se ouviu o assobio que anunciava a

chegada do elevador, um estrondo sacudiu o chão e uma quebra de onda de energia tenebrosa percorreu o espinho dorsal do Devlin. Quem tinha falado de sorte? A barreira flutuou e, justo diante deles, desvaneceu-se.

Devlin desembainhou a espada e, ombro com ombro, esperou com o Cullen disposto a derramar sangue.

A batalha durou horas e horas. Os corpos se empilhavam no chão e resultava quase impossível deslocar-se sem tropeçar com algum ferido dos Outros ou algum, muitos, de seus homens. Tinha que admitir que os guardas tivessem realizado um bom trabalho. Os Outros lutaram a morte porque a batalha só podia ter dois resultados para eles: ou cruzavam a barreira de volta à escuridão de seu mundo empurrados pelos Paladinos ou morriam tentando ficar em este.

Ao menos agora a barreira voltava a estar em ativo, de modo que não passariam mais dos Outros soltando berros.

Ao princípio, cada vez que os Paladinos acreditavam ter a situação sob controle e se dispunham a limpar os túneis, a barreira voltava a flutuar e aparecia uma nova quebra de onda dos Outros armados até os dentes e dispostos a morrer. Viu cair ao Lonzo enquanto tentava evitar que meia dúzia dos Outros alcançasse os elevadores.

Devlin e um punhado de guardas se abriram caminho até ele a golpe de espada, mas chegaram tarde. Laurel teria que reviver a outro Paladino assim que Devlin pudesse prescindir de uns quantos homens e estes se levassem aos mortos e os feridos.

— Né, Devlin! Onde demônio está?

Girou-se em direção à voz do Cullen sem perder de vista o túnel que tinha à esquerda. Trahern e D.J. Tinham dado um rodeio para o sul para empurrar aos fugitivos para o lugar onde Devlin e os guardas os esperavam.

— Estou aqui!

Devlin se assegurou de que seu amigo o

via e Cullen se dirigiu para ele passando por cima dos corpos dos cansados.

Tinha sangue seca no braço com o que sustentava a espada, mas não saberia dizer se era dela ou de alguma outra pessoa.

— Tem-no tudo sob controle por aqui?

Cullen se apoiou com pesada na espada, como se tratasse de um fortificação.

— Trahern está realizando uma última batida. Não sabemos quantos cruzaram a barreira a última vez, de modo que tampouco sabemos se os agarramos a todos.

Pobres desgraçados! Que horrível devia ser seu mundo para que enfrentar-se a uma morte quase segura ao final da espada de um Paladino constituíra uma melhora!

— Quando Trahern e D.J. Dêem sinais de vida poderemos pôr ordem a tudo isto. Por que não diz aos guardas que comecem a transladar aos feridos aos elevadores?

Devlin não teve que lhe explicar que os mortos podiam esperar, inclusive os Paladinos. Estes reviveriam até sem a ajuda

dos Tutores, mas dispunham de tempo de sobra para levá-los a laboratório antes que iniciassem o processo.

Lonzo era outro dos atribuídos a Laurel. Por isso Devlin sabia Lonzo não corria o perigo de cruzar a linha. Seria bom que alguém recordasse a Laurel que, a maioria das vezes, os Paladinos realizavam a transição à vida sem incidentes.

Estava a ponto de lhe perguntar ao Cullen se sabiam quantos dos seus tinham cansado, quando o som de uns passos à carreira fez que concentrasse sua atenção no túnel. Separou os pés para afiançar-se no chão e colocou a espada em posição de ataque disposto a enfrentar-se aos quatro Outros que se dirigiam diretamente para ele. Cullen se colocou a seu lado preparado para entrar em batalha outra vez.

Três machos adultos com seus estranhos olhos cinza pálido saíram do túnel e se desdobraram com as armas preparadas. Detrás deles, chegou uma fêmea quem, com

expressão acalmada, olhou ao Devlin diretamente aos olhos e, depois, fez o mesmo com o Cullen. Continuando, levantou a ponta de sua espada, tocou-se a frente como saudação e exclamou algo em sua língua gutural. Os machos repetiram suas palavras e se lançaram ao ataque.

Em questão de segundos, Devlin lutava por sua vida contra três experimentados espadachins. Por desgraça, estavam na única zona em que havia espaço suficiente para que tivesse que lutar contra os três ao mesmo tempo. A mulher arremeteu contra Cullen e lhe impediu de ir à ajuda do Devlin. Quando um par de guardas foi para unir-se à luta, Devlin lhes fez sinal de que se afastassem.

—Retornem! Lhes leve aos feridos! E, pelo amor de Deus, não lhes interponham no caminho do Cullen!

Devlin voltou para ataque e foi o primeiro em verter sangue, pois, depois de umas quantas atacadas, causou a um dos Outros tal ferida que este teve que abandonar

a luta, o qual constituiu uma melhora em suas probabilidades de êxito. Os outros dois machos lutaram ao unísono, sinal de que se treinaram juntos. O mais alto fez uma ameaça para um lado, o que desviou a atenção do Devlin naquela direção, enquanto que, ao mesmo tempo, seu companheiro se deslocava para o outro lado e girava sobre si mesmo com rapidez para atacar ao Devlin com um movimento circular.

Este conseguiu levantar o braço a tempo para evitar que lhe cortasse o pescoço, mas resultou ferido no antebraço. Embora a ferida fosse dolorosa, se conseguia livrar-se de seus oponentes com rapidez, o mais provável era que não resultasse fatal.

Deu-se conta de que os Outros se retiravam pouco a pouco para a barreira, onde a mulher lhe estava dando trabalho ao Cullen. Movia-se com a graça de uma bailarina, mas com movimentos letais. Um tira de sangue lhe escorregava pela bochecha de um corte pequeno, mas a ferida não

interferia em sua concentração. A mulher lhes gritou algo aos homens, quem iniciou a retirada protegendo, ao mesmo tempo, a seu companheiro ferido do ataque do Devlin e Cullen.

Justo então, como se o tivessem estado esperando, a barreira flutuou e se desativou o tempo suficiente para que os quatro escapassem para o outro lado. Devlin apoiou o extremo da espada no chão, pois tinha o braço cansado.

Cullen e ele ficaram olhando a barreira, que havia tornado a ativar-se. Estavam muito cansados para sentir nada, salvo alívio.

Devlin percebeu um movimento pela extremidade do olho e se voltou imediatamente para aquele lado. Cullen se estava desabando. Tinha um corte profundo no tórax e lhe sangrava com profusão.

—Guardas! Tragam uma maca!

Devlin sustentou o seu amigo até que os guardas o acomodaram em uma maca. A ferida do antebraço lhe doía muito, mas não

podia fazer nada até que D J. Ou Trahern aparecessem e se fizessem cargo da operação de recolhimento dos corpos. Tinha perdido a rádio, de modo que agarrou a do Cullen antes que o levassem.

— Trahern! D.J.! Respondam!

Havia muitas interferências, um problema comum quando se encontravam perto da barreira, mas pôde distinguir a voz do D.J.:

— Vamos em caminho...!

DJ. Mencionou certa quantidade de tempo para sua chegada, mas o ruído de fundo impediu que Devlin ouvisse se tratava de vinte ou trinta minutos. Em qualquer caso, deduziu que poderia agüentar até então. O mais provável era que não tivessem que lutar mais. Ao Devlin chateava ter que admitir ante o coronel Kincade que tinha tido razão ao enviar aos guardas como apoio.

E o sargento Purefoy, teria sobrevivido à luta? De ser assim, podia lhe apresentar ele o relatório oficial ao coronel e evitar ao

Devlin semelhante papeleta.

Dirigiu-se aonde a equipe médica tinha montado a estação de seleção de feridos para ver se podia ajudar em algo.

A Laurel doía as costas e via dobro a causa do cansaço que experimentava. Desde meio-dia, foram chegando feridos e aquilo não tinha aspecto de terminar. Tinha começado com dois Paladinos que necessitaram cirurgia para deter a hemorragia. Seguiram-lhes meia dúzia mais que padeciam feridas de importância e precisaram sutura. Laurel tinha prescrito antibióticos e fluídos para acelerar a recuperação.

Ao menos seus pacientes se recuperariam todos, mas o doutor Neal atendia aos guardas feridos. Uma das enfermeiras lhe tinha contado que vários deles não voltariam a lutar nunca mais.

Dava-lhe medo perguntar quantos Paladinos ficavam antes que comessem a lhe levar os mortos, e não deixava de

perguntar-se onde estaria Devlin. Conforme o informe, a luta tinha sido brutal e quase ninguém tinha escapado ileso. Já lhe tinham levado os feridos mais graves e só ficavam os que sofriam feridas menores, e os mortos. Laurel daria o que fora por saber em que grupo se encontrava Devlin.

Os pés a estavam matando, assim, em um parêntese da enchente de pacientes, sentaram-se. Tinha passado só meio-dia desde que se despertou ao lado do Devlin? Sabia que se comportou como uma covarde ao ir-se despertá-lo, algo do que, naqueles momentos, arrependia-se. O mais provável era que Devlin não morrera aquele dia, mas nunca se sabia. Poderia, simplesmente, lhe haver dito adeus ou «o café está preparado». Inclusive poderia havê-lo persuadido para que fizessem o amor outra vez. Entretanto, ela tinha escrito uma nota com uma estúpida mentira para não ter que admitir o muito que tinha significado para ela a noite que tinha passado em seus braços.

Quando se tinha despertado, com o corpo satisfeito e algo dolorido pelas atividades noturnas, não tinha tido mais remedeio que enfrentar-se a uma realidade para a que não estava preparada. Em algum momento, apaixonou-se perdidamente do Devlin Bane. O sexo que tinham praticado tinha sido fenomenal, mas o que havia entre eles era muito mais que isso. Em seus braços se sentia valorada e segura. Devlin era um homem duro, um homem com problemas que podiam resultar insuperável, mas quando a tocava, mostrava uma ternura que lhe produzia tranqüilidade de espírito.

—Doutora Young?

O puxão que recebeu na manga atraiu sua atenção aonde deveria estar. A julgar pela expressão preocupada do Kenny, não era a primeira vez que a chamava.

Laurel o olhou com um sorriso cansado.

—Sinto muito, Kenny, estava em outra parte. Foi um dia muito comprido.

—E mais que o será. Agora vão trazer os

mortos. Mais ou menos em vinte minutos.

Seu estômago sofreu uma sacudida e caiu aos pés.

— sabe-se já algum nome?

— Lonzo Jones seguro. E possivelmente um par mais.

Kenny parecia tão cansado como ela.

— por que não toma dez minutos de descanso? Eu o prepararei tudo. — Laurel ficou de pé. Como Kenny titubeava, ela sacudiu a mão —. Vamos, vete! E te leve a todos os que não tenham podido tomar um café ou sentar-se em horas. Necessito que todos estejam em plena forma quando a porta se abra de novo.

— Está segura? — perguntou Kenny.

— Sim, vete. As mesas de operações estão preparadas e não há nada mais que fazer até que saibamos quantos nos trarão.

Esperava que Devlin não fora um dos feridos de morte. Tentou apagar aquela idéia de sua mente, pois só lhe pensá-lo produzia terror.

Para manter-se ocupada, reabasteceu as bandejas e voltou a examinar o fornecimento de medicamentos especiais que se necessitavam para ajudar a reviver aos Paladinos.

A maioria deles podia fazê-lo sozinhos, mas os medicamentos aceleravam o processo.

Kenny e outros retornaram. Ainda se viam cansados, mas ela não tinha nenhuma dúvida a respeito de sua capacidade para cumprir com suas obrigações. Laurel ficou uma bata limpa e realizou uma última inspeção para assegurar-se de que as mesas de operações estavam preparadas.

Dois guardas entraram na sala empurrando uma maca ocupada pelo Lonzo Jones. A equipe de Laurel entrou em ação: transladaram ao Lonzo à mesa mais próxima, ataram-no, limparam-no e catalogaram suas feridas. Laurel começou suturando um corte enorme e profundo que tinha na coxa enquanto entravam outra maca na sala.

Era Devlin. Não podia lhe ver a cara,

mas reconheceu a camisa. Ela a pôs a noite anterior, quando foram assaltar a cozinha. Kenny e dois dos enfermeiros abandonaram a mesa de operações do Lonzo para fazer-se carrego do Devlin e do terceiro Paladino que acabavam de entrar na sala.

Outra vez morto? A última vez lhes aterrorizou a possibilidade de que não conseguisse voltar. Laurel se obrigou a centrar-se de novo no Lonzo. Outros preparariam as coisas para o Devlin e o outro Paladino. Alguém mencionou o nome do Cullen Finley. Laurel não recordava nenhuma ocasião em que tivessem resultado feridos tantos Paladinos de um mesmo grupo.

Enquanto realizava a última sutura, pediu ao céu que a barreira agüentasse o tempo suficiente para que aqueles homens voltassem a estar em pé e em forma. Agarrou outro pacote de suturas e começou a costurar a seguinte ferida. Esta estava no ombro do Lonzo. Quando terminasse de limpar e

costurar as feridas mais importantes, sua equipe começaria a lhe administrar os medicamentos e ela poderia dedicar-se a seu seguinte paciente, Devlin.

Então ouviu que este se queixava de algo em voz alta. Milagre de milagres, só estava ferido! Laurel experimentou um grande alívio, aplicou o último ponto à ferida do Lonzo e encarregou a uma enfermeira cirúrgica que lhe enfaixasse as feridas.

Laurel se lavou e desinfetou as mãos tremantes. Kenny entregou o expediente do Cullen, o que significava que a equipe que tinha classificado aos feridos considerava que sua situação era mais grave que a do Devlin.

Laurel sorriu a seu novo paciente.

— Bom o que lhe traz por aqui?

Leu as notas da equipe de seleção. Cullen estava muito pálido e tinha a pele úmida. Sem dúvida, estava em estado de choque a causa do trauma e a perda de sangue.

— Comprovem a recontagem globular e

lhe apliquem uma unidade de sangue. Rápido! — Laurel deu uma tapinha ao Cullen no braço para tranquilizá-lo—. Só está um pouco desço de azeite, senhor Finley.

Quando tivermos enchido o depósito e lhe tenha costurado esse feio corte, sentirá-se melhor.

—Já está que não era nada grave, doutora.

A voz do Cullen soou débil, mas se falava, logo sairia por seu próprio pé.

—Enquanto preparam sua ferida para a sutura, vou ver como se encontra seu amigo.

Laurel anotou as indicações no expediente e o tendeu ao Kenny. Inspirou fundo e se voltou para enfrentar-se ao Devlin, quem contemplava a frenética atividade que rodeava ao Lonzo. Laurel percebeu dor em seus olhos, embora suspeitasse que não tinha nada que ver com o corte irregular de seu braço.

—ficará bem, senhor Bane. Lonzo está em boas mãos.

Uns olhos verdes carregados de fúria se voltaram para ela.

— Agora mesmo está morto, doutora Young. Não o suavize.

Laurel baixou a voz.

— Sei que o está acontecendo mal e que está preocupado por seus amigos, mas não tome comigo. Fui eu quem recolheu os pedaços e remendou os seus amigos. — Laurel assinalou ao pessoal médico que rodeava ao Cullen e ao Lonzo—. Estas pessoas estão com sangue até as orelhas desde que a primeira maca cruzou a porta. Agora mesmo, necessitamos apoio, não uma atitude negativa.

Durante uma fração de segundo acreditou que a expressão do Devlin se suavizava, mas aconteceu tão depressa que não podia estar segura. Devlin olhou além de Laurel, para o Kenny, quem esperava com outra bandeja de sutura.

— Estupendo. Já falaremos mais tarde.

Fechou os olhos e voltou à cara para o

outro lado.

Laurel demorou muito tempo em costurar o corte do torso do Cullen, mas graças à transfusão de sangue e demais fluídos, já tinha melhor aspecto. Enquanto a ferida não lhe infectasse, recuperaria-se logo.

—Kenny, por favor, translada ao senhor Finley à outra sala. —Laurel voltou a sorrir a seu paciente—. Já responde você ao tratamento e lhe dei algo para que possa descansar tranquilamente. Quando me tiver ocupado de seu amigo, irei ver como se encontra.

—Não permita que Devlin a assuste, doutora. Ladra, mas não remói.

Cullen lhe dedicou um sorriso do meio lado enquanto transladavam sua maca.

Estava equivocado. Devlin sim que mordia. Ela tinha a marca que o demonstrava, mas não em um lugar que estivesse disposto a ensinar. A lembrança daquela dentada a fez sorrir e lhe deu o valor para enfrentar-se a seu último paciente.

—Vejam os esse braço. —Laurel atirou com suavidade do bordo da vendagem temporária que os de seleção lhe tinham aplicado ao Devlin. Entre o adesivo e o sangue seca, estava totalmente pego a Isto pele vai doer, a menos que o empape.

—Arranca o de uma vez, doutora. Faça-o como o faz me vai doer, de modo que acaba quanto antes.

—Te prepare.

Devlin se agarrou à lateral da maca com a outra mão enquanto Laurel inalava fundo e atirava da vendagem. Ao segundo intento, soltou-se, mas a ferida se abriu de novo. Laurel a deixou sangrar uns instantes. O que podia ter causado um corte tão largo e profundo? Não estava feito por uma adaga e era muito fino para uma espada.

—Como lhe têm feito isto?

Aplicou-lhe anestesia local e apertou a ferida até que a zona ficou insensibilizada.

—Uma faca. Apontavam ao pescoço.

A naturalidade com que o disse fez que

a imagem fora ainda mais aterradora.

—Me alegro de que conseguisse esquivar da lamina.

Laurel começou o lento processo de unir os dois lados da ferida com pontos de sutura pequenos e regulares.

—Não acredito que tenha sangrado tanto como para necessitar uma unidade de sangue, mas te aplicarei uma intravenosa com antibióticos. Depois, daremos-lhe de comer e veremos se estiver preparado para voltar para casa.

Laurel começou a dá-la volta, mas Devlin lhe agarrou a mão com firmeza e suavidade.

—Laurel.

Ela se voltou para ele com lentidão.

—Antes me passei que a raia.

Se ele podia desculpar-se, ela também.

—E eu não deveria ter saído fugindo esta manhã. Não estou acostumada A...

—Laurel olhou a seu redor para assegurar-se de que ninguém a ouvia—. Não estou

acostumado a ter convidados a tomar o café da manhã.

Laurel temeu estar-se ruborizando, e não lhe coube dúvida quando os lábios do Devlin se curvaram em um sorriso que apareceu e desapareceu rapidamente. Entretanto, o brilho pícaro de seus olhos permaneceu.

— Possivelmente necessite mais prática, doutora Young.

Estavam jogando com fogo ao flertar tão perto de outros.

— Possivelmente tenha razão, Bane. Assegurarei-me de te ter informado de meus progressos.

— seja-lhe isso quieto!

O grito procedia do outro lado da habitação, onde a equipe de enfermeiros seguia ocupando-se do Lonzo Jones. O se revolia com ímpeto e Laurel correu a ajudar a sua equipe a dominar ao Paladino morto.

— Maldita seja! Ponham-lhe as ataduras antes que se faça mal ou lhes faça isso a vós!

Laurel apoiou todo seu peso para lhe sujeitar a perna esquerda enquanto um dos enfermeiros fazia o próprio com a direita. O ataque repentino cessou com a mesma rapidez com a que se produziu. Laurel precisou fazer provisão de todo seu valor para levantar uma pálpebra ao Lonzo e examinar a cor de sua pupila.

— Ainda tem os olhos marrons.

Ao menos meia dúzia de pessoas, ela incluída, suspirou aliviada ao mesmo tempo, o qual lhes resultou divertido. Suas risadas podiam ter um pouco de histeria, mas rir sentou bem.

— De momento, mantenham isolado e deixem pacote as vinte e quatro horas do dia até nova ordem. Quero um relatório de seu estado a cada quinze minutos durante as próximas duas horas e depois voltaremos a avaliar sua situação.

— Sim, doutora.

Laurel realizou as notas oportunas no expediente do Lonzo e o devolveu ao

enfermeiro. Decidiu comprovar de novo as constantes vitais do Devlin, mas seu andar se voltou hesitante quando viu que sua maca estava vazia. Aonde tinha ido?

Olhou para a porta. Devlin estava ao outro lado e a olhava através do guichê. Depois de girar a cabeça um pouco para olhar ao Lonzo, voltou a girá-la em direção a ela. Sua expressão se voltou de pedra e seus olhos como o gelo enquanto a distância que os separava se alargava mais e mais. Sacudiu a cabeça, girou sobre si mesmo e partiu.

A Laurel lhe encolheu o coração e os pés lhe pesaram como chumbo enquanto tentava sobrepor-se. Ficava-se paralisada naquele lugar contemplando a porta com expressão aturdida, alguém poderia dar-se conta, mas tampouco podia enfrentar-se a seus companheiros. Em lugar de arriscar-se a que alguém percebesse seu atordoamento, chamou a atenção do Kenny e assinalou a porta com um gesto. Não se tinha tomado um descanso desde fazia horas, de modo que

ninguém podia questionar que desaparecesse durante uns minutos.

Uma vez fora do laboratório, olhou rapidamente a seu redor. Havia meia dúzia ou mais de guardas armados apostados com o passar do corredor, mas nem rastro do Devlin. Sem dúvida, tinha passado com determinação entre os guardas ou lhes tinha mentido dizendo que lhe tinham dado a alta. Com toda a comoção que se produziu com o do Lonzo, o mais provável era que lhe tivessem acreditado ou que estivessem muito ocupados para lhe notificar a ela sua partida.

Qualquer outro dia, ela teria dado parte de seu descuido, mas os guardas se enfrentavam à perda de vários de seus camaradas e não queria lhes criar mais problemas. Se Devlin tinha abandonado o edifício, não havia muito que fazer, salvo modificar seu expediente para encobri-lo. Tinha a sensação de que o coronel Kincade não se tomaria muito bem que um dos Paladinos partisse de Investigação sem a alta

correspondente.

— Posso ajudá-la, senhora?

O guarda mais próximo, incrivelmente jovem, separou-se da parede para chamar a atenção de Laurel.

— O senhor Bane aconteceu por aqui?

Laurel introduziu as mãos nos bolsos da bata para que o guarda não notasse o muito que lhe tremiam.

— Sim, assim é. Acompanhamo-lo à saída fará uns três minutos. — O guarda franziu o cenho —. Tinha a alta, não?

Laurel odiava mentir, mas, além de pedir reforços para sair a procurar o Devlin, não tinha outra opção.

— Tudo está bem, cabo. Só esqueci lhe dizer algo. Sairei a tomar um pouco de ar e possivelmente tenha sorte e o alcance.

O sol se estava pondo naquele momento e pintava as nuvens dispersas com tons laranja e pêssego. Laurel ficou no degrau superior da entrada e olhou a ambos os lados.

Devlin tinha desaparecido.

Laurel, vencida, afundou os ombros. Sem dúvida, ver o Lonzo sofrer a agonia da morte e a ressurreição lhe havia meio doido de perto ao Devlin. Podia ter sido perfeitamente ele a quem atassem à maca, e seus olhos os que temessem olhar se por acaso se converteu em um dos Outros.

E ele sabia que, de ter sido assim, ela teria pegado a seringa de injeção e teria terminado com sua vida, como tinha feito com o pobre Paladino que tinha morrido no dia anterior. Que tipo de relação podia ter se ela ostentava o poder da vida e a morte sobre ele?

A resposta era óbvia: nenhum tipo de relação. Não se esta consistia em algo mais que um jantar ocasional. Embora não se arrependia do que tinham compartilhado, isso só fazia mais difícil ter que enfrentar-se a um futuro sem o Devlin. Apostaria algo a que lhe tinha mostrado um aspecto de si mesmo que poucas pessoas conheciam.

Laurel se voltou com brutalidade para

retornar ao laboratório, mas tropeçou com o Blake Trahern. Retrocedeu de forma instintiva e esteve a ponto de cair pelas escadas, mas ele a agarrou para evitar que perdesse o equilíbrio. Trahern fixou nela seus olhos chapeados e inexpressivos, e a Laurel resultou impossível adivinhar o que pensava ou qual era seu estado de ânimo.

Na hora de pedir um favor, Trahern não teria sido sua primeira eleição, mas sabia que ele podia encontrar ao Devlin e comprovar se encontrava bem.

— Senhor Trahern, posso falar com você um minuto? — Laurel atirou dele para um lado, fora do campo visual da porta—. O senhor Bane abandonou o laboratório sem minha permissão.

— Ah, sim? É toda uma lamina

Trahern se dispôs a partir, mas se deteve quando ela apoiou a mão em seu braço.

— Só preciso saber que se encontra bem. Lonzo morreu hoje nos túneis. Enquanto minha equipe se ocupava dele, reagiu de uma

forma adversa.

— Quer dizer que perdeu o controle...

Subentendia-se que como lhe tinha passado a ele.

— Ainda não tinha revivido, mas tivemos que atá-lo. Não tentava ferir ninguém de uma forma consciente, e seus olhos ainda são humanos. — A menos que se equivocasse Trahern se relaxou um pouco —. Quando me dispunha a terminar de curar ao senhor Bane, este tinha desaparecido. Sei que, como você diz, é forte e se curará bem sem os antibióticos que lhe teria injetado...

— Mas?

Trahern a olhou como se fora uma espécie nova que nunca antes tivesse visto.

— Mas preciso saber que se encontra bem. Você pode comprová-lo e me avisar?

— Assim o farei, doutora, embora não gostará. — Surpreendentemente, Trahern sorriu e, durante um instante, seus frios olhos cinza refletiram calidez — Mas inclusive Devlin Bane necessita que o sacudam um

pouco de vez em quando.

Laurel ficou com a boca aberta pela surpresa e, para cúmulo, Blake flexionou o dedo indicador e lhe fechou a mandíbula.

—Não quero que lhe entrem moscas, doutora.

Trahern passou junto a ela e desapareceu rua acima deixando-a pasmada e sem fala.

CAPÍTULO 8

Alguém o seguia e isso não gostava nem pingo. O braço lhe doía muitíssimo, por isso não estava de humor para agüentar a Intendência. Se quiserem que retornasse ao laboratório de Laurel, que o pedissem. Então ele os mandaria ao inferno e se acabaria a história.

Caminhou com passo decidido pelos moles de Seattle desafiando com o olhar a quem se cruzava com ele. Estava furioso, a adrenalina corria por suas veias e podia acabar com todo um esquadrão de soldados se fosse necessário. De fato, sentia desejos de golpear alguma coisa ou inclusive a alguma pessoa.

Embora conseguisse esquivar a quem o estivesse seguindo, por muito que corresse não conseguiria livrar-se da imagem do Lonzo enquanto o reduziam e o atavam como a um animal raivoso. Além disso, Laurel se

tinha unido a seus companheiros e não retrocederam até que Lonzo, nu e vulnerável sobre a maca de aço inoxidável, deixou de constituir uma ameaça.

Certamente, Devlin já tinha experiente pessoalmente aquela situação e tinha visto outros no mesmo caso, mas nunca antes tinha sido seu amante quem tinha pacote a última correia e decidido permitir que Lonzo continuasse lutando por voltar a viver. O que teria acontecido se tivesse tido que presenciar, sem poder fazer nada, como Laurel injetava ao Lonzo as toxinas que teriam acabado com sua vida?

Devlin admirava o valor e a força de vontade de Laurel ao carregar com aquele peso até a costa do sofrimento que isto implicava para sua própria alma. Queria rodeá-la com os braços e proteger a de tanto horror, e, entretanto, também queria amaldiçoá-la por fazer que ele voltasse a preocupar-se com alguém até sabendo que cada dia supunha para ele um passo mais

para a perda de sua humanidade. E aí estava ele, ansiando passar todas as noites da eternidade nos braços de Laurel e perder-se no doce calor de seu corpo em lugar de experimentar a loucura de converter-se em um dos Outros.

Merda necessitava uma briga! Em lugar de tentar esquivar a seu indesejado perseguidor, baixou umas escadas laterais que conduziam a um porão com várias lojas. Colocou-se de costas à parede mais próxima e esperou. Não transcorreu muito tempo antes que uma figura familiar passasse pela rua. Devlin subiu as escadas a toda velocidade, colocou-se detrás de sua despreparada vítima, arremeteu contra ela e lançou ao Trahern a um beco próximo.

Em menos de cinco segundos tinha ao Blake contra a parede e lhe atendia o pescoço com as mãos. Trahern deixou cair os braços aos lados sem opor resistência. Sua falta de resposta permitiu que Devlin voltasse a recuperar o controle de seu temperamento.

Este retrocedeu pouco a pouco sem descartar a possibilidade de voltar a entrar em ação em caso de que Trahern realizasse um movimento em falso.

— por que me está seguindo?

Trahern se encolheu de ombros.

— Este é um país livre. Não sabia que fosse o dono desta parte de calçada.

— Maldita seja, não jogue comigo! Estiveste me seguindo desde que saí de Investigação e eu não gosto foda-se.

Trahern ficou em estado de alerta, como um lobo que cheirou uma presa.

— Não é certo. Vi-te justo antes que descesse por essas escadas daí atrás. De fato, dirigia-me para sua casa. Sua mulher queria que comprovasse como estava - terminou Trahern com ironia.

O punho do Devlin golpeou a mandíbula do Trahern antes que aquele pudesse dar-se conta de seu próprio movimento. Blake se cambaleou até se chocar com a parede, mas não realizou nenhuma

ameaça de contra-atacar. Enquanto estirava e dobrava sua dolorida mão, Devlin não pôde saber se sentia decepcionado ou aliviado.

— Não a chame «**minha mulher**».

— Que não o diga não significa que não seja verdade.

Trahern separou as pernas e apertou os punhos, como se preparasse para outra investida do Devlin.

— Eu não o neguei, só hei dito que não a chame assim. Ela se merece a alguém melhor.

Embora lhe reconheçê-lo doesse muitíssimo.

— Eu diria que isso depende dela, não crie? — Trahern se relaxou um pouco —. Mas agora tem problemas mais graves que o que você e a encantadora doutora Young estejam loucos o um pelo outro. O que te disse antes que me golpeasse ia a sério. Não era eu quem te estava seguindo.

Devlin acreditou. Trahern podia ser muitas coisas: sarcástico, irascível e amargurado, mas também era extremamente

sincero, porque não lhe importava se ofendia ou não a alguém. Se ele afirmava que não tinha seguido ao Devlin, era verdade. Mas, então quem o tinha feito?

—Suponho que já sabe que a última vez que me mataram não o fez um dos Outros.

Seguro que Cullen e D.J. Asseguraram-se de que os Paladinos mais próximos ao Devlin soubessem o que tinha acontecido.

—Sim! Já é bastante foda ter que lutar contra esses filhos de puta do outro mundo para que agora tenhamos que nos preocupar de que não nos apunhalem pelas costas.

Trahern olhou além do Devlin, para a rua, como se esperasse que arremetessem contra eles no mesmo beco.

—Não é a primeira vez que tenho este pressentimento. Alguém me esteve seguindo os passos desde que revivi. O outro dia, no túnel, matei a dois dos Outros. Enquanto os perseguia, alguém ia detrás de mim, mas o muito covarde não se deixou ver.

—Provavelmente esperava a que os

Outros lhe derrotassem para te rematar de forma definitiva.

Os olhos do Trahern eram tão frios que poderiam ter gelado o ar vespertino.

— Isso é o que eu pensei então. — Não era momento de guardar segretos —. Ontem, ao sair de Investigação, dirigi-me à casa da doutora Young para ver como levava o assunto de ter posto fim, pela primeira vez, à vida de um Paladino.

— ouvi falar do assunto. — Trahern sacudiu a cabeça —. Essa mulher tem forças. Ontem acabou com a miséria daquele pobre desgraçado e, apesar de tudo, esta manhã se apresentou a trabalhar.

— Sim. Bom, o caso é que tinha que comprovar por mim mesmo que se encontrava bem. — Não era assunto de o Trahern saber o muito que Laurel tinha chorado ou que ele tinha passado a noite em sua cama.

— Desde Investigação até sua casa, dava um rodeio. Em nenhum momento vi que alguém

me estivesse seguindo, mas algo me empurrava a olhar continuamente para trás.

—De modo que não há forma de saber se te desfez de seu perseguidor ou não. E se conseguiu te seguir o rastro...

—Deveu averiguar que fui à casa de Laurel. Maldita seja!

A urgente necessidade de golpear algo voltava a apoderar-se do Devlin. Como podia ter sido tão estúpido? Em nenhum caso podia considerar um cavaleiro de branca armadura, mas, no dia anterior, tinha ido correndo a consolar a Laurel sem pensar que alguém tinha intenção de matá-lo. Era muito possível que tivesse conduzido a aquele bastardo diretamente à porta da casa de Laurel.

—Não é que queira que me dê outro murro, mas suponho que não te limitou a tomar uma taça de chá com ela e que, depois, partiu-te.

A simpatia que refletiam os olhos, geralmente frios, do Trahern constituiu uma

surpresa para o Devlin.

— Não. Esta manhã, quando Cullen nos avisou da reunião eu ainda estava em sua casa. — E tinha a intenção de retornar ali a menos que lhe ocorresse outra forma de vê-la —. Apostaria algo a que meu perseguidor ficou por ali o tempo suficiente para saber que fiquei durante toda a noite.

— Merda! Isso fode tudo!.

Aquele sucinto comentário fez sorrir ao Devlin. Trahern sempre encontrava a maneira de ir direto ao grão de qualquer assunto.

Devlin considerou as distintas possibilidades.

— Alguém tem que vigiar sua casa.

Não queria lhe pedir ao Trahern mais do que este estivesse disposto a dar, mas esperava que se oferecesse a compartilhar aquele trabalho com ele. Se o pedia a qualquer dos outros Paladinos, perguntariam-se por que se preocupava tanto por ela e não demorariam muito em

adivinhar que havia algo entre eles. Laurel não necessitava que todos os Paladinos estivessem pendentes dela enquanto se perguntavam pela natureza da relação que havia entre ela e Devlin. E ele não tinha o tempo nem a energia necessários para ir golpeando a todos os que a olhassem de um modo equívoco.

— deixe-me isso.

— Obrigado. Devo-te uma.

Trahern soltou um coice.

— Não o faço por ti.

E partiu.

Devlin o observou até que desapareceu entre as sombras. Poucas coisas o surpreendiam já, mas Trahern sempre tinha constituído um enigma para ele. Entretanto, não precisava saber por que Trahern era como era para estar seguro de que podia confiar-se em sua palavra. Estava claro que Trahern não era tão imune ao trato amável que Laurel prodigalizava a seus pacientes como lhe teria gostado que outros pensassem.

Mas, de momento, Devlin tinha uma missão. Precisava levar a seu oponente a campo aberto, mas ainda não.

Muitos Paladinos não estavam em condições de lutar e lhe doía muito o braço. Entretanto, a hora da verdade chegaria em um ou dois dias.

Ele se encarregaria pessoalmente de que assim fora.

— Está bem.

Trahern, homem de poucas palavras, pendurou o auricular antes que Laurel pudesse lhe dar as obrigado. Os nervos que atendiam o estômago de Laurel devido à preocupação se relaxaram. Ela conhecia a capacidade de recuperação dos Paladinos, mas lhe ajudava saber com certeza que Devlin se encontrava bem. Tinha que compensar ao Traher por sua amabilidade. Umas bolachas com pedacinhos de chocolate, possivelmente? Comida-las que lhe preparavam em Investigação sempre incluíam umas bolachas.

Esta pequena debilidade do Trahern a fez sorrir. Ao duro e fornido Paladino gostava dos doces.

A porta do laboratório se abriu e o doutor Neal e o coronel Kincade entraram. Ela ficou de pé em seguida. Ao homem de Intendência lhe resultava mais difícil intimidá-la se ela o olhava diretamente aos olhos. Laurel se uniu a eles junto à mesa de operações sobre a que Lonzo estava convexo.

—Como se encontra? —perguntou o doutor Neal enquanto agarrava e olhava seu expediente.

—Como seria de esperar. Antes teve um mau momento, mas faz já muitas horas que estão tranqüilas. Ordenei que lhe realizasse um exploratório cerebral e várias provas mais pela manhã.

Kincade se aproximou mais à mesa de operações.

—Quando poderemos contar com ele?
—Kincade voltou seu frio olhar para Laurel—
. Devo fazer insistência em que, nestes

momentos, estamos faltos de pessoal. O vulcão segue retumbando e ao menos um terço de nossos homens está de baixa. Não lhe peço que arrisque sua saúde, só um cálculo aproximado de quando posso esperar que volte a estar em ativo.

Por muito que lhe desagradasse aquele homem, sua petição era razoável.

—Segundo sua reanimação anterior, eu diria que dentro de dois dias. Três no máximo. Suas feridas já começam a cicatrizar e o nível das isoenzimas CPK baixou. O resto dos indicadores também se está estabilizando. Terei mais dados pela manhã, e posso lhe enviar por e-mail um relatório atualizado quando tiver analisado os resultados.

—Espero seu relatório. —O coronel Kincade se desentendeu de Laurel e se voltou para o doutor Neal—. Vamos ver meus homens, doutor?

—Claro! Estou seguro de que se alegrarão muito de receber uma visita de

você.

O doutor Neal lhe piscou os olhos um olho a Laurel enquanto conduzia a aquele imbecil presunçoso fora do laboratório.

Ela se perguntou como conseguia seu chefe manter uma disposição tão risonha quando estava com aquele homem tão irritante. Enfim, aquilo não era de sua incumbência, mas seu paciente inconsciente sim que o era.

—Lonzo, não se preocupe sobre o coronel. Ficaré aqui até que esteja segura de que te recuperaste por completo. Não beneficiaria a ninguém que voltasse para trabalho muito logo.

Laurel lhe deu um tapinha no braço e apoiou seu estetoscópio no peito do Lonzo. Fechou os olhos para ouvir melhor e tentou perceber algum batimento do coração. Ouviu um batimento do coração débil, mas pulsado ao fim e ao cabo.

Durante as seguintes vinte e quatro horas, o pulso do Lonzo aumentaria de uma forma

gradual até alcançar o ritmo normal. Para então, seus pulmões também deveriam funcionar a pleno rendimento. A capacidade de recuperação dos Paladinos era incrível.

—Está-o fazendo muito bem, Lonzo. Tenha paciência, nada mais.

A noite se aproximava e, no laboratório, começava a fazer frio. Possivelmente se enganava a si mesmo, mas a Laurel gostava de fazer o que estivesse em sua mão para que seus pacientes em estado inconsciente estivessem mais cômodos. De um modo ou outro, a aqueles homens tinha que lhes sentar bem uma manta quente enquanto lutavam por voltar para a vida.

Depois de ter feito tudo o que podia pelo Lonzo, retornou a seu escritório e à montanha de papelada que sempre seguia a uma quebra de onda de pacientes. A maioria dos Paladinos receberia a alta o dia seguinte pela tarde. Não lhe surpreenderia que só ficasse Lonzo, o qual já lhe parecia bem.

Possivelmente postergaria a papelada

para a manhã seguinte. Os olhos lhe ardiam de cansaço e lhe doíam as costas. Baixou a intensidade das luzes, tiraram-se os sapatos e a bata e deixou esta última em cima da travessura. Depois, lavaram-se os dentes, escovou-se o cabelo e se tombou em sua cama de armar. E dormiu desejando estar em sua própria cama e entre os braços do Devlin.

Tinha uma desculpa preparada se por acaso alguém lhe perguntava por que estava no laboratório da doutora Young: alguém tinha que assegurar-se de que o Paladino estava bem manso. Todo mundo sabia que tinha sofrido um ataque repentino antes que o atassem. Para dar mais credibilidade a seu pretexto, aproximou-se da mesa de operações, desejando que fora Devlin Bane quem estivesse ali convexo, literalmente morto. Isso sim lhe teria facilitado o trabalho.

Entretanto, ao Bane tinham dado o alta ou se foi por decisão própria. Quando se apresentou a seus superiores de volta da sangria nos túneis tinha ouvido ambas as

versões. Um calafrio lhe percorreu o corpo. Já tinha lutado com os Paladinos em outras ocasiões, mas nunca em uma batalha como aquela. O sangue tinha deslocado pelos chãos formando atoleiros pegajosos e escorregadios conforme mais e mais Outros cruzavam a barreira.

Ele tinha matado a uns quantos, mas nada comparável com os que matavam os Paladinos. Trahern e Devlin Bane, em concreto, eram dois filhos de puta aterradores. O resto era, de por si, bastante duro, mas Bane e Trahern matavam sem titubear e sem remorsos, como se estivessem segando feno em lugar de seres vivos. Deus não permitisse que, algum dia voltasse seus frios olhos e as afiadas folhas de suas espadas em sua direção.

Por esta razão era ainda mais importante que encontrasse a maneira de eliminar ao Bane sem incorrer na ira de outros Paladinos. Aproximou-se da cama de armar no que dormia a doutora Young. Sem

dúvida, estava esgotada. Em qualquer outro momento, lhe teria sabido mal por ela. Não podia resultar fácil trabalhar com um cadáver, como era o caso do Lonzo, por não mencionar ter que costurar as feridas de todos outros. Mas agora não lhe produzia a menor lástima. Já não.

Uma coisa era tratar com os Paladinos porque era seu trabalho, mas outra muito distinta era transar com um deles.

Ele esperava muito mais dela. Entretanto, em certo sentido se alegrava do que tinha ocorrido, porque assim lhe resultaria mais fácil utilizá-la como chamariz para atrair a Bane a uma armadilha. Aquele bode era tão nobre que estaria disposto a trocar sua vida pela dela.

A doutora Young se agitou e ele se viu obrigado a retroceder até que ela voltou a cair em um profundo sonho. Parecia que estava sorrindo. Sem dúvida se sentia feliz sonhando que se estava derrubando nua com seu amante. As imagens que invadiram sua

mente lhe fizeram experimentar náuseas. Já tinha decidido que ela teria que morrer com o Bane devido à possibilidade, mais que real, de que o reconhecesse e lançasse a fúria dos Paladinos contra ele. Sim, ela tinha que morrer.

Desfrutou de do sabor embriagador do poder sabendo que dependia dele que ela sofresse a mesma morte rápida que tinha planejado para o Bane ou que decidisse tomar-se seu tempo antes de acabar com ela. Possivelmente a submeteria a um castigo exemplar para lhes ensinar a todos o que ocorria às putas que escolhiam aos Paladinos antes que aos homens de verdade.

Sim, esta idéia gostava!

Voltou a aproximar-se da cama de armar de Laurel desejando atrever-se a lhe roçar a pele, mas, em lugar de tocá-la, olhou a seu redor em busca de umas tesouras. De uma rápida tesourada, cortou-lhe uma mecha de cabelo, o aproximou do nariz e inalou funda A reação de seu corpo ao aroma

feminino foi imediata e quase dolorosa devido a sua intensidade. Ah, sim, se jogava bem suas cartas, aquilo podia resultar muito divertido!

Envolveu a mecha de cabelo em um lenço de papel e o meteu no bolso. Não era o momento adequado para que o pilhassem rondando por ali. Logo chegaria sua hora. Além disso, o homem que ia pagar lhe não esperaria muito mais.

Uma vez no corredor, retornou a seu posto. De momento, aproveitaria a tranqüilidade da noite para elaborar seus planos.

Laurel pinçou na bolsa em busca da chave. O dia não tinha ido mal, mas se sentia exausta. A maioria dos Paladinos tinha recebido a alta, e lhes tinham dado instruções para que se dirigissem a ela ou ao doutor Neal em caso de que necessitassem alguma coisa. Lonzo tinha realizado uns progressos consideráveis durante as últimas vinte e quatro horas. Ela tinha absoluta confiança em

que estaria vivo e em plena forma antes de doze horas.

Além dos reforços que o coronel Kincade tinha pedido a outros setores, tinham solicitado a ajuda de outros três Tutores. O número de baixas tinha sido muito elevado para ela e o doutor Neal, de modo que, aquela noite, um dos Tutores externos vigiaria a seu paciente. Laurel odiava saber que era bastante provável que Lonzo despertasse com um desconhecido junto a sua maca, mas não podia fazer nada para evitá-lo.

Sentia-se tão cansada que não confiava em seu próprio julgamento, de modo que se dirigiu a sua casa para recuperar-se. Não havia nada nela que não pudesse curar-se com umas doze horas de sonho ininterrupto.

Oxalá sua cama não lhe parecesse tão vazia sem o Devlin pego a suas costas, como duas colheres! Fazia menos de dois dias que se deitaram juntos, mas já lhe parecia toda uma eternidade.

Girou a chave na fechadura e empurrou a porta. Logo que tinha dado dois passos quando o braço de um homem apareceu de um nada e atirou dela para o interior da moradia.

Antes que pudesse gritar pedindo ajuda, lhe tampou a boca com a mão.

— Laurel, sou eu.

Assim que reconheceu a voz do Devlin, Laurel se relaxou sobre seu peito convencida de que o pulso lhe pulsava com tanta força para lhe provocar um enfarte. Depois, sentiu-se raivosa e lhe deu uma patada na tíbia.

Ele a soltou imediatamente.

— Ai! Por que tem feito isso?

Como se ela pudesse fazer machucado a um Paladino duro e corpulento como ele! Voltou-se para o Devlin e enumerou suas razões com a ajuda dos dedos.

— Em primeiro lugar, acabo de envelhecer dez anos por culpa do susto que me deste. Em segundo lugar, estive muito

preocupada contigo desde que, ontem, escapou-te do laboratório. Em terceiro lugar... Agora mesmo, estou muito cansada para brigar contigo.

— Temos que falar Laurel. É importante.

Devlin agarrou o casaco de Laurel e o jogou sobre o respaldo de uma cadeira próxima.

— Nada é tão importante para ter que falá-lo agora. Tenho planos para esta noite e nem sequer você me vais danificar isso

Apartou-o a um lado e se dirigiu à cozinha.

O a seguiu, de modo que tirou duas tigelas e duas caixas de cereais. Uma era de trigo integral, com muita fibra e muitos nutrientes. Esta era para ele. Ela encheu sua própria tigela com uns cereais de cores brilhantes e carregadas de açúcar.

— Eu também quero esses!

Apartou a um lado a caixa que ela tinha deixado junto a sua tigela e ela voltou a empurrá-la para ele.

—Não. Estes são todos para mim. Se te empenhar em ficar para jantar sem ser convidado, terá que te conformar com o que lhe dêem.

Laurel nunca tinha visto o Devlin zangar-se. Ficava bonito, mas não tanto como para compartilhar com ele os cereais. Quando tentou lhe roubar uma colherada de cereais da tigela, lhe golpeou os nódulos com a colher.

—Nem o sonhe, tio! Esta maravilha não a compartilha.

Laurel se sentiu melhor do que se sentou em todo o dia. Sentou-se em um dos tamboretos que havia juntado ao balcão da cozinha e desfrutou de cada bocado do jantar.

Quando terminaram de comer, Devlin introduziu as tigelas na lava-louça.

—Agora podemos falar?

—Não, agora vou me dar uma ducha quente e depois irei à cama.

Laurel empurrou o tamborete para trás e se afastou. Antes de chegar ao corredor,

olhou atrás para o Devlin, quem seguia sentado no tamborete como se tivesse todo o direito do mundo a instalar-se em sua casa. Como o tinha feito em seu coração. Possivelmente deveria lhe ordenar que partisse, mas não conseguiu reunir as forças ou o desejo suficientes para fazê-lo.

Devlin a olhou da distância.

—Sei que te assustei, mas não podia esperar fora, onde alguém pudesse lombriga.

Laurel se perguntou quantas vezes se teria desculpado Devlin em sua vida. Seguro que não muitas.

—Perdôo-te.

Afastou-se com passo cansado. Uma vez no banheiro, abriu o grifo da água quente da ducha antes de tirá-la roupa. O calor da água lhes sentou de maravilha a seus ossos cansados e a seus músculos doloridos. A porta do banho se abriu e uma rajada de ar frio lhe pôs calafrios. Aquele homem estava adquirindo o costume de abrir as portas sem pedir permissão.

Abriu a porta da ducha o justo para lhe lançar um olhar iracundo.

— E agora o que quer?

— Fico.

Não se incomodou em ocultar o fato de que via seu corpo nu através do rugoso cristal da ducha e de que gostava do que via.

— Sigo estando muito cansada para falar.

Isto era totalmente certo.

— Então não falaremos.

Sua voz escorregou pela pele de Laurel como se fora de seda. Tirou-se o pulôver pela cabeça.

Uma mulher mais forte que Laurel lhe teria ordenado que saísse do banho e, possivelmente, inclusive de sua vida. Uma mulher mais fraca se haveria sentido aturdida ao ver aquele maravilhoso corpo masculino. Mas Laurel necessitava a aquele homem, de modo que retrocedeu e lhe deixou sítio na ducha e em seu coração.

Devlin entrou na ducha e correu a porta

deixando fora todas as preocupações e a dor. No momento, estavam os dois sozinhos, com a pele molhada e ansiosa por dar-se beijos intensos e profundos.

A Laurel adorou sentir seus peitos apertados contra o torso do Devlin enquanto suas línguas jogavam e se entrelaçavam.

Logo interrompeu o beijo para lhe saborear a pele, começando pelo anguloso contorno da mandíbula e descendendo mais e mais até ficar de joelhos frente a ele. Tomou com delicadeza entre suas mãos e o esfregou e acariciou até que ele gemeu, jogou a cabeça para trás e apoiou as mãos na parede por detrás de Laurel.

Ela o saboreou lhe dando pequenos golpes de língua e desfrutando de do fato de proporcionar agrado a seu homem. Devlin se estremeceu, como se tentasse não perder o controle, e atirou de Laurel para cima para lhe dar outro beijo apaixonado.

Agarrou a pastilha de sabão e as esfregou até formar abundante espuma. Depois voltou

para Laurel de costas a ele.

Descendeu por suas costas riscando círculos com uns movimentos suaves e sensuais, ardentes como o fogo. Depois, voltou a subir repetindo estas carícias uma e outra vez enquanto baixava cada vez mais. Dedicou comprido tempo à curva dos quadris de Laurel e depois se ajoelhou para emprestar especial atenção à parte de atrás de suas coxas e seus joelhos. Quando terminou com a parte de atrás, fez que Laurel girasse sobre si mesmo.

A manobra demorou muitíssimo tempo em subir pelo interior das pernas de Laurel. Ela as separou tudo o que a ducha o permitia e Devlin se entreteve em seus joelhos.

A frustração fez que Laurel sentisse desejos de gritar, mas então Devlin alargou o braço e realizou círculos ao redor de seus peitos com a mão. Quando seus mamilos se ergueram com uma necessidade premente, ela se inclinou para frente rogando, sem palavras,

que Devlin fizesse algo a respeito.

A língua do Devlin seguiu o mesmo caminho que tinha seguido ao redor dos peitos de Laurel; primeiro um e, depois, o outro, e, ao final, sugou seus mamilos. Aquele homem tinha uma forma perversa de mover a língua e os dentes. Continuando, seguiu acariciando-a sem demora até que Laurel pôs-se a tremer. Com uma carícia suave e lenta, Devlin subiu pela entre as pernas de Laurel até chegar a seu ninho de cachos e ao escondido centro de seu corpo.

OH, Deus! Voltava-se a fazer isto outra vez, ela saltaria em pedaços. Devlin deixou cair à cabeça, deslizou a mão pela parte posterior das pernas de Laurel, agarrou-a pelas nádegas e a atraiu para si.

—te agarre a mim, Laurel, porque não vou parar até que veja as estrelas.

Deslizou um dedo até o mais fundo do interior de Laurel enquanto saboreava seu calor com a língua. Ela se aferrou a seus fornidos ombros com todas suas forças

enquanto a boca e os dedos do Devlin a acariciavam e a penetrava fazendo que o pouco controle que ainda ficava cambaleasse.

Quando a primeira sacudida lhe percorreu o corpo, exalou um gemido duvidando poder agüentar mais sem perder o julgamento. Devlin deslizou um segundo dedo em seu interior enquanto a acariciava com o polegar. Uma..., dois..., três vezes. E, então, o mundo explorou em um sem-fim de cores inomináveis para Laurel. Quando suas pernas fraquejaram, Devlin a ajudou a sentar-se em seu regaço e a embalou com doçura.

Depois de um momento, beijou-a na frente e tentou despertá-la.

— Laurel, a água se está esfriando!

Ela sorriu e escondeu a cara no pescoço do Devlin.

— Não me importa.

Devlin tinha criado um monstro.

— Sei, mas não quero que te esfrie.

Ela realizou um intento pouco entusiasta por levantar-se e então Devlin a

separou de seu regaço e ficou de pé. Laurel levantou a vista e a prova do muito que ele a queria ficou à altura da cara.

— Sigamos falando deste tema em sua cama - sugeriu Devlin —. Ali estaremos muito mais cômodos e quentes.

Tirou-a da mão para ajudá-la a manter o equilíbrio enquanto saía da ducha. Laurel lhe lançou uma toalha e os dois se secaram enquanto se detinham periodicamente para beijar-se. Depois, ela o conduziu à cama, justo onde ele queria estar por cima de qualquer outra coisa. Meteram-se entre os lençóis e se encontraram em metade da cama.

A mão de Laurel se deslizou mais abaixo da cintura do Devlin, mas ele a agarrou e a levou a seu coração.

— Isso pode esperar.

Ela franziu o cenho.

— Não quererá falar outra vez?

Que mulher tão teimosa!

— Não se me promete escutar o que tenho que te dizer amanhã pela manhã.

Ela assentiu com a cabeça. Agora que tinha sua promessa, Devlin lhe soltou a mão. Ela demorou um ou dois segundos em dar-se conta de que era livre para fazer o que quisesse. Enquanto deslizava a mão para baixo muito lentamente, pensou que estava sendo perversa, embora, deste modo, ele perderia a cabeça. Quando sua mão, por fim, alcançou seu objetivo, Devlin levantou os quadris em sinal de aprovação.

— me beije, Laurel.

Devlin entrelaçou os dedos com a cabeleira escura de Laurel desfrutando de seu tato sedoso.

— Encantada.

Laurel se sentou em cima de Devlin e encaixou seu corpo com o dele, aberta e receptiva. O empurrou com os quadris desfrutando da sensação que lhe produzia aquele contato, mas não se atreveu a continuar até colocá-la amparo. Suas vidas já eram bastante complicadas sem arriscar-se a que ela ficasse grávidas.

— Espera um momento, carinho.

Devlin apartou os lençóis para levantar-se, mas ela o deteve.

— Há uma caixa na mesinha.

Devlin se incorporou, agarrou a caixa e se deu conta de que estava sem estrear. Isto o agradou, embora soubesse que não tinha nenhum direito a sentir-se assim. O que mais queria no mundo era ter a atenção daquela mulher, mas, à larga, isto só podia conduzir ao desastre. Podiam ter aquela noite e, possivelmente, umas quantas mais, mas isso era tudo.

— Não pense nisso, Devlin. — Laurel apertou seus doces peitos contra as costas do Devlin e o rodeou com os braços—. Não permita que o que possa acontecer arruíne este momento.

Devlin fechou os olhos e permitiu que o consolo daquelas carícias o tranqüilizasse. Ela tinha razão. Possivelmente não tivessem um futuro, mas tinham a noite por diante. Colocou-se o amparo e voltou a tombar-se na

cama levando a Laurel consigo. E, de novo, ela o acolheu com seu corpo e um sorriso.

E isso foi suficiente.

Nesta ocasião, quando amanheceu ela estava o seu lado. Em todos os largos anos de sua vida, não recordava um só momento no que se houvesse sentido tão bem. Se tão somente o mundo pudesse ficar no exterior! Mas, como muito, só podia mantê-lo a raia durante outra hora.

—É muito cedo para estar pensando com tanta intensidade. —Laurel apoiou a cabeça em uma mão enquanto realizava pequenos círculos no peito do Devlin com a outra—. Sei que te prometi te escutar esta manhã, e o farei, mas, ao menos, espera até que me tenha tomado uma taça de café.

Devlin lhe beijou as gemas dos dedos.

—De fato, estava tentando decidir se me dar ou não outra ducha.

Os olhos de Laurel, que eram da cor do chocolate negro, entreabriram-se e seus lábios se separaram em um sorriso que era pura

tentação.

—Eu nunca me experiente antes de meus exercícios matutinos.

E sua exploradora e perversa mão se deslizou para baixo, e abaixo, e mais abaixo.

Maldição! Sabia que não deveriam continuar, mas em todo o relacionado com Laurel Young, pelo visto, ele era um ingênuo.

Com uma manobra bem planejada, Devlin a apanhou sob seu corpo e, a julgar pelo sorriso de Laurel, ali era onde ela queria estar exatamente. Devlin aproximou a cara ao pescoço de Laurel e inalou seu aroma.

Ela se se pôs a rir.

—Não! Faz-me cócegas!

Laurel afundou ligeiramente os dedos nas costelas do Devlin tentando lhe fazer cócegas também.

Ele nunca tinha tido uma amante brincalhona, e gostava. Resultava agradável rir pela manhã, sobre tudo com uma mulher bonita debaixo. O sorriso de Laurel foi suficiente para lhe derreter o coração.

Então, procedente da outra habitação, o estridente timbre de um móvel sacudiu sua concentração. Apoiou a frente na de Laurel.

— É o teu ou o meu?

— O meu, acredito. Está no bolso lateral de minha bolsa.

Devlin desceu da cama, correu descalço até o salão e agarrou o irritante aparelho eletrônico. Imediatamente, um segundo assobio se uniu ao coro. Bem por seus planos matutinos! Uma chamada podia não significar nada, mas dois só podiam implicar más notícias.

Quando entrou de novo no dormitório, Laurel estava de pé coberta com uma bata curta. Devlin lhe lançou o móvel e saiu ao corredor para responder a sua chamada. Ninguém tinha por que ouvir Laurel falar de fundo.

— Aqui Bane.

— bom dia, Devlin. Espero que já te tenha tomado a primeira taça de café.

A voz do D.J. Soava irritantemente

alegre.

— Por quê?

— O coronel Kincade convocou uma reunião às dez da manhã. Acreditei que me agradeceria que despertasse. Não nos há dito o motivo, mas supomos que tratará de cobrir as baixas com tantas como há.

Não tinha sentido descarregar seu repentino mau humor no DJ-

— Obrigado, ali estarei. Avisa a todos os que possam. Uma demonstração de força nunca vem má.

— Conta com isso.

A comunicação se cortou.

Tinha quase duas horas para chegar o Centro. Possivelmente ainda tinham tempo para a ducha e, depois, falariam.

Umas horas mais tarde, Devlin estava de um humor de cães e, além disso, não lhe importava que outros o notassem.

Enquanto esperavam o início da reunião, nenhum de seus companheiros teve a coragem necessária para lhe perguntar por

que passeava, sem cessar, de um lado a outro de seu escritório. De fato, quase desejava que alguém o perguntasse: uma boa briga era o que necessitava para dissipar a raiva que lhe fervia sob a pele.

O bate-papo com Laurel não tinha saído como ele tinha planejado. Claro que isto não deveria lhe surpreender. Nada relacionado com Laurel resultava adivinhar.

Seus olhos de olhar inocente e seu doce sorriso escondiam uma colides. Sem dúvida, Laurel tinha opiniões próprias sobre as coisas, algo que, em geral, ele admiraria e qualquer pessoa, mas, em algumas, resultava do mais inconveniente.

Não conseguia averiguar no que se equivocou. No dia anterior, quando planejou sua estratégia, pensou que as razões pelas que não deveriam ver-se mais tinham muito sentido. Desde o começo sabiam que sua relação não tinha futuro. Lhe triplicava a idade, embora ninguém pudesse deduzir o de seu aspecto; já não era de tudo humano e o

seria cada vez menos e, além disso, estava o pequeno detalhe de que alguém queria assassiná-lo. Se seu desconhecido atacante ficava nervoso, qualquer que estivesse perto podia cair indiretamente. Não lhe tinha contado este ponto a Laurel, mas lhe tinha recordado que sua profissão era muito perigosa e que sua sorte podia acabar-se em qualquer momento.

Inclusive lhe havia dito que ela se merecia algo melhor que um homem que vivia para matar, embora a mera idéia de que fora outro com quem compartilhasse a vida, ou a cama, fazia que quisesse golpear algo.

Laurel, com toda tranqüilidade, respondeu-lhe com uns quantos argumentos próprios. Ver-se com ele fora do trabalho era uma clara violação da relação de médico - paciente. Qualquer vínculo emocional que ela pudesse estabelecer com ele podia nublar facilmente seu bom julgamento profissional. Além disso, se algum dos Regentes, quem estava por cima de Intendência e de

Investigação, descobria que ela se via com o Devlin, seu trabalho correria um grave perigo e, sem dúvida, assegurariam-se de que não voltasse a vê-lo.

E, embora não o dissessem com palavras, seus olhos escuros deixaram entrever claramente a preocupação que sentia por ter que matá-lo ela mesma algum dia.

Sim, tudo resultava extremamente lógico. Tanto ele como ela eram dois adultos que tinham cedido à tentação de jogar com fogo, mas aquela mulher também sabia um pouco de tática e estratégia. Assim, antes que Devlin pudesse sair de sua casa com dignidade, desatou-se o cinturão da curta bata e a deixou cair a seus pés. Ele a possuiu ali mesmo, no chão, sem delicadeza nem suavidade, a não ser com uma necessidade urgente. Os dois ficaram destroçados e, como antes, ao bordo do desastre. Não tinham tomado nenhuma determinação nem se deu nenhuma despedida.

E como ele era tão egoísta, não sentia o

menor remorso.

CAPÍTULO 9

Devlin esperou até o último minuto para entrar na sala de reuniões. Possivelmente constituía uma estupidez por sua parte, mas não gostava de estar à inteira disposição do Kincade. Além disso, tinha pedido ao Trahern, Cullen e D.J. Que entrassem com ele. Os Paladinos eram muito mais altos que Kincade, e Devlin estava convencido de que isto exasperava ao coronel. Quando Devlin e seus três amigos entrassem na sala e se colocassem um ao lado do outro, seguro que o homem de Intendência se sairia de suas casinhas.

E isto agradava imensamente ao Devlin.

Como era de esperar, Kincade estava situado à frente da sala. O coronel lhes lançou uma olhada, franziu o cenho e voltou a centrar a atenção em seu relógio.

Devlin fez um sinal a seus amigos com a cabeça lhes indicando que a demonstração de

força tinha terminado. Seus companheiros se sentaram e esperaram a que Kincade desse começo à sessão. Devlin, por sua parte, apoiou-se na parede, perto da porta, como se fora a partir em qualquer momento.

Kincade se esforçou em não olhá-lo e repartiu sua atenção entre a porta que havia ao outro lado da sala e seu relógio.

Depois de adotar uma expressão de autêntica irritação, olhou a sua desinteressada audiência e subiu ao estrado. Contemplou aos assistentes enquanto esperava que se calassem. A maioria dos Paladinos locais e um bom número dos reforços que tinham chegado de outros lugares passaram dele, até que Devlin pigarreou. Um a um, os homens foram guardando silêncio e reconhecendo a autoridade do Devlin com o olhar antes de voltar a vista para o coronel. A julgar pela expressão do Kincade, aquele gesto conjunto fez que sua pressão sangüínea se disparasse.

— Convoquei-os aqui, esta manhã-

Antes que pudesse terminar a frase, a porta que tinha estado contemplando, por fim se abriu. Devlin não pôde evitar tornar-se a rir. O pobre desgraçado se esforçou muito para captar a atenção de sua audiência e, em um abrir e fechar de olhos tinha-a perdido. A satisfação que experimentava Devlin se desvaneceu quando viu que todos os Tutores da zona entravam em fila na sala com o doutor Neal e Laurel à cabeça. Naquele momento, a única pessoa da sala que parecia feliz era o coronel Kincade. Devlin se endireitou e tentou captar a atenção de Laurel.

Não teve sorte. De fato, ela se colocou lhe dando as costas. Maldita seja! O que estava passando? A julgar pelo sorrisinho de suficiência que Kincade lhe lançou, não ia gostar absolutamente.

Kincade deu uns golpes no microfone para indicar que tinha chegado o momento de entrar em matéria.

—Os mandos de Intendência, aqui

presente, expressaram sua preocupação pelo estado mental dos Paladinos que estão a nossa ordem.

—Que demônios significam isto?

Pergunta-a proveio de um dos Paladinos de reforço, quem estava sentado para o final da sala.

—Significa que todos e cada um de vocês deverão submeter-se a um exploratório cerebral nas próximas quarenta e oito horas—respondou o coronel.

Resultava evidente que, o muito bastardo, estava desfrutando com a situação.

—E uma merda!

Trahern ficou de pé e se cruzou de braços. Vários de seus companheiros seguiram seu exemplo.

A situação estava a ponto de escapar a todo controle. Nenhum deles se submeteria voluntariamente a um exploratório cerebral sem uma razão consistente.

—Decidiram-no porque o paciente da doutora Young se converteu em um dos

Outros sem prévio aviso? —perguntou Devlin.

Kincade fez caso omissso de sua pergunta e o doutor Neal teve o acerto de dar-se conta de que o coronel estava levando mal aquela situação. O doutor avançou uns passos e passou a constituir o centro da atenção de todos.

A maioria dos Paladinos locais sabia que era um homem justo e bondoso. E, também à maioria, tinha-a ajudado a reviver ao menos em uma ocasião.

—O senhor Bane formulou uma pergunta lícita e merece uma resposta adequada.

—Sua voz acalmada chegou com facilidade até o fundo da sala—. Em efeito, o incidente do outro dia produziu certa inquietação entre nós.

—Essa é uma forma muito bonita e asséptica de olhá-lo, doutor. Por que não o chama por seu nome? A doutora Young tomou a decisão de executar a um dos

nossos-declarou Blake.

Laurel se estremeceu. Maldita seja ela não tinha por que desculpar-se pelo que tinha feito!, Pensou Devlin. Se não tivesse acabado com a vida do pobre desgraçado, alguma outra pessoa o teria feito. Assim eram as coisas e todos eles sabiam.

—Ele já não era um dos seus, senhor Trahern. Converteu-se em um dos Outros, e quase sem prévio aviso. Recebemos seu histórico médico e, por alguma razão, fazia quase um ano que não lhe realizavam um exploratório. —O olhar do doutor Neal refletia autêntico pesar—. Os membros de

Investigação ao completo decidiu que necessitamos que se realizassem exploratórios com regularidade para evitar estas tragédias sempre que for possível.

Devlin desejou poder ver a expressão de Laurel. Aquela situação não podia lhe resultar fácil.

—Os exploratórios não solucionarão o problema, doutor Neal. Como muito, podem

lhes proporcionar um pouco de informação prévia, isso é tudo.

— Assim é senhor Bane, mas queremos averiguar mais costume sobre por que alguns de vocês evoluem para a transformação com mais rapidez que outros. O último exploratório realizado ao defunto era normal.

— O doutor Neal consultou seus dados —. De fato, estava por debaixo da zona medeia, ou seja, que não havia nenhuma razão para suspeitar que estivesse tão perto do limite.

— O que ocorreria se nos negássemos a nos submeter ao exploratório?

Como é lógico, foi Trahern quem formulou esta pergunta. O grau de tensão da sala alcançou uma nova cota. Se alguém não intervinha e assumia o controle, a situação se deterioraria a grande velocidade. E não podiam permitir-se recorrer à violência. Em tal caso, Intendência chamaria a tal contingente de guardas que os Paladinos não poderiam sair bem parados. Conhecendo coronel, o mais provável era que já os tivesse

à espera, no corredor. Então Kincade se asseguraria de que lhes realizassem as provas e todos os que estivessem perto do limite, como Trahern, não obteriam o benefício da dúvida quando revivessem zangados e fora de controle.

—Eu me realizarei o exploratório. — Devlin avançou até a parte frontal da sala—. Todos o faremos.

O doutor Neal assentiu em sinal de aprovação.

—trouxe um horário impresso. Agradeceria-lhes que escolhessem um horário antes de ir-se.

Subentendia-se que não lhes permitiriam ir-se apontar-se. Cullen e D.J. Virtualmente arrastaram ao Trahern para que assinasse na lista com eles, justo detrás do Devlin. Possivelmente, se foram os quatro juntos, a tensão que lhes produzia esta prova seriam menores.

Devlin se aproximou do doutor Neal, quem o recebeu com um sorriso acolhedor.

—Obrigado por sua ajuda, senhor Bane. Tenho a sensação de que, se tivéssemos deixado a reunião em mãos do coronel, a situação teria resultado um pouco difícil.

Devlin não queria o agradecimento do doutor, só queria que lhe fizessem o exploratório e terminar com aquele assunto.

—Sou o primeiro da lista, doutor. Podemos fazer a prova agora mesmo?

—Certamente. Estou seguro de que a doutora Young poderá atendê-lo imediatamente. Antes de vir à pequena reunião do coronel Kincade, calibramos as máquinas. Por isso chegamos tarde.

—Preferiria que fora você quem me realizasse a prova, doutor Neal.

Devlin cruzou os dedos indicadores e médio esperando que o doutor não lhe perguntasse a razão de sua preferência, pois Laurel era sua Tutora oficial. Um movimento chamou sua atenção Laurel saía da sala com o Trahern, D.J. E Cullen lhe seguindo os passos. Sua primeira reação foi de raiva e ciúmes,

mas se conteve. Tenso que estava quão último precisava era estar encerrado na sala do exploratório com Laurel.

Só Deus sabia como afetaria isto aos resultados, e com a cruzada que tinha empreendido o coronel Kincade para erradicar a todos os que estivessem roçando o limite, não podia permitir-se assumir riscos desnecessários. Além disso, se seu desconhecido atacante era um guarda, seria melhor que passasse o menor tempo possível em companhia de Laurel, sobre tudo, em público.

Devlin deu ao doutor Neal uma explicação a sua petição.

—Pelo visto, Trahern decidiu cooperar, e, agora mesmo, não quereria envenená-lo.

—Muito bem, senhor Bane, acredito que tem você razão. Vamos a meu laboratório.

—Isto não pode ser certo. —A voz do doutor Neal refletia algo mais que frustração enquanto giravam uns quantos mandos e pulsava um par de interruptores do

console — . Sinto que tudo isto esteja durando tanto, Devlin, mas terei que repetir a última série.

— O que acontece?

Acaso os resultados eram muito piores que os anteriores?

— Pelo visto tudo está bem, ao menos em você. Acabamos de recalibrar todas as máquinas, mas esta parece estar um pouco desajustada. De todas as maneiras, os resultados das provas de controle são corretos.

— Então, qual é o problema?

— Seus dados não se correspondem muito bem com os do exploratório que lhe realizou a doutora Young o outro dia.

— Então possivelmente é a máquina dela a que está desajustada.

— Não, asseguramo-nos de que ambas as máquinas produziam os mesmos resultados nas amostras de controle. — O doutor Neal se interrompeu para estudar o listrado da máquina e, depois, olhou o

expediente do Devlin com o cenho franzido —
. Maldita seja!

Pulsou outro botão e a máquina produziu um par de metros mais de papel.

—por agora, terminamos senhor Bane, mas possivelmente necessite que volte de novo. Tirarei-lhe os eletrodos e lhe ensinarei o que me intriga.

Devlin entrou no laboratório e se inclinou sobre o ombro do doutor para examinar os últimos três exploratórios que lhe tinha realizado. Quando o doutor os pôs um ao lado do outro, o padrão lhe resultou mais claro.

Normalmente, os exploratórios dos Paladinos mostravam um aumento constante das ondas cerebrais que indicavam que eram cada vez menos humanos. No caso do Devlin, o padrão estava investido. A variação entre o exploratório mais antigo e o que Laurel lhe tinha realizado era leve, embora, sem dúvida, mostrava uma melhora.

Entretanto, a mudança que se apreciava

no último exploratório era brutal, até o ponto de resultar incrível. Uma variação deste tipo não tinha precedentes na larga história dos Paladinos. Embora a possibilidade de detectar as mudanças que experimentavam os Paladinos por meio dos exploratórios constituía um avanço recente, os Regentes levavam um registro dos sintomas e os padrões de comportamento daqueles guerreiros desde fazia séculos. E todos, sem exceção, pioravam com o tempo.

—Não sei o que fazer com isto, senhor Bane. Terei que consultá-lo com a doutora Young para conhecer sua opinião a respeito. Em caso necessário, também me porei em contato com meus colegas de outras partes do mundo para averiguar se podem arrojar alguma luz sobre este assunto. —O doutor se voltou para o Devlin—. Notou você algum troco em como se sente? Ultimamente está fazendo um pouco de forma distinta a como o fazia antes?

—Não, minha vida é, virtualmente,

igual à sempre.

Além de que agora se deitava com sua Tutora e experimentava sentimentos muito profundos para ela.

— Bom, se lhe ocorre algo, diga-me isso. Possivelmente, depois de que realize o exploratório a uns quantos homens mais, possa averiguar se trata da máquina ou de você. — O doutor recolheu os resultados do Devlin e os introduziu em sua pasta—. Quando sair, quer lhe dizer ao seguinte que entre?

— Sim, claro.

Cullen estava esperando no corredor. Se lhe surpreendeu ver o Devlin sair do laboratório do doutor Neal em lugar do de Laurel, não o disse.

— Como segue por aqui, suponho que tudo foi bem— declarou Cullen.

— De momento, sim. O doutor Neal diz que entre. — Devlin olhou para a porta do laboratório de Laurel—. Sabe-se um pouco do Trahern?

—Não, mas, ao menos, não se resistiu. Quando lhe disse que entrasse o primeiro, ele a seguiu como um cordeirinho. Juro-te que esta mulher tem que ter um gancho muito potente para ser capaz de encantar a um tipo tão duro como Trahern.

«Um gancho muito potente, sim.»

—Acredito que ficarei um momento por aqui.

—Boa idéia. —Cullen ficou de pé—. Deseje-Me sorte, Devlin. Odiaria lhe dar a esse filho de puta do Kincade a satisfação de descobrir que um de nós está muito perto do limite.

—Não se preocupe, se eu passei a prova, você seguro que também. —Devlin lhe deu uma palmada a seu amigo nas costas—. Quando tiver acabado, te passe por minha casa e tomamos um par de taças.

—De acordo.

Quando Cullen entrou no laboratório do doutor Neal, Devlin se sentou em um banco próximo. Um par de guardas se deslocaram

um pouco, provavelmente para tê-lo bem vigiado. Sempre que não realizasse movimentos bruscos, deixariam-no em paz.

Demônios deveriam ser o bastante preparados para saber que estava bem! Se houvesse alguma dúvida respeito a sua estabilidade, o doutor Neal o teria desligado no laboratório. Devlin fechou os olhos, estirou as pernas quanto pôde e tentou ficar a vontade.

O que ocorreria se os resultados eram corretos e estava voltando-se cada vez mais humano? Como podia ser possível? A única mudança que se produziu em sua vida era sua nova relação com Laurel. O que pensaria ela quando o doutor Neal lhe ensinasse os resultados? Devlin fechou as pálpebras e se relaxou enquanto esperava a seus amigos.

—Blake, não é por nada, mas me está destruindo a boneca.

Laurel conseguiu pronunciar estas palavras através de suas apertadas mandíbulas.

Trahern afrouxou a mão um pouco, o suficiente para que a circulação sangüínea de Laurel voltasse a restabelecer-se. Normalmente, ela mantinha uma distância profissional no trato com seus pacientes, sobre tudo se tratava de alguém tão propenso às explosões de mau gênio como Trahern. Mas desde que este lhe tinha feito o favor de comprovar como estava Devlin, encontrava-o menos lhe intimidem. A experiência podia lhe demonstrar que estava equivocada, mas estava decidida a lhe proporcionar o benefício da dúvida.

Acreditava que ao Devlin horrorizava o exploratório cerebral, mas seus temores não eram nada comparados com os do Trahern. Este devia saber que era um dos Paladinos aos que o coronel Kincade pensava submeter a um exame minucioso. Oxalá pudesse lhe dizer ao homem de Intendência que estava equivocado, que Trahern era estável e que ia muito bem. O objetivo das provas nunca tinha consistido em que fossem uma arma

com a que Intendência ameaçasse aos Paladinos, mas assim era como as utilizava Kincade.

Uns dias antes, quando submeteu ao Devlin ao exploratório cerebral, descobriu que seus resultados tinham melhorado. Ela não podia demonstrar que lhe agarrar da mão lhe ajudasse, mas tampouco podia explicar aquela anomalia de nenhuma outra maneira. Se tinha funcionado para o Devlin, possivelmente também funcionasse para o Trahern. Laurel teria desejado ver a expressão do Trahern quando baixou as luzes e, virtualmente, ordenou-lhe que a agarrasse o pulso enquanto durasse a prova.

— me fale senhor Trahern.

Conseguia-se que se centrasse em algo que não fossem as linhas contínuas e ondulantes que as agulhas riscavam no papel, possivelmente se relaxasse um pouco.

O silêncio se prolongou durante vários e intermináveis segundos. Ao final, Trahern se moveu um pouco e perguntou:

— Sobre o que?

É que ela tinha que pensar em tudo?

— Não sei, sobre o tempo, os livros que tem lido sua infância...

— Acreditei que vocês, os de Investigação, tinham catalogadas até as sardas que temos na bunda.

Sua voz não expressou o menor senso de humor.

Laurel voltou a tentá-lo.

— Está bem, onde se criou?

— Nas ruas.

Se não o tivesse estado olhando diretamente à cara, Laurel não teria visto a leve careta que indicava que Trahern a estava provocando e que desfrutava fazendo-o. Não lhe importou absolutamente. Enquanto estivesse concentrado burlando-se dela, não pensaria tanto no exploratório.

— Nas ruas de onde? — Laurel sacudiu o dedo indicador sem deixar de Lhe olhá-lo prometo que não contarei seus escuros e ocultos segretos a voz em grito pelo corredor.

—No St. Louis. —Trahern realizou outra pausa—. Cresci no St. Louis, Missouri, e me transladaram aqui quando fiz dezoito anos.

Virtualmente, esta era a frase mais larga que Laurel lhe tinha ouvido pronunciar nunca, e, certamente, a mais pessoal.

—Tem ainda família ali?

—Não.

Como podia Trahern obter que uma palavra sua lhe produzira o mesmo efeito que se lhe fechassem uma porta nos narizes? Possivelmente era melhor que fora ela quem falasse.

—Eu também sou do Midwest. E toda minha família vive na mesma cidade.

—E por que não vive você ali?

—Porque vivo aqui.

Ela também sabia jogar às respostas enigmáticas.

—Seus pais sabem o que faz para ganhá-la vida?

Trahern lhe soltou a boneca. Parecia sentir-se mais depravado.

—Sabem que sou médica e que me dedico à investigação. —Laurel se reclinou no assento—. Meus pais me querem, mas nunca entenderão que possa ser feliz vivendo tão longe da família. Se dependesse deles, a estas alturas eu estaria casada e teria um montão de filhos. Às vezes acredito que desejam mais ter netos que lombriga feliz. —Laurel se incorporou sobressaltada. Nunca tinha admitido este fato antes, nem sequer a si mesmo, e ali estava, confessando-lhe ao Blake Trahern—. Esqueça o que lhe hei dito.

A máquina emitiu um assobio que indicava que a prova tinha finalizado.

—Deixe que lhe jogue uma olhada aos resultados antes de desconectá-lo.

O silêncio se carregou de tensão enquanto Blake esperava para ouvir seu veredicto. Laurel tentou ir depressa, mas não tanto como para passar por cima nenhum detalhe importante. Por isso viu, os resultados do Trahern se estabilizaram, o que constituía uma melhora respeito a seu patrão

habitual.

Laurel sorriu ao Trahern e começou a lhe tirar os eletrodos com delicadeza.

— Bom, senhor Trahern, assinaria agora mesmo para que suas leituras fossem sempre como as de hoje. A maioria dos dados são, exatamente, como os de seu último exploratório e um par deles inclusive baixaram um pouco.

Trahern deslizou as pernas a um dos lados da maca.

— Obrigado, doutora.

— De nada. Quando tiver terminado de realizar todos os exploratórios, enviarei os resultados ao coronel Kincade.

Trahern se dirigiu à porta, mas antes de cruzar a soleira, deu-se a volta.

— Sabe uma coisa? Às vezes, os que estão mais perto de nós são os últimos em dar-se conta dos quais somos realmente.

E desapareceu enquanto Laurel se perguntava quem tinha cuidadoso de perto

ao Blake Trahern e não tinha visto seu verdadeiro ser.

Devlin abriu a porta e retrocedeu um passo ao ver que havia meia dúzia do Paladinos no salão de sua casa. A maioria já tinha estado ali antes e se acomodou em seu enorme sofá de pele e nas poltronas. Ao Devlin havia flanco muitíssimo passar todos aqueles móveis pela porta quando os comprou, mas o esforço havia valido a pena. Como a maioria dos Paladinos, ele media mais de um metro oitenta.

— As cervejas estão na geladeira e as pizzas chegarão a qualquer momento.

Estava a ponto de fechar a porta quando Trahern apareceu no alpendre da casa. Devlin não o esperava, pois poucas vezes saía com eles.

— Entra Blake.

— Não posso ficar. — Trahern olhou aos outros Paladinos por cima do ombro do Devlin—. Queria te contar algo. Pode sair um momento?

—Sim, claro. Espera a que diga a outros onde vou estar. — Entrou no salão —. Vou ver se chegarem as pizzas. Tente não lhes beber toda a cerveja antes que retorne.

Cullen saiu da cozinha com uma bandeja cheia de latas e uma terrina com batatas fritas.

—Se fosse você, não estaria muito tempo fora.

—Ao menos, me guarde uma.

Devlin seguiu ao Trahern rua abaixo, até que estiveram fora do alcance da vista e do ouvido de outros.

—O que ocorre?

—superei o exploratório. Acreditei que você gostaria de sabê-lo.

—Que boas notícias, Blake. Seguro que isto encherá o saco ao Kincade.

—Isso espero.

Trahern sorriu, mas seu olhar seguia fixa além do Devlin.

—Suponho que não vieste até aqui para me contar isto.

Trahern poderia havê-lo telefonado para lhe dar a notícia.

—Queria te contar que, tal como me pediu, estive vigiando a casa da doutora Young. Não sei se terá algum significado, mas encontrei um montão de bitucas detrás de um contêiner de lixo, perto de onde ela vive. Se eu estivesse vigiando sua casa, é ali onde me ocultaria.

—Maldita seja! Diria que o tio esteve ali em mais de uma ocasião?

—É difícil de saber, mas contei as bitucas e saberei se tiver tornado após.

—Obrigado de novo, Blake.

Devlin o disse de coração. Preferiria ocupar-se da vigilância ele mesmo, mas não podia arriscar-se a conduzir de novo a seu perseguidor diretamente às portas da casa de Laurel.

—Como já te disse, não o faço por ti.

Trahern partiu sem mais. Não lhe deu nenhuma explicação nem Devlin a pediu. Seu amigo desapareceu rua abaixo justo quando o

repartidor das pizzas aparecia pela esquina. Devlin agarrou o montão de caixas e retornou com seus companheiros.

As luzes de seu escritório eram muito brilhantes para seu gosto. Possivelmente não deveria ter bebido as duas últimas cervejas a noite anterior, mas, ao final, improvisada-a reunião se converteu em uma grande celebração. Nenhum dos Paladinos tinha tido problemas com o exploratório imposto pelo Kincade. Devlin não sabia com exatidão o que era o que pretendia o coronel, mas, claramente, tinha falhado.

Em qualquer caso, eliminar um pouco de tensão bem valia uma dor de cabeça.

D.J. Deu uns golpes no marco da porta e entrou no despacho. Continuando, deixou uma pasta sobre o escritório do Devlin, aproximou uma cadeira e se deixou cair nela. Depois, fechou os olhos e se reclinou no assento.

— Boa festa, a de ontem à noite.

— Que tal a cabeça? — Devlin em

estranhas ocasiões tomava medicamentos, mas tirou um tubo de aspirinas de uma gaveta de seu escritório, tomou um par com um sorvo de café e lançou o tubo para o regaço do D.J. —. Toma, para a cabeça.

D.J. Abriam os olhos o tempo justo para agarrar o tubo, tragou-se um par de aspirinas a pau seco e deixou o tubo sobre a mesa.

— Seguro que encontra o relatório muito interessante.

— Do que se trata?

Até que as aspirinas lhe fizessem efeito, não tinha nenhuma pressa em ler nada.

— São os resultados das provas que realizaram meus amigos de Investigação nas bolsas que encontramos o outro dia nos túneis. — D.J. Abriu um olho —. Não sabem o que fazer com isso. Por isso entendi o pó das bolsas não deveria estar ali.

Devlin se sentiu confundido.

— O que se supõe que significa isto? Como podiam saber o que levavam esses bastardos cinzas nas bolsas?

—Disseram que não havia matéria suficiente para levar a cabo todas as provas que queriam realizar. Entretanto, o que têm descoberto despertou o interesse de todos esses científicos loucos. Se tivermos que acreditar o que averiguaram, o pó procede de um cristal que não se conhece em nosso mundo.

—E?

—Bom, não há granadas azuis em nosso mundo, mas se os houvesse, todo mundo brigaria para controlar o mercado.

A dor de cabeça do Devlin estava piorando.

—Para que servem?

—Não estão do todos seguros. Querem que lhes levemos uma amostra de maior tamanho. Sugeri-lhes que, se querem importar coisas do outro lado da barreira, eles mesmos montem o negócio nos túneis. Ou seja, um passe livre à superfície por uma bolsa de bonitas pedras azuis.

Devlin voltou a experimentar a

incômoda sensação de que estava passando por cima algo importante. Decidiu que D.J. Tinha adotado a postura correta, assim que se reclinou no assento e apoiou os pés em cima do escritório. Possivelmente, se fechava os olhos e deixava que sua mente vagasse livremente, a resposta a sua inquietação iria a ele.

Os dois Paladinos permaneceram sentados em um silêncio amigável durante vários minutos enquanto esperavam que as aspirinas fizessem seu efeito. Pouco a pouco, o constante martelada que sentiam na cabeça se foi desvanecendo.

Os cristais azuis estavam relacionados com os Outros. Tinham que ser valiosos, porque um punhado de guardas nacionais tinha morrido por sua causa. Alguém tinha rachado as bolsas e se levou seu conteúdo. Por que se tinham entretido em tirar o conteúdo das bolsas quando podiam ser descobertos em qualquer momento?, Por que as bolsas emprestavam ao mundo dos

Outros? As pedras também. Claro que estas eram valiosas. Além disso, eram mais fáceis de esconder sem as bolsas.

Assim que alguém conhecia a existência das pedras e tinha feito planos para as conseguir. Mas como? Os Outros tampouco as teriam entregado sem obter nada em troca.

Então lhe acendeu a luz. Devlin recordou a primeira vez que baixou aos túneis depois de ter revivido, quando lutou e matou a dois varões dos Outros. Um deles declarou que já tinham pagado. Deviam pensar que tinham pagado o direito a passar com as pedras azuis. Maldita seja! Quem tinha a suficiente influencia para chegar a um acordo como aquele?

Tinha que ser alguém de Investigação ou de Intendência. Os Paladinos não trairiam aos seus daquele modo. Tinham dedicado muitos anos e muitas vistas defender o fronte dos incessantes intentos de invasão.

Aquela informação era muito importante para guardá-la para si, e resultava

evidente que não podia transmiti-la pelos canais habituais. Até que ele e seus companheiros descobrissem em quem podiam confiar e em quem não, teriam que dirigir a situação eles sozinhos.

O primeiro era o primeiro. Devlin voltou a apoiar os pés no estuo acostumado a produzindo um ruído surdo e D.J. Voltou para a realidade sobressaltado.

— D.J., lhe diga ao Cullen e aos outros que se reúnam aqui comigo esta tarde. Que pareça um encontro casual. Se posso evitá-lo, não quero semear o alarme.

D.J. Inclinou-se para ele.

— Te ocorreu uma explicação, não?

— Tenho algumas idéias, mas quero mantê-lo em segredo tanto como seja possível.

— De acordo, o direi aos outros.

A julgar pelo caminhar enérgico do D.J., ou a aspirina lhe tinha feito um efeito imediato ou a provocação do novo enigma lhe tinha dado uma quebra de onda de

energia. Devlin sentiu uma espécie de pontada de inveja. Demônio, naquele momento não necessitava toda aquela animação! Já tinha bastante guardando-as costas e tentando manter a Laurel a salvo!

Não tinha nenhuma prova, mas apostaria sua espada favorita a que, de alguma forma, tudo estava conectado. A pessoa que queria as pedras era quão mesma queria vê-lo morto. As seqüências dos acontecimentos estavam muito próximas para não estar conectadas entre si.

Olhou o relógio. Dava-se pressa, podia comprovar como estava Laurel e ainda lhe sobraria tempo para estudar o relatório de Investigação a respeito das pedras azuis. Tendo em conta a forma em que tinha evitado olhá-lo no dia anterior, durante a reunião, não estava seguro de ser bem recebido. Entretanto, não conseguiria concentrar-se em nada até que soubesse que tinha chegado ao trabalho sã e salva.

Uma chamada Telefônica seria mais

efetiva, mas vê-la em pessoa lhe resultaria muito mais satisfatório.

Com a dor de cabeça quase esquecida, Devlin saiu do edifício convencido de que lhe ocorreria alguma desculpa plausível pelo caminho.

— Está-me dizendo que ao final têm descoberto a maneira de falsear os resultados da prova?

O coronel Kincade lançou um olhar iracundo a Laurel por cima da mesa, como se fora culpa dela que todos os Paladinos tivessem superado com êxito o exploratório. Incluído Trahern.

— Não, eu não hei dito isto. — Estava cansada da atitude beligerante e o caráter odioso do coronel—. O que havemos dito-declarou Laurel assinalando ao doutor Neal com a cabeça para enfatizar o fato de que não falava só em seu nome—, é que, sem exceções, os exploratórios revelaram uma grande estabilidade entre os Paladinos. Alguns evoluíram para os níveis mais

elevados, mas nenhum deles cruzou a linha.

O doutor Neal pinçou entre um montão de papéis até que encontrou os que estavam procurando.

— Também havemos recalibrado as máquinas, tanto antes de realizar as provas como entre paciente e paciente. As leituras de controle eram exatas. Trouxe-lhe uma cópia do relatório.

O doutor Neal empurrou um volumoso montão de documentos para o coronel, quem, como era de prever, nem sequer o olhou. O doutor Neal sorriu, mas não disse nada.

Isto deixava em mãos de Laurel a possibilidade de lhe lançar a luva.

— Devo dizer que considero muito estranha sua reação a nossas conclusões, coronel. Acreditei que se sentiria satisfeito de saber que sua força de combate está preparada e em plena forma para enfrentar-se à contínua ameaça de invasão que sofremos. Entretanto, parece você um pouco decepcionado.

Possivelmente não deveria provocar a aquele homem, mas sua atitude a punha muito nervosa. E também a punha nervosa não saber onde estava Devlin e o que era o que pensava. Tudo lhe parecia ilógico. No dia anterior se despertou feliz, junto a seu novo amante, até que ele acabou com seu bom humor. Deveria ter sabido que ele equiparava falar exortando e dar ordens. Pois bem, já lhe ensinaria...

—O que opina você, doutora Young?

A voz serena do doutor Neal a fez retornar à reunião e deixar de lado a lembrança do que tinha acontecido no chão do salão de sua casa. Por sorte, o doutor Neal repetiu a última parte da conversação.

—O coronel Kincade crie, e eu estou mais ou menos de acordo, que deveríamos estabelecer um programa contínuo de exploratórios para todos os Paladinos. Até agora, só os realizávamos quando considerávamos que havia uma causa justificada. —O doutor olhou a Laurel

desconfiadamente. Por exemplo, quando o senhor Bane demorou tanto em recuperar-se de sua última morte.

Laurel baixou a vista e considerou aquela idéia desde distintos ângulos. A animosidade que sentia pelo homem de Intendência não constituía uma razão legítima para rechaçar sua sugestão.

— De entrada, devo reconhecer que a idéia não está má. Tudo dependerá do uso que lhe demos à informação. Esses homens já se sentem ameaçados pela prova, o que, sem dúvida, resulta compreensível. — Bom, ao menos, para ela — .

Se formos utilizar os exploratórios para compreender melhor o processo evolutivo dos Paladinos com o passar do tempo, estou de acordo. — Laurel cravou o olhar no coronel — . Mas se for você a sustentar a prova sobre a cabeça dos Paladinos a modo de ameaça, eu não tomarei parte no mau uso da informação médica de um paciente.

Kincade franziu o cenho e sua cara se

voltou de uma interessante tonalidade de vermelho. Entretanto, antes que pudesse explorar, um guarda bateu na porta e apareceu a cabeça.

—Sinto lhes interromper, mas a chamam a você ao telefone, doutora Young. A mulher há dito que é importante.

A possibilidade de escapar não podia haver-se produzido em um momento melhor.

—Se me desculparem, cavalheiros.

Laurel seguiu ao guarda com o passar do corredor e até o mostrador da entrada.

O voltou a ocupar seu posto contra a parede, o que proporcionou a Laurel uma falsa sensação de privacidade. Quem podia chamá-la o trabalho? Normalmente, sua mãe a chamaria o móvel. Embora fosse possível que a chamasse ali se tratava de uma emergência. Seu pulso se acelerou enquanto desprendia o auricular.

— A doutora Young à fala.

— te reúna comigo para comer dentro de dez minutos. O mesmo lugar que a outra vez.

Quando Devlin terminou de falar, a comunicação se cortou.

Laurel chiou os dentes. Os homens e seus instintos ditatoriais! Não podia, ao menos, ter esperado a que lhe respondesse? Mas não o fez, e ela teve que ficar ali simulando manter uma conversação com um interlocutor imaginário, que, para cúmulo, supunha-se que era uma mulher. A quem tinha convencido Devlin para que a telefonasse em seu nome e evitar, assim, que o guarda reconhecesse sua voz?

— Sim, obrigado por me avisar. Encarregarei-me disso.

Laurel pendurou o auricular e sorriu ao guarda em sinal de agradecimento.

— Estarei fora um par de horas. Obrigado por me avisar da chamada.

— De nada, doutora.

Laurel retornou a seu laboratório para deixar a bata e agarrar a bolsa. A cada passo que deu, debateu-se sobre se obedecer ou não as bruscas ordens do Devlin. Se a necessitava,

quão único tinha que fazer era lhe pedir que se reunisse com ele. Sem dúvida, tinha querido cortar a conversação para que ninguém pudesse adivinhar que ela estava falando com ele em lugar de fazê-lo com uma mulher, mas isto não justificava sua rudeza.

Bom, comeria com ele, mas lhe daria um sermão a respeito das boas maneiras elementares.

Laurel assinou o livro de saídas e deixou em branco o compartimento referente à hora de volta, pois não tinha nem idéia de quanto tempo passaria com o Devlin. Se alguém a necessitava, podia chamá-la o móvel. Saiu pela porta traseira para reduzir a possibilidade de que alguém se desse conta de aonde se dirigia.

Um sol resplandecente banhava a cidade com seu colides. Resultava agradável respirar ar puro e desfrutar de do sol. Lástima que Devlin a tivesse avisado com tão pouca antecipação, se não, teria tomado uma rota mais larga até o restaurante pelo mero

prazer de passear.

Gostaria de acreditar que Devlin a tinha convidado a comer porque a sentia sua falta. Mas o mais provável era que queria lhe perguntar pelos exploratórios ou algum outro assunto relacionado com os Paladinos, e que queria fazê-lo longe dos olhos de Intendência e Investigação. Se puder, ela o ajudaria, mas não se isso comprometia sua integridade como profissional.

Antes de abrir a porta do restaurante, Laurel se deteve para jogar uma olhada rápida a ambos os extremos da rua. Não havia ninguém conhecido à vista. Quando um homem abriu a porta para sair do restaurante, ela aproveitou a ocasião para entrar.

Demorou um par de segundos em acostumar-se a tênue luz do interior, mas em seguida viu o Devlin, sentado na mesma mesa que a vez anterior. Se tivesse tratado de outro homem, teria pensado que tinha escolhido aquela mesa por razões

sentimentais, mas Devlin sem dúvida a tinha escolhido porque estava em um rincão afastado e, ao mesmo tempo, permitia-lhe ver a porta.

Quando seu olhar se encontrou com a dele, o coração lhe deu um tombo e desejou estar em um lugar muito mais privado. Avançou entre as numerosas mesas e cadeiras do local até onde a esperava seu amante. Pensar no Devlin como seu amante a emocionou, e esperou ali de pé junto à mesa a que ele se levantasse e a deixasse sentar-se a seu lado no banco.

Devlin a rodeou com o braço e a aproximou do calor de seu corpo. Quando Laurel se deu conta de que pretendia beijá-la, aproximou-se dele e, adeus ao sermão sobre as boas maneiras. A língua do Devlin se deslizou ao interior da boca de Laurel quase imediatamente enquanto sua mão se apoiava detrás da cabeça dela no ângulo justo para poder beijá-la.

Laurel se agarrou à parte frontal da

camisa de flanela do Devlin como se nisso o fora a vida enquanto a língua dele se deslizava dentro e fora de sua boca. Desejou atirar dele para que se tombasse sobre ela e terminar o que tinham começado. Por desgracia, alguém pigarreou junto a sua mesa lhes recordando que aquele não era o lugar adequado para o que estavam fazendo.

Laurel se ruborizou e Devlin se separou dela enquanto seus olhos verdes despediam brilhos de paixão e a olhavam com fixidez. Laurel, envergonhada, desejou esconder-se debaixo da mesa, mas Devlin a manteve a seu lado enquanto se voltava para falar com o garçom.

—Tomaremos duas cervejas negras e duas pizzas individuais, uma vegetal com alcachofras e outra que leve de tudo.

—Devlin olhou a Laurel com picardia —. E você será melhor que te controle.

O garçom pôs-se a rir e se afastou com rapidez para a cozinha. Tendo em conta que Laurel estava a ponto de lhe jogar a água de

seu copo à cara, ou a do Devlin, o garçom fez bem em ir-se rápido.

CAPÍTULO 10

Devlin sabia que não devia havê-la beijado daquela maneira, mas não era tão forte para resistir à tentação. O sabor de Laurel era doce, com um toque de gênio vivo que lhe dava um matiz picante. Gostava.

Entretanto, não se precisava ser um gênio para saber que a boa da doutora não se sentia especialmente contente com ele naqueles momentos. Sem dúvida, não apreciava sua brusca chamada Telefônica. Mas se o que queria eram palavras doces e maneiras elegantes, tinha elegido ao homem equivocado como amante.

Atirou de seu cabelo de forma brincalhona.

— até que ponto está cheia o saco?

Laurel entreceou os olhos. As olheiras que havia debaixo de seus olhos recordaram ao Devlin que os últimos dias tampouco tinham sido fáceis para ela. Possivelmente era

um perfeito egoísta, mas não se arrependia de nada do que tinha acontecido entre eles.

— A próxima vez que queira algo, peça-me isso ou descobrirá que não respondo bem às ordens. Volta a fazê-lo e esperará aqui sentado até que o inferno se congele.

Laurel se deslizou sobre o assento para pôr distância entre eles. Devlin se pôs-se a rir, voltou a aproximá-la a ele e a beijou de novo. A resistência de Laurel se desvaneceu pouco a pouco, apoiou-se nele e, no momento, contentou-se com que ele a abraçasse.

— Agora que esclarecemos este assunto, por que me tem feito vir me avisando com tão pouca antecipação?

— Acaso necessito uma razão para fazê-lo?

— Sim que a necessita, sobre tudo quando me faz sair de uma reunião com meu chefe e seu coronel Kincade.

Esta informação despertou o interesse do Devlin.

— O que queria o imbecil do Kincade?

Não tem suficiente com que todos tenham passado suas malditas provas?

Se suas palavras lhe resultavam cortantes a Laurel, pior para ela.

—Não são «minhas» provas, Devlin. Além disso, como sabe que todos as superastes?

O mau gênio voltou a aparecer nos olhos.

—Não se preocupe doutora, não pirateamos seus arquivos médicos. — Embora, agora que o pensava, não era uma má idéia. D.J. Podia fazê-lo sem deixar nenhum rastro—. A maioria dos Paladinos locais e uns quantos dos importados estiveram ontem em meu piso tomando pizza e cerveja. Suponho que não te parecerá estranho que a questão dos exploratórios obrigatórios constituíra um tema de interesse para todos.

—Mmm... Pelo visto, passaram-lhes isso muito melhor vós que eu. Eu estive no laboratório até altas horas da madrugada

analisando os resultados e redigindo os informes. —Laurel apoiou a cabeça no braço do Devlin e fechou os olhos—. Tenho uma vontade de ir casa esta noite!

Ele desejava com toda sua alma estar ali a esperando, mas não seria sensato. Inclusive naquele momento, não dispunha de muito tempo, pois tinha que retornar ao Centro para falar com seus companheiros. Se o garçom não se dava pressa com o que tinham pedido, teriam que envolver-lhe para que pudessem levar-lhe Devlin procurou o garçom com o olhar e este lhe indicou, com um gesto, que seu pedido estava em caminho.

— Voltando para coronel Kincade...

Laurel exalou um suspiro.

— Quer que lhes realizemos exploratórios com regularidade, embora, quando fui, ainda não tínhamos tomado nenhuma decisão em firme.

Merda, ele já se temia um pouco parecido!

— Crie que se sairá com a sua?

— Não sei. O estabelecimento das provas sempre dependeu que Investigação, não de Intendência, mas Kincade se mostra muito insistente. Além disso, depois do que ocorreu o outro dia, é possível que Regência fique do lado do Kincade. Sei que todos vós odeiam as provas e os exploratórios, mas se conseguimos determinar que parte de sua fisiologia permite que revivam e lhes recuperem das feridas tão horríveis que sofrem, possivelmente possamos controlar os efeitos prejudiciais que padecem a longo prazo.

— Foi-nos muito bem durante séculos sem saber a causa.

Laurel teve a cara de tornar-se a rir.

— Quem teria pensado que um tio grande e duro como você seria tão carca? Só porque algo se fez sempre da mesma maneira não quer dizer que esta seja a única forma de fazê-lo, nem tampouco a melhor. O que aconteceria conseguíssemos que os

resultados melhorassem e seu processo fora mais lento? Isso não mereceria que lhes realizássemos umas quantas provas mais?

Possivelmente sim, mas o que passaria se os resultados melhorassem mas eles continuassem convertendo-se em Outros sem prévio aviso? E, não havia dito o doutor Neal que seus resultados tinham melhorado? —O doutor Neal te mencionou algo a respeito de meus

Resultados?

—Não, tivemos o tempo justo de catalogar os resultados das provas que realizamos cada um e não pudemos contrastar os informes. Pensava fazê-lo esta tarde. E te há dito algo?

—Comentou-me que lhe chamaram a atenção um par de dados porque tinham diminuído em relação com o exploratório que me realizou o outro dia.

Antes que ela pudesse responder, o garçom se aproximou com uma grande bandeja apoiada no ombro. Deixou a comida

sobre a mesa e Laurel e Devlin se concentraram, durante uns minutos, nas pizzas.

Devlin, virtualmente, engoliu a sua, e também um pedaço da de Laurel. Lhe teria gostado de ter tempo para passear com ela até o mole, como fizeram a outra vez, mas os dois tinham assuntos urgentes que atender.

— Obrigado por vir.

— Ainda não me há dito por que me chamaste.

Laurel se limpou a boca com o guardanapo e a deixou em cima da mesa.

— Queria me assegurar de que estava bem.

Devlin lhe tinha pedido ao Trahern que a seguisse até o restaurante e de volta até Investigação para averiguar se alguém mostrava interesse em suas idas e vindas. Sabia que podia confiar no Trahern para protegê-la, mas tinha por diante uma larga espera até que ele o telefonasse para lhe dizer que tinha chegado sã e salva ao laboratório.

—Há alguma razão para que não o esteja?

Devlin se perguntou o que podia lhe contar. O ideal seria lhe contar o suficiente para que fora mais cautelosa, mas não tanto como para que retornasse a Investigação histórica e pusesse a todo mundo em estado de alerta. Sua Tutora não era uma mulher débil, mas só via o bom de outros.

O fato de que acreditasse que os Paladinos podiam salvar-se demonstrava quão inocente era em realidade.

Devlin deu uma rápida olhada aos clientes do restaurante para assegurar-se de que não havia ninguém que lhe resultasse familiar.

—Ultimamente ocorreram muitas coisas que não quadram. Estamos tentando resolver a situação, mas, de momento, temos mais pergunta que respostas.

—Pergunta a respeito do que? Já te expliquei o dos exploratórios.

—Não, não refiro a nada relacionado com vós, mas em nosso entorno estiveram ocorrendo coisas estranhas. Provavelmente não se trate de nada sério, mas no caso de estamos sendo mais prudentes que de costume.

Para começar, não confiavam em nenhum dos guardas. Nem no Kincade. Nem sequer em ninguém de Investigação. Até que descobrissem quem tratava com os Outros, todo mundo era suspeito. Salvo os Paladinos e a mulher que estava sentada a seu lado.

—Não me está contando isso tudo, verdade?

Em realidade, não se tratava de uma pergunta.

Devlin se encolheu de ombros. Aquela mulher tinha a tendência de arremeter contra os moinhos. Se acreditasse, embora só fora durante um instante, que algum integrante da organização era corrupto, não descansaria até alertar a todo mundo. E fazer isso seria o mesmo que lhe pintar um alvo nas costas.

—Não.

Ela o olhou diretamente aos olhos tentando descobrir seu segredo.

—me prometa que, quando puder, contará-me isso.

Devlin assentiu com a cabeça e, para sua surpresa, lhe deu um beijo. O sabor a orégano e cerveja negra tinha substituído ao sabor picante de seu gênio, mas a paixão era a mesma. Ardente, doce e aditiva. Laurel estava jogando com fogo e os dois sabiam. Ao final, um deles demonstrou ter o sentido comum de terminar o beijo. E Devlin estava quase seguro de que não tinha sido ele.

—Tenho que voltar para laboratório.

Seus lábios estavam inchados e resultavam muito tentadores.

—Deveríamos sair por separado.

Laurel não estaria sozinha, mas Devlin não o contou.

—Verei-te mais tarde?

Uma sombra obscureceu seus olhos, porque ela já conhecia a resposta a sua

pergunta.

—Não.

Laurel estampou em sua cara um sorriso resplandecente.

—Bom, pois, foi um prazer, senhor Bane. Obrigado pela comida.

Ele se levantou do assento para deixá-la sair, embora desejava com todas suas forças não ter que fazê-lo. Mas ela tinha obrigações às que atender e o certo eram que ele também. Entretanto, assim que pudesse, deixaria tudo a um lado para passar outra noite na cama de Laurel.

Ela deveu perceber a direção que seguiam os pensamentos do Devlin, porque lhe ofereceu um desses sorrisos femininos e misteriosos, um desses sorrisos que fazem que os homens caiam de joelhos.

Devlin retrocedeu meio passo antes de dar-se conta do que estava fazendo e Laurel sorriu abertamente.

—Galinha!

A muito picasse lhe deu um tapinha na

bochecha e passou com rapidez junto a ele caminho da porta.

Se por acaso isto fora pouco, acrescentou um pouco de balanço extra a seu caminhar. Devlin tentou convencer-se de que, em benefício de Laurel, deveriam limitar sua relação ao sexo apaixonado, umas quantas risadas e nada mais. Mas quando lhe lançou uma última e doce olhar da porta, soube que não poderia fazê-lo.

Amaldiçoando entre dentes, tirou o móvel do bolso da calça e pulsou um dos números de marcação rápida.

— Acaba de sair. Mantém informado.

Devlin tinha convocado aos Paladinos que conhecia melhor e nos que mais confiava. Depois de anos de lutar juntos contra um inimigo comum, sentiam-se como irmãos: cada um como uma arma afiada contra a escuridão.

Devlin dobrou a mão com a que empunhava e desejou saber com exatidão a que se enfrentavam. O traidor terminaria por

delatar-se e eles o apanhariam, mas se a traição tinha seus Orígenes em Regência, quem sabia até que degrau do alto mando chegava?

A porta de seu escritório se abriu e seus amigos entraram em fila. A menos que o coronel Kincade escolhesse aquele momento para realizar uma de suas visitas inesperadas, a ninguém sentiria saudades que Devlin e seus amigos queriam acontecer um momento juntos. De fato, estavam acostumados a reunir-se com frequência em seu escritório para conversar.

D.J. Deixou-se cair em uma cadeira e apoiou as botas no escritório do Devlin. Cullen fez o favor ao Devlin de voltar a pôr os pés do D.J. No chão. Embora Devlin agradeceu seu gesto, ambos sabiam que era inútil. D.J. Não sentia o menor respeito por seus pertences, de modo que era muito menor o que sentia pelos pertences de outros. Suas gastas botas de combate estariam raiando a superfície de madeira do escritório

em questão de segundos.

Trahern foi o último em cruzar a soleira. Uma vez dentro, fechou a porta em silêncio. Como de costume, ficou apoiado na parede, tão longe de outros como foi possível. Seguro que não falaria muito durante a reunião, mas, quando o fizesse, seus companheiros o escutariam com atenção. Tinha a virtude de ver além da palha e ir diretamente ao coração de qualquer assunto.

D.J. Levantou a mão, como um menino pedindo a atenção da professora.

—Nos contas por que nos reuniste aqui, Dev? Tinha planejado dedicar a tarde a investigar.

Cullen soltou um coice.

—Quererá dizer que foste entrar no sistema de segurança de algum pobre desgraçado para incrementar as possibilidades de negócio de seu novo programa.

—Eu prefiro considerá-lo uma pesquisa de mercado.

A expressão inocente do D.J. Não enganou a ninguém.

Devlin tentou não tornar-se a rir, mas não pôde evitá-lo.

—Sinto muito, D.J., mas hoje não terá tempo para prazeres, quero que faça certas indagações por mim.

O sorriso do D.J. Voltou-se depredadora.

—Algo mais sobre os guardas nacionais? Investiguei à maioria dos locais, mas não averigüei nada. Punhado de ferrados Boy Scouts!

—Amplia o campo de investigação e segue procurando diariamente. Em algum momento, aparecerá alguma coisa.

Devlin se sentou no bordo de seu escritório e olhou, um a um, a seus amigos. Ele confiaria sua vida a aqueles homens e, o que era mais importante, também lhes confiaria à vida de Laurel.

—Todos conhecem uma parte do que vou contar lhes, mas começarei pelo princípio

para lhes refrescar a memória. —Fechou os olhos momentaneamente para pôr em ordem seus pensamentos —. A última vez que morri, as mãos que sustentavam a espada eram humano. Esta é a razão de que D.J. Tenha estado indagando nas contas bancárias dos guardas. Alguém tem que ter uma boa razão para ir por mim. Como não conheço nenhum guarda que tenha algo pendente comigo, deduzo que a motivação deve ser o dinheiro. E, além disso, espero que o seja, porque assim teremos a oportunidade de apanhá-lo.

— Voltarei a investigar as contas quando acabar a reunião.

D.J. Dispôs-se a apoiar, de novo, os pés no escritório, mas o olhar iracundo do Devlin o deixou gelado. D.J. Sorriu envergonhado e se sentou mais reto.

Devlin retomou sua explicação.

— Em realidade não vi a ninguém, mas meu instinto me diz que alguém me esteve seguindo, tão abaixo, nos túneis, como nas ruas.

Seus amigos não questionariam que ele se guiasse por seus instintos. Nenhum deles teria vivido tanto sem um instinto de sobrevivência altamente desenvolvido.

Cullen falou em boca de todos.

—Faz falta! Esse estúpido bastardo já deve saber que é um morto vivente. A qualquer de nós adoraríamos estripá-lo com uma arma trincada pelo que pretendeu fazer.

—Por isso acredito que deve haver uma boa quantidade de dinheiro atrás do ataque. Têm que fazer que valha a pena arriscar-se. Entretanto, detrás disto há algo mais que uma pessoa cheia o saco comigo. Esta manhã, D.J. Recebeu os resultados das provas que realizou seu amigo de Investigação. As bolsas que encontramos continham restos de um pó azul. Pelo visto, este tem que provir do outro lado da barreira, porque não há nada que lhe pareça aqui, na Terra.

—Assim é-corroborou D.J. —. Meu amigo não pôde realizar uma análise exaustiva devido a pouca quantidade de pós

azuis que ficava nas bolsas. Ele acredita que procede de algum tipo de granada, embora, em nosso mundo, estes não são azuis. Ainda não sabemos para que servem. Teremos que conseguir algo mais que pó para averiguá-lo.

Devlin passeava sem descanso da parede onde estavam penduradas suas armas até o outro extremo da habitação.

—Do momento em que encontramos as bolsas, algo me esteve preocupando e, ao final, tenho descoberto do que se trata. A primeira vez que voltei para os túneis depois de minha última morte, encurralei a um par de varões dos Outros perto da superfície. Pareceram muito surpreendidos por ter que lutar. O mais velho inclusive me perguntou por que estava eu ali, pois eles já tinham pagado. Alguém lhes há dito que podem acessar livremente à superfície se pagarem um bom suborno. Continuando, o fodido bastardo nos solta para que arrumemos o embrulho que montou. Agora entendo por que tantos dos Outros cruzaram a barreira

ultimamente.

A tensão na sala aumentava minuto a minuto. Os Paladinos não eram sempre homens agradáveis, mas até o último deles era um homem de honra. Para eles, arriscar a segurança do mundo em benefício próprio resultava impensável. Quem estivesse dirigindo os fios na sombra tinha muito pelo que responder.

—Nestes momentos a barreira está estável, mas o Mount St. Helens esteve cuspidando vapor e cinzas com muita frequência nos últimos tempos. A próxima vez que o faça poderia ser crítica. Quando chegar o momento, quero que estejamos nos túneis muito antes que o vulcão entre em erupção para agarrar a quem matou aos guardas e rachou as bolsas antes que possa atuar de novo.

—Crie que se trata da mesma pessoa que te esteve seguindo? —perguntou Cullen.

—Não posso sabê-lo com certeza, mas parece lógico. Eu diria que quem faz o

trabalho sujo cobra por sua disposição a matar, não por seu cérebro. Alguém pensa por ele.

Devlin se cruzou de braços.

— Então, o que fazemos? — perguntou Cullen com os olhos entrecerrados e um sorriso sombrio no rosto —. Além de matar a esse filho de puta, claro.

— Eu também quero vê-lo morto, mas é mais importante que obtenhamos informação. — Elevou uma mão e começou a enumerar com os dedos o que tinham que fazer —. Primeiro temos que encontrar o rastro do dinheiro, porque aí encontraremos muitas respostas. Em segundo lugar, quero conseguir algumas dessas pedras azuis para as analisar. Quando averiguarmos para que servem, teremos mais informação sobre quem as quer. E, por último, quero lhe pôr as mãos em cima ao rato que vai detrás de mim.

Devlin olhou ao Trahern. Não queria mencionar a Laurel, e, entretanto era culpa dela que ela estivesse implicada naquele

assunto. Por outro lado, não gostaria que mesclassem seu nome com o dele, ao menos não diante dos outros Paladinos.

Trahern compreendeu o que estava pensando e se encolheu de ombros.

—Quer que eu lhes conte o resto ou o conta você?

Maldita seja, não, ele não queria contá-lo!

—Possivelmente seja melhor que você faça, já que é você quem encontrou as provas. Eu encherei quão oco deixe quando tiver terminado seu relato.

Cullen e DJ. Voltou-se para olhar ao Trahern.

—O resto do que?

—Alguém esteve espiando a doutora Young.

—Como sabe?

—Encontrei um montão de bitucas detrás de um contêiner de lixo. De ali, vê-se perfeitamente a porta de sua casa. —Os olhos claros do Trahern se obscureceram até

adquirir o tom do aço—. Também encontrei bitucas da mesma marca ao outro lado da rua, perto de uma parada de ônibus. Muitas bitucas para a espera de um ônibus que passa cada meia hora.

Cullen foi direto ao grão.

—E qual é a razão de que estivesse por ali?

Trahern cravou o olhar no Devlin assegurando-se de que resultasse totalmente inexpressiva.

—O dia que ela desconectou a aquele Paladino, Devlin foi a sua casa para ver como se encontrava. Acreditam que alguém o seguiu. É possível que algum sem teto durma ali todas as noites e que as bitucas sejam delas, mas o duvidamos. Tanto Devlin como eu acreditam que esse tipo vai detrás do Devlin e espera apanhá-lo saindo da casa da doutora Young.

Cullen voltou a dirigir sua atenção para o Devlin.

—voltaste para a casa da doutora?
Quantas vezes?

Devlin conteve a necessidade imperiosa que sentia de amaldiçoar a pleno pulmão e durante um bom momento. Cullen tinha conseguido concentrar em poucas palavras distintos níveis de perguntas cujas respostas não eram de sua incumbência.

—Isso não importa. Ela não merece sofrer danos colaterais só porque nos conheçamos.

—Então, o que fazemos agora?

—Não podemos fazer grande coisa em relação às pedras azuis até que a pressão aumente e a barreira volte a flutuar. Tal como foram às coisas ultimamente, isto poderia ocorrer em qualquer momento. Quanto a meu problema, Trahern e eu planejamos dar caça ao escorregadio bastardo.

D.J. Endireitou-se como um cão de caça que avistou uma presa.

—E o que tem que a doutora Young? Eu estarei encantado de protegê-la. Vá, que se

não lhe importa que você fareje a seu redor, possivelmente também me permita consolá-la.

O gênio do Devlin estalou com fúria. Levantou o D.J. Da cadeira agarrando a camisa e lhe deu um murro no estômago com todas suas forças.

—MOSTRA MAIS RESPEITO PARA COM ELA OU TE LANÇAREI DO MOLE MAIS PRÓXIMO DE UMA PATADA NO TRASEIRO!

Depois lhe deu um empurrão e D.J. Caiu estou acostumado a retorcendo-se de dor. Devlin olhou ao Cullen.

—Alguma outra pergunta?

—Bom, diria que não.

Trahern Rio com voz rouca e levantou as mãos simulando render-se.

—Já me deu isso esse sermão.

—De acordo, então, mãos à obra. Não lhe expliquei à doutora Young nossos descobrimentos porque cada pensamento que cruzamento sua mente lhe reflete na cara

como se fora uma maldita cerca publicitária. Se lhe disséssemos que tomasse cuidado com os guardas, ficaria nervosa quando estivesse perto deles e poria sobre aviso ao maldito bastardo. E eu não posso lhe levar os livros à casa todas as noites como um colegial apaixonado sem criar todo tipo de complicações.

—Onde nos deixa tudo isto? —declarou D.J. Com voz dolorida quando conseguiu sentar-se.

—Na medida do possível, devemos escoltá-la. Mas sem que ela saiba. —Devlin ofereceu a mão ao D.J. Para ajudá-lo a levantar-se em sinal de reconciliação—. Poderíamos vigiá-la em casais e por turnos. Trahern vigiará sua casa esta noite. Eu a seguirei até ali desde Investigação e vós dois poderiam fazer o mesmo manhã.

—Já vai bem-declarou Trahern—. E, se não te importar, pedirei a alguém que me deve um par de favores que tente averiguar algo.

Devlin franziu o cenho.

— Está seguro de que pode confiar nele?

— Apostaria minha vida.

Trahern o olhou aos olhos sem sequer piscar.

— Com isso me basta.

— Muito bem. Se não me necessitarem para nada mais, vou.

Trahern saiu da habitação e DJ. Seguiu-o mancando e esfregando o estômago.

Cullen ficou atrás até que seus amigos desapareceram.

— O que acontece?

Devlin sabia que sua pergunta soava agressiva, mas Cullen já estava acostumado a isso.

— Estava pensando que a doutora Young não é seu tipo habitual.

— Que demônios significam isto? Não sabia que tinha um tipo.

Devlin se preparou para lhe dar um murro a outro de seus amigos.

— Em geral, limitamos a eleição de

nossas mulheres às que já estiveram por aqui uma ou duas vezes e não esperam mais que passar um bom momento conosco, sobretudo na cama. Mas Laurel Young não é desse tipo. Ela é muito boa para nós.

Devlin sabia e inclusive estava de acordo, mas isso não queria dizer que aceitasse que Cullen o esfregasse pelos narizes.

—te guarde suas opiniões onde lhe caibam. —Afiançou os pés no chão—. O que há entre ela e eu não somos suscetíveis de ser discutido, nem sequer entre você e eu. Possivelmente, menos contigo que com ninguém.

O que ao Cullen faltava em tamanho, sobrava-lhe em má idéia quando se tratava de lutar. Já se tinham brigado antes, mas nunca tanto como para fazer-se danifico. Devlin tinha a sensação de que isto estava a ponto de trocar.

Cullen retrocedeu para dispor de mais espaço para manobrar.

— Isto é uma má idéia, Devlin, e você sabe. Se te deitar com Laurel, ela ouvirá badalada de bodas e sonhará com bebês que terão sua feia cara.

— te cale, Cullen! Não sabe do que fala.

Devlin avermelhou e Cullen ficou boquiaberto.

— OH, merda! Já o têm feito!

Isso foi o detonante. O punho esquerdo do Devlin fechou a boca do Cullen e o fez cambalear-se vários passos para trás. Devlin o seguiu, mas antes que pudesse fulminá-lo com outro murro, Cullen o derrubou com uns quantos. O muito rápido era escorregadio como uma serpente e combinava as artes marciais com a luta guila. Ao pouco momento, o sangue caía pelo rosto do Devlin de um corte em sua sobrancelha direita. Ao Cullen não ia muito melhor, mas seguia saltitando de uma perna a outra.

— Vamos, sei que pode fazê-lo muito melhor! — exclamou Cullen.

Devlin arremeteu contra ele e o lançou

sobre uma cadeira que se fez pedacinhos sob o impacto dos dois homens. Ambos caíram ao estou acostumado a arrastando com eles um abajur e uma mesa.

Devlin tinha ao Cullen aprisionado sob seu corpo e estava a ponto de lhe golpear a cabeça contra o chão de madeira quando um pouco parecido às últimas frestas de sua desorientada consciência lhe conteve a mão.

Devlin, respirando com dificuldade, voltou-se para um lado e tentou controlar-se. Cullen permaneceu onde estava durante uns segundos e, depois, sentou-se com lentidão.

— Deu-te forte, né?

Cullen sorriu, enxugou-se um fio de sangue que lhe caía da boca com a manga da camisa e comprovou se lhe tinha afrouxado algum dente.

Esta vez Devlin não se incomodou em ocultá-lo.

— Tem-me pacote e bem pacote, sim senhor, mas não quero falar disso. Nossa relação não vai a nenhuma parte nos dois

sabemos.

— Está bem. Bom, tenho que ir ajudar ao D.J. Com sua espionagem informática.

Devlin ficou de pé pouco a pouco e a dor que experimentou em um par de costelas lhe fez realizar uma careta. Ao menos, não acreditava que estivessem rotas. Continuando, olhou ao Cullen e pôs-se a rir. Este soltou uma fileira de maldições subidas de tom e tentou mover-se com lentidão para não sentir dor. Mas não o conseguiu.

— Enquanto jogam aos ciberjogos, averigua se for possível acessar a nossos expedientes médicos sem deixar nenhum rastro.

Cullen sorriu. A briga já estava esquecida.

— Esquece com quem está falando. Eu tenho certo talento para entrar e sair de lugares fechados na rede, mas D.J. É um fodido gênio. Quer algo em particular?

— Não, só quero saber se podemos fazê-lo. O coronel Kincade não está contente com

os resultados dos exploratórios e não me surpreenderia que tentasse modificar algum deles. Vale a pena que os tenhamos vigiado. —Devlin baixou a voz—. Sobre tudo o do Trahern.

—Eu me encarrego. Cuide-te, Devlin, e me faça saber se houver algo que eu possa fazer para ajudar. —Cullen se dirigiu à porta coxeando e, justo antes de sair da habitação, voltou-se e olhou ao Devlin com simpatia—. Acredito que sinto ciúmes, afortunado bastardo. Mantinha a salvo. E, se lhe fizer mal, reemprenderemos a briga onde a deixamos.

—De acordo.

Se a situação fora à inversa, ele seria o primeiro em brandir os punhos.

Devlin contemplou seu escritório e o montão de papéis empilhados em uma esquina. Além disso, também estavam todos os e-mails que tinha que responder. Em lugar de ficar a trabalhar, decidiu que tinha tempo para comprovar como estava Lonzo antes

que Laurel acabasse a jornada trabalhista. Além disso, isto lhe proporcionava uma desculpa legítima para estar por aquela zona. Satisfeito com seu plano, saiu de seu escritório e fechou a porta com chave.

Tinha que fazer algo e logo. Cada vez que soava o telefone, levava-se um susto de morte. Até então, aquele homem tinha tido paciência, mas não seguiria assim durante muito tempo. Não lhe tinha indicado uma data limite, mas ninguém oferecia tanto dinheiro por um trabalho sem esperar que lhe dessa prioridade.

Por sorte, ao final lhe tinha ocorrido um plano para acabar com o Devlin Bane. Seqüestrava-se a Laurel Young, Bane baixaria até o inferno para tentar salvá-la, embora isto implicasse a morte definitiva para ele.

Seu cigarro se consumou até ficar só a bituca. Deixou-a cair ao chão e a apagou com o salto. Tinha escurecido muito para arriscar-se a acender outro. Antes de atrair a sua presa fora de casa, tinha que ocupar-se de

um pequeno problema. Não sabia o que tinha levado ao Trahern a montar guarda nos arredores da casa de Laurel, mas o último que queria era que aquele bastardo meio louco fora por ele com a morte no olhar.

Assim tinha preparado uma pequena distração para o Trahern. Não o enganaria durante muito tempo, mas o obrigaria a revelar sua posição. Embora ele não podia competir com um Paladino como Trahern, tinha muito boa pontaria. Era pouco provável que Trahern se recuperasse de um disparo na cabeça, mas, embora o fizesse, estaria fora de combate o tempo suficiente para que ele levasse a cabo o resto do plano.

Comprovou o estado do rifle e das miras. A lente de visão noturna proporcionava a seu entorno uma tonalidade artificial, mas lhe permitia perceber muito mais detalhe que a de visão normal. Desde sua posição no telhado do edifício situado frente ao da doutora Young, dispunha de uma visão clara de tudo o que se aproximasse

de sua casa. A vibração do móvel lhe anunciou que o passo seguinte do plano estava a ponto de ficar em marcha. Acomodou-se no telhado e esperou que o espetáculo começasse.

Deus, o que cansada estava! Quanto tempo sem dormir profundamente uma noite inteira! Fechou a porta, correu o fecho, tiraram-se os sapatos e deixou a bolsa em cima da cadeira mais próxima. Além disso, sentia falta da o Devlin. Claro que, se ele estivesse ali, não dormiriam muito, mas esse era um sacrifício que estava disposta a realizar.

Devlin lhe havia dito que aquelas noites não se veriam, e ela acreditou no pesar que percebeu em seus olhos verdes tanto como em suas palavras. Embora ela não tivesse muita experiência, uma mulher sabia quando um homem a queria. Ainda sentia o calor do olhar do Devlin quando ela se voltou no restaurante para lhe sorrir.

Entrou na cozinha para servir um chá

com gelo. Um copo de vinho gostava de mais, mas ainda tinha que fazer algumas costure antes de dar por terminado o dia. O jantar que tinha encarregado chegaria, mais ou menos, em meia hora. Enquanto, ficaria suas calças curtas preferidas, os de flanela, e uma camiseta larga.

Possivelmente veria um filme enquanto jantava; algo tenro e romântico.

Esperou no salão a chegada do jantar. Sua mãe se horrorizaria se soubesse que logo que cozinhasse. Ela sabia cozinhar, claro. Sua mãe se encarregou de que assim fora, porque se esperava que uma mulher cozinhasse para sua família. Entretanto, estudar durante doze horas ao dia na faculdade de medicina e trabalhar ainda mais em sua ocupação atual, deixava-lhe pouco tempo livre para as tarefas domésticas.

Soou o timbre da porta. Depois de comprovar pela mira que se tratava do repartidor, abriu e entregou um cheque em troca de uma bolsa que continha várias caixas

brancas. Com o aroma de soja e alho lhe fez a boca água.

Deixou a bolsa sobre a mesa para agarrar um prato e talheres. Entretanto, antes que tirasse as caixas da bolsa, uns gritos e o chiado de uma prancha de metal ao se chocar contra algo sólido quebraram a paz e a tranqüilidade do ambiente. A adrenalina fez que saísse de sua casa e corresse para o lugar do acidente sem tempo a dar-se conta do que fazia. Ela podia oferecer primeiros auxílios até que chegasse uma ambulância.

Pelo estado do pequeno carro de importação, que estava esmagado contra o edifício de em frente, não teve nenhuma dúvida de que haveria algum ferido, possivelmente mais de um. Laurel correu de volta a sua casa para agarrar a maleta médica que guardava no armário do saguão.

Teve que realizar várias manobras para abrir-se passo entre as pessoas que se foram aproximando do lugar dos fatos. Concentrada como estava em seu objetivo,

não se deu conta de que já não estava sozinha e, quando passava junto a um contêiner de lixo, uma mão grande a agarrou do braço e atirou dela para um beco. Antes que pudesse fazer algo mais que soltar um grito de indignação, outra mão lhe tampou a boca.

—Não grite Laurel. Sou eu. Necessito-te.

A áspera voz do Devlin junto a seu ouvido a deixou flácida e tremente. Assentiu com a cabeça para que a soltasse e depois se voltou para ele disposta a dizer-lhe umas boas.

—Está louco? Deste-me um susto de morte! Outra vez! —Então se lembrou do acidente—. Tenho que ir ver se houver algum ferido.

Devlin se interpôs em seu caminho.

—Necessito-te mais aqui.

—Pode haver alguém se convocando aí fora.

Devlin a olhou com expressão sombria.

—Sinto muito. A ambulância chegará

em qualquer momento, mas Trahern não pode esperar.

Devlin tinha razão, o som da sereia aumentava por momentos.

—Trahern está ferido? Não me chamaram.

—Não tinham por que fazê-lo. Está aqui, no beco. —Devlin a agarrou do braço e atirou dela para o fundo do beco—. Dispararam-lhe. Não podemos deixá-lo morrer.

Laurel deixou de pensar no acidente de carro e se concentrou em seguir ao Devlin enquanto se arrependia de não haver ficado sapatos antes de sair de casa. O beco estava relativamente limpo, mas as pedras e demais objetos que havia pelo estou acostumado a faziam que caminhar lhe resultasse doloroso.

Tropeçou pela segunda vez e Devlin se deu conta de seu problema. Sem deixar de caminhar, tomou em braços e a levou até o outro extremo do beco, onde Trahern jazia convexo depois de umas caixas. OH, Deus!

Não se movia! O medo que experimentou por ele a queimou como se tratasse de um ácido, Quantas vezes mais podia morrer Trahern e voltar a reviver como um ser humano?

Não muitas.

CAPÍTULO 11

Devlin deixou a Laurel no chão e esmagou uma das caixas para que ela pudesse ajoelhar-se em cima. Laurel se agachou junto ao Trahern temendo por sua vida. Um jorro de sangue se estendia pelo flanco direito de sua camiseta e tinha formado um atoleiro no chão. Tomou o pulso e se sentiu aliviada ao comprovar que era regular. Trahern abriu os olhos.

—Doutora? —perguntou enquanto fazia uma ameaça de sentar-se.

Laurel apoiou as mãos nos ombros do Trahern e o empurrou com suavidade para trás.

—Sim, Blake, sou eu. Tente não mover-se até que comprove a gravidade de sua ferida.

Laurel tentou lhe levantar a camiseta, mas estava pega ao sangue, que já se estava espessando. Tirou um bisturi da maleta para

cortar o tecido, mas era muito lento.

— Devlin, necessito sua faca.

Uma folha de aspecto mortífero apareceu frente à cara de Laurel.

— Não faça nenhuma filigrana, Laurel, temos que tirar o daqui antes que um desses polis que se estão reunindo aí fora dita farejar por aqui. Agora mesmo, é o que menos nos convém.

— Eu posso caminhar.

Trahern tentou, uma vez mais, incorporar-se.

— seja-lhe isso quieto! Se voltar a mover-se poderia lhe cortar com a faca e, agora mesmo, é o último que lhe faltava.

Laurel conseguiu cortar uma parte da camiseta e ver a ferida com mais claridade. Normalmente, quão feridas ela curava aos Paladinos eram feridas de arma branca, mas aquela a tinha produzido uma arma de fogo. A bala tinha atravessado o abdômen do Blake.

Devlin olhou a ferida por cima do

ombro de Laurel.

— É grave?

— Sangra muito, mas não é uma ferida mortal.

Laurel agarrou várias gazes de sua maleta e as utilizou para aplicar uma vendagem provisória de pressão sobre a ferida do Trahern. Continuando, sujeitou-as com esparadrapo. Quando tirassem o Trahern dali lhe curaria melhor a ferida, mas, naquele momento, os dois homens estavam tensos pela necessidade de sair do beco. Era de entender: ela também se sentia muito exposta naquele lugar.

— A vendagem agüentará até que o levemos dentro.

Laurel se incorporou. Devlin tinha as costas contra a parede e sustentava uma horrível pistola na mão. Sempre parecia perigoso, mas esta era a primeira vez que lhe via a expressão de luta no rosto. E a assustou, embora sabia que a estava protegendo a ela e a seu amigo ferido.

—Já podemos ir, Devlin.

Devlin observou a Laurel e, depois, baixou a vista para o Trahern.

—Fique aqui até que comprove como está a rua.

A polícia ainda estava investigando o acidente. O último que lhes convinha era passar junto a eles levando ao Trahern a rastros e com a camiseta ensangüentada e feita farrapos. Enquanto Devlin ideava uma rota segura, Laurel rodeou os ombros do Trahern com o braço e o ajudou a sentar-se. Nenhum dos Paladinos demonstrava sentir dor, mas Trahern tinha a cara empapada em suor e se mordida o lábio para não gemer.

Laurel odiava e admirava ao mesmo tempo o estoicismo dos Paladinos.

—Se amaldiçoar lhe ajuda, faça-o, porque ao ficar de pé lhe doerá ainda mais.

Trahern não esbanjou seu fôlego falando até que se levantou. Enquanto Laurel recolhia sua equipe médica, Trahern se apoiou na parede e fechou os olhos. A julgar por sua

palidez, quão único o mantinha em pé era a pura obstinação.

Laurel não podia limpar o sangue do chão, mas a tampou com a caixa para que não se visse simples vista.

—Tentamo-lo?

Laurel passou o braço do Trahern por cima de seus ombros e o ajudou a caminhar pelo beco. Não tinham dado mais que uns passos quando Devlin retornou. Em seguida agarrou ao Trahern pelo outro lado.

—Quase todo mundo segue concentrado ao redor do carro acidentado. Demorei tanto porque queria ver o que tinha passado. Pelo visto, o carro estava vazio. O proprietário está histérico porque a polícia o acusa de negligência por deixar o carro em ponto morto e sem o freio de mão, mas ele jura que sempre deixa o freio posto e que alguém tem que ter manipulado o carro. Os polis não se acreditam sua versão porque o carro estava fechado com chave. Qualquer pessoa que tivesse tentado abri-lo, teria

disparado o alarme.

Trahern sacudiu a cabeça.

—O acidente estava programado para ocultar o ruído do disparo.

—O mesmo me acredito. —Devlin ficou de lado para situar-se entre o Trahern e a multidão que havia uma maçã mais à frente—. Não posso te sustentar enquanto estejamos ao descoberto. Preciso poder me mover com rapidez se por acaso o bastardo tenta nos disparar outra vez.

Laurel notou que Trahern transpassava parte de seu peso aos ombros dela.

—Sinto muito, doutora, mas só conto com você.

—Vamos, homem, cruzemos a rua.

Reiniciaram a marcha procurando um ritmo comum. Por cada passo que dava Trahern, Laurel dava dois, mas conseguiram adaptar o um ao outro. Quando chegaram à calçada de em frente, deram as costas ao barulho provocado pelo acidente e se dirigiram à casa de Laurel.

Devlin se interpôs em seu caminho.

—por que está a porta totalmente aberto?

—É provável que não a fechasse ao sair. Quando ouvi o choque, saí correndo e, depois, voltei a entrar para agarrar a maleta.

—Esperem aqui.

Devlin tirou a pistola e desapareceu no interior da casa de Laurel. Não demorou muito em inspecioná-la.

—Não há ninguém. —Voltou a introduzir a pistola na parte traseira de seu cinturão e sujeitou ao Trahern—. Onde quer que o deixe?

—Na habitação dos convidados. Ali estará bem.

Trahern soltou um grunhido.

—Deixem de falar como se eu não estivesse aqui. Me levem a lavabo e me deixem sozinho. Lavarei-me e irei. —Trahern olhou ao Devlin com o cenho franzido—. Necessitarei roupa limpa. Se caminhasse assim pela rua poderia chamar a atenção.

Era inútil discutir com o Trahern. Laurel o conhecia o suficiente para saber que não se deixaria derrotar por uma ferida como aquela.

—Tenho uns pulôveres de homem que poderiam ir bem. Enquanto os busco, você te assegure de que se limpa bem a ferida com um anti-séptico e lhe aplique uma boa quantidade disto.

—Laurel tirou um frasco do Betadine e uma nata antibiótica de uma gaveta—. As ataduras estão no outro lado e há trapos e toalhas limpos no armário da roupa.

Enquanto os dois homens reuniam os artigos de primeiros auxílios necessários, Laurel procurou no armário os pulôveres que tinha deixado seu irmão a última vez que a visitasse. O não era tão corpulento como Devlin ou Trahern, mas seus suaves pulôveres de lã serviriam ao Trahern até que chegasse a sua casa.

Entregou os pulôveres ao Devlin e voltou a deixá-lo a sós com o Trahern.

Continuando, foi à cozinha para esquentar o jantar. Quando Trahern e Devlin se reuniram com ela, Laurel tinha posto a mesa com três serviços e a comida estava preparada.

—Sentem-se e comam. E antes que me discuta isso, Blake Trahern, recorde que quem lhe fala é sua doutora. Sei que é você muito duro, mas, ou come, ou chamarei o laboratório para que venham a lhe buscar e lhe tenham em observação.

Sem dúvida o faria. A descarga de adrenalina que lhe tinha produzido a crise começava a dissipar-se e queria respostas a umas quantas perguntas antes de deitar-se.

Nenhum dos dois homens se incomodou em discutir com ela. Devlin se sentou a sua direita.

—encarregaste muita comida para uma só pessoa.

OH, céus, um homem ciumento!

—Os pulôveres são de meu irmão, Devlin, e dá a casualidade de que eu gosto da comida a China. Normalmente, encargo

suficiente quantidade para duas ou três vezes. Assim me economizo os gastos de envio.

Os dois homens começaram a engolir a comida como se os fora a vida nisso, provavelmente porque sabiam que ela queria lhes formular perguntas e nenhum deles queria ter que as responder. Laurel os deixou comer em silêncio enquanto contemplava a situação desde distintos ângulos. O que era o que tinha ocorrido?

Quando começaram a comer mais devagar, Laurel apartou seu prato e se inclinou para diante.

—Muito bem, senhores, chegou a hora das respostas.

—Eu tenho que ir, agora que ainda posso andar-declarou Trahern.

A cor de sua pele tinha melhorado muito, mas a dor que sentia se apreciava no rictus de sua boca.

—Não até que eu...

Devlin a interrompeu.

—Vamos, lhe dê uma pausa. Olhe, chamarei o D.J., ele acompanhará ao Blake a sua casa e se encarregará de cuidá-lo. Mas enquanto o esperamos você prepara suas coisas.

—Minhas coisas? De que falas?

Devlin havia se tornado de costas a Laurel enquanto marcava o número do D.J. Algo estava passando, algo sobre o que nenhum deles queria falar. Mas, fora qual fora o problema, agora ela estava implicada. Depois de tudo, como podia ser que ao Trahern disparassem naquele beco que estava tão perto de sua casa? E também estava o pequeno detalhe de que Devlin andasse oportunamente por ali para salvar a seu amigo.

Devlin tinha que lhe explicar muitas coisas, mas podia esperar a que estivessem a sós.

—Né, doutora, tem algo para acalmar a dor? Um par de aspirinas, por exemplo.

Não podia negar-se à petição do

Trahern, embora suspeitava que o fazia para distrair sua atenção.

— Irei as buscar.

Quando retornou do banho, a porta que comunicava a cozinha com a garagem estava aberta e Devlin e Trahern tinham desaparecido. Emprestou atenção um par de segundos e ouviu que falavam em voz desce na garagem. Um carro se deteve junto à porta.

Zangada por ter cansado na armadilha do Trahern, decidiu tomar-se ela as aspirinas, pois deduziu que o que Devlin lhe ia contar certamente lhe produziria dor de cabeça.

Para manter-se ocupada, recolheu a mesa e guardou os restos do jantar na geladeira. Quando estava colocando o último prato na lava-louça, ouviu passos na garagem. Uma vez mais, o pulso lhe acelerou.

Possivelmente, se atraía ao Devlin até a cama, ele não poderia evitar suas perguntas. Esta idéia a agradou em vários sentidos, embora não queria saltar sobre ele assim que

entrasse na habitação. Primeiro lhe deixaria fechar a porta.

Devlin entrou com olhar decidido. Ela se manteve firme, disposta a seduzi-lo, embora desejasse não ser a única em não poder esperar a estar nus. Entretanto, um sozinho olhar ao rosto do Devlin lhe indicou que ele tinha outros planos. Devlin se deteve seu lado.

—Onde está sua mala?

—Eu não reajo bem às ordens, senhor Bane.

—Olhe Laurel, não tenho tempo para isto. Temos que sair daqui a toda velocidade.

Suas palavras lhe sentaram como se lhe tivessem jogado um cubo de água fria à cara. Poucas coisas assustavam aos homens como Devlin, mas naquele momento havia muita tensão em sua mandíbula.

—por quê? O que é o que não me está contando?

Devlin se passou a mão pelo cabelo com frustração.

—Confia em mim e faz o que te peço. Explicarei-lhe isso mais tarde, mas, nestes momentos, aqui, em sua casa, não está a salvo. Agarra roupa suficiente para uns quantos dias.

Ela não pensava sair correndo de sua casa sem uma boa razão. Cruzou-se de braços disposta a esperar a resposta do Devlin.

—Não penso ir a nenhuma parte até que me conte o que está passando.

Devlin lhe aproximou esperando intimidá-la com sua corpulência.

—Não discuta comigo, Laurel. Faz-o, sem mais, ou o farei eu por ti e te tirarei daqui ao ombro. Quando nos tivermos instalado em um lugar mais seguro, explicarei-lhe isso, mas agora não é o momento.

Laurel não duvidou de que falava a sério.

—Está bem, faremos- a sua maneira.

Quando passou ao lado do Devlin caminho do dormitório, ele a agarrou pelo

braço e a voltou para si. Sua boca, séria e sombria, esmagou-se contra a dela. O sabor selvagem do guerreiro preparado para o combate se mesclou com o do aborrecimento de Laurel formando uma mescla volátil. Precisava-se pouco para que esta mescla explorasse inverificado. Ela o desejava, necessitava-o. Suas línguas se uniram e se acariciaram acalmando assim seus respectivos temperamentos, mas avivando sua paixão, até que os dois arderam em desejo.

Devlin a levantou para que as curvas de seu corpo encaixassem com as superfícies plainas do seu próprio.

— Não temos tempo para terminar isto.

Entretanto, não realizou o menor movimento para separar-se dela; pelo contrário, acomodou-se a cara em seu pescoço.

— Não parece que isso importância muito.

Laurel desejou encarapitar-se pelo corpo

do Devlin ou tombá-lo no chão.

— quanto antes recolha suas coisas, antes poderemos nos despir em algum lugar seguro.

Para ser um suborno, não estava nada mal. Laurel tirou uma mala da parte traseira de seu vestidor e a abriu em cima da cama. Começou colocando a roupa interior, e se assegurou de escolher quão conjuntos tinham mais encaixe. Já que Devlin ia ver a com aquela roupa, queria ter bom aspecto.

Do banho, agarrou os artigos básicos, pois deduziu que sempre podia retornar para agarrar o que tivesse esquecido ou comprá-lo. Não havia muitas coisas das que não pudesse prescindir durante uns dias.

Depois lhe tocou o turno à roupa de rua. Guardou na mala vários pares de calças com as blusas correspondentes, que era a roupa que estava acostumada a levar para trabalhar. Também pôs umas sandálias. As mãos lhe tremiam tanto que lhe resultou difícil dobrar a roupa adequadamente.

Depois de dar um último olhar a seu redor, agarrou dois pares de sapatos e umas quantas jóias. Por fim estava preparada, embora necessitasse um par de intentos para fechar a mala. Depois a agarrou da asa e a fez rodarem até o salão. Devlin tinha deslocado as cortinas e estava em um extremo da janela, inspecionando a noite de Seattle.

— Já estou preparada. Aonde vamos?

— Esta noite a passaremos em minha casa. Amanhã já faremos planos.

Laurel agarrou as chaves de seu carro, que estavam sobre o balcão da cozinha.

— Conduz você ou eu?

Devlin alargou o braço.

— Já me conduzo. No caso de.

A Laurel lhe formou um nó no estômago.

— No caso de o que?

Devlin a tocou para tranqüilizá-la.

— Se por acaso o bode que me matou uma vez e disparou ao Trahern segue aí fora.

Laurel sentiu um calafrio.

—Também vai detrás de mim?

—Acredito que quer te utilizar para chegar para mim, porque sou difícil de apanhar. —Devlin agarrou a mala de Laurel—. Possivelmente pensa que, se me ameaçar te fazendo danifico, eu cairei na armadilha com o bunda ao ar e os braços em alto.

—E você o faria? —perguntou Laurel, embora já conhecesse a resposta.

—Sem duvidá-lo, e com um sorriso na cara.

Devlin lhe deu um beijo rápido na bochecha para aliviar a tensão do ambiente.

Laurel o seguiu até a garagem sentindo-se um pouco aturdida.

Se o atacante conseguia matar ao Devlin, esta vez se asseguraria de que fora para sempre. Tinha que fazê-lo, do contrário se passaria o resto da vida fugindo com o Trahern e o resto dos Paladinos lhe pisando os talões.

Laurel se sentou no assento do co-piloto

e se grampeou o cinturão enquanto Devlin conduzia para a escuridão da noite. A porta da garagem se fechou pouco a pouco e Laurel olhou para trás sentindo que uma parte de sua vida também se estava fechando.

«Filho de puta!»

Esteve tentado de disparar ao carro enquanto saía, marcha atrás, da garagem, mas a polícia estava registrando o bairro em busca de testemunhas do acidente.

De fato, não lhe preocupava. Quando pagou a aquele vândalo para que soltasse o freio e pusesse a marcha em ponto morta, vestia uma roupa distinta a de agora e levava um gorro impregnado até as orelhas. Sua própria mãe teria tido problemas para reconhecê-lo. Tinha estado a ponto de apanhar a Laurel Young, mas tinha falhado.

Deu uma patada a um cubo de lixo e o enviou pelos ares até o outro lado do beco. Deveria ter suspeitado que Devlin Bane não confiaria no Trahern para vigiar a sua amada. Nada mais apertar o gatilho, Bane saiu de

onde se ocultava para ajudar a seu amigo.

Isto poderia ter mantido ocupado ao Bane o tempo suficiente para que ele pudesse seqüestrar à doutora Young, mas ela se lançou virtualmente em seus braços. Agora teria que voltar a segui-la. O mais provável era que o ardiloso Paladino demorasse dias em deixá-la aproximar-se de sua casa. Além disso, ela estaria sempre rodeada de um punhado de seus selvagens amigos.

Teria que engenhar-lhe para apanhá-la quando estivesse sozinha no laboratório. Sim, isso podia funcionar! Mas lhe estava acabando o tempo. Se não obtinha logo seu objetivo, teria que fugir dali.

Em qualquer caso, teria que ir-se de Seattle, mas preferia fazê-lo com um bom maço de bilhetes que lhe permitisse desfrutar de do bom vinho e as mulheres durante várias décadas. Com esta idéia na cabeça, retornou a sua casa disposto a elaborar um plano e rezar para que, por uma vez, algo lhe saísse bem. Devlin não perdeu de vista o

espelho retrovisor enquanto a casa de Laurel desaparecia a suas costas. Confiava totalmente em que podia esquivar a qualquer que os seguisse, mas ainda eram vulneráveis às balas. Conforme posto mais distancia entre eles e o perigo que os espreitava, seus músculos se relaxaram.

— Está bem? — perguntou.

Sua visão do Paladino lhe permitia ver com muita mais claridade na tênue luz do carro do que poderia ver um ser humano normal. Laurel se tinha reclinado no assento e tinha os olhos fechados.

Esboçou um leve sorriso.

— Sim, estou bem.

— Darei umas quantas voltas mais para me assegurar de que não nos seguem, mas já estamos perto de minha casa.

— Estupendo, porque já tenho bastante por hoje. — Laurel apoiou a mão no braço do Devlin — . Bom, quase.

O calor de sua mão o invadiu como uma bênção. Sim, gostava de como pensava

aquela mulher! Acelerou para cruzar o semáforo que tinha mais adiante e, continuando, realizou um giro brusco à esquerda. Se alguém os seguia, teria que esperar até que o semáforo voltasse a trocar.

A meia maçã meteu-se em um estacionamento para poder trocar de sentido. Deteve o carro entre outros dois veículos que havia perto da saída para assegurar-se de que ninguém se fixava em sua manobra.

O horizonte estava espaçoso. Saiu do estacionamento e se dirigiu para sua casa. Estariam dentro do edifício em uns minutos. Pouco depois, girou para o este e tomou o caminho de entrada a sua casa.

Laurel parecia mais acordada e se fixava em todos os detalhes.

— Quase somos vizinhos.

— Sim, a vôo de pássaro, vivo a menos de um quilômetro de sua casa.

Devlin estacionou o carro de Laurel ao lado de seu velho Porsche. Depois de tirar a mala de Laurel do porta-malas, conduziu-a

ao interior. O que opinaria ela de sua casa? Estava quase seguro de que gostaria. O passava a maior parte do tempo nos túneis, mas voltar para sua casa e contemplar a vista espetacular do Puget Sound e as montanhas Olympic realmente lhe compensava. Uma cerca de cedro de quase dois metros de altura protegia seu pequeno jardim traseiro da vista dos vizinhos. Como a maioria dos Paladinos, ele valorava muito a intimidade.

Devlin levou a mala de Laurel a seu dormitório. Podia lhe oferecer alojar-se na habitação dos convidados, mas não gostava e, naquele momento, o que mais desejava era estar com Laurel Young em sua cama.

Quando retornou ao salão, ela estava no terraço, contemplando as luzes que, na distância, refletiam-se na água. Devlin se colocou detrás dela, rodeou sua cintura com seus braços e a aproximou de seu torso. O aroma de seu pele e seu cabelo produziu um efeito imediato em seu corpo.

— Bonita vista-declarou Laurel.

— eu gosto. — Devlin apoiou o queixo na cabeça de Laurel — . Sempre é diferente.

— Contará-me, agora, do que vai tudo o que passou?

— Disse-te que o faria e o farei. — Devlin afundou a cara no pescoço de Laurel e, depois, seguiu o contorno de sua orelha com a ponta da língua — . Mais tarde.

Ela arqueou o pescoço para resultar mais acessível.

— Boa idéia.

Devlin deslizou as mãos para cima, agarrou os peitos de Laurel e os apertou com suavidade enquanto a beijava no pescoço. Ela seguia vestida com a camiseta e as calças curtas de flanela. E sem prendedor. Ao Devlin gostou do tato do algodão suave da camiseta deslizando-se por seus brandos peitos. Laurel gemeu com suavidade e se voltou um pouco para lhe pedir um beijo. Este não se pareceu em nada ao que se deram antes na casa dela. A paixão, sem dúvida, seguia ali, mas não o mau gênio. Poderiam

passar-se horas simplesmente abraçando-a e permitindo que seu aroma e seu sabor enchessem seus sentidos.

Ou possivelmente não. O ar fresco da noite se estava esquentando em torno deles. Se seguiam assim, entrar na casa não seria má idéia.

Devlin se separou de Laurel com esforço e lhe tendeu a mão. O sorriso que lhe ofereceu cumpriu todas suas expectativas. Permitiu que a guiasse com o passar do corredor até seu dormitório.

Devlin jogou a colcha da cama para baixo para que não lhes incomodasse. Quando se voltou para Laurel, ela já se tirou a camiseta. Devlin sorriu abertamente.

—Obrigado, Laurel.

Ela inclinou a cabeça a um lado e esboçou um sorriso zombador.

—E como vais demonstrar-me sua gratidão?

—Me ocorre um par de idéias.

Devlin também se tirou a camiseta. Já

fazia tempo que lhes tocava experimentar um pouco de pele com pele.

— Bonito começo, mas que mais tem para me oferecer?

Laurel retrocedeu um passo.

Assim queria jogar! Devlin aproximou a mão à cremalheira de sua calça e os olhos de Laurel a seguiram enquanto deslizava a lingüeta para baixo. Quando introduziu os dedos na cintura da calça para baixar-lhe percebeu que a respiração de Laurel se acelerava. Ao cabo de uns segundos, Devlin não vestia mais que um sorriso na cara.

— Bom, também está isto.

Laurel ainda levava postos as calças curtas, mas ele não tinha pressa em que os tirasse.

Devlin voltou a lhe tender a mão. Laurel titubeou.

— Agora se sente coibida?

— Não, estou tentando decidir por onde começar. As possibilidades me parecem infinitas.

—Eu estou aberto a algo que tenha em mente.

Devlin abriu um pouco os braços e realizou um giro completo e lento sobre si mesmo para que ela pudesse ver, a suas largas, o que ele podia lhe oferecer.

—Acredito que quero que te jogue na cama.

—Sim, senhora.

Devlin se tombou na cama quanto comprido era, pôs as mãos debaixo de sua cabeça e esperou a ver que fazia Laurel a seguir.

Ela logo que podia assimilar tudo o que via. O corpo do Devlin era uma obra de arte, potente e de linhas marcadas. Laurel deslizou a mão com ligeireza pela perna do Devlin e acariciou seu pênis com os dedos. Este reagiu como se disparou uma mola e Laurel se sobressaltou. Devlin se pôs a rir, mas não lhe importou. Ria com muita pouca frequência. Fossem quais fossem as terríveis notícias que tinha que lhe comunicar, estava decidido a

apartar as de sua mente durante um momento.

Laurel se sentou em cima de Devlin escarranchado e sentiu seu poder entre as pernas. Queria senti-lo dentro, mas ainda não. Havia muito território por explorar. Subiu pelo corpo do Devlin, agarrou seus próprios peitos e os ofereceu para que ele os tocasse e os saboreasse.

A língua do Devlin brincou com os sensíveis topos dos peitos de Laurel e ela se arqueou para trás oferecendo-lhe ainda mais. Devlin utilizou os dentes e os lábios para sugá-los, e cada sucção enviava um estremecimento ardente ao mais fundo dela. Parecia saber o que Laurel necessitava em cada momento sem ter que perguntar-lhe. Colocou a mão em seu abdômen e seguiu a curva de sua barriga até que sua mão se deslizou pelo interior do elástico de suas calças.

Devlin levantou os dedos para penetrá-la, esfregou com eles o centro do desejo de

Laurel e os introduziu em seu escorregadio conduto. Laurel logo que podia suportar as sensações que experimentava.

— Devlin...

Seu nome era como uma súplica para que ele tomasse as rédeas e lhe desse o que os dois desejavam com tanta ansiedade.

Devlin tombou a Laurel de costas, tirou-lhe as calças e os atirou por cima de seu ombro. Depois, ajoelhou-se entre suas pernas e a contemplou com tanta intensidade que ela teria jurado que sentia o roce de seu olhar na pele.

— Não sabe quantas vezes te imaginei aqui. Assim, tal e como está agora. — Sua voz soou grave e ele deslizou a mão para acariciá-la onde mais o necessitava. Laurel arqueou os quadris como resposta e em sinal de convite—. Me Diga o que é o que quer, Laurel.

— Quero que tome Devlin. Não me importa como, mas tome.

— Então será melhor que te agarre bem,

carinho, porque será uma cavalgada larga e intensa.

Devlin levantou as pernas de Laurel e a penetrou com lentidão. Ela se sentiu estendida, tensa e maravilhosamente enche. Quando acreditou que Devlin tinha chegado ao mais fundo que podia chegar em seu interior, ele a levantou da cama e a sentou em seu regaço. Devlin levantou os quadris e penetrou no mais fundo do interior de Laurel. Agarrou-a pelas nádegas com suas calejadas mãos e a manteve quieta enquanto levantava e baixava os quadris. Devlin parecia saber com exatidão o ângulo que produziria a Laurel o maior prazer.

— Devlin! — gemeu Laurel enquanto a tensão que experimentava em seu interior aumentava até levá-la ao limite.

Devlin, com toda malícia, ficou quieto negando-se a lhe dar esse pouco mais que necessitava. Em troca, deslizou-se para baixo e utilizou a língua. Uma vez mais, Laurel sentiu que seu prazer crescia

vertiginosamente e fora de controle. Nesta ocasião, chegou ao clímax e expressou com entusiasmo seu alívio. Devlin colocou em seguida as pernas de Laurel em cima de seus ombros e a penetrou lhe dando apenas tempo a repor-se enquanto os levava a ambos à cúspide em uma escalada sem trégua.

Laurel cravou as unhas nos lençóis e se agarrou a estas como se nisso o fora a vida. Devlin voltou a deter-se fazendo uso de sua força de vontade. Seu corpo, empapado em suor, tremia pela necessidade de desafoagar-se.

— por que te pára?

— A camisinha. Antes que seja muito tarde.

Devlin se separou de Laurel de uma forma repentina para agarrar uma camisinha da mesinha de noite. Segundos mais tarde, estava de volta.

Então a penetrou com força e rapidez, sem nenhum tipo de contenção. Laurel desfrutou sentindo-o entrar e sair de seu

corpo com ímpeto enquanto ele se assegurava de que ela obtinha tanto prazer como ele de seu acoplamento. Depois de umas quantas penetrações potentes e impetuosas, Devlin os levou a ambos ao clímax e esperou para recolhê-la quando ela voltasse para a terra.

Dormiram. Ela não soube se tinham acontecido horas ou minutos quando sentiu que ele se movia a seu lado e os devolvia a ambos à vigília. Tinha chegado o momento de falar. Teria-lhe encantado vadiar no calor de seus braços, mas a noite não manteria a raia ao resto do mundo durante muito tempo mais.

— Começa pelo princípio.

Devlin pôs em ordem seus pensamentos enquanto brincava com o cabelo de Laurel.

— A última vez que morri foi diferente às anteriores.

— Refere à outra coisa além do fato de que demorasse muito em reviver?

— Sim, refiro a outra coisa. Embora, possivelmente o fato de que demorasse tanto

em reviver se deva, em parte, a que me matou um humano, não um dos Outros. — Sua voz soava tranqüila, mas Laurel podia perceber a tensão que crescia em seu interior —. Não lhe vi a cara, mas as mãos que sustentavam a espada eram humanas. — Devlin se interrompeu uns instantes —. Resulta estranho, mas é a quarta pessoa a que se o conto e ainda me parece irreal. O dia que fui ver como estava e um par de vezes nos túneis notei que alguém me seguia. Não consegui vê-lo, mas sei que está aí. — Devlin a olhou aos olhos —. O sinto, mas acredito que me seguiu até sua casa o dia que fui comprovar se estava bem e fiquei passando a noite.

—De modo que sabe que estamos atados. —Laurel se acomodou mais perto do Devlin—. E esta é a razão de que pedisse ao Trahern que vigiasse minha casa.

—Quando fui averiguar se tinha descoberto alguma coisa, encontrei-o sangrando no beco. Acreditam que o acidente

foi provocado como distração. Trahern tem razão ao dizer que o objetivo do acidente era ocultar o ruído do disparo, mas, além disso, eu acredito que, quem o ideou, tinha planejado te seqüestrar durante a confusão.

—Deveu pensar que eu sairia com minha maleta de primeiros auxílios e que cairia diretamente em suas mãos. — Apesar da calidez que experimentava, Laurel sentiu um calafrio—. Tem alguma idéia de quem pode ser?

Devlin se mostrou evasivo com a resposta.

—Estamos seguindo várias linhas de investigação.

Laurel levantou a cabeça e a apoiou em uma mão.

—Não me venha com tolices, Devlin! Conta-me o tudo. Prometeu-me isso.

Laurel lhe deu uns golpes com o dedo no peito.

Devlin lhe agarrou o dedo e o levou a boca para beijá-lo.

—Está bem. Acreditam que tudo está relacionado com algo que concerne aos Outros. Nos túneis, descobrimos umas bolsas de tecido que continham uns pós azuis. D.J. Fez que um amigo seu os analisasse. Procedem de um tipo de pedra semipreciosa. O mais provável é que se trate de um tipo de granada que não existe em nosso mundo. Acreditam que alguém de nosso lado está aceitando subornos para deixar passar aos Outros.

—Mas não o estão conseguindo, não?

A Laurel, aquela dobro traição, produzia-lhe náuseas.

—Não. Para nós, tudo funciona como sempre. Se não ficarem em seu lado, damos-lhes caça e os matamos. Ou eles nos matam.

Sua brutal sinceridade fez que Laurel sofresse por ele e pelo resto dos Paladinos. Além disso, embora nunca o admitisse diante do Devlin, sentia certa compaixão pelos Outros, quem em lugar de encontrar o refúgio que tanto ansiavam, encontravam-se

com a ponta da espada de um Paladino.

—Suspeitam de alguém de Regência ou dos soldados?

Esta era a única explicação que tinha sentido.

—Como te hei dito antes, seguimos várias linhas de investigação. A partir de manhã, não deixará a segurança do laboratório a menos que vá com um de nós. Tentei manter o assunto em segredo, assim só o contei ao D.J., Cullen e Trahern. Lonzo sabe algo, mas desconhece os últimos acontecimentos.

Por fim havia uma boa notícia que podia compartilhar com ele.

—Certamente, darão-lhe o alta amanhã. Isso se o doutor Neal não o deixou ir esta mesma tarde. Estavam esperando os últimos resultados da análise de sangue.

—Boas notícias. Necessitaremos todas as espadas que possamos reunir antes que este assunto se solucione. —Devlin se inclinou por volta de Laurel para beijá-la—. Agora,

dorme um pouco. Amanhã será um dia muito comprido para todos nós.

Laurel se voltou de lado e Devlin acomodou seu corpo à costas dela, rodeou-lhe a cintura com o braço e a apertou contra si. Então Laurel deixou que as preocupações daquele dia se desvanecessem e dormiu.

Horas mais tarde, o telefone soou com um assobio alto e estridente. Devlin se agitou na cama e estirou um braço para agarrar o auricular. Depois de pendurar, resmungou algo a respeito de que alguém era homem morto, ficou as calças e saiu do dormitório. Laurel não se alterou voltou a acomodar-se novo no calor da cama. Entretanto, antes que conseguisse voltar a dormir, Devlin estava de volta e atirava dos lençóis.

Laurel tentou recuperar o lençol e a cálida comodidade que tinha desfrutado até então.

— Trahern está aqui. Veste.

Devlin não parecia sentir-se nada contente com visita de seu amigo, mas não

tinha por que descarregar seu mau humor nela.

Laurel se sentou e lhe lançou um olhar irado.

—me dê o lençol. Estou nua e tenho frio, ou é que não te deste conta?

Devlin sorriu de uma forma muito masculina e lhe lançou o lençol.

—Pois sim que me dei conta. E se Cullen e D.J. Não estivessem em caminho, estaria encantado de que seguisse assim.

Laurel se envolveu no lençol com lentidão a fim de proporcionar ao Devlin o melhor dos espetáculos e, a julgar pelo brilho de seus olhos, ele sem dúvida valorou seus esforços. Devlin a rodeou com os braços e lhe deu um comprido beijo.

Depois, separou-se dela pouco a pouco.

—Trahern e outros querem falar sobre o que está passando. Quando tivermos ouvido o que querem nos dizer, riscaremos planos.

A Laurel não gostou de como soava aquilo.

—Que planos? O que é o que não me está contando?

—Até que não averigüemos algo mais, não me sentirei tranqüilo sabendo que está sozinha no laboratório. Se o homem que se oculta detrás destes ataques é um dos guardas, não está segura no laboratório.

—Você tampouco o está, mas segue retornando às trincheiras.

Você é tão vulnerável como eu.

Devlin arqueou uma sobrancelha lhe recordando, sem palavras, que ele era um guerreiro treinado e capaz de defender-se a si mesmo. Entretanto, os dois sabiam que as balas podiam derrubar a um Paladino com mais facilidade que uma espada. E, uma vez abatidos e sangrando, os Paladinos eram tão vulneráveis como qualquer outro homem.

Devlin soltou a Laurel e retrocedeu uns passos.

—Agora mesmo, não temos tempo para isto. A menos que queira nos servir café vestido só com um lençol e um sorriso.

—Então saia para que possa me vestir Devlin. Assistirei a sua reunião, mas depois terei que ir ao laboratório.

Devlin se passou a mão pelo cabelo em sinal de frustração.

—Laurel, sei que isto te resulta difícil, mas, por favor, não faça nada até que tenhamos falado.

Ou confiava nele ou não confiava.

—De acordo. Esperarei.

Devlin lhe deu um beijo rápido nos lábios e, justo ao mesmo tempo, soou o timbre da porta.

Quando esteve sozinha, Laurel se lavou o dente escovou-se o cabelo e se perguntou que roupa ficar. Se ficar a roupa de trabalho, Devlin podia tomar-lhe a mau. Por outro lado, ficar um moletom tampouco lhe parecia bem. Ao final, decidiu-se por seus melhores nos cubra e uma camiseta de manga curta. Em caso necessário, podia voltar a trocar-se, quando Trahern e companhia se foram.

Depois, ficaram umas sandálias,

inspirou fundo e se dirigiu ao salão. Outros já tinham chegado. Quando se deu conta de que era a primeira vez que estava com eles como amante do Devlin, em lugar de como Tutora, sentiu uma repentina quebra de onda de acanhamento. Devlin não estava à vista, mas lhe ouvia transportar na cozinha. Por favor, que estivesse preparando café! Uma boa dose de cafeína seria bem recebida.

Os três Paladinos estavam repartidos no sofá e as poltronas. Blake Trahern foi o primeiro em dar-se conta de que ela estava junto à porta. Embora, em realidade, não sorriu, seus gélidos olhos cinza refletiram mais calidez da habitual.

—bom dia, Blake. Como te encontra esta manhã?

—Estou bem.

Trahern se deslocou por volta de um dos extremos do sofá e deu umas tapinhas na almofada que tinha a seu lado convidando a Laurel a utilizá-lo.

Laurel aceitou o convite e Cullen e D.J.

Olharam-nos alucinados. Pareceu-lhe que Trahern desfrutava da pequena comoção que tinham causado. Possivelmente assim desviaria parte da atenção dela e Devlin. Em qualquer caso, Laurel se sentiu adulada pelo convite.

— bom dia, D.J., e a ti também, Cullen.

D.J. Agitou-se com inquietação na poltrona.

— bom dia, doutora.

— Sinto incomodá-la tão cedo, doutora.

— Cullen lhe sorriu —. A culpa é do Trahern. Ele nos tirou todos da cama esta manhã.

— Vai-te ao inferno, Cullen.

Não havia má intenção nas palavras do Trahern.

Antes que Cullen pudesse lhe responder, Devlin entrou na habitação levando uma bandeja com café, taças e massas.

— antes que volte a te queixar, Cullen, recorda que Blake é o único que trouxe café da manhã.

D.J. Interveio na conversação.

— Porque se não já estaria sangrando.

Laurel levantou a mão.

— Vamos, meninos, não sigam por aí. Eu não gosto de ver sangue antes do café da manhã. Já sabem quão impressionáveis sou.

Sua pequena mentira os fez rir. Inclusive Trahern soltou uma gargalhada oxidada. Devlin serve a primeira taça de café e a ofereceu a Laurel enquanto a olhava com olhos quentes. Quando teve servido a todos, sentou-se no sofá, ao lado de Laurel, quem se sentiu emocionada ao estar flanqueada por dois dos Paladinos mais potentes da região de Seattle.

Cullen deixou sua taça na mesa.

— E bem, o que é tão importante como para que nos percamos nosso sonho reparador?

Devlin tomou as rédeas da conversação.

— Ontem de noite, alguém provocou um acidente diante da casa de Laurel. O ruído do choque obteve dois propósitos: um, que ela

saísse de casa e resultasse vulnerável a um ataque e, dois, ocultar o som do disparo que efetuaram ao Trahern. De modo que o muito bode levou este assunto a um novo nível. — Devlin se levantou —. Uma coisa é ir por mim, mas atacá-la a ela é algo muito distinto.

— Exato!

D.J., que era quem sempre se zangava com mais facilidade, ficou de pé disposto a lutar.

— Sente-se, D.J., faz que a outros resulte difícil pensar — declarou Devlin.

D.J. Deixou-se cair na poltrona, mas Laurel quase o via vibrar com energia logo que contida.

— Quero que agarremos a este filho de puta e que seja logo. Ontem de noite estive muito perto de apanhar a Laurel. — Devlin deslizou o braço ao redor dos ombros de Laurel e a aproximou mais a si —. Está claro que vigiar sua casa não foi suficiente. Claro que não sabíamos que era tão louco para atacar ao Trahern.

Blake não disse nada, mas não era preciso. Todos sabiam qual seria o resultado se seu atacante voltava a cruzar-se em seu caminho.

—Eu gostaria de tirar o de seu esconderijo. Acreditamos que teríamos mais possibilidades de apanhá-lo se Laurel, nós desaparecêssemos durante um par de dias. Se ela não aparecer pelo trabalho e não estamos nem em minha casa nem na sua, é provável que esse porco comece a sentir pânico. Quem lhe pague pelo trabalho não estará muito contente de que tarde tanto em levá-lo a cabo.

Laurel o olhou com o cenho franzido.

—Eu não posso ir assim, sem mais, Devlin. Tenho responsabilidades.

—Disse-me que ao Lonzo davam a alta esta manhã e ele é seu último paciente, não?

Resultou evidente que não gostava de ter que admiti-lo.

—Sim, mas a situação poderia trocar em qualquer momento. Todos sabem.

—Eu tampouco posso ir muito longe.

Esconderemo-nos em algum lugar que esteja a pouca distancia em carro para que possamos retornar depressa. Além disso, você tem férias logo, não?

— Bom, sim, mas...

— Estupendo. Então está decidido. Enquanto estejamos fora, procurem um par de companheiros para vigiar minha casa e a de Laurel. E se alguém começa a fazer perguntas, já teremos ao culpado.

Devlin se deu conta de que Laurel estava a ponto de começar a discutir, assim que lhe apertou o ombro esperando que captasse a indireta e esperasse a que seus amigos se foram para explorar. Ele estava ansioso por lhe pôr as mãos em cima ao desprezível filho de puta que se escondia detrás dos ataques, mas ainda lhe resultava mais urgente manter a Laurel a salvo.

— Se utilizarem os cartões de crédito será como deixar um rastro de miolos para que lhes encontrem. Nem sequer os móveis são seguros.

D.J. Falou com autoridade. Depois de tudo, seu passatempo favorito era acessar a lugares supostamente seguros.

Devlin assentiu com a cabeça.

— Bem pensado. Comprarei um desses móveis de prepago e lhes telefonarei para que tenham o número. E pagaremos em dinheiro para não deixar rastros.

Esta vez foi Cullen quem negou com a cabeça.

— Poderiam vigiar suas contas se por acaso tiram uma quantidade importante. Mas podemos solucioná-lo se uns quantos de nós tiramos quantidades pequenas. Depois, D.J. Poderia fazer desaparecer as operações ou, ao menos, trocar a data destas. Deixem em nossas mãos.

— Não dispomos de muito tempo, Cullen.

— Estarei de volta dentro de um par de horas com um montão de massa. Vamos, D.J. Por certo, Trahern, necessitarei o número de sua conta e seu cartão de crédito.

Enquanto seu amigo tirava sua carteira,
Devlin olhou a Laurel.

—O que prefere o mar ou a montanha?

CAPÍTULO 12

Tiveram sorte e conseguiram uma habitação com vistas ao mar em um hotel da costa. Laurel abriu a porta do balcão e saiu ao exterior. Enquanto inspirava fundo o ar acre do oceano, quase poderia ter acreditado que estavam ali como dois apaixonados que tinham feito uma escapada à costa.

Devlin saiu ao balcão e a rodeou com os braços enquanto apoiava o queixo em sua cabeça. O calor do corpo do Devlin lhe sentou inclusive melhor que a sensação do sol na pele.

Laurel se apoiou na força do Devlin e deixou que a tensão que experimentava se desvanecesse...

Só para substituí-la por outra série de sensações. Laurel inclinou a cabeça a um lado em sinal de convite e Devlin, preparado como era, em seguida deslizou sua cara pela curva de seu pescoço. Mordeu-lhe com suavidade o

lóbulo da orelha e, continuando, o beijou como desculpa pela pequena dor que lhe tinha causado.

—Quer que vamos dentro? —perguntou Devlin.

Aquela pergunta sussurrada junto ao ouvido enviou quebras de onda de calor pela coluna vertebral de Laurel.

—por quê? Tem algo em mente que poderia emocionar aos vizinhos?

—Pois acredito que sim.

Devlin a fez girar-se e a beijou com intensidade. Continuando, agarrou-a pelas nádegas e a levantou para fazer encaixar seu corpo com o dele.

Aquilo era o paraíso.

—me leve à cama, Devlin.

—Acreditei que não me pediria isso nunca.

Devlin a levou a interior e deixou a porta do balcão aberta para que entrasse a brisa do oceano.

Devlin a aproximou mais a si desfrutando da

sensação de sua cabeça apoiada em seu ombro e seu corpo convexo a seu lado. A respiração de Laurel era lenta e regular. Estava a ponto de cair dormida. E isso era bom.

Nenhum dos dois tinha dormido muito a noite anterior, quando foram a sua casa. Saber que um assassino ia atrás deles a estava afetando. Tanto ele como seus amigos faziam o possível por eliminar esse perigo, mas a lembrança seria difícil de apagar.

Maldita seja, como amava essa mulher! Não lhe tinha resultado fácil encontrar-se com o Cullen e D.J. Pela manhã, mas se tinha enfrentado à situação com a mesma força e determinação que empregava para todo o resto. Laurel possivelmente não tinha percebido as olhadas que seus amigos lhe tinham arrojado, mas ele sim que as tinha notado. Todos eles sabiam que os Paladinos não se apaixonavam. O desejo era algo normal neles, mas o que Devlin sentia por Laurel era muito mais que um mero desejo.

Devlin desejou poder voltar às costas ao trabalho e casar-se com ela para que ambos pudessem viver como um matrimônio normal. Mas isto não aconteceria porque os dois estavam comprometidos com a vida que levavam, e trocar isso resultava impossível, não?

O telefone móvel que tinham comprado começou a vibrar sobre a mesinha de noite. Devlin o agarrou e pulsou a tecla de resposta.

— Aqui Bane. Dê-me um segundo. — separou-se de Laurel e se foi ao lavabo para não despertá-la —. Já estou aqui.

Escutou o relatório do Cullen. De momento, não tinham detectado nenhum intento de acesso as suas contas. Esteve a ponto de lhe perguntar a seu amigo se ele e D.J. Opinavam que o outro tipo era tão bom como eles acessando a informação reservada, mas tomariam como um insulto e, naquele momento, quão último precisava era que seus amigos estivessem cheios o saco com ele.

— Obrigado pela informação. Amanhã

ficaremos por aqui e retornaremos ao outro dia pela manhã; já me há flanco bastante convencer a Laurel para que se afastasse do laboratório todo este tempo.

Cullen prometeu voltar a telefoná-lo à manhã seguinte e à outra se não surgia nada urgente. Devlin cortou a comunicação e se levou um susto de morte quando levantou o olhar e viu que Laurel estava ali mesmo, junto a ele. Ela se esfregou os olhos meio dormida.

— Quem era?

— Cullen. De momento, tudo está em calma.

— Então podemos retornar antes do previsto?

— Não.

Laurel queria discutir. Estava ali, em seus olhos, mas nem sequer o tentou e, em lugar de discutir, surpreendeu ao Devlin.

— Quero voar um cometa. E, depois, conduzir uma escúter.

-O que?

Laurel apoiou a cabeça no peito do Devlin e lhe abraçou pela cintura.

—Se estamos simulando que somos um casal, quero fazer tudo o que fazem os casais neste lugar. Quero fazer voar uma desses cometas enormes na praia e, depois, conduzir uma escúter.

—Alguma vez conduziste uma escúter?

—Não. Isso ou montar a cavalo. — Laurel inclinou a cabeça para trás, como se estivesse estudando ao Devlin—. Temo que seja mais um homem de escúter que de cavalos.

Tinha-se que conduzir uma moto, ele preferia que fora uma Harley de grande tamanho, mas aquela mulher tinha aspecto de querer jogar e ele estava disposto a agradá-la. Sobre tudo se isto afastava os problemas de sua mente durante umas horas.

—De acordo, tomemos o café da manhã tranqüilamente e, depois, pomo-nos em marcha.

—Trato feito.

Voar um cometa resultou ser um pouco mais complicado do que Devlin esperava. Não recordava havê-lo feito nunca. Passou-se a maior parte da infância lutando para conseguir dinheiro e poder levar um pouco de comida à mesa. Sua mãe era uma boa pessoa, mas como mãe era um autêntico desastre. Além disso, Laurel tinha elegido uma dos cometas mais complicadas da loja. Era uma bem grande em forma de dragão, e a tinha escolhido depois de olhá-lo a ele e a cometa, de uma forma alternativa, um par de vezes. Esperava ouvi-la dizer que a cometa recordava a ele.

Pessoalmente, ele acreditava que a cometa necessitava umas quantas cicatrizes para parecer-se com um Paladino. Quando, depois de muitas risadas e muitos intentos faltados, conseguiram montá-la, Laurel decidiu que Devlin sustentara o carretel da corda enquanto ela punha-se a correr com o cometa. A imagem de Laurel renda enquanto

a cometa por fim remontava e quase a levantava do chão, ficaria impressa em sua lembrança durante décadas.

Depois Devlin fez que Laurel se sentasse com ele na areia, e ela o fez entre seus joelhos e apoiado em seu peito enquanto juntos contemplavam como o dragão descia em picado e remontava o vôo por cima das ondas azuis.

—É bastante feroz, não crie? — perguntou Laurel assinalando ao dragão—. Ao final me veio à cabeça a quem me recorda. É da mesma cor que os olhos do Trahern quando sorri.

Devlin soltou um coice.

—Trahern não sorri.

E não sentia ciúmes de que ela estivesse pensando em seu amigo. Ao menos, não muitos.

—claro que sim, mas, em geral, só o faz com os olhos.

Laurel atirou da corda para que o dragão descesse em picado e voltasse a

elevant-se.

— A verdade é que não gosta de ouvir falar dos olhos do Trahern.

Ela, descarada, soltou uma resista afogada.

— Oooh! Assim que o senhor grande e duro está ciumento. Pois resulta que eu não estou aqui com o Trahern, não? E, certamente, não era com o Trahern com quem me derrubei antes na habitação do hotel.

Não, não tinha sido Trahern. E a lembrança de algumas das coisas especialmente imaginativas que lhe tinha feito lhe fez desejar que não houvesse tanta distância até o hotel. Possivelmente ela tinha pensamentos similares, porque agarrou o carretel e começou a recolher a corda. O enorme réptil lutou por manter-se no ar, mas, ao final, rendeu-se ante a insistência de Laurel e se posou tranqüilamente no chão.

Laurel agarrou ao Devlin da mão e o conduziu de volta à habitação do hotel.

— houve sorte?

Cullen se inclinou sobre o ombro do D.J. E contemplou a tela do ordenador.

—É um bode muito escorregadio. Isso deve reconhecer-lhe

Os dedos do D.J. Voaram pelo teclado enquanto tentava descobrir quem havia detrás dos intentos de consulta nas contas bancárias de Laurel e Devlin. Suas mãos se detiveram enquanto murmurava umas quantas maldições.

—escapou-se?

—Não exatamente, mas se esconde detrás de um sistema de segurança muito sofisticado.

Cullen aproximou uma cadeira disposto a esperar o resultado da ciberbatalha.

—Mas você pode abrir uma brecha no sistema de segurança, não?

—Deveria poder fazê-lo. Você e eu o desenhamos para Regência, de modo que quem quer que esteja bisbilhotando por aí, está utilizando nosso software. Maldita seja,

sabia que fomos bons, mas possivelmente o somos muito!

Se não conseguiam seguir o rastro até uma pessoa em concreto, não estariam em melhor situação que antes. Salvo pelo fato de que agora sabiam que seu competidor formava parte de Regência.

O telefone móvel do Cullen soou e ele reconheceu o número do Trahern.

— Tem algo para mim?

Trahern falou em um sussurro.

— Alguém se dirige à casa de Laurel, mas o faz de uma forma aberta. Estou um pouco longe para lhe ver bem a cara, mas a julgar por sua constituição, diria que se trata do doutor Neal.

— Não posso acreditar que ele esteja envolto em nada desonesto. Embora de repente sentisse ódio para nós, não lhe faria mal a Laurel.

— Eu não o estou julgando, só te estou contando o que vejo.

Trahern parecia um pouco cheio o saco.

— Bom, encontramos uma boa pista no das contas bancárias. Durante a última hora, alguém tentou, em duas ocasiões, acessar à conta do Devlin e, depois, a de Laurel. Do último intento devem ter acontecido uns cinco minutos.

— O que descarta ao doutor Neal. Durante esse tempo o tive à vista.

— Estupendo. Não suportaria pensar que não posso confiar no homem responsável por voltar a encaixar minhas peças.

— dentro de pouco Penn virá a me substituir e me passarei por aí. Querem algo?

— Sim, um par de pizzas grandes e meia dúzia de cervejas. Vai ser uma noite larga.

— me dê meia hora. E lhe diga ao D.J. Que trinque ao bode.

— Isso farei.

— OH, sim! Muito bem, carinho, assim.

Laurel levantou a cabeça o tempo suficiente para desfrutar da expressão do Devlin. Resultava evidente que o que lhe estava fazendo com a boca e a língua gostava

muito. Voltou a lhe agarrar o pênis com as mãos e deslizou a língua por sua grossa longitude antes de introduzir a glândula na boca. A imediata reação do Devlin deixou poucas dúvidas respeito a que queria mais do mesmo.

Entretanto, depois de poucos segundos, Devlin deteve Laurel e atirou dela para lhe dar um beijo ardente e apaixonado. Depois a levantou para que ficasse escarranchado em cima dele.

— me monte.

Laurel se moveu até que Devlin ficou suspenso à entrada de seu corpo e, pouco a pouco, foi introduzindo seu membro em seu interior. Os dois gemeram pelo prazer que lhes proporcionava sua união. Laurel se balançou para trás e para diante desfrutando da sensação de ter ao Devlin no mais profundo de seu ser. As mãos grandes do Devlin subiram até os peitos de Laurel e os apertaram e massagearam enquanto ela lhes proporcionava prazer a ambos.

— te incline para diante!

Obedeceu-lhe gemendo de prazer enquanto lhe sugava os peitos. Laurel sentiu que o clímax crescia em seu interior.

— Devlin!

— te corra!

Devlin empurrou com os quadris penetrando-a mais dentro enquanto os músculos de Laurel ficavam em tensão e o retinham com força em seu interior. Ao final, Laurel se derrubou em cima de Devlin enquanto os dois respiravam profundamente depois da paixão vivida.

— Obrigado-ofegou Laurel.

Devlin se se pôs a rir e a beijou na frente.

— Não direi que o prazer foi todo meu, mas ao menos a metade sim que o foi.

— Estou muito cansada para rir.

Mas, de todas as formas, Laurel se se pôs a rir.

— Eu estou muito cansado para me mover.

Devlin a deslizou a um lado apertando-a

em um abraço contra seu corpo. A gente podia voltar-se viciado em momentos como aquele.

Mas à manhã seguinte, deixariam o hotel e retornariam a suas vidas reais. E já não poderiam fingir que a felicidade que tinham compartilhado nas praias do Ocean Shores ia durar para sempre. E isso doía.

Laurel deveu notar sua mudança de humor.

—O que ocorrerá quando retornarmos?

—Não estou seguro. —E esta incerteza o tirava dê suas casinhas—. Se Cullen e D.J. Não conseguem descobrir à pessoa que esteve tentando acessar as nossas contas, teremos que passar ao plano B.

Laurel deslizou os dedos pelo peito do Devlin.

—E qual é o plano B?

—Que voltamos para trabalho e tentamos apanhar o de alguma outra forma.

Todos os Paladinos se tomaram a traição dentro da organização como algo pessoal.

Não só tinham atacado e matado a um dos seus, mas sim sua Tutora favorita estava em perigo. Laurel não sairia de seu trabalho sem que ao menos um Paladino lhe seguisse os passos.

Quando estivesse dentro do laboratório, seria mais difícil protegê-la, pois os Paladinos não podiam rondar pelo interior do edifício. A única razão pela que podiam estar na zona dos laboratórios era que estivessem sangrando e, a menos que a barreira flutuasse, resultaria-lhes difícil justificar umas feridas.

Laurel se incorporou e sorriu ao Devlin.

— Ainda não montamos em escúter, tio. Se não te vestir, irei sozinha.

Devlin lhe agarrou a mão e lhe beijou brandamente a ponta dos dedos.

— Está segura de que quer fazê-lo?

— Tem medo de que ganhe?

— Não, tenho medo de que te deixe parte da pele no pavimento.

Devlin disse médio em brincadeira, mas

se ela realmente queria ir de moto, ele a seguiria.

— E, depois, montaremos em karts. Você arrumado o que queira a que sou melhor condutora que você.

Aquilo era o cúmulo. Devlin se sentou e lhe lançou um olhar irado.

— O que te faz pensar que pode me vencer?

Laurel rompeu a rir.

— Desafio-te por partida dobro, Devlin Bane. Arrumado a que sei montar em escúter melhor que você e a que ganho nos karts.

— Trato feito.

Devlin agarrou seus nos cubra.

Uns minutos mais tarde, dirigiam-se à loja de aluguel de motos. Laurel entrelaçou seus dedos com os do Devlin e, virtualmente, arrastou-o ao longo da calçada. Devlin não recordava a última vez que se concedeu o tempo para jogar, com ou sem uma mulher ao lado.

Tinha pensado levá-la cometa do dragão

a sua casa e pendurá-la na parede como lembrança daqueles dois dias. Além disso, estava a ponto de criar uns quantos lembranças mais que rebateriam os largos dias vindouros nos que esperaria a seguinte batalha.

—Eu quero a vermelha, Devlin. Acredito que você deveria alugar a verde, porque faz jogo com seus olhos.

Embora Laurel só lhe estava tirando o sarro, Devlin grunhiu. Não fez caso de sua sugestão e escolheu uma escúter negra que parecia mais nova que as demais. Enquanto isso, Laurel provou os mandos da que tinha elegido para ela. O menino da loja dedicou muito tempo a lhe explicar o funcionamento da escúter a Laurel, sem fazer caso do Devlin. Embora este não o culpou, pois contente que estava e seu radiante sorriso, Laurel resultava quase irresistível.

Dez minutos mais tarde, seus escúteres «rugiam» pela rua a cinqüenta quilômetros por hora. Um carro os adiantou e Laurel

reduziu a velocidade ainda mais.

Devlin se colocou a seu lado.

— Vai tudo bem?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não tinha cansado no grande que se vêem os carros quando está sobre uma destas coisas.

Já tinha bastante de estar assustada com o dos últimos dias. Depois de calibrar as distintas opções, repôs:

— me siga!

Devlin deixou a estrada principal e não demoraram muito em estar conduzindo pela praia. Manobrar sobre a areia seca resultava difícil, mas quando chegaram à areia úmida que a maré, ao retirar-se, tinha compactado, puderam conduzir com soltura.

Em um abrir e fechar de olhos, Laurel estava rendo com autêntica alegria, adiantando ao Devlin e virando em redondo para animá-lo a lhe seguir o jogo. Conduziram em círculos deixando marcas na areia e gritando às gaivotas que voavam

sobre eles a baixa altura. Depois fizeram várias carreiras nas que ambos se proclamavam vencedores. Ao final, conduziram o um ao lado do outro, felizes de estar juntos, enquanto o sol iniciava sua descida no céu.

Quando retornaram à loja, Laurel desceu da escúter e lhe deu uns tapinhas no assento, como se tratasse de um corcel digno de confiança que merecesse um prêmio. Depois lhe devolveu o casco ao menino da loja e sacudiu a cabeça para cavar o cabelo.

— Agora podemos ir aos karts, senhor Bane, onde não poderá mais que respirar os gases de meu escapamento.

Devlin tentou agarrar a da mão, mas ela pôs-se a rir e se manteve fora de seu alcance saltitando.

— O que te passa, grandalhão, tem medo de uma pequena competição?

Pelo que Devlin tinha medo era de não poder desfrutar de outro dia como aquele em toda sua larga vida, mas isto não podia

contar-lhe a Laurel. Não quando ela se sentia tão feliz. Já se enfrentaria à realidade ao dia seguinte.

Durante o resto da tarde e a noite que se estendia ante a eles, o passaria bem junto a ela. E não pensava deixá-la ganhar! Se o fizesse, ela o recordaria o resto de seus dias.

Laurel desceu da cama e ficou a camiseta do Devlin. Chegava ao meio da coxa, com o que ficava o bastante decente para sair ao balcão. Depois da atividade que tinham desdobrado durante todo o dia, deveria estar dormindo, mas os pesadelos a atormentavam e não conseguia as evitar.

A luz da lua titilava sobre as ondas do oceano proporcionando de noite um brilho prateado. O ambiente se refrescou desde que o sol se ocultou atrás do horizonte com uma explosão de cores intensas. Conforme a escuridão se foi dando procuração da cidade, Devlin e ela tinham procurado a intimidade de sua habitação. Eram conscientes de que as horas que ficavam para estar juntos se

escorriam entre seus dedos como a areia da praia.

Uma vez mais, Devlin se uniu a Laurel no balcão, mas nesta ocasião, em lugar de abraçá-la, colocou-se a seu lado. Embora compreendeu sua necessidade de manter-se a distância, sua atitude lhe doeu.

Laurel se cruzou de braços e se voltou para ele.

— Nunca imaginei que fosse um covarde, Devlin.

— É por seu próprio bem, e você sabe.

Sua voz refletia de uma forma inequívoca, uma mescla de raiva e dor.

— E quem é você para decidir o que é bom para mim e o que não o é? — Durante toda sua vida, sua família tinha tentado enquadrá-la em uma vida ordenada e agradável que eles pudessem entender, e não pensava permitir que Devlin fizesse o mesmo —. Nunca me perguntaste por minha família, Devlin. É porque não te importa ou porque saber sobre eles me converteria em

algo mais que alguém com quem passar um bom momento na cama?

Os músculos da mandíbula do Devlin ficaram em tensão enquanto continha as palavras que pugnavam por sair de sua boca. Ela o cravou um pouco mais.

—Pois me deixe-te falar deles. São pessoas boas e decentes que vão à igreja os domingos e que logo que saíram que condado no que nasceram. Todos meus irmãos se casaram com suas noivas de toda a vida e se estabeleceram para criar à nova geração. Todos me querem e nenhum me compreende. Eu sou a ovelha negra da família, a estranha, a única para a que ficar não era suficiente. Eu queria algo diferente e acreditei que o tinha encontrado contigo.

—Laurel...

Ela não se incomodou em ocultar as lágrimas que escorregavam por sua cara.

—Não, me deixe acabar. Você é o único que compreende quão importante é meu trabalho para mim e quanto significa para

mim lutar para salvar a todos e cada um dos Paladinos que entram em meu laboratório. Você não só respeita o que faço, mas também se sente orgulhoso do que intento conseguir. Sei que você e outros me vêem como a uma irmã pequena que necessita que a protejam, mas não sou um afemine que não possa encarar a adversidade. —Laurel utilizou o bordo da camiseta para secá-las lágrimas—. Maldita seja Devlin, amo-te e não permitirei que me negue esse direito.

Produziu-se um silêncio e Laurel esperou a ver que fazia ou dizia Devlin.

Sua reação não demorou para produzir-se. Devlin a acolheu na segurança de seus braços e a abraçou como se ela fora o mais querido e maravilhoso que houvesse em sua vida.

—Seu amor é o melhor presente que recebi nunca, Laurel. Fazia muito tempo que não me permitia me preocupar com ninguém que não fossem meus amigos. Mais que nada, porque eles são quão únicos compreendem

de verdade o que sou: um homem que nasceu para matar. Então apareceu você com seu sorriso resplandecente e suas suaves carícias.

— Devlin lhe deu um beijo na frente.

Eu também te amo, mas não permitirei que morra por mim.

Devlin entrou na habitação e a deixou a sós.

Aquilo era o cúmulo! Laurel entrou como um vendaval e acendeu as luzes. Ele se tinha sentado na cama e se dispunha a agarrar o móvel. A repentina claridade fez que se detivesse metade do movimento.

— Não te atreva a carregar isso sobre mim, Devlin Bane. Não tem direito a tomar decisões por mim, não sem antes me consultar. Não é culpa tua que um louco vá detrás de ti. Demônios, um condutor bêbado poderia me atropelar amanhã! Isso também seria tua culpa? E se produzira um ataque terrorista à cidade? Quanta culpa está disposto a assumir com tal de não lhe dar à nossa a oportunidade de que funcione?

Laurel se aproximou do Devlin para olhá-lo à cara e ele a tombou na cama e a imobilizou com o peso de seu corpo. Enquanto a olhava com fúria, ela sorriu e lhe agarrou a cara com as mãos.

— Assim que me ama?

— Certamente que sim. — Devlin se liberou com agilidade das calças do pijama e depois de uns poucos impulsos esteve no interior de Laurel — . E você me ama.

Ela levantou as pernas, rodeou com elas a cintura do Devlin e o respirou a continuar.

— Sim, e nada, nem sequer você, conseguirá trocá-lo.

CAPÍTULO 13

Laurel estava sozinha. E ele também. Tinha chegado a hora! Ou atuava naquele mesmo momento ou agarrava as malas e desaparecia. Quando seu misterioso chefe lhe tinha telefonado, ele não estava em sua casa e a mensagem que lhe tinha deixado na secretária eletrônica era clara e direta. Ou realizava o trabalho ou podia preparar-se para morrer em lugar do Bane. O tom frio e profissional de sua voz fazia que a ameaça resultasse ainda mais arrepiante.

Rondou pela zona durante dois dias tentando encontrar ao Devlin Bane, mas foi inútil. Se não conseguia encontrar a sua presa, obrigaria ao Paladino a ir a seu encontro. Tinha esperado toda a manhã a que a doutora Young estivesse sozinha, mas ela tinha estado reunida com o doutor Neal e, depois, com o coronel Kincade. Não sabia qual tinha sido o tema daquelas reuniões,

mas, a julgar pela expressão de suas caras, não era nada bom. Ele esperava que fossem más notícias respeito a seus queridos Paladinos. Possivelmente tinham que eliminá-los a todos, como cães raivosos que eram.

Esta idéia gostava, salvo pelo problema que supunham os Outros. Sem dúvida ele e os outros guardas podiam dirigir a situação quando eram só uns quantos os que cruzavam a barreira de uma vez, mas quando cruzavam em avalanches, precisavam-se os serviços daqueles loucos bastardos para retê-los. Possivelmente os Regentes podiam encerrá-los em celas clandestinamente e as abrir, só, quando as coisas ficassem realmente mal.

Claro que quem seria o louco que tentasse voltar a colocá-los nas celas quando terminasse a batalha? Certamente, ele não; não tinha vontades de morrer.

Olhou pelo guichê da porta do laboratório. Maldita seja! Estava-se comendo

um sanduíche em seu escritório.

A que se devia esta forma de atuar? Ela quase sempre saía à rua a comprar comida, pois dizia que caminhar ao ar livre lhe esclarecia mente. Com freqüência, oferecia-se para levar alguma coisa aos guardas que estivessem de serviço, incluído ele.

Seguro que, depois do intento fracassado de seqüestro da outra noite, suspeitava que algo não ia bem. Em outras circunstâncias, se Bane ou Trahern tivessem tentado convencer a de que alguém ia por ela, ela os teria tratado de paranóicos, mas, sem lugar a dúvidas, o tiro que lhe tinha pegado ao Trahern tinha proporcionado a prova que ela necessitava. A questão era se eles a tinham advertido contra os membros do Guarda Nacional. Ele estava seguro de não ter deixado nenhum rastro, mas Bane podia lhe haver dito que não se confiasse em ninguém salvo de si mesmo.

Só havia uma maneira de averiguá-lo. O tempo lhe acabava. Se não conseguia

seqüestrá-la naquele momento, o melhor que podia fazer era meter o canhão da pistola na boca e apertar o gatilho. Esta morte seria mais agradável que a que lhe proporcionaria seu desconhecido chefe ou Devlin Bane.

As mãos lhe tremeram um pouco enquanto se preparava para encarar-se à encantadora doutora Young. Possivelmente a manteria «ocupada» durante um ou dois dias antes de permitir que Bane soubesse onde encontrá-la. Supunha que o último lugar no que Bane procuraria seria nos túneis que havia debaixo do edifício de Investigação. E se ele se cansava da doutora, sempre podia deixar a em um dos túneis para que os Outros a encontrassem em seu próximo intento de subir à superfície.

Sim, esta idéia gostava. Os Outros matariam a bruxa sem titubear e, quando seu amante o descobrisse, se voltaria louco. Não custaria muito convencer ao Kincade e inclusive ao doutor Neal de que Bane tinha cruzado a linha, com o que sua morte se

converteria em um ato compassivo. Conforme as peças do quebra-cabeça encaixavam, suas mãos se foram estabilizando.

Comprovou por última vez que sua pistola estivesse a ponto e abriu a porta do laboratório.

Laurel não podia acreditar o que viam seus olhos, mas levava quase uma hora contemplando a verdade. A mudança que se percebia entre o exploratório que lhe tinha realizado ao Devlin quando reviveu e o que lhe tinha feito o doutor Neal como parte do exame geral, era considerável.

A menos que estivesse deduzindo mais do que os números diziam em realidade, a primeira vez que os dados tinham descendido foi quando lhe agarrou a mão. Gostaria de acreditar que este dado era significativo, mas a científica que havia em seu interior não lhe permitia extrair conclusões precipitadas. Tinha que fazê-lo bem. Tinha que estabelecer experimentos

controlados para validar o achado.

O problema consistia em que não sabia o que era o que produzia as mudanças em realidade. Podia tratar-se de um pouco tão simples como o contato físico?

As imagens de como tinham passado, Devlin e ela, a noite anterior, invadiram sua mente. Este sim que era um experimento ao que ela se apresentaria como voluntária, ao menos em privado. Esta idéia a fez sorrir.

A intuição lhe dizia que estava a ponto de descobrir algo importante. Ordenou os gráficos cronologicamente e voltou a introduzi-los com cuidado no expediente do Devlin. Contaria o que tinha descoberto depois de que o doutor Neal revisasse os dados.

Sem dúvida, o doutor se zangaria ao saber que ela se implicou de um ponto de vista pessoal, por não dizer íntimo, com um de seus pacientes.

Mas se isto implicava que tinham descoberto a forma de ajudar aos Paladinos a

escapar do processo implacável de morte e destruição, ela estava mais que disposta a agüentar o toró. Laurel cedeu ao impulso de dançar de alegria...

E se encontrou cara a cara com a boca do canhão de uma pistola. Paralisada de terror, Laurel demorou uns segundos em reconhecer à pessoa que sustentava a arma. Naquele momento, seus olhos, que normalmente eram amigáveis, parecia-se com os do Trahern.

—Sargento Purefoy! É isto uma espécie de brincadeira?

Um olhar ao frio ódio que refletiam seus olhos foi suficiente para romper em mil pedaços aquele sonho.

—Sim, doutora, trata-se de uma brincadeira, mas eu serei o único que ria. — Purefoy assinalou a porta com o canhão da pistola—. Você e eu vamos a um lugar bonito e privado para nos esconder um ou dois dias. Tenho em mente algo especialmente divertido para os dois.

O sargento fixou seu olhar nos peitos de

Laurel e, depois, deslizou-a lentamente pelo resto de seu corpo. Continuando, sorriu dando a entender o que tinha pensado. Laurel retrocedeu um passo enquanto lhe revolia o estômago. Era como se estivesse olhando a um desconhecido em lugar de até homem ao que conhecia e no que tinha crédulo.

A repulsa que experimentou deve ter refletido em sua cara, porque o sargento Purefoy lhe deu uma bofetada.

—Não me olhe com ares de superioridade, bruxa! Sei que se esteve abrindo de pernas para o Bane. Merda, mas se nem sequer é humano!

Ela o olhou diretamente aos olhos decididos a não acovardar-se. Continuando, lançou um olhar à câmara que pendurava do teto, em uma esquina, esperando que alguém visse aquele espetáculo. Seguro que não todos os guardas estavam implicados naquela trama.

O sargento se precaveu do que fazia e

pôs-se a rir.

— Quem acredita que é o encarregado de vigiar os laboratórios neste momento? E meu companheiro acaba de sofrer uma intoxicação alimentara e teve que partir apressadamente a casa. Imagine-lhe Que coincidência! Assim, até que chegue a seguinte substituição, eu estou ao mando de tudo.

O sargento agarrou o móvel de Laurel, que estava em cima do escritório, e o introduziu em um dos bolsos de sua uniforme. Continuando, agitou o canhão da pistola em direção à porta.

— Agora cruzará você essa porta comigo e atuará como se tudo fora normal. Um movimento em falso ou um intento de fuga e não duvidarei em disparar a qualquer pessoa com a que nos cruzemos. — O sargento sorriu —. E também a você. Embora não a matarei, não se preocupe. Mas uma ferida em sua perna não interferirá muito nos planos que risquei para nós.

Aquilo foi o cúmulo! Não pensava

seguir seus planos como um cordeirinho caminho do matadouro! O que podia utilizar como arma? Ele deveu pressentir que ela tramava algo, porque a afastou do escritório para o centro da sala. Continuando, colocou-se a seu lado e apertou a pistola contra suas costelas.

Os sargentos, virtualmente, arrastam-a pelo corredor até umas escadas que conduziam a um nível inferior que apenas se utilizava.

Laurel tropeçou deliberadamente, agarrou-se ao corrimão da escada e se deixou cair ao chão. O sargento atirou dela para que voltasse a levantar-se, mas Laurel se negou a mover-se.

— A menos que queira que me caísse de novo e me rompa uma perna, terá que esperar um segundo. — Laurel se tirou um sapato e o sustentou em alto —. Por sua culpa, me acaba de romper um salto.

Antes que o sargento pudesse evitá-lo, Laurel lançou o sapato para o corredor e, depois de tirar o outro, lançou-o escada

abaixo.

O sargento a levantou lhe atirando dos cabelos. Os últimos vestígios de prudência que ficavam tinham desaparecido.

— Não sou um estúpido, doutora. — Deslizou o canhão da pistola pelo pescoço de Laurel—. Sei que está tentando deixar um rastro para que seu amante o siga, mas não funcionará. Embora ele encontre os sapatos, acreditará que os deixei eu para conduzi-lo a uma armadilha. Quando descobrir que realmente a levei aos túneis, será muito tarde. Para você e para ele. — Começou a baixar as escadas sem deixar de falar—. Em uma ocasião, pensei em me fazer isso com uma fêmea dos Outros, mas quando apanhei a uma, não pude suportar o fedor de seu mundo. Além disso, devido à cor cinza de sua pele, parecia um cadáver. Entretanto, me aposto o que seja a que a qualquer macho dos Outros não lhes importará fazer-lhe com uma humana. Sabia que às vezes viajam de dois em dois? Isto faria que a experiência lhe

resultasse mais que especial, não crie? Depois de tudo, deve haver uma razão para que sigam cruzando a linha que separa ambos os mundos. Possivelmente se deva há um pouco tão simples como querer foder com uma mulher que não pareça uma morta.

— Melhor com um deles que com você, filho de puta.

Laurel se preparou para receber outro murro, mas Purefoy não reagiu a sua provocação, só a empurrou a uma esquina, ao pé das escadas, enquanto pulsava os botões de um teclado. Depois de introduzir o código e abrir a porta, o sargento agarrou a Laurel do braço e a arrastou ao interior do armazém.

Rodeou-os um profundo silêncio, interrompido, só, por sua respiração. Laurel sabia, por visitas anteriores, que a habitação estava abarrotada de arquivos protegidos dos efeitos do meio. Para maior amparo dos documentos, só havia uma pequena lâmpada junto à porta. Mais à frente do halo de luz que esta despedia, havia detectores de

movimento que acendiam as distintas luzes conforme se necessitassem. Estas precauções eram precisas porque ali se guardava toda a história dos Paladinos, a qual tinha sido escrita e conservada pelos Regentes dos nebulosos inícios da palavra escrita.

—Vamos!

O sargento Purefoy se dirigiu ao fundo da sala avançando sempre ao limite da escuridão, pois corria mais que os detectores de movimento.

Detiveram-se diante de um elevador que ficava oculto à vista. Os dedos do Purefoy voaram sobre o teclado para fazer subir ao elevador das profundidades subterrâneas. Um calafrio percorreu o corpo de Laurel.

Ela nunca tinha visto os Outros, salvo em fotografias e uma vez durante uma autópsia que realizaram a um para mostrar aos novos Tutores o tipo de seres aos que tinham que enfrentá-los Paladinos.

A idéia de ser atada a um poste, como

uma cabra, para atrair a um predador macho produzia náuseas, embora se perguntava se isto seria pior que padecer abusos por parte do louco que tinha a seu lado. O fato de que ela tivesse elegido a um Paladino como amante era a razão de que o sargento tivesse chegado a aquele extremo?

Não, isto não tinha sentido. Se alguma vez se interessou por ela como mulher, nunca o tinha demonstrado. Sua relação sempre tinha sido cordial e profissional.

O que era o que o empurrava a arriscar-se a sofrer uma morte segura às mãos dos Paladinos? Sem dúvida sabia que, embora conseguisse matá-la a ela e ao Devlin, o resto dos Paladinos faria fila para acabar com ele.

— por que faz isto?

Laurel fez o possível por manter a voz estável e acalmada. Purefoy já mostrava signos de perder o controle, desde ter as pupilas dilatadas até a cara banhada em suor. Era imprevisível o que podia fazer se ela o pressionava muito.

—Pelo dinheiro suficiente para ser um homem rico.

As portas do elevador se abriram. Purefoy empurrou a Laurel e entrou no elevador detrás dela.

—Os Paladinos são os meninos mimados dos Regentes, quem lhes concede todas as riquezas e a glória. Enquanto isso, nós, os guardas, recebemos um pagamento miserável que apenas nos alcança para viver.

—Mas os Paladinos lutam contra os Outros.

E como podia pensar que os Paladinos recebiam toda a glória quando sua existência era um dos segredos melhor guardados da história?

Purefoy soltou um coice.

—Ah, sim, eles têm que lutar! Mas o que, uns poucos dias ao mês? Inclusive quando as coisas saem mal, eles retornam do mundo dos mortos como uns zumbis. Mas enviam aos túneis para ajudá-los e, quando morremos, não ressuscitamos.

Era impossível raciocinar com aquele homem. Quanto mais falassem, mais se convenceria a si mesmo de que estava envolto em uma cruzada moral contra a injustiça em nome de tudo o Guarda Nacional, em lugar de aceitar que atuava por cobiça. Enquanto isso, o elevador continuava descendo para os túneis, muito por debaixo das ruas de Seattle.

Chegaram à parte inferior com uma sacudida lhe chiem. Quando as comporta se abriram, Laurel obteve a primeira vista dos túneis frios e úmidos nos que os Outros e os Paladinos lutavam e morriam. E onde ela também podia morrer.

Cullen apareceu à cabeça pela porta do despacho do Devlin.

—Né, Dev, disse que lhe avisássemos se percebíamos algo fora do comum!

Devlin levantou a vista dos informes dos exploratórios que D.J. Tinha-lhe impresso detrás entrar nos arquivos médicos através da rede. Apertou-se a ponte do nariz

desejando que Laurel estivesse ali para ajudá-lo a interpretar o jargão médico. Deveria haver-se preocupado antes de aprender a ler o relatório médico.

—O que ocorre? O vulcão está ativo outra vez?

Lonzo ainda não estava em plena forma e Trahern se movia com lentidão. Quão último precisavam era outra avalanche dos Outros.

Cullen negou com a cabeça.

—Não, mas D.J. Captou um sinal em um dos monitores dos túneis. Está tentando rastreá-la, mas só se produziu uma vez.

—me mantenham informado.

—De acordo. Por certo, vou sair a comprar uns sanduíches, quer um?

Devlin não se deu conta do tarde que era.

—Não, tenho planos para jantar.

E também para depois de jantar, mas isto Cullen não tinha por que sabê-lo. A única pessoa que sabia que Laurel ainda seguia

alojado em sua casa era Trahern e, para a segurança de Laurel, pensava seguir mantendo-o em segredo.

— Está bem. Se por acaso me necessita, estarei fora uma meia hora.

Quando a porta se fechou, Devlin se reclinou na cadeira e fechou os olhos com a esperança de aliviar a dor de cabeça que lhe tinham provocado a leitura dos relatórios médico e a falta de sono. Entretanto, não pôde evitar sorrir. A última noite que tinha passado com Laurel tinha sido, como mínimo, energética. Aquela mulher devia fazer exercício, porque a verdade era que tinha muita resistência. Depois de falar da situação em que se encontravam, tinham conseguido dormir, mas ela despertou com doçura um par de horas mais tarde e lhe devolveu o favor justo antes que soasse o alarme.

Também tinham provado em sua ducha para assim comparar com a de casa de Laurel. A pele escorregadia a causa do sabão

e os jorros pulsantes da água lhe tinham proporcionado um feliz começo de dia. Tinham acabado com a reserva de água quente, assim, assim que as coisas se acalmassem, compraria um aquecedor de água maior.

Estes pensamentos o empurraram a desprender o telefone. Eram quase as seis. Já tinha chegado a hora de chamar Laurel e saber a que hora queria que a recolhesse. Se lhe contava algumas de suas idéias para a noite, possivelmente ela decidiria que parte de seu trabalho podia esperar ao dia seguinte.

Marcou o número de Laurel e se reclinou no assento. O telefone do laboratório soou cinco vezes e depois se conectou a secretária eletrônica. Devlin considerou a possibilidade de lhe deixar uma mensagem, mas não sabia se a linha era segura e quão último precisava era que o doutor Neal ou um dos guardas ouvissem a mensagem.

Possivelmente estava enrascada em algum assunto e não podia responder à

chamada. De todas as formas, chamou-a o móvel. Este soou uma vez e em seguida transferiu a chamada à rolha de voz.

Quando a deixou no trabalho, tinham acordado que ele a chamaria durante o dia para saber como estava. Por que teria que desconectar o móvel? Desconectá-lo podia dever-se a um descuido ou uma estupidez e Laurel Young não era nenhuma destas duas coisas.

Maldição! Não teriam subestimado ao maldito bastardo? Necessitava-se um bom par de bolas para seqüestrá-la no trabalho, com a possibilidade de cruzar-se com os guardas ou o doutor Neal em qualquer momento.

Devlin agarrou sua pistola e sua espada. Se o maldito bode lhe tinha posto a Laurel embora só fora um dedo em cima, ele desfrutaria cortando-o em pedacinhos minúsculos.

Caminho do exterior, Devlin se deteve para lhe contar ao DJ. Aonde ia e por que,

mas DJ. Não estava em sua mesa. Em lugar de perder o tempo buscando-o, chamou-o pelo interfone.

—D.J., traga sua bunda inútil até sua mesa!

Em menos de dez segundos, seu amigo apareceu com o Lonzo e Trahern lhe seguindo os passos. Um olhar ao rosto do Devlin foi suficiente para que D.J. Tragasse-se o engenhoso comentário que estava a ponto de fazer.

—O que ocorre?

—Vou ao laboratório para comprovar se Laurel está bem.

—Algo vai mal? —Trahern apartou ao Lonzo de um empurrão—. Necessita que te acompanhe?

— Ainda não sei. Laurel não responde ao telefone fixo nem ao móvel. Poderia não ser nada, mas não é normal nela.

—Tem razão, não é normal. —A preocupação do Trahern se refletiu na frieza de seus olhos—. Avise-Me se necessitar

reforços.

—Obrigado, assim o farei. —Devlin se dirigiu à porta—. Chamarei-lhes para lhes pôr à corrente assim que saiba algo.

Devlin conduziu diretamente até o estacionamento reservado para os membros de Regência e seus empregados. A garagem estava virtualmente vazia, pois o turno de dia se foi a casa. Ninguém ficava muito mais tarde que as seis, a menos que a barreira estivesse flutuando e se esperasse a chegada dos Paladinos feridos.

Depois de fechar o carro, dirigiu-se à entrada principal do edifício. Uma vez no interior, sua inquietação cresceu enormemente ao ver que o posto dos guardas estava vazio. Inclusive quando andavam escassos de pessoal, o coronel Kincade insistia em que a vigilância da entrada não se descuidasse. Eles constituíam a primeira linha de defesa do edifício as vinte e quatro horas do dia, sete dias à semana. Além disso, eram os responsáveis por controlar as

câmaras e os microfones situados nas áreas que requeriam mais segurança, como, por exemplo, os laboratórios.

Devlin tirou seu telefone móvel e pulsou uma tecla de marcação rápida. D.J. Respondeu à primeira chamada.

—O edifício parece vazio e não há guardas na entrada. Vou voltar para carro para agarrar as armas. Preciso que desconecte os sensores o tempo suficiente para poder entrar sem que soe o alarme. Pode fazê-lo?

Devlin esperou com impaciência enquanto D.J. Consultava com alguém, certamente com o Cullen. Em temas informáticos, o que um não sabia o outro. D.J. Não demorou muito em responder e, tal como Devlin esperava, prometeu-lhe um mínimo de sessenta segundos para cruzar a entrada.

—Obrigado, D.J., chamarei-te e deixarei que o telefone soe um par de vezes quando estiver preparado. Depois contarei até trinta

antes de cruzar a linha dos sensores. Diga-lhe ao Trahern que não estaria mal que viesse para aqui.

Devlin se sentiu aliviado ao saber que seu amigo já estava de caminho e que chegaria a pouco tempo.

A cada segundo que aconteciam, seus instintos lhe diziam que algo ia terrivelmente mal.

Quando retornou ao vestíbulo principal com suas armas, este ainda estava deserto. Marcou o número do D.J. E cortou a comunicação à segunda chamada. Enquanto contemplava o relógio que pendurava da parede, contou com impaciência os segundos que tinham que transcorrer até que pudesse cruzar a linha de segurança sem problemas. Deixou que transcorressem dez segundos mais do lembrado, mas, mesmo assim, temia que o alarme se disparasse.

Dirigiu-se à zona dos laboratórios envolta em um silêncio carregado de tensão. Pistola em mão caminhou com o sigilo de um

caçador. A espada pendurava de seu flanco. Os Paladinos recorriam às armas da antigüidade só quando lutavam contra os Outros. Mas ali, longe da frágil barreira, Devlin preferia usar uma arma mais moderna, uma que acabasse rápido com qualquer bode que se atrevesse a ameaçar a sua mulher.

Aproximou-se da porta do laboratório de Laurel do lateral e lançou um rápido olhar ao interior através do guichê. Não demorou muito em dar-se conta de que o laboratório estava vazio, ao menos, a zona que ficava à vista. Abriu a porta o justo para poder entrar enquanto sustentava a pistola com ambas as mãos. Além do suave zumbido da equipe do laboratório, a habitação estava em silêncio. E vazia.

Guardou-se a pistola na cintura e examinou meticulosamente as mesas, os armários e inclusive as macas vazias em busca de algum signo de violência ou alguma chave que explicasse o que lhe tinha ocorrido

a Laurel. Quão único havia no cesto de papéis era o pacote enrugado do sanduíche que lhe tinha preparado para comer. Estava convencido de que ela não romperia a promessa que lhe tinha feito de não sair do edifício, e os miolos e o pacote de plástico confirmavam seu convencimento.

Deu um murro na mesa com frustração. Possivelmente a tinham chamado para uma reunião de última hora, mas ela nunca teria deixado a bolsa fora do armário. Além disso, teria se levado o portátil.

O móvel do Devlin soou rompendo o silêncio que o envolvia. O número que apareceu na tela era o de Laurel e Devlin soube, inclusive antes de responder, que algo não ia bem.

— Bane à fala.

— Devlin?

Pareceu-lhe que a Laurel tremia a voz, embora a recepção não fosse boa. Ou estava ao limite da zona de cobertura ou em algum lugar com interferências.

— Laurel, onde está? E com quem está?

Devlin manteve a voz acalmada enquanto caminhava de um extremo a outro do laboratório.

— Não lhe posso dizer isso, mas, agora mesmo, estou bem.

Sua resposta implicava que, à larga, podia não está-lo. Mataria ao fodido bastardo três vezes seguidas.

— Há-me dito que te diga que te comunicará quando quer que lhe una à festa.

A comunicação se cortou e o telefone voltou a soar. Esta vez se tratava do D.J., quem lhe disse que Trahern acabava de chegar e estava a ponto de entrar no edifício.

Justo quando Devlin guardava o móvel no bolso da calça, o outro Paladino entrou no laboratório.

Trahern baixou o canhão de sua pistola e a guardou na capa que lhe pendurava do ombro enquanto percorria com seu frio olhar o laboratório vazio.

— A doutora não está?

— Ele a tem-declarou Devlin.

— Além de que é homem morto, sabemos alguma coisa dele?

Trahern se aproximou do Devlin, mas manteve entre eles uma distância de manobra se por acaso surgia alguma ameaça inesperada.

— Não. Há-lhe dito a Laurel que me diga que me fará saber quando estou convidado a «me unir à festa».

As imagens do que o maldito bastardo podia ter pensado lhe fazer a Laurel cruzaram sua mente e lhe fizeram desejar rugir de raiva.

— Então temos que encontrá-los antes de seu convite. — Trahern assinalou o portátil de Laurel com a cabeça —. Comprovaste se tiver tido tempo de nos deixar uma pista?

Devlin soltou uma maldição e conectou o ordenador. Tratava-se de uma possibilidade remota, mas o fato de que não lhe tivesse ocorrido lhe comprová-la preocupou, porque demonstrava quão

alterado estava.

— Não entrou recente.

Devlin considerou as alternativas que tinham.

— Chama o DJ e lhe diga que envie ao Cullen para que examine o posto de vigilância dos guardas. Possivelmente uma das câmaras captou a imagem do bastardo. Em última instância, sempre pode consultar o registro e averiguar quem estava hoje de guarda.

Enquanto Trahern realizava a chamada, Devlin respirou fundo para encontrar aquela calma que o invadia sempre antes que a barreira se desconectasse e os Outros a cruzassem em turba.

A barreira! Algo acontecia com a barreira. Devlin arrebatou o telefone das mãos do Trahern.

— D.J., seguiste o rastro do sinal que detectou antes? A que disse que se produziu em um dos túneis mais remotos.

Não, D.J. Não tinha tido tempo de

rastreá-la, mas só se produziu uma vez.

—Onde se encontra a entrada aos túneis? Pode averiguá-lo?

Enquanto D.J. Respondia a sua pergunta, Devlin correu para a porta com o Trahern pego a seus talões.

—Aonde vamos agora?

—Não faz muito, algo disparou os sensores em um dos túneis mais remotos. Remoto só porque não está perto da barreira, mas, de fato, está justo debaixo deste edifício. D.J. Está procurando os planos para me dizer como acessar aos túneis daqui. Se não, teremos que baixar do Centro e voltar pelos túneis até aqui. Até que me chame com a informação, quão único podemos fazer é procurar a entrada.

No vestíbulo convergiam três corredores. Como primeiras opções escolheram o da esquerda, porque era o mais curto. Devlin e Trahern realizaram uma busca padrão, entrando, primeiro um e depois o outro, em cada uma das habitações e

despachos que encontravam no caminho. A maioria estava às escuras, pois os ocupantes se foram as suas casas uma vez finalizadas a jornada.

Continuaram a busca no corredor seguinte. A metade do corredor teve sorte. No chão, perto do princípio de uma escada, havia um sapato de mulher. Antes inclusive de examinar o de perto, Devlin soube que pertencia a Laurel. O que não sabia era se o tinha deixado ela para que ele seguisse a pista ou se o tinha deixado seu seqüestrador como pista falsa.

Quando Trahern chegou a seu lado, mostrou-lhe o sapato.

— É de Laurel.

— Crie que foi ela quem o deixou aqui?

— Isso eu gostaria de acreditar, mas não há forma se soubesse. — Devlin refletiu a respeito das distintas opções —. Tem alguma idéia de aonde conduzem as escadas?

Trahern lhe deu a resposta mais óbvia.

— Abaixo.

—Obrigado. —Devlin voltou a deixar o sapato no estou acostumado a—. Acredito que as escadas são nossa melhor opção, mas deveríamos realizar um exame rápido do resto da planta antes de nos lançar abaixo. Eu examinarei este lado e você o outro. Se D.J. Chama-me te avisarei.

Não demoraram muito em terminar a busca, que resultou infrutífera. O seqüestrador teria sido um louco se tivesse miserável a Laurel a uma do novelo superior, onde podia ser encurralado sem nenhuma escapatória possível. Não, ou tinham saído do edifício por uma das portas da planta baixa ou tinham encontrado outra saída. Arrastar a uma mulher pela rua contra sua vontade, sobre tudo se lhe faltava um sapato, e embora só fora durante o par de minutos que podiam demorar em chegar a um carro, era muito arriscado.

Só ficava a escada. Justo quando Trahern retornava souo o móvel do Devlin. Este olhou a seu amigo e aquele negou com a

cabeça. Nada, o qual confirmava suas deduções.

— me dê boas notícias, D.J.

O relatório de seu amigo foi breve.

— Obrigado. Não, fique aí.

Possivelmente necessite que chame as tropas. Manteremos-lhe informado sempre que pudermos. — Continuando, dirigiu-se ao Trahern —. Na planta inferior há uma câmara climatizada onde se guardam os arquivos dos Regentes. Segundo os planos que D.J. Conseguiu a única porta de acesso à câmara está ao final destas escadas e, para abri-la, se precisa do código de segurança.

— Suponho que DJ. Está-se ocupando deste pequeno detalhe por nós.

Devlin se encolheu de ombros.

— Está-o tentando, mas se enguiço, farei saltar a porta pelos ares.

— Sonha divertido.

CAPÍTULO 14

Devlin comprovou o estado de sua pistola e o deslizamento de sua espada dentro da capa enquanto Trahern fazia o mesmo. Quando estiveram preparados, Devlin começou a descender o primeiro lance das escadas. Quando chegaram ao primeiro patamar, detiveram-se e baixaram o resto das escadas a pernadas enquanto se cobriam o um ao outro se por acaso o seqüestrador não trabalhava sozinho.

Quando chegaram ao final das escadas, o primeiro que notou Devlin foi que a porta da câmara estava um pouco aberta. Telefonou ao DJ.

— Tem aberto você a porta? Não? Isso me acreditava.

Devlin cortou a comunicação antes que D.J. Pudesse formular nenhuma pergunta.

— Devlin, olhe!

Trahern assinalava uma esquina.

O outro sapato de Laurel estava ali, entre as sombras, quase oculto pelas escadas. Isto o convenceu de que era Laurel quem lhes estava deixando as pistas. Se o seqüestrador tivesse querido deixar uma pista falsa, teria deixado o sapato mais à vista, onde Devlin o tivesse visto indevidamente. Sem dúvida, Laurel tentava, com os escassos recursos dos que dispunha conduzir a seus salvadores diretamente até ela. Devlin desejou que Laurel obtivesse consolo da confiança em que ele a estava procurando. E, quando a recuperasse, não a deixaria escapar acontecesse o que acontecesse.

Mas, naquele momento, o que tinha que fazer era averiguar o que havia detrás da porta número três.

— Vamos lá?

Trahern assentiu com a cabeça e o seguiu à escuridão do interior da câmara. O frio lhe impregnou até os ossos a Laurel enquanto o sargento Purefoy a arrastava pelo interminável labirinto de túneis. Ao

princípio, ela tentou recordar todos os giros e derivações que tomaram, mas o deixou correr quando se deu conta de que a rota que seguiam retrocedia duas e três vezes na mesma direção. Embora conseguisse liberar-se e escapar, albergava poucas esperanças de encontrar o caminho de volta ao elevador que tinham tomado para descender a aquele inferno.

Justo quando acreditava que Purefoy não se deteria nunca, ele realizou um giro repentino à esquerda. A brusca mudança de direção quase a fez cair de joelhos e Laurel se esforçou em manter o equilíbrio. Purefoy examinou o estreito passadiço que tinham tomado e assentiu com a cabeça, como se sentisse satisfeito. Laurel não percebia nada que o distinguisse dos outros túneis, mas não lhe importava. Simplesmente se alegrava de deixar de correr durante um momento. Então viu o que havia juntado a uma das paredes e o estômago lhe deu um tombo.

— Bem-vinda a seu novo lar temporário.

—Purefoy realizou uma careta horrível e a conduziu a uma cama estreita de ferro com um colchão sujo em cima—. Sei que não é muito agradável, mas não se pode dizer que esteja aqui de férias, não?

Laurel se soltou, de um puxão, da mão com a que Purefoy a sujeitava.

—Mandaria-o ao inferno, Purefoy, mas já estará ali logo. Mais ou menos cinco minutos depois de que Devlin Bane lhe ponha as mãos em cima... Se tiver sorte. E, se não a tiver, poderia demorar horas.

Sua própria fanfarronada lhe levantou o ânimo. Purefoy em seguida desviou o olhar para o túnel pelo que tinham chegado o que indicou que Laurel lhe tinha metido um gol.

—Cale-se, bruxa!

—me obrigue a fazê-lo.

Assim que as palavras saíram de sua boca, Laurel soube que tinha cometido um engano tático garrafal. Purefoy já tinha os nervos à flor de pele e estava carregado de adrenalina. Não era preciso que ela

acrescentasse testosterona à mescla.

Purefoy alargou o braço e atirou de Laurel para si.

—Suponho que, se gostar do que Bane lhe dá na cama, é que gosta da rudeza.

Laurel sentiu o calor que despedia o corpo do Purefoy apesar da fria umidade do ar. Teve que esforçar-se para manter a voz acalmada.

—Não o faça, sargento Purefoy. Você sabe que, em realidade, não quer fazer isto.

Ele deslizou sua mão livre até o ombro de Laurel e, depois, baixou-a e lhe apertou o peito com tanta força que a fez estremecer-se de dor. Continuando, agarrou-lhe o traseiro e o apertou enquanto a aproximava mais a seu corpo. Purefoy tentou beijá-la e Laurel se apartou no último momento. Ele contra-atacou lhe agarrando o cabelo e lhe girando a cara para lhe estampar um beijo úmido e baboso na boca. Laurel tentou resistir, mas lhe atirou do cabelo até fazê-la gritar e lhe colocou a língua na boca. Ela sentiu náuseas

e, para evitar que continuasse, mordeu-lhe a língua com todas suas forças.

Purefoy soltou um grito e retrocedeu de um salto enquanto soltava uma maldição e cuspiu sangue. Depois, esbofeteou a Laurel e lhe deixou a mandíbula dolorida, mas, ao menos, não voltou a tentar aproximar-se o Laurel teria outro arroxeadado na bochecha, mas seu pequeno ato de rebeldia a fez sentir-se menos indefesa.

— Estenda o braço.

Purefoy agitou umas algemas frente à cara de Laurel. O brilho psicopata de seus olhos indicou a Laurel que esperava que ela o obrigasse a utilizar a força. Laurel levantou a mão com lentidão enquanto as náuseas cresciam em seu interior. Purefoy deu um empurrão repentino e a enviou voando até a cama. Depois, sentou-se escarranchado em cima dela e aplicou um dos braceletes na boneca esquerda de Laurel e a outra na barra de metal oxidado da cabeceira.

— Perguntaria-lhe se sente cômoda, mas

quando os Outros a encontrem, a comodidade será o menor de seus problemas.

Purefoy atirou das algemas para assegurar-se de que estavam bem sujeitas, inclinou-se, e lhe estampou outro beijo baboso na boca. Depois a saudou alegremente com a mão e partiu por onde tinham chegado deixando-a só na fria umidade do túnel. Ao princípio, Laurel ficou quieta enquanto escutava o som, cada vez mais débil, dos passos do Purefoy. Como o traçado dos passadiços era em zig-zag, Laurel não estava segura se Purefoy se foi muito longe. Podia haver ficado perto para assegurar-se de que ela não tentava escapar.

Por que tinha elegido aquele lugar concreto para deixá-la? Porque era um lugar remoto e estava perto da barreira? Embora ela tivesse visto fotografias e filmes da barreira, nenhuma destas o fazia justiça. Na tênue luz daquele lugar, o muro luminescente que se vislumbrava ao outro extremo do túnel no que se encontrava

brilhava com uma miríade de cores e texturas resplandecentes para as que ela não tinha nenhum nome.

Se não tivesse sabido quais eram as conseqüências, seu primeiro impulso teria consistido em tocar a barreira, mas mais de um Paladino tinha sofrido queimaduras por roçá-la enquanto brigava. A barreira era tão formosa como mortal.

Ao final, Laurel decidiu que não lhe importava o que Purefoy estivesse fazendo. Embora não retornasse, existia a possibilidade de que a barreira se apagasse deixando-a a mercê dos Outros. Laurel apartou esta idéia ao fundo de sua mente para evitar que o medo lhe impedisse de atuar e se concentrou em tentar liberar-se.

Primeiro realizou uns quantos puxões de prova para ver se o metal tinha algum ponto débil. Os resultados foram descorazonadores. Aqueles simples intentos lhe tinham produzido arranhões na pele da boneca.

Laurel tentou sentar-se, mas lhe resultou mais difícil do que esperava ao não dispor das mãos e os braços para equilibrar-se. Então se voltou para a cabeceira, afiançou os pés contra ela e empurrou com força jogando o corpo para trás.

Um fio de sangue escorregou por seu antebraço, mas a solda que unia a barra ao resto da estrutura não cedeu. Laurel respirou fundo, fez caso omissso da dor e se preparou para um novo intento. Nesta ocasião, atirou com todas suas forças e soltou um grito. Quando ia à universidade, tinha assistido a aulas de judô durante um semestre e o professor lhes ensinou a gritar durante os exercícios. Laurel não soube se devia ao grito ou a que era já o segundo intento, mas a estrutura cedeu um pouco.

Por desgraça, a barra em si permaneceu intacta. Laurel não sabia quantas vezes poderia voltar a tentá-lo sem fazer-se danifico de verdade. Por outro lado, se permanecia quieta durante muito mais tempo, o frio e a

umidade minariam suas forças.

Voltou a afiançar os pés na cabeceira, inspirou fundo pelo nariz e soltou o fôlego pela boca. Entretanto, antes que pudesse empurrar a fundo, ouviu um zumbido agudo que cresceu em intensidade até que lhe pareceu que alguém lhe furava os ouvidos com um punção.

Laurel se tombou no colchão e contemplou horrorizada a barreira, que flutuava e adquiria umas feias cores. De vez em quando, acreditou ver que alguém se movia ao outro lado. Um dos Outros esperava para cruzar ao mundo humano. Tinha que ser isto. E, por isso ela sabia de sua fisiologia, o mais provável era que se tratasse de um macho adulto.

O medo, o frio e um sabor amargo cresceram em seu interior. Se a barreira se apagava, que Purefoy retornasse ou não, não importava. Um ataque de um dos Outros encaixaria a perfeição com os planos do sargento. Se conseguia que parecesse que ela

tinha morrido à mãos dos Outros, ele sairia ileso do seqüestro, pois não tinha deixado pistas sobre sua identidade.

Até aquele momento, Laurel tinha conseguido permanecer centrada em dois objetivos, escapar e esperar que Devlin a encontrasse. Entretanto, ante aquela ameaça nova e imediata se perguntou o que podia fazer. Pensar. Tinha que pensar. Estava acostumada a analisar dados e decidir uma linha de ação. Enquanto fazia o possível por não ouvir o zumbido da barreira, Laurel olhou a seu redor.

As paredes do túnel eram irregulares, como se estivessem cavadas, diretamente, na pedra. Em determinado lugar, alguém tinha aplicado uma capa de cimento. Certamente, para reforçar a estabilidade das paredes. Uns condutos elétricos percorriam o teto e, mais ou menos, cada trezentos metros havia umas luzes conectadas a uns sensores de movimento. Laurel ficou quieta. Purefoy a tinha algemado em uma pequena ramificação

do túnel principal. Se ficar completamente imóvel, as luzes se apagariam e ficaria sumida na escuridão mais absoluta.

Possivelmente, se pegava ao colchão e se confundia com as sombras, o Outro não a veria. Quanto demorava as luzes em apagar-se? Laurel voltou a mover-se para reativar os sensores e, depois, voltou a ficar quieta.

Esperou a que, uma atrás de outra, as luzes se fossem apagando e contou os segundos até que não percebeu outra coisa mais que sua própria respiração e o zumbido da barreira.

Laurel voltou a sentar-se. As luzes se acenderam a plena potência imediatamente e teve que tampar-se, momentaneamente, os olhos com o braço para que sua vista tivesse tempo de ajustar-se à mudança de luz. Uma lembrança apareceu no fundo de sua mente. Tratava-se de um pouco relacionado com os Outros e a luz.

Depois de um par de segundos, a lembrança tomou forma. A intensidade das

luzes estava graduada de forma que deslumbrasse momentaneamente aos Outros. Entretanto, ao cabo de um momento, a intensidade voltava a ser normal. Para os Paladinos não constituía uma grande vantagem, mas a aproveitavam ao máximo.

O zumbido se interrompeu sem prévio aviso e a barreira voltou para seu estado normal. Laurel reatou os intentos de liberar-se, pois sabia que a pausa podia ser breve. Se o zumbido voltava a ativar-se, ela se tombaria de novo na cama e confiaria em que tudo saísse bem.

Maldição! Estava convencido de que nesta ocasião a barreira se apagaria de tudo. Purefoy retrocedeu uns passos e contemplou com raiva a resplandecente parede de energia. Durante uns segundos, debilitou-se tanto que os objetos do outro lado tinham resultado visíveis, mas não o suficiente para interromper por completo o fluxo da energia. O que tinha feito mal? Já o tinha tentado antes cravando nela a espada do Bane, mas

não tinha funcionado. Além disso, se não tivesse tomado a precaução de ficarem umas luvas de material isolante, a maldita barreira o teria deixado frito ali mesmo. De fato, tinha queimado as capas exteriores da malha obrigando-o a tirar as mãos das luvas antes que o ardente calor lhe produzira ampolas.

Nesta ocasião, ia melhor preparado. Depois de deixar a sua prisioneira onde um dos Outros a encontrasse quando ele desconectasse a barreira, tinha ido procurar as armas que tinha escondido na semana anterior. A pequena explosão que tinha provocado deveria ter produzido uma brecha de tamanho considerável na barreira. Teria que voltar a tentá-lo utilizando explosivos mais potentes. Embora só conseguisse derrubar o teto do túnel, isto podia fazer que a barreira se apagasse momentaneamente e que os Outros que estavam à espera dispor do tempo suficiente para cruzá-la.

Assim que percebessem o aroma de uma fêmea humana, o jogo e a diversão

começariam. Seu plano original era possuí-la ele mesmo, mas seu misterioso chefe se estava impacientando e Bane lhe seguia o rastro, de modo que não tinha tempo de desfrutar de um pouco de sexo duro. Além disso, quando a barreira se apagasse, todos os Paladinos da zona desceriam em turba aos túneis.

Seu plano dependia de que Bane fora o primeiro em chegar. Enquanto os Outros o mantinham ocupado protegendo a sua mulher, ele o abateria a tiros e, uma vez no chão, acabaria o trabalho com uma espada.

Por outro lado, se Laurel Young sobrevivia a seu primeiro encontro com um dos Outros, ele poderia divertir-se um pouco com ela. A puta tinha merecido, pois a língua ainda doía por causa da dentada. Possivelmente, depois de que um dos Outros a possuísse uma ou duas vezes, ela voltaria mais a um humano varão.

Purefoy assobiou de uma forma pouco melodiosa, secaram-se as mãos nas calças e

começou a árdua tarefa de ensamblar os cabos da bomba que pensava utilizar em seu próximo intento de fazer voar a barreira pelos ares.

Durante um segundo, Devlin se permitiu imaginar o prazer que lhe produziria rodear o pescoço de sua presa com as mãos e apertar até que seus ossos se quebrassem. Este prazer teria que esperar um pouco, mas, mesmo assim, sentiu-se melhor. Tinha demorado muito tempo em fazer a ponte ao elevador, tempo do que não dispunham.

Em realidade, poderia havê-lo feito mais depressa, mas não queria arriscar-se a disparar o alarme. O guarda devia saber que Devlin ia atrás dele e, se o filho de puta se sentia encurralado, podia matar a Laurel. Assim Devlin se viu obrigado a sortear, com cautela, o sistema de segurança dos mandos do elevador. Cada minuto extra que Laurel passava nas garras de seu captor, enchia-o de pura raiva.

— Já está, acredito que funcionará.

Devlin voltou a colocar o teclado da caixa e escutou com a orelha pega à porta. Em algum lugar das profundidades subterrâneas, ouviu-se o murmúrio da maquinaria que ficava em movimento.

— Está de caminho.

— Já era hora. — Trahern se aproximou do elevador—. E uma vez que estejamos abaixo, qual é o plano? Vamos à caça juntos ou separados?

— Imagino que terá uma ou duas surpresas preparadas para nós, assim será melhor que nos separemos. Com sorte, não terá tido tempo de pôr armadilhas em todos os túneis. Se formos separado teremos mais possibilidades de chegar até Laurel.

Trahern assentiu com a cabeça.

— Silo primeiro coxo, posso matá-lo ou tenho que reservar esse pequeno prazer para ti?

— Quero que deseje não ter nascido nunca, mas temos problemas mais importantes que ele, e, se morrer, tudo o que sabe morrerá

com ele. — O elevador emitiu um leve assobio e as comporta se abriram. Devlin fez um gesto ao Trahern para que se apartasse e o deixasse entrar primeiro. Entrou sem problemas, assim que indicou a seu amigo que se unisse a ele—. Esse tio está na parte mais baixa da cadeia alimentara e trabalha para alguém. Quero saber quem está ao mando, afrouxando a massa e fazendo um dobro jogo.

— Então, primeiro o apanhamos e o convencemos para que fale. — A comissura dos lábios do Trahern se curvou para cima em uma careta mostrando seus dentes —. E depois o matamos.

Devlin lhe sorriu.

— Esse é o plano.

— Por mim, estupendo.

Em todos os anos que tinha servido na região do noroeste, Devlin nunca tinha passado muito tempo naquele extremo do labirinto de túneis que flanqueava a barreira ao longo do Puget Sound. Aquela zona do

norte não sofria muita atividade sísmica, embora sempre havia quem afirmava que a Seattle tocara a pior catástrofe.

Isto era quão último necessitavam naqueles momentos. Inclusive o menor roce das placas podia apagar a barreira o tempo suficiente para que os Outros a atravessassem.

Devlin nem sequer queria pensar no que lhe podia passar a Laurel se caía em mãos dos Outros. Esta era a razão principal de que os Regentes tivessem estabelecido normas estritas para evitar que as mulheres baixassem aos túneis. De fato, por isso ele sabia, nunca tinha existido uma mulher Paladino. Ele sempre tinha pensado que o cromossomo E tinha algo que ver com isto.

Sobrevivia-se a aquela noite, perguntaria a Laurel se era certo. Até então, esta questão nunca lhe tinha preocupado muito, porque ele nunca tinha praticado o sexo desprotegido. A complicação que suporia deixar a uma mulher grávida não

atraía absolutamente. De todos os modos, Laurel e ele tinham roçado o limite do descuido um par de vezes. Os dois eram o bastante adultos para saber que não valia a pena correr o risco, mas, entre eles, o sexo era tão ardente e apaixonado que o sentido comum ficava relegado a um segundo lugar.

O assobio do elevador lhes indicou que chegavam aos túneis justo quando uma imagem de Laurel grávida de um menino, de seu filho, cruzava a mente do Devlin. Esta idéia deveria lhe assustar, e, entretanto, um sorriso se desenhcou em sua cara.

Trahern o olhou como se fora um inseto estranho.

— Não sei onde tem a cabeça, Devlin, mas será melhor que a traga aqui, comigo, a este elevador. Quando a porta se abra, quem sabe em que animação nos verá envoltos.

— Não se preocupe, estou aqui.

Devlin tirou a pistola e ambos se deslocaram aos lados para ficar o mais apartado possível da vista. Só um louco

ficaria frente à porta oferecendo-se como branco. Como não se produziu um ataque imediato, Devlin indicou ao Trahern que ele sairia o primeiro. Devlin se inclinou, saiu do elevador rodando pelo chão e voltou a ficar de pé disposto a disparar em caso necessário. Trahern o seguiu de perto.

Seu movimento acendeu as luzes. Depois de anos de experiência, os dois amigos baixaram a vista para o chão de uma forma automática para evitar o deslumbrante resplendor. Seus olhos não demorariam muito tempo em acomodar-se à luz, mas, durante uns segundos eram vulneráveis.

— Comprova se Laurel tiver deixado alguma pista por ali. Eu inspecionarei este lado.

Trahern arqueou uma sobrancelha.

— Quantos sapatos criem que leva em cima sua mulher, se por acaso tem que deixar um rastro?

— Muito gracioso.

Antes que pudessem mover-se, uma

onda de energia chegou até eles da esquerda. Devlin separou os pés, afiançou-os no chão e inclinou a cabeça para diante como se encarasse um forte vento, e Trahern fez o mesmo. Quando a onda de energia passou, Devlin sacudiu a cabeça para limpar-se.

—Que demônios foi isso? —perguntou Trahern enquanto olhava ao longe, como se esperasse que o espetáculo se repetisse.

—Eu diria que se trata de alguém jogando com a barreira. Certamente, nosso seqüestrador — respondeu Devlin.

—Só um louco se arriscaria a apagá-la. Se tivermos razão e este tipo é um membro do Guarda Nacional, deveria saber o suficiente a respeito dos Outros como para não jogar com a barreira.

—Sim, mas está caso que o tio está cordato. É o mesmo que acredita que viverá o suficiente para gastar o dinheiro que lhe pagam por acabar comigo. Isso só já demonstra que está como um guizo. De todas as maneiras, se consegue apagar a barreira,

necessitaremos reforços. Não podemos saber até onde alcançarão os danos.

Devlin se meteu a mão no bolso e tirou o móvel, mas estavam muito abaixo para ter cobertura.

—Merda! Terá que voltar acima e conseguir ajuda. Uma rajada de energia como esta poderia ter apagado toda a rede de sensores, de modo que é possível que, lá encima, não percebam nenhum sinal do que ocorre.

Ao Trahern, obviamente, não gostou da idéia de deixar sozinho ao Devlin, mas a barreira tinha prioridade sobre qualquer mulher e inclusive sobre qualquer Paladino. Esta era sua verdade.

O túnel permanecia silencioso.

—Vamos, Parece que a barreira agüentou, mas o tio poderia não sentir-se satisfeito com um só intento.

—Estarei de volta a seu lado assim que tenha avisado a outros.

—Sei. Diga-lhe ao Cullen que venha do

outro lado. Quero me assegurar de que agarramos a esse filho de puta entre os dois flancos.

— Assim o farei.

Os dois amigos se foram em sentido oposto. Enquanto punha-se a correr, Devlin enviou uma oração ao Deus no que logo que pensava e lhe pediu que mantivera a Laurel a salvo. Ao menos até que ele chegasse e o substituísse.

O zumbido voltou a ouvir-se. Laurel viu a sombra que caminhava de um lado a outro além da barreira. O medo lhe queimava na garganta. Obrigou-se a manter a calma e voltou a tentar liberar-se de suas ataduras. As barras oxidadas por fim começavam a afrouxar-se. Se só conseguisse as mover um pouco mais, possivelmente poderia separar a junta.

O zumbido aumentou de volume e os ouvidos voltaram a lhe doer. O tempo se acabava. Laurel agarrou a barra com as mãos, fechou os olhos para concentrar toda sua

força no movimento e tentou girar a barra. Esta só se moveu uns milímetros, mas se moveu. Laurel voltou a tentá-lo uma e outra vez. Pequenas escamas de óxido escorregaram por suas mãos. E então se soltou!

Agora só tinha que dobrá-la um pouco para deslizar pelo extremo o aro das alças. Além disso, se conseguia desencaixar uma parte de barra, teria uma arma. Vários minutos mais tarde, Laurel, suarenta, sustentava nas mãos uma barra de uns sessenta centímetros.

Tinha chegado à hora de partir.

A barreira se debilitou e as cores claras e vividas que tinha visto antes se transformaram em um marrom com umas feias franjas verdes e negras. Parecia envenenada, como se a tivessem poluído. E a sombra já não era uma mera silhueta. Laurel quase podia distinguir as facções do Outro, quem permanecia alerta no outro lado. Quando ela se moveu, ele girou a cabeça e

Laurel se deu conta de que podia vê-la, possivelmente inclusive melhor que ela a ele, porque, ao mover-se, acenderam-se as luzes do túnel principal.

Tinha que pôr-se a correr, mas em que direção? Devlin já devia ter encontrado seus sapatos e saberia por onde começar a busca. Caso que tivesse utilizado o mesmo elevador que eles, o melhor seria dirigir-se para ali. Por outro lado, Purefoy também tinha tomado aquela direção.

Dirigia-se em sentido contrário, podia encontrar-se com outros perigos, uns perigos que nem sequer podia imaginar. Ao final decidiu que preferia arriscar-se a tropeçar-se com o Purefoy que com uma quantidade incalculável dos Outros, assim que se deslizou sigilosamente por diante de onde esperava o Outro. Uma vez teve acontecido esse ponto, seguiu avançando com as costas pega à parede. Já estava perdida; quão único importava naquele momento era não estar onde Purefoy esperava que estivesse.

Enquanto dava a volta à primeira esquina, uma explosão sacudiu o ar e tudo a seu redor vibrou e se cambaleou. Laurel contemplou, horrorizada, como a barreira flutuava e, depois, desaparecia por completo. Um segundo mais tarde, uma escuridão negra e espessa alagou sua mente e Laurel caiu ao chão.

— Filho de puta!

Devlin se sentou junto à parede e esperou a que as náuseas e o enjôo que sentia se dissipassem. Não sabia o que tinha passado exatamente, mas era algo mau. Sentia-se como se o tivessem esfolado vivo, porque alguém tinha feito desaparecer a barreira.

Apoiou-se na parede e tentou ficar de pé. Teve que realizar dois intentos antes de consegui-lo, mas então soube que ao menor tropeção voltaria a cair de bruços. Pouco a pouco, agachou-se para recolher a espada, embora fosse consciente de que teria sorte se conseguia levantá-la do chão.

Continuando, avançou pelo túnel medindo a parede e esperando que sua mente se limpasse a tempo para poder salvar a Laurel. Não se permitiu pensar no que a onda expansiva podia haver feito a ela, quem devia estar mais perto que ele dos explosivos. Laurel estava bem. Tinha que está-lo.

O primeiro despertar à consciência trouxe a desagradável notícia de que não estava sozinha no túnel. Ouvia que alguém se movia perto de onde ela estava, mas, por isso sabia ainda não a tinham visto. Ajoelhou-se com esforço e, depois, ficou de pé. O que tinha causado a explosão?

Tinha que ter sido Purefoy, embora não entendia por que queria destruir a barreira. Acaso queria que os Outros invadissem seu mundo? Que bem podia lhe produzir isso? Pelo visto, naquela zona só um dos Outros tinha cruzado a barreira, mas se dirigia para ela.

Frente a Laurel, o túnel se dividia em dois ramais. Qual devia tomar? Escolheu o da

direita porque estava às escuras. Algo tinha desligado a corrente naquele lado. As sombras eram seu único refúgio frente ao terror que a espreitava.

Alcançou a escuridão bem a tempo. Ouviu a marcha regular do Outro conforme se aproximava dela. Sustentou a barra em alto e esperou até que ele chegou à bifurcação. O Outro se deteve fora do alcance de sua vista. Sem dúvida tentava decidir que ramal tomar. O que estava fazendo? Parecia como se estivesse farejando o ar. Como, na claridade daquele mundo, tinham uma visão limitada, Laurel se perguntou se dependiam de seu olfato mais que os seres humanos.

—Saia à vista, mulher humana!

O som gutural da voz lhe causou calafrios pelo espinho dorsal.

Já tinha sido prisioneira de um homem e não pensava voltar a passar por aquela situação. Possivelmente poderia agarrá-lo despreparado.

—Já saio. Não me faça mal.

Laurel impregnou sua voz de tanto medo como pôde. Esperava que aquele Outro acreditasse que se sentia aterrada e que estava disposta a render-se. Entretanto, carregou contra ele a barra para agarrá-lo por surpresa. Sua estratégia funcionou e seu pau improvisado golpeou a cabeça do Outro produzindo um som surdo.

O gemido que emitiu o Outro lhe indicou que não o tinha matado. Laurel deixou a um lado as precauções e pôs-se a correr pelo túnel. Ao voltar uma esquina, encontrou-se com a última pessoa que desejava ver então e o resto de sua vida. Parou em seco e olhou a seu redor em busca de uma via de escapamento, mas Purefoy já a tinha visto. O sargento assinalou a barra que Laurel sustentava com o canhão da pistola.

Como ela não soltou a barra, ele apertou o gatilho. A bala ricocheteou na parede, perto da cara de Laurel, enviando lascas de rocha pelos ares. Laurel se sobressaltou e deixou cair à barra, que produziu um estrondo ao se

chocar contra o chão.

— Bem, doutora Young, parece que, da última vez que a vi, esteve ocupada.

Purefoy percorreu a distância que os separava e a agarrou pelo braço afundando os dedos com tanta força que sentiu dor. Continuando, tirou a chave das algemas e, em um instante, aprisionou a boneca livre de Laurel com o bracelete solto.

— Além disso, meu plano de deixá-las nas doces garras dos Outros parece que também falhou. E eu que tinha grandes expectativas para os dois!

— Sinto havê-lo decepcionado, sargento.

— Bom, seguro que vários dos Outros terão cruzado a este lado. E como a barreira segue apagada, ainda há esperança.

Purefoy a arrastou para onde a tinha algemado anteriormente.

— Sabe que não se sairá com a sua. Ao danificar a barreira, alertou a todos os Paladinos em cem quilômetros à redonda. Se eu fosse você, poria terra de por meio

enquanto pudesse.

—E suponho que também pensará que deveria deixá-la aqui para poder escapar mais depressa. —Purefoy se tornou rir—. A única forma de que a deixe atrás é estando morta. Claro que, se for isto o que quer...

—Só um covarde se esconde detrás de uma mulher desarmada, humano - declarou uma voz gutural.

O Outro ao que Laurel tinha golpeado os esperava a poucos metros de distância. O fio de sangue escuro que escorregava por sua bochecha era o único sinal de que lhe tinha feito mal. O Outro estava apoiado na parede, mas sua postura relaxada era uma farsa. Quando se moveu para lhes impedir o passo, levantou a espada com ambas as mãos em uma posição que parecia natural nele.

—Fêmea humana, separe-se dele.

Purefoy sujeitou a Laurel com mais força.

—te tire de meu caminho ou morre aqui mesmo! —exclamou Purefoy.

Ao menos agora apontava com a pistola ao Outro e não a ela.

O Outro parecia totalmente despreocupado.

— Só um covarde mata a distância.

Eu gosto de sentir como atravessa minha espada às vísceras de meu inimigo.

Laurel se estremeceu. Sua pronúncia grave e baixa fazia que tivesse que concentrar-se para entendê-lo, mas não havia nenhuma dúvida em relação à ameaça que representava. Apesar de sua palidez, seu aspecto era muito chamativo, com o cabelo comprido da cor da prata deslustrada e os olhos de uma ou duas tonalidades mais claras. Vestido de rigoroso negro dos pés à cabeça recordava a um mal saído diretamente de um velho filme de terror em branco e negro.

Purefoy lançou um olhar rápido ao túnel que se estendia detrás deles. Apertava-se o gatilho, podia matar ao Outro, mas qualquer Paladino que estivesse por aquela zona

acudiria a toda pressa. Laurel notou que Purefoy deslocava ligeiramente o peso de seu corpo de um pé ao outro, o que lhe indicou que tinha tomado uma decisão.

Com um movimento rápido, Purefoy voltou o canhão da pistola para ela e o pressionou contra sua têmpora.

—Solta a espada ou ela morrerá.

A voz acalmada do Purefoy lhe produziu calafrios por todo o corpo. O Outro conheceria o suficiente aos humanos para reconhecer que as palavras do Purefoy não eram uma mera ameaça, a não ser uma promessa? Enquanto contava os que podiam ser os segundos últimos de sua vida, lhe causar pena saber que, provavelmente, seria Devlin quem encontrasse seu corpo.

—O que decide? Sua espada ou a vida desta mulher.

Os olhos do Outro se encontraram, durante um segundo breve, com os de Laurel. Era tristeza o que ela percebeu em seu olhar de prata? Quando a espada golpeou o

chão, o estrondo do metal contra a pedra ressonou pelo túnel. O Outro estendeu os braços aos lados para demonstrar que estava indefeso. Claro que ela não opinava o mesmo. Tinha conhecido a muitos Paladinos para não reconhecer a um guerreiro treinado quando o via. Por desgraça, o mesmo podia dizer do Purefoy. Ele dirigiu a pistola com calma para o Outro e apertou o gatilho.

Laurel gritou enquanto o Outro caía ao chão e o sangue brotava de sua perna. O sargento empurrou a Laurel para o Outro ferido.

—Ajude-o a levantar-se. Levaremos-lo conosco.

—Não posso levantá-lo com as mãos algemadas.

Laurel não sabia se isto era certo ou não, mas valia a pena tentá-lo.

—Está bem. —Purefoy tirou a chave de seu bolso e a lançou aos pés de Laurel—. Fique em marcha. Quero estar fora daqui antes que apareça seu amante.

Laurel considerou a possibilidade de simular estupidez com a chave para atrasar sua marcha, mas resultava evidente que Purefoy estava a ponto de perder o controle e que não se necessitava muito para conseguir. Os dois sabiam o que, se Devlin os alcançava, era homem morto, tanto se ela estava viva como se não. Naquele momento ela era uma simples carta em seu jogo.

Ao segundo intento, Laurel conseguiu abrir um dos braceletes e, antes que pudesse abrir a outra, Purefoy lhe ordenou que lhe devolvesse a chave.

— Agora faça que se mova!

Sem lhe fazer caso, olhou a perna lhe sangrem do Outro.

— É grave? — perguntou Laurel.

— Posso caminhar.

O Outro tentou levantar-se sem a ajuda de Laurel, mas não o conseguiu. Laurel não pensava permitir que se causassem maiores danos por uma simples questão de orgulho. Podiam ser de mundos enfrentados, mas

naquele momento estavam unidos frente a um inimigo comum.

—Tenho que lhe enfaixar a ferida. Se não, poderia sangrar-se. —Lançou um olhar irado ao sargento—. Não sei o que tem pensado para nós, mas morto não será de utilidade para ninguém. Além disso, o sangue deixará um rastro fácil de seguir.

Sem esperar a aprovação do sargento, olhou a seu redor em busca de algo que pudesse utilizar como atadura. Ao final, Purefoy tirou um lenço de seu bolso e o lançou.

—Tome, mas vá depressa.

—Também necessitarei a gravata de sua uniforme. —Laurel esboçou um sorriso vacilante o seu resistente paciente—. Sou médica. Deixe-me ver a ferida.

O Outro se arregaçou a perna da calça da calça e deixou ao descoberto uma perna musculosa com um feio buraco que lhe atravessava a panturrilha. Tentou estirar a perna e realizou uma careta de dor. Então

deixou a um lado seus prejuízos e se converteu em um paciente necessitado de cuidados. Depois de um rápido exame, Laurel viu que a bala tinha atravessado limpamente a carne da perna. Seguia sangrando, mas o mesmo sangrado limparia a ferida.

— Com os cuidados necessários, ficara bem.

Laurel utilizou o lenço para lhe tampar a ferida e a gravata para sujeitá-lo e exercer pressão nos buracos de entrada e saída da bala. Enquanto o curava, tentou não pensar na possível contaminação que podia sofrer por tocar a roupa e a pele do Outro.

— Isto servirá como remédio temporário. Desejaria poder curá-lo melhor, mas não disponho de nenhuma equipe médica.

— Seus esforços me honram.

O Outro mostrou seu reconhecimento com um movimento da cabeça e aceitou a ajuda de Laurel para levantar-se. Quando se apoiou na perna ferida, não pôde ocultar uma

careta de dor, mas em seguida se endireitou.

— Muito bem. Ponha-lhes em marcha. — Purefoy empurrou a Laurel com o canhão da pistola e agarrou a espada do Outro—. É preciso que vamos daqui.

A Laurel lhe encolheu o estômago.

— O que tem feito sargento?

— deixei uma pequena surpresa para seu amante.

Sua expressão de suficiência fez que desejasse esbofeteá-lo.

— Não faz mais que acumular razões para que Devlin acabe com você, Purefoy.

— Não se eu acabar antes com ele.

Laurel sacudiu a cabeça.

— Esquece que, embora o mate, ele reviverá. À larga, voltará a lhe seguir os passos. E Devlin fica muito irritável quando o matam. Mas você já sabe, não? Pois já o matou em uma ocasião.

— Cale-se, bruxa!

— Além disso, também está o resto dos Paladinos. Suspeito que Trahern deve ser um

inimigo bastante molesto.

E a última vez que Lonzo morreu, necessitaram-se seis pessoas para imobilizá-lo e contê-lo.

Laurel não sabia o que a empurrava a provocá-lo, mas não podia evitá-lo. Cada segundo que ele dedicava a responder a suas ameaças era um segundo durante o que não estava concentrado em seus planos. Além disso, se ela ia morrer, queria que seu assassino fora consciente de que seu próprio tempo se acabava enquanto os Paladinos o perseguiram como a animália que era.

O Outro caminhava estoicamente a seu lado. A menos que os de sua espécie fossem imunes à dor, cada passo que dava devia constituir um suplício, mas ele não o demonstrava. Ela nunca acreditou que chegaria a admirar algum aspecto de algum dos Outros, e aquele sentimento inesperado a exasperava. Eram muitos os Paladinos que tinham sofrido à mãos deles para poder deixar de vê-los como a um inimigo.

Entretanto, o homem que estava a seu lado tinha demonstrado ser algo muito distinto ao animal assassino que ela esperava.

Sem dúvida não era um exemplar típico de sua espécie.

— Como se chama? — perguntou-lhe em voz baixa —. Eu me chamo Laurel Young.

O Outro tinha os olhos fixos no chão que pisavam, como se necessitasse toda sua concentração para seguir caminhando. Depois de dar uns quantos passos, olhou a Laurel. Seus olhos de cor cinza prata estavam emolduradas por rugas de dor.

— Barak.

Laurel esboçou um sorriso que surpreendeu aos dois.

— Encantada de lhe conhecer, Barak. Este é seu nome completo?

Ele em seguida voltou a dirigir o olhar para o chão.

— É tudo o que fica de quem fui e já não sou.

Ela queria lhe perguntar pelo significado

de suas palavras, mas Purefoy interrompeu sua conversação.

— Vós dois! Deixem de falar. Estão aqui para morrer, não para lhes fazer amigos.

Como, de todas as maneiras, Barak parecia pouco inclinado a continuar conversando, Laurel guardou silêncio. Depois de um momento, perguntou:

— Aonde nos dirigimos? Ou é que pretende que perambulamos por este labirinto até que os Paladinos nos encontrem ou até que encontre uma porta que conduza a algum outro lugar?

Laurel se sentiu decepcionada ao ver que não mordida o anzol. Além disso, o sargento a empurrou com a espada do Barak.

— Gire à esquerda.

Entraram em outro beco sem saída virtualmente igual a aquele em que o sargento a tinha deixado antes. Quando chegaram ao fundo do beco, Barak e ela se voltaram de cara ao Purefoy. Como estavam com as costas pega à parede, a desagradável

imagem de um esquadrão de fuzilamento foi à mente de Laurel. Seus pensamentos deveram refletir-se em sua cara, porque Purefoy pôs-se a rir.

— Direi-lhe o que podemos fazer Laurel. Mostre-me um pouco da paixão que demonstrou ao Bane e é possível que a deixe viver.

— Nem o sonhe.

— Então se algeme a seu novo amigo. Estou convencido de que ao Bane adorará encontrar a sua mulher nos braços de seu pior inimigo. — Purefoy inclinou a cabeça a um lado

—. Embora suponha que agora seu pior inimigo sou eu.

Como Laurel não se algemou imediatamente ao Barak, Purefoy se aproximou dela e levantou a espada.

— Algeme-se agora, Laurel, ou começarei a cortá-la em pedacinhos. Acredita que Bane ainda a quererá desfigurada e cheia de cortes?

—Os Paladinos são guerreiros. Ele reconhecerá o valor embora você não o faça humano. —Barak se deslocou um pouco se situando diante de Laurel—. É mais fácil lutar contra uma mulher desarmada que contra um homem. Devolva-me a espada e veremos quem acaba feito pedaços.

Purefoy retrocedeu uns passos, mas então se deteve.

—Algeme-se à mulher, alienígena, ou lhe dispararei na outra perna... Para começar.

Cada minuto que mantinham ocupado ao Purefoy era tempo do que Devlin dispunha para encontrá-los, mas ela não permitiria que Purefoy disparasse ao Barak só para evitar que fossem algemados. Antes que Barak pudesse reagir, Laurel lhe colocou o bracelete na boneca.

—E agora o que? —perguntou Laurel ao Purefoy.

—lhes volte de costas e sentem-se.

Então Laurel se deu conta de que havia uma fatia no estreito passadiço. Parecia como

se a tivessem realizado com um laser, e a energia da barreira se filtrava pela fresta. Se Barak e ela estavam ali sentados junto a aquela linha quando os Paladinos restaurassem a barreira, morreriam.

Já se tinham produzido uns breves brilhos de luz no passadiço, como se a barreira estivesse flutuando para voltar a ativar-se. Purefoy fez o gesto de afastar-se, mas, com um movimento repentino, golpeou ao Barak na cabeça com o punho da pistola. O Outro caiu sobre o ombro de Laurel e se deslizou até o chão.

Laurel se preparou para receber um trato similar, mas Purefoy se afastou dela.

—Ter que arrastar com você a um animal inconsciente entorpecerá seus movimentos. Eu adoraria ficar a observá-la, mas tenho que ir. — Purefoy inclinou a cabeça e emprestou ouvido o ruído de seu entorno — . Disponho do tempo suficiente para me pôr a salvo e contemplar como todo se vem abaixo.

Uns minutos mais tarde, as luzes se

apagaram e Laurel ficou envolta na escuridão esperando a ver quem era o primeiro em encontrá-la a ela e a seu silencioso companheiro, a morte ou Devlin.

CAPÍTULO 15

Devlin levava quinze minutos amaldiçoando enquanto tentava decidir como sorteava o labirinto que tinha diante. O filho de puta era preparado, tinha que reconhecê-lo. Meia dúzia ou mais de raios laser cruzava, em distintos ângulos, a zona mais estreita do túnel formando uma rede emaranhada. Se não tivessem vibrado com uma frequência similar a da barreira, não se teria dado conta de que estavam ali.

Um passo mais e teria acionado os brindes, fora qual fora, que seu inimigo lhe tinha preparado.

Os raios laser eram como uma parede sólida que o apanhava em um lado e a Laurel no outro. Nos filmes de ação, a gente sempre encontrava uma forma inteligente de esquivar os raios, já fora com espelhos, fumaça ou contorções corporais que fariam

parecer desajeitado a um ginasta. O, por desgraça, não contava com nenhum destes recursos. Ao mais que podia aspirar era a que os raios não estivessem conectados à corrente e que as baterias que os alimentavam se esgotassem.

Devlin considerou sua situação desde todos os ângulos possíveis. Ao cabo de uns segundos, lhe ocorreu a solução: os raios laser não eram mais que energia e, como o resto dos Paladinos, ele tinha a capacidade de manipular a energia lhe pulsem da barreira. Possivelmente poderia fazer o mesmo com aqueles finos raios de luz.

Fechou os olhos e se concentrou para localizar os raios. À medida que sua respiração se fazia mais lenta e profunda, percebeu o fluxo de energia, leve, mas contínuo, que cruzava o passadiço. Preparando-se para o pior, concentrou-se para que o raio superior deslocasse sua trajetória uns centímetros mais acima.

Conseguido! Fez girar os ombros e

deixou que as gotas de suor lhe seguissem entrando nos olhos. Quando o raio de energia se estabilizou, voltou para trabalho e, tomando-se seu tempo, realizou todos os ajustes necessários, até que conseguiu deixar suficiente espaço para deslizar-se por debaixo. Passaria muito justo, mas não tinha tempo de desviar nenhum raio mais. Seus companheiros deviam estar trabalhando para restaurar a barreira e, se ativava de novo, a repentina ascensão de tensão podia, de todas as formas, acionar o mecanismo. Ou o que era ainda pior, embora ele conseguisse evitar que a armadilha se ativasse, Trahern podia tropeçar com ela. Retrocedeu uns passos, gravou a palavra «laser» no chão com sua adaga e o deixou junto a esta, onde Trahern, sem dúvida alguma, veria-o. Não era uma grande advertência, mas era o melhor que podia fazer.

Depois, ajoelhou-se e empurrou a espada e a pistola por debaixo dos raios para comprovar a estabilidade das mudanças que

tinha feito. Como não aconteceu nada, estirou-se no chão e foi deslizando-se pouco a pouco por aquela superfície irregular sabendo de que a morte espreitava a escassos centímetros de seu corpo. O roce de sua camisa e seus nos cubra com a rocha do estou acostumado a retumbou em seus ouvidos lhe fazendo desejar que inclusive os botões fossem mais finos. Seu tamanho sempre tinha constituído uma vantagem na luta, mas naquele momento, teria dado algo por ter a constituição magra do Cullen. Arrastou-se centímetro a centímetro. Ao final, tirou os pés pelos lados e empurrou para avançar os poucos centímetros que o separavam da liberdade.

Uma vez a salvo no outro lado, descansou sobre o agradável frescor do estou acostumado a desejando poder ficar assim um pouco mais. Trabalhar com a energia sempre o deixava esgotado, mas poderia descansar mais tarde, quando tivesse salvado a Laurel.

Naquela zona, os túneis eram mais sinuosos que nas outras, o qual era bom e mau ao mesmo tempo. Por um lado, só podia correr distâncias curtas antes de ter que deter-se e escutar, quando uma curva fechada lhe impedia de ver o que havia mais à frente.

Pelo outro, não ficava ao descoberto durante muito tempo, como ocorreria se as distâncias fossem mais largas.

Um brilho de luz chamou sua atenção para a direita. A barreira voltava a flutuar. Trahern devia haver ficado em contato com o Cullen e outros, assim que aquele problema estava quase resolvido. Pouco a pouco, voltariam a ativar todos os setores da barreira. Só esperava que a repentina interrupção do fluxo de energia também tivesse pegado por surpresa aos Outros, de modo que não houvesse um grande número deles esperando a cruzar a barreira. Mas, naquele momento, este não era seu problema.

A barreira voltou a flutuar e, nesta

ocasião, com mais consistência. Segundo o padrão habitual, voltaria a estar em pleno funcionamento ao cabo de um par de intento mais, o que significava que tinha que pôr a maior distancia possível entre ele e a armadilha quanto antes. Além disso, embora o fluxo da barreira não fora estável, provavelmente era suficiente para disparar a armadilha. Devlin pôs-se a correr a toda velocidade no mesmo instante em que o túnel se iluminou com um brilho intenso de luz. O ruído da explosão não demorou muito em ouvir-se, embora Devlin já tinha conseguido afastar um par de curvas da zona mais prejudicada.

Entretanto, seu assassino potencial não sabia. Enquanto o estrondo da explosão se ia dissipando, Devlin permaneceu à espera desejando que seu inimigo não pudesse resistir a tentação de comprovar se tinha morrido na explosão. O som de uns passos flutuou no ar com tanta ligeireza que, de não ter estado escutando com atenção, não o teria

percebido.

Avançou para dar uma olhada à volta de uma esquina e voltou a ocultar-se a toda pressa. Ao menos agora conhecia a identidade de seu inimigo: o sargento Purefoy. O que lhe tinha feito ele ao sargento? Demônios, se sempre se esforçou em cooperar com aquele escorregadio bastardo! Fossem quais fossem suas razões para tentar matá-lo a ele e a sua mulher, esperava que valesse a pena morrer por elas.

Voltou a emprestar atenção, mas os passos se afastaram. Merda! Esperava que o louco do sargento aparecesse correndo pelo túnel. Mas se tinha partido por onde tinha vindo, certamente para comprovar como estava seu refém. Com a espada em uma mão e a pistola na outra, arremeteu para diante decidido a chegar ao outro extremo da reta antes que Purefoy desaparecesse em sua nova missão de reconhecimento.

Quando tinha percorrido algo mais da metade do trajeto, produziu-se um disparo.

Devlin se tornou ao estou acostumado a deixando cair à espada para poder amortecer a queda e rodou a um lado. Duas balas mais ricochetearam na parede enquanto avançava como podia sem sequer considerar a possibilidade de retroceder.

— Fique onde está, Bane, ou matarei a sua mulher agora mesmo!

— Eu de você não o faria, Purefoy. Ela é a única razão de que esteja ainda com vida.

— Avançou curvados uns metros mais e se deteve um par de metros da curva seguinte — . Solte-a e lhe darei certa vantagem na fuga.

— Não a menos que a leve comigo como garantia, se por acaso seus amigos me estão esperando no outro extremo do túnel.

Nesta ocasião, sua voz soou mais apagada.

Se Purefoy tinha retrocedido, o mais provável era que Laurel estivesse perto. Por outro lado, o sargento sabia exatamente onde estava Devlin, de modo que já não era preciso atuar com sigilo.

Gritou o nome de Laurel a pleno pulmão sabendo que sua voz retumbaria pelos túneis.

— Laurel!

A única resposta que obteve foi um som amortecido desde certa distância.

Inclinou a cabeça, mas não pôde decidir se o que tinha ouvido era a voz de Laurel ou não. Voltou a tentá-lo.

— Devlin, estou aqui!

Esta vez esteve seguro de que se tratava da voz de Laurel, mas o grito de dor que seguiu a sua resposta gelou o sangue e lhe acendeu as vísceras.

Assegurou-se de que o tambor da pistola estivesse cheio, tirou a espada e avançou a toda velocidade. Chegou ao final de outro lance reto do túnel sem perceber o menor rastro de sua presa e tomou a seguinte curva sem logo que deter-se. Ali não havia nada nem ninguém. Mais adiante, o túnel se bifurcava. Um dos ramais girava à esquerda, e o outro conduzia às proximidades da

barreira.

Purefoy não seria tão estúpido, não? Embora fosse possível. Inclusive provável. Se tinha escondido a Laurel ao outro lado da barreira, sabia que Devlin se sacrificaria a si mesmo para recuperá-la. Se não podia matar ao Devlin pessoalmente, deixaria que os Outros o fizessem por ele.

A barreira seguia flutuando e faiscando.
Não havia volta atrás.

Estava-se equivocado, teria tempo de sobra para averiguá-lo. Mas os segundos passavam inexoravelmente e os Paladinos não demorariam em reativar a barreira. Devlin tomou uma decisão, entrou no túnel da direita e avançou a toda velocidade.

— Laurel!

Nesta ocasião, a resposta foi clara e imediata.

— Devlin!

Vislumbrou-a no lado humano do túnel. Alguém mais estava com ela no chão. Purefoy estava detrás. Sem dúvida planejava

utilizar a de escudo.

—Detenha aí mesmo, Bane! —Purefoy agarrou a Laurel pelo cabelo e apoiou o canhão da pistola em sua têmpora como advertência. Depois, apontou diretamente ao peito do Devlin —. Um passo mais e a Mato!

—Que sentido tem ganhar este jogo se você também for morrer?

Devlin falou com voz tênue, como se só sentisse uma leve curiosidade por conhecer a resposta, embora, por dentro, sentia morrer.

—Se te tivesse ficado morto a primeira vez, Paladino, não teria tido que colocá-la nisto.

—Assim é culpa minha que esteja como uma cabra?

—te cale, Bane! E retrocede até o outro túnel. Deixe-nos sair daqui e a soltarei assim que estejamos a salvo.

—Não o faça, Devlin. Tem-me algemada a um dos Outros que está inconsciente. Não poderá nos arrastar aos dois.

Filho de puta! A situação não podia

piorar. Se o Outro recuperava o conhecimento, resultava impossível saber como reagiria. Não bastava tratar com um louco; tinha que fazê-lo com dois. Podia solucionar o problema disparando ao Outro à cabeça, mas não podia arriscar-se a alcançar a Laurel.

Purefoy se moveu com inquietação. Sem dúvida estava ao limite.

—O que prefere, Bane? Sua vida ou minha liberdade?

Devlin se encolheu de ombros enquanto esperava que Laurel pudesse perdoá-lo.

—Meu trabalho consiste em proteger a barreira, Purefoy, e você a desativaste. Só por isso, morrerá aqui e agora.

—Não te acredito. Ela significa muito para ti.

Devlin se obrigou a si mesmo a soltar uma gargalhada.

—Não seja estúpido. Conhece o bastante aos Paladinos para saber que vamos de uma mulher a outra como mariposas. Se a quiser,

leve-lhe isso, mas terá que passar por cima de meu cadáver.

Assentou os pés no chão e esperou. E não teve que fazê-lo durante muito tempo.

Purefoy soltou um grito de frustração e apontou a Laurel com a pistola.

— Laurel, ao chão! — gritou Devlin para poder dispor de um branco seguro.

Laurel obedeceu, mas, enquanto se tombava no chão, a forma escura que estava a seu lado ficou de pé e se lançou entre Laurel e Purefoy fazendo que o sargento caísse para trás quão comprido era. Devlin apertou o gatilho ao mesmo tempo em que Purefoy. Os brilhos dos disparos se mesclaram com uma potente rajada de luz que atravessou o túnel.

O grito do Purefoy se apagou bruscamente quando a barreira o atravessou deixando uma metade de seu corpo no mundo humano e a outra no mundo escuro. E ambas as mortas. O eco dos disparos se dissipou no ar e o tranqüilizador zumbido da barreira foi quão único encheu o silêncio que

os rodeava.

Devlin se equilibrou para diante para envolver a Laurel na segurança de seus braços, mas ela o apartou com sua mão livre.

— Laurel, já sabe que nada do que disse ao Purefoy ia a sério.

Ela o olhou com indignação enquanto tentava aproximar-se do Outro.

— Não sou tola, Devlin, mas agora mesmo tenho um assunto mais grave entre mãos. Barak recebeu um disparo.

— E o que? É um dos Outros. Já sabia que, assim que cruzasse a barreira, seria homem morto.

— Salvou-me a vida, Devlin. E não penso deixá-lo morrer aqui, neste lugar deixado da mão de Deus. — Levantou o braço —. Além disso, estou algemada a ele. Aonde eu vá, ele também irá.

— Onde está a maldita chave?

Devlin desejou poder retirar a pergunta quando viu que Laurel se voltava para a metade do Purefoy que ficava a seu mesmo

lado da barreira. A cútis de Laurel adquiriu uma tonalidade decididamente verde enquanto tragava com força várias vezes.

Laurel falou com voz tremente.

— Está em um de seus bolsos.

Devlin se colocou de forma que lhe tampasse a vista a Laurel e revistou os bolsos que estavam a seu alcance procurando não entrar em contato com a barreira. Encontrou a chave em um dos bolsos dianteiros da calça do Purefoy. O estômago lhe revolveu quando se deu conta de que as duas metades do Purefoy já não estavam conectadas.

Devlin limpou o sangue da chave na calça do Purefoy antes de tender-lhe a Laurel.

— Se o Quito as algemas, ajudará-me a tirar o daqui?

Devlin lhe teria prometido a lua e as estrelas se isto lhes tivesse afastado da vista macabra que tinha a suas costas.

— Eu o levarei. Mas saíamos daqui de uma vez.

O sorriso que Laurel esboçou como

resposta quase dissipou o medo com o que Devlin tinha convivido desde que se deu conta de que a tinham seqüestrado. Quando Laurel se tirou as algemas, Devlin levantou o Outro do chão, colocou seu braço de pele cinza ao redor de seus ombros e, virtualmente, arrastou-o pelo passadiço. Quando o túnel se alargou e puderam caminhar os três e um ao lado do outro, Laurel fez o que pôde para ajudar.

Chegaram ao túnel principal, onde os recebeu o tranqüilizador ruído de uns passos que se aproximavam correndo. Devlin se deteve e deixou seu indesejada carga no chão. Laurel se ajoelhou imediatamente e examinou ao Outro se por acaso tinha alguma outra ferida. Aquela imagem fez que Devlin sentisse náuseas.

—Ele não é humano, Laurel. Os de sua espécie são maus para nosso mundo.

—Possivelmente tenha razão, mas, em mais de uma ocasião, fez o possível para me salvar do Purefoy. E não tinha por que fazê-

lo. Não permitirei que você nem ninguém lhe façam mal.

Maldita seja! Era o que se temia. Tinha tentado convencer-se a si mesmo de que o ataque do Outro ao Purefoy tinha sido casual, não um intento deliberado de salvar a Laurel. Agora tinha com o Outro uma dívida que nunca poderia saldar ao menos não com uma bala nenhuma espada.

— Isto nos causará todo tipo de problemas com os Regentes. Por não falar dos Paladinos. Não gostarão que sua doutora favorita mime a um dos Outros.

— chama-se Barak.

— Maldita seja, Laurel! Não se trata de um animal doméstico que te tenha seguido até casa. Não pode ficar o Devlin agarrou o rosto de Laurel com a mão —. Ao máximo ao que pode aspirar é a curá-lo e a lhe ensinar o caminho de volta a seu mundo quando a barreira volte a apagar-se.

O Outro grunhiu e tentou incorporar-se.

— me mate agora, humano. Não penso

retornar.

Devlin lançou um olhar iracundo a seu inimigo.

— Não posso. Se acabar com sua existência, ela me matará.

Já fora literalmente ou abandonando-o.

O fato de que Barak sorrisse e sacudisse a cabeça não melhorou em nada o estado de ânimo do Devlin.

Trahern encabeçava a marcha do grupo do Paladinos que se dirigia para eles pelo túnel. Embora Devlin se alegrou de vê-los, levantou a espada disposto a defender à mulher que amava e ao Outro meio morto.

Durante um tempo, o estado de saúde do Barak foi crítico, mas, ao final, Laurel conseguiu estabilizar seus constantes vitais. Até então, ninguém tinha tratado a outro ferido, assim Laurel tinha conseguido deter a hemorragia graças à sorte e a sua intuição. Sangre-a do Outro era muito distinta a dos humanos para arriscar-se a lhe fazer uma transfusão, de modo que lhe tinha estado

injetando soluções Salinas.

O doutor Neal entrou justo quando Laurel se tirava as luvas.

— Como está seu paciente?

— De momento, está estável. — Laurel pôs os braços para cima e realizou uns estiramentos de lado a lado tentando aliviar parte do esgotamento que sentia por levar muito tempo sem descansar—. Saberemos algo mais amanhã pela manhã.

O doutor Neal consultou o expediente do Barak.

— Ajudaria-nos saber o que é o normal para os de sua espécie. Suponho que, enquanto seus constantes não se descontrolarem, sairá desta.

O doutor Neal observou a Laurel por cima dos arreios de seus óculos.

— E você, juvenzinha, tem muito do que responder.

— Não podia deixar que Barak morresse, pois me tinha salvado a vida.

Isto era certo, embora Laurel sabia que o

doutor Neal não se referia a seu paciente.

—Quando me contará que... Digamos, mantém uma relação com o Devlin Bane? — O doutor Neal parecia mais decepcionado que zangado—. Se não saber que existe o problema, não posso ajudá-la.

—Sei, mas...

Laurel. Todos temos carinho aos Paladinos que nos atribuem, mas suspeito que você foi muito mais longe que isto. Assim que se deu conta de que seus sentimentos para o Devlin Bane já não eram os de uma médica por seu paciente favorito, deveria ter ido a mim.

Agora sim que havia zango em sua voz.

—O teria feito, mas não tive tempo. Então os resultados de suas provas começaram a melhorar e tive medo de que um Tutor novo não lhes emprestasse a atenção devida.

O doutor arqueou uma sobrancelha e franziu os lábios.

—Está-me dizendo que o resto de nós

somos uns incompetentes no que ao cuidado a longo prazo de nossos pacientes se refere?

Isso era exatamente o que ela acreditava. Ao menos até certo ponto.

—Sinto muito, senhor, mas estou convencida de que as mudanças são importantes. Pense no que poderia significar para alguém como Trahern que os danos fossem reversíveis. É possível que as mudanças só se produzam no Devlin, mas não sabemos com segurança.

—E esta é a única razão de que não a translade a outro lugar. —O doutor Neal olhou além de Laurel, para o Barak—. Por não falar dele. Deve você saber que o coronel Kincade e os Regentes seguirão de perto os progressos de sua investigação. E eu também.

—Sei.

—Não deve resultar fácil conviver com o Devlin Bane, Laurel, mas eu sinto um grande respeito para ele. Espero que a faça feliz. —Para surpresa de Laurel, o doutor lhe deu um abraço—. Diga-Lhe a esse jovem que

tenho com ele uma dívida de gratidão por devolvê-la sã e salva. Agora se vá a casa e descanse. Amanhã já terá tempo de examinar de perto os resultados do exploratório. Eu vigiarei ao Barak por você, mas quando os Regentes se inteirem de sua presença, não tenho nem idéia de como reagirão. Fica você advertida.

—Obrigado, senhor. Por tudo.

Laurel saiu do laboratório virtualmente arrastando os pés de cansaço.

Ao dia seguinte, estaria mais em forma para a luta.

Estava preocupada porque não tinha visto o Devlin desde que Trahern e ele tinham convexo ao Barak na maca do laboratório. Cada vez que fechava os olhos, voltava a sentir o terror que tinha experiente quando viu que seu amado se enfrentava a seus amigos para proteger à criatura que por natureza odiavam. Entretanto, Devlin se tinha encarado a eles. Ao final, Trahern e Cullen se feito cargo do Barak deixando ao

Devlin livre para guiar a Laurel até o elevador.

Quando chegaram à superfície, ela saiu ao exterior e, de repente, sentiu-se liberada da carga do mundo que parecia pesar sobre ela. Então valorou ainda mais aquilo ao que Devlin e o resto dos Paladinos tinham que enfrentar-se dia detrás dia.

Com sua eficácia habitual, Cullen se tinha adiantado e tinha pedido um transporte para levá-los a ela e ao Outro ferido ao laboratório. Trahern e Devlin a acompanharam no trajeto. Laurel só esperava que sua insistência em proteger ao Barak não prejudicasse, de uma forma permanente, a boa relação que mantinha com os Paladinos que tinha atribuídos. Mas já se preocuparia por isso mais adiante.

Caminho da porta do laboratório jogou sua bata manchada de sangue no cesto da lavanderia. No vestíbulo havia dois grupos. A um lado, vários guardas de aspecto nervoso e, ao outro, um Paladino enorme. Em

um abrir e fechar de olhos, o mundo de Laurel voltou a cobrar sentido. Laurel se lançou, diretamente, aos braços do Devlin sem lhe importar, já, quem os via.

— me leve a casa.

Acomodou-se contra o peito do Devlin, pois necessitava seu calor e sua fortaleza.

— À minha ou à tua? — perguntou Devlin.

Suas palavras retumbaram em seu peito.

— À tua.

A Laurel pareceu que demoravam uma eternidade em percorrer a curta distância que os separava da casa do Devlin. O silêncio do Devlin a preocupava. Quando estivessem no interior da casa, a salvo do resto do mundo, averiguaria o que lhe passava.

Devlin entrou em Laurel em braços na casa e fechou a porta atrás deles de um chute. Levou-a diretamente até o banho. Ainda com expressão sombria, começou a despi-la. Lhe permitiu fazê-lo e esperou pacientemente a que ele também se despisse. Depois de abrir a

batente o grifo da água quente, voltou a agarrá-la em braços e entrou com ela na ducha. Então não houve nada entre eles, salvo o calor e seus apaixonados beijos. Devlin a possuiu depressa e com força, levando-os a ambos ao clímax com potentes penetrações que encheram o corpo de Laurel e também seu coração.

Temu haver-se mostrado muito rude com Laurel, e o sentia, mas a necessidade tinha feito que os dois perdessem o controle. Depois, ficaram durante comprido momento sob o jorro da ducha permitindo que a água eliminasse os rastros geme as da morte e o medo. Ao final, Devlin fechou o grifo e agarrou uma toalha. Enquanto secava a Laurel, examinou-a em silêncio da cabeça aos pés. Morado-los de seu rosto e os arranhões de suas bonecas lhe revolveram o estômago, mas se sentiu aliviado ao comprovar que suas feridas não eram graves. Laurel suportou sem queixar-se seus intentos de lhe oferecer uns primeiros auxílios. Depois, Devlin a conduziu

até a cama e se apertou contra ela desejando que nem sequer a grossura de uma camiseta os separasse. Apoiou sua frente contra a de Laurel e tentou encontrar as palavras adequadas.

—Quase te perco.

Inclusive então, esse temor estava encravado em sua pele, um temor que não desapareceria por muito que esfregasse e muita quantidade de sabão que utilizasse.

—Estou aqui. —Laurel sorriu—. Sabia que iria me buscar.

—Quase não o consigo. Purefoy era um bode muito preparado. Mais do que teria imaginado.

—Não tão preparado, Devlin, ou nunca teria tentado te matar. —Laurel deslizou as mãos pelos braços do Devlin até seus ombros—. Alguém lhe pagava.

—Sim, claro. A questão é quem. Mas agora não quero pensar nisso.

Laurel deslizou a mão pelo peito do Devlin, por seu estômago e mais abaixo. Com

o sorriso de uma sereia, rodeou-lhe o duro membro com a mão e apertou ligeiramente, médio em brincadeira.

— Então no que quer pensar?

Devlin agarrou a mão de Laurel e a subiu até onde podia a ter vigiada.

— Temos que falar sobre o que aconteceu abaixo, nos túneis... Sobre os Paladinos e as mulheres.

Os olhos de Laurel se obscureceram um pouco.

— Já ouvi falar mais que suficiente sobre este tema. Seu passado não me importa, Devlin.

Mas sim que lhe importava Devlin o percebeu em sua voz.

— Não te mentirei, Laurel. Conheci a muitas mulheres, mas até que te conheci ti, não me tinha apaixonado nunca. E nunca lhe tinha pedido a uma mulher que se casasse comigo.

Devlin lhe deu um beijo comprido e intenso e, quando terminou de dar-lhe os

dois estavam sem fôlego.

— Reservava-o para ti.

Devlin a colocou escarranchado em cima dele.

— Quererá corresponder a meu amor e ser minha esposa?

Laurel lhe sorriu enquanto se levantava para levá-lo até o mais profundo de seu corpo.

— Sim, quero as duas coisas.

Devlin decidiu que não tinham necessidade de falar mais. Ao fim e ao cabo, ele sempre tinha sido um homem de ação.

EPÍLOGO

O telefone soou outra vez. As primeiras seis vezes não tinha respondido, mas evitando a seu zangado superior não conseguiria desfazer-se dele. Preparado para o pior desprendeu o auricular. Nada mais identificar-se, seu chefe se lançou ao ataque.

—Temos problemas. Além de que resulta óbvio que escolheu ao homem equivocado para o trabalho.

—Purefoy tem suposto um equívoco lamentável, senhor, mas nesta ocasião me assegurarei pessoalmente de que Devlin morra e não reviva.

Embora, agora que Bane sabia que foram por ele, seria mais difícil de matar que nunca.

Seu superior soltou um coice.

—te esqueça dele. Está muito ocupado falando com a doutora para dar-se conta do

que ocorre a seu redor. Agora mesmo, Bane não é nosso maior problema.

— Então quem o é?

O silêncio caiu com pesos sobre ele. Seu superior falaria quando estivesse preparado, nem um segundo antes.

— Trahern realizou umas quantas chamadas muito desafortunadas.

Aquela notícia tão pouco grata fez que desejasse soltar uma boa réstia de tacos em voz alta.

— O que quer que faça?

— Que te encarregue disso, maldita seja. Não me importa como, mas te encarregue disso.

— Poderia resultar complicado. O amigo do Trahern tem contatos em círculos de alto nível. Além disso, o juiz está limpíssimo e sempre o esteve.

— Então faz que pareça sujo. E tira a esse bastardo do meio antes que nos cause algum problema.

— Sim, senhor. Considere-o feito.

A linha Telefônica seguia conectada, mas se tinha produzido outro silêncio. Ao final, seu superior voltou a falar.

— Já me falhaste uma vez. Não volte a fazê-lo.

O estalo cortante que indicava o final da comunicação lhe causou um calafrio, mas ele fez como se nada. Em sua vida não havia tempo para o medo; não quando tinha planos que elaborar e gente a que matar.

Agarrou uma caderneta e começou a fazer notas.

Fim